



JULIANA DANTAS

LINHA DA VIDA



EMERGENCY



Linha da Vida

Juliana Dantas

Copyright © 2017 por Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Título Original Linha da Vida

Capa: Jéssica Gomes

Sumário

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinto](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Epilogo](#)

Nota da autora

Esta é uma obra de ficção, portanto, embora eu tenha realizado pesquisas e tido a ajuda de duas médicas para sanar as dúvidas sobre os temas que abordo, algumas liberdades foram tomadas para que o enredo fluísse de acordo com o romance.

Capítulo Um

Thomas

— Doutor Thomas Hardy. Chamando Doutor Thomas...

— Porra! – Solto um grunhido irritado ao ouvir meu nome sendo chamado pelo alto falante e olho para baixo, para ver a boca da enfermeira Emily desgrudando do meu pau, enquanto ela sorri para mim por entre os cabelos castanhos claros bagunçados por minhas mãos.

— Ainda não, querido. – Ela abaixa a cabeça de novo, pronta para recomeçar o trabalho, mas eu puxo seus cabelos para longe ao ouvir meu nome proferido novamente e desta vez por uma voz estridente seguida de batidas furiosas na porta.

— Thomas, você está aí dentro?

— Inferno! – Eu fecho minhas calças enquanto Emily finalmente percebe que nosso pequeno interlúdio na sala de medicamentos terminou.

— É a Doutora Amber? – Indaga recolocando a blusa do uniforme.

Vejo Emily ajeitar os seus cabelos num coque

tentando ficar apresentável.

— Thomas! Eu sei que está aí.

— Nazista maldita! – Rosno, abrindo a porta e me colocando frente a frente com o olhar irado da Doutora Amber Hardy.

Minha irmã. Embora fôssemos diferentes como água e vinho.

Amber era tão certinha quanto eu era rebelde.

Foi sempre assim, desde que éramos duas crianças de fraldas. Eu aprontava e Amber me dedurava. As coisas não haviam mudado em nada.

— O que diabos está fazendo trancado aqui dentro? – Seu rosto se transforma em uma careta de asco, quando passo meus dedos pelos cabelos desgrehados e um olhar de entendimento tolda sua expressão – Você é nojento! Está comendo quem agora? – Emily escolhe aquele momento para passar por nós – Ah, Emily. Típico. – Amber lança um olhar mortal à enfermeira que desliza por nós rapidamente, sumindo de vista.

Como todo mundo no Chicago Mercy, Emily sabia que se tinha alguém que podia esmagar qualquer um como se fosse um inseto apenas por estar de mau humor, este alguém era Amber.

Emily foi esperta saindo do caminho da ira da minha querida irmã.

Eu já não tinha esta sorte.

— O que você quer? – Pergunto impacientemente.

— Não ouviu seu nome ser chamado?

— Claro que ouvi. Qual a emergência?

— Fui eu que pedi para te chamar! Você não tem vergonha, Thomas? Não cansa de ficar pelos cantos se pegando com qualquer funcionária deste hospital?

— Por que não cuida da sua vida? – Deus, Amber era um pé no saco!

— Bem que eu gostaria! Para meu azar sua vida de merda sempre atrapalha a minha!

Eu rio, cruzando os braços.

— É mesmo?

— Não seja cretino! Eu ainda não engoli o papai ter escolhido você para ser o chefe dos internos.

Meu sorriso se expande.

— Ah claro. Como sempre se trata da sua inveja.

— Não tenho inveja de um idiota como você!

— Não? – Ergo as sobrancelhas ironicamente a enfurecendo ainda mais.

— Claro que não! Você não passa de uma fraude! Todo mundo sabe que a única coisa que faz neste hospital é transar com todo mundo!

— Você devia transar mais, Amber. Quem sabe

assim seu humor fosse melhor.

— Eu não sou promíscua como você! E eu estou aqui para trabalhar e não pra transar.

— Você não suporta isto, não é? Que eu possa me divertir e ainda ser o melhor residente deste hospital, enquanto você, mesmo sendo toda certinha e puxa saco, não passa da minha sombra!

Eu vejo seu rosto escurecer de raiva.

— Porque você sempre joga seu charme para todo mundo e se safá! Um dia, sua sorte vai acabar e todo mundo vai perceber a fraude que é! Principalmente o papai!

Toda aquela conversa começa a me irritar também, quando ela insiste em tocar no nome do nosso pai.

O honorável Doutor Jack Hardy. Diretor chefe do Chicago Mercy.

— Jack sabe quem eu sou!

— Papai parece estar perturbado ultimamente, se levarmos em consideração suas últimas atitudes! E sabe muito bem disto! — Sim, eu sabia do que Amber estava falando.

— Não posso discordar de você.

— Escolher você para chefe dos internos é só mais uma de suas insanidades! — Ela continua.

— Disto eu discordo! — Agora, se me der licença,

preciso receber os internos que chegam logo mais. Tenha um bom dia, querida irmã!

Passo por ela e vou para o vestiário, que está vazio àquela hora.

Tiro a roupa e entro no chuveiro.

Eu havia passado a noite no hospital em um plantão infernal. E estaria indo embora, se não fosse o fato de que agora eu era o chefe dos internos.

O sorriso vencedor que eu ostentava na frente da minha irmã já não está em meu rosto, enquanto deixo a água morna percorrer meu corpo cansado.

Eu gostava de irritar Amber e nossa competição era antiga. Ser gêmeo definitivamente era uma merda. Claro que ela ficaria puta por ter sido preterida. E claro que eu iria tripudiar de minha vitória em cima dela o quanto eu pudesse. Porém, no fundo, eu também me perguntava que diabos estava se passando na cabeça do meu pai quando me deu tamanha responsabilidade.

Amber tinha razão em dizer que eu era famoso por minhas aventuras sexuais desde que começara minha residência há quatro anos. Jack fazia vista grossa, contanto que eu fizesse bem minha parte que consistia em me sobressair na sala de cirurgia. E, inferno, tanto quanto eu gostava de irritar o velho eu também amava ver seu olhar de orgulho quando eu me saía bem.

Era uma droga de paradoxo.

Este era eu. O cara que fazia tudo errado, e que no fim, acabava fazendo dar certo. Amber dizia que era a sorte em dobro que eu simplesmente tinha roubado dela na hora do nosso nascimento, afinal, eu era cinco minutos mais velho.

Eu não saberia explicar.

E sinceramente, não saberia dizer por que Jack tinha me dado tal incumbência que, aliás, eu estava começando a apreciar.

Um pouco de autoridade faria bem ao meu ego. Deixaria Amber puta. E atrairia as mulheres. Não que eu precisasse de algum artifício neste quesito, penso com um sorriso, ao sair do chuveiro e começar a me enxugar, em frente ao espelho. A tatuagem de dragão que começava no meu ombro e descia por meu peito era só um dos atributos que as atraíam. Sem falsa modéstia eu podia dizer com toda certeza que eu era um cara atraente. Herdara a altura e os cabelos loiros escuros do meu pai e os olhos azuis da minha falecida mãe.

— Você ainda é a melhor visão deste hospital, Doutor Hardy – a voz melodiosa faz os pelos do meu pescoço arrepiarem.

Não de um jeito bom. Mas, porra, não poderia dizer que aquela voz não suscitava boas memórias. Ou talvez boas fosse um exagero. Quentes, talvez fosse um adjetivo melhor.

Eu sorrio a contragosto ao vê-la se aproximar como uma gata.

Doutora Paola Becker.

Loira, linda e letal.

Mais letal do que qualquer um dos outros adjetivos.

— O que deseja Paola? – Diferentemente do tom quente da sua voz, a minha estava fria como um iceberg.

Era o que Paola merecia.

— Hum, adoro quando faz esta voz de garoto mau.
— Eu sinto seu perfume quando ela para atrás de mim.

Suas unhas arranham levemente minhas costas.

Inferno. Ela era boa.

Eu me viro e encaro seus olhos escuros.

— Não tenho tempo para seus joguinhos neste momento.

— Ainda está bravo comigo – é uma constatação, não uma pergunta. Ela nem disfarça quando desce os olhos cobiçosos de meu peito largo, passando pelo suave caminho de pelos loiros na minha barriga até chegar no meu pau.

Eu não respondo, apenas me ocupo em colocar minha roupa, antes que meu corpo comece a ter ideias bem diferentes da minha mente.

— Pelo visto sim – ela cantarola.

— Eu estou ocupado, Paola. Então, se não tem nada melhor para fazer...

— Eu só queria lhe dar os parabéns. Fiquei sabendo que é o novo chefe dos internos.

— Obrigado – responso simplesmente.

— Você é um médico incrível. Sempre te disse isto.

— Aparentemente não incrível o suficiente para você, não é? – Eu não consigo evitar a ironia.

A desfaçatez de Paola ainda me irritava mais do que eu queria admitir.

— Thomas, está na hora – nós somos interrompidos por Erick.

O médico olha de mim pra Paola com um olhar de interrogação que diz “Porra, essa merda ainda não acabou?” que eu ignoro.

Eu saio do vestiário, e Erick me segue.

— Não fala nada – resmungo e ele ri.

Ele é meu amigo e sabe de toda a merda com Paola.

— Nem ousaria. E aí, preparado para receber os internos, doutor Hardy?

— Eu só espero que tenha algumas gostosas dentre

as mulheres - suspiro e Erick gargalha.

— Boa sorte com isto. Eu fui escalado com Chloe para assistir seu pai numa cirurgia e infelizmente não poderei ver os novos internos em primeira mão. Até mais!

Ele desaparece pelo corredor e eu encontro meu pai na recepção, onde alguns jovens com olhar variando entre assustado e excitado o escutam.

— Bom dia. Eu sou Jack Hardy, diretor chefe do Chicago Mercy e quero lhes dar as boas-vindas a nosso hospital.

Seu olhar cruza com o meu quando me aproximo.

Ele parece meio consternado e eu me pergunto se Amber já foi fazer fofoca.

Maldita linguaruda!

— Este é o Doutor Thomas Hardy e ele será o chefe de vocês por este ano. Eu os deixo em suas mãos, pois irá explicar a todos os procedimentos.

Jack se afasta e eu me coloco na frente dos internos.

— Primeiro precisam saber que não será nada fácil. – Eu começo – Muitos vão desistir, alguns vão trocar de especialidade. Outros serão cortados – escuto alguns engolindo em seco – para quem ficar eu desejo boa sorte. – Alguns se permitem sorrir. Alguns ainda parecem querer sair correndo a qualquer momento. Uma garota

morena parece que vai vomitar. – Primeiro entendam que não estão mais na faculdade de medicina. Aqui é vida real. A pouco tempo eram só estudantes cheio de hormônios. – Eu sorrio. – Agora são médicos cheios de hormônios.

Risadas nervosas substituem os rostos apreensivos e eu gosto disto. Quem disse que temos que ser sérios o tempo todo? Isto eu deixava para minha irmã pé no saco.

Uma garota baixinha levanta a mão.

— Então aqui é tipo Grey's Anatomy com médicos bonitões meio tarados se esfregando em todo mundo?

— Jenny! – A garota que parecia querer vomitar repreende a amiga lhe dando um cutucão muito vermelha enquanto os meninos riem.

— Com médicas taradas também, espero – Um rapaz loiro engomadinho comenta e bate na mão de um oriental, que concorda com sua colocação.

— O quê? Olhe pra ele pelo amor de Deus! – Jenny se defende resmungando para a amiga.

Eu disfarço um sorriso, me lembrando imediatamente do meu pau na boca da enfermeira Emily.

— As enfermeiras também são taradas... – Respondo para o rapaz loiro, indagando seu nome.

— Mark Geller, senhor.

— E eu sou Jenny. Jenny Lars. Solteira.

Solteiríssima – a garota baixinha se apressa a dizer.

Ela tinha um sorriso que só podia ser descrito como safado no rosto, enquanto rolava nos dedos uma mecha de cabelo encaracolado. Não consegui parar o sorriso ao medir Jenny Lars Solteira Solteiríssima. Apesar de pequena parecia ter um corpo legal. Talvez eu pudesse aplicar uma prova oral mais tarde. Mostrar a matéria médicos tarados a internas safadas.

— Cala a boca, Jenny – a garota do seu lado parece visivelmente mortificada e muito vermelha. Eu aproveito para estudá-la rapidamente também.

Uma vez minha irmã me chamou de nojento quando eu contei a ela que homens eram assim: nós classificávamos as mulheres em dois grupos imediatamente após a conhecê-las: as transáveis e as não transáveis.

Aqueles duas ali eram definitivamente transáveis.

— Você é....?

— Julie Maddison, Doutor Hardy. – Sua voz foi sumindo e seu olhar se enfiando no sapato, mesmo assim eu percebo seu rosto vermelho.

Hum. Tínhamos uma tímida ali. Podia até parecer enfadonho para um observador desavisado, no entanto, para um conhecedor como eu, era apenas um delicioso desafio.

Sem contar que as tímidas às vezes se revelavam

umas tigresas embaixo dos lençóis. Ou em qualquer lugar que eu pudesse dobrá-las.

Talvez eu começasse com a timidazinha Julie Maddison antes da Jenny solteira safada.

Ou quem sabe as duas juntas? Será que topariam? Não acho que seria problema para a safada, quanto à timidazinha, talvez precisasse ser persuadida.

Ah, eu iria gostar de persuadi-la.

E ela iria gostar também, eu me certificaria disto.

Eu podia ser um canalha a maior parte do tempo e não estava disponível para nada além de algumas fodas ou brincadeiras depravadas pelos corredores escuros do hospital entre uma cirurgia ou outra, mas nenhuma mulher poderia reclamar de sair insatisfeita da minha cama.

Ou do chuveiro. Ou do quarto dos médicos. Sala de medicamentos. Ou de qualquer lugar.

Eu não tinha preconceito quanto a isto.

Para alguém de fora isto poderia parecer nojento e pervertido. Infelizmente nós éramos a raça mais fodida da face da terra. Experimente passar 12 anos estudando para depois continuar trabalhando por 12, 16 até mesmo 24 horas seguidas com a responsabilidade insana de ter a vida das pessoas em suas mãos.

Éramos dirigentes do destino. Os donos da vida e da morte de quem adentrava as portas do Chicago Mercy.

Ora, precisávamos de uma trepada entre salvar uma vida e outra para tirar o estresse.

Dane-se os bônus de natal.

— Certo Julie – sorrio para a garota tímida, que cora mais ainda ao me encarar. Fazendo a interna safadinha dar risadinhas e cutucar a amiga com os ombros. Ah, na minha mente eu já podia imaginar as duas ...

— Agora, por favor, me acompanhem – eu me viro para seguir em frente parando imediatamente ao ouvir a porta se abrir num estrondo, me tirando do devaneio sacana com as duas internas. Eu bufo, irritado, não só por alguém interromper minha pervertida linha de pensamento, como também por se tratar, obviamente, de algum interno atrasado em seu primeiro dia.

Ouçõ os passos do atrasado se aproximando e passando por entre os colegas e me preparo para mostrar para aquele idiota que, apesar de ser meu primeiro dia como chefe dos internos, eu não deixaria um aprendiz de médico brincar com a minha autoridade conseguida a duras penas.

Inferno, eu tinha desbancado minha própria irmã, e teria que provar por "a mais b" que era capaz de assumir aquela responsabilidade. Não deixaria ninguém ficar no meu caminho.

— Me desculpe, estou atrasada.

Eu estaco.

Aquela voz.

Eu não ouvia aquela voz há oito anos.

As batidas do meu coração falham miseravelmente, como as de um cardíaco na fila de doação de órgãos, enquanto me viro lentamente, de alguma forma achando que minhas lembranças estão me pregando uma peça.

Assim que eu focalizo meus olhos assombrados na figura da interna que acabou de chegar atrasada, eu me vejo transportado para oitos anos atrás.

Não é minha lembrança traidora me pregando peças desta vez.

Liz Spencer está ali, entre os internos, respirando ofegante como se tivesse corrido milhas. Os cabelos escuros mal presos num rabo de cavalo, o rosto corado e os olhos cinzentos que assombravam meus pesadelos me olhando com horror.

Que porra Liz está fazendo ali?

Oito anos antes

— Não transável.

Eu olhei de novo para a garota desajeitada de óculos e rabo de cavalo em frente do púlpito, segurando uma folha de papel com as mãos trêmulas, onde se viam unhas ruídas até o topo e, alguma coisa suja que eu não consegui definir o que era.

Eu era um futuro estudante de medicina e minha mente analítica se prendia em detalhes.

— Eu não sei... – Meu amigo James parecia em dúvida.

— Você quer comer aquela nerd?

— E daí? Somos nerds também!

— Fale por você!

Eu odiava quando me classificavam assim.

Tirar nada menos que A desde o Junior High não ajudava muito. No entanto, nerds eram caras cheios de espinhas e com cabelos mal lavados, corpos franzinos usando roupas sem estilo e que não fodiam ninguém.

Eu era o oposto. Então, vinha tentando desfazer

aquele equívoco.

— Se não somos nerds o que estamos fazendo num sarau de poesia? - Rick indagou do meu lado direito.

Eu achei que ele estivesse dormindo.

— Nós viemos pelas gostosas – James respondeu e eu revirei os olhos.

— Você prometeu gostosas, até agora só o que eu estou vendo é a garota sem graça no palco – resmunguei.

A garota no palco em questão começou a ler o poema em suas mãos e eu tentei prestar atenção.

A arte de perder não é nenhum mistério. Perdi duas cidades lindas. E um império que era meu, dois rios, e mais um continente. Tenho saudade deles. Mas não é nada sério. – Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo que eu amo) não muda nada. Pois é evidente que a arte de perder não chega a ser mistério por muito que pareça (Escreve!) Muito sério.

A sala se ergueu em aplausos mornos e o que não era nenhuma surpresa, dado a falta de emoção na voz da garota, que mais parecia que preferia estar em qualquer outro lugar exceto ali.

— Esta foi Elizabeth Spencer, pessoal – o rapaz que apresentava a sessão adentrou o palco.

— É Liz! – Ela corrigiu no microfone e eu ri ao notar mais paixão na maneira que ela corrigia seu nome do que na leitura do poema.

Ela saiu do palco rapidamente e então uma ruiva fenomenal a sucedeu.

— Puta merda – James assoviou e até Rick parecia estar bem acordado no momento.

Agora sim. A ruiva subiu no palco rebolando os quadris numa calça jeans justa e eu já não estava pensando na garota sonsa do poema anterior.

— Olá, eu sou Valerie. E assim como minha amiga Liz, eu lerei um poema de Elizabeth Bishop.

Ela começou a ler e porra, eu não fazia ideia do que ela estava falando, poderia estar recitando a constituição americana que ainda seria sexy.

— Isto que eu chamo de gostosa – afirmei e meus amigos riram, concordando – agora eu entendo porque temos que estar aqui escutando toda esta baboseira! Aliás esta garota nem precisava falar, bastava empinar aquela bunda e...

— Ei, como é? – Eu escutei a voz irritada atrás de mim e me virei.

Levou alguns segundos para eu reconhecer a garota de olhar irado atrás de mim como a mesma que estava no palco momentos antes.

A garota no palco era esquecível e esta era decididamente interessante.

Ela tinha soltado os cabelos, que caíam numa cascata de chocolate por seus ombros, até as costas, fazendo um belo contraste com a pele imaculadamente branca.

Os óculos horrendos tinham desaparecido e agora eu via seus olhos cinzentos dardejando fúria em minha direção.

— O quê? — Perguntei ainda meio atordoado em minha análise.

— Como assim o quê? Eu escutei estes seus comentários machistas e preconceituosos sem um pinga de sensibilidade e estou horrorizada!

— Como é? — Eu não podia acreditar naquela garota. Ela estava me repreendendo?

— Isto mesmo que ouviu! Que diabos está fazendo aqui se odeia poesia? Ah claro, está aqui pelas garotas gostosas, ah, faça-me o favor! — Ela estava mesmo irritada.

— Está brava comigo por eu ser sincero?

— Sincero? Chama ser um ogro de sinceridade? Você nem sabe o que é isto!

— Ei, agora está me ofendendo!

— Ah, me desculpe, ofendi o garotinho! Ah, vai se

ferrar! Odeio caras como você! Atletas, playboys, garotos que não têm um pingo de sensibilidade ou inteligência e que tratam as garotas como objetos! – Porra, ela estava mesmo furiosa! Eu fiquei olhando pra ela, meio fascinado por aquela explosão e meio irritado pelo mesmo motivo.

Ela estava tão brava que seu rosto estava corado e ela começou a retirar a echarpe que cobria seu pescoço enquanto falava.

— Acho que deveriam se retirar e nos poupar da sua presença! Não quero que continue fazendo estes comentários odiosos sobre minha amiga! Ela não está aqui para se mostrar para caras como vocês e sim pela arte!

— E quem disse que eu não estou aqui pela arte também?

— Ah, vai me dizer que conhece poesia?

— Claro que sim.

— Ah, disto eu duvido.

— Garota, nem me conhece, então não tire conclusões precipitadas!

Ela rolou os olhos, finalmente conseguindo tirar a echarpe. Imediatamente meus olhos se prenderam na camiseta decotada que usava. E da posição que eu estava, mais acima dela por minha altura, meus olhos analíticos repararam na curva suave dos seus seios que a blusa meio folgada deixava entrever.

Naquele momento, eu mudei Liz Spencer da categoria de não transável para transável.

E decidi que eu queria muito ver os seios dela. Muito mesmo.

Sem contar que havia muita paixão no jeito que defendia seu ponto de vista. Ela estava furiosa. Cuspindo fogo.

Liz Spencer tinha fogo, definitivamente.

Sua performance morna no palco provavelmente era fruto da má escolha do poema, talvez.

— Por que Elizabeth Bishop?

— O quê? – Ela me encarou desconcertada.

— Você foi péssima ao ler o poema.

— Ah – ela perdeu a voz com minha crítica.

— É sério. Eu quase dormi. Meu amigo Rick dormiu.

— Qual o seu problema? Como pode me criticar? Bishop é fantástica! Uma mulher à frente do seu tempo, que canalizou sua paixão para as palavras...

— Aposto que ela era quente, então...

— Ah meu Deus, ela era lésbica sabia?

— Eu gosto de lésbicas.

— Ah claro, ainda mais se você puder filmar ou estiver no meio delas!

— É uma boa colocação.

— Credo! Além de tudo você ainda é um destes caras que acha que porque tem pinto é um presente dos céus para as mulheres.

Eu não consegui parar minha risada, o que a irritou ainda mais.

— Eu nem sei por que estou discutindo contigo!

— Está me ofendendo gratuitamente.

— Você que é ofensivo!

— Eu só disse que sua declamação foi terrível.

— Não ouse me criticar! Duvido que tenha a sensibilidade para fazer melhor.

— Duvida?

— Duvido sim!

— Podemos apostar.

— Eu não vou apostar com você!

— Não quer me ver lá no palco declamando um poema?

— Ah, sim, isto eu queria ver! Quero ver você subir naquele palco. Aposto que nunca nem leu um poema na vida!

— Desafio aceito.

— O quê?

— Aceito o desafio.

Escutei palmas e percebi que a declamação da gostosa ruiva devia ter acabado. Meus amigos estavam de pé assoviando.

— Certo. Quero ver – Liz Spencer me encarou cheia de presunção. – Duvido que tenha coragem!

— Se eu for será uma aposta.

— Certo.

— Se eu subir naquele palco, declamar um poema e for ovacionado, você sai comigo.

Ela recua.

— O quê? Não, sem chance!

— Disse que aceitava! Então é o que vamos apostar. Se eu vencer, eu quero um encontro.

— Está maluco se acha que vou sair com você!

Eu dei de ombros.

— Você nem acredita que eu consiga então o que tem a perder.

Eu a vi hesitar por alguns instantes, enquanto mordida os lábios, por fim ela deu de ombros.

— Certo. Está apostado.

Um sorriso lento se distendeu em meu rosto quando eu levantei e fui até o palco.

Eu ia sair com Liz Spencer.

Capítulo Dois

Liz

Eu ainda estou dormindo.

Só isto explica o porquê de eu estar vendo Thomas Hardy parado na minha frente.

É um pesadelo. Meu pior pesadelo.

Afinal, não seria a primeira vez que aquele cretino invadia meus pesadelos, rastejando como uma cobra peçonhenta para dentro do meu subconsciente, espalhando seu veneno por meu sangue, minha pele, meus ossos, contaminando tudo por onde passava e me transformando numa massa trêmula de lembranças e medo.

Preciso dizer que em nenhum pesadelo ele estaria presente no meu primeiro dia no hospital. Um dia que já tinha começado errado quando eu tive que lidar com um atraso decorrente de uma noite mal dormida justamente por causa da ansiedade de saber que em poucas horas eu teria que lidar com o fato de que agora eu era uma médica de verdade e não mais uma simples estudante de medicina.

Inferno, eu não me sentia preparada pra lidar com

esta realidade ainda!

Durante todo percurso de casa ao hospital, costurando pelo transito caótico de Chicago, estive rezando para que, diferente dos meus mais obscuros medos, eu não fosse uma péssima médica.

Mas, a cada quilometro que ia me aproximando do meu destino, minha parca confiança ia se esvaindo como fumaça.

Eu estava com o estômago embrulhado e com dificuldade para respirar quando finalmente estacionei no Chicago Mercy. E para piorar, meu celular começou a tocar e uma olhada no visor me deixou mais nervosa ainda. Barbara não podia escolher outra hora para me torturar?

Por um instante eu hesitei, sem saber se deveria atender e enfrentar a fera ou adiar o confronto para um momento em que eu estivesse mais calma.

A covardia venceu e eu desliguei sem atender. Sabia que não era uma decisão inteligente ignorar Barbara Spencer, porém no momento, eu não queria acrescentar seu terrorismo psicológico à lista de contratempos que eu precisava enfrentar.

Se eu achava que um telefonema de minha enervante mãe era a pior coisa que poderia me acontecer aquele dia eu estava muito enganada.

O pior existia e se chamava Thomas Hardy.

Parado na minha frente me encarando em total assombro. Os olhos azuis atordoados e cabelos loiro escuro perfeitamente bagunçados como eu me lembrava.

Infelizmente. Me lembrava sim e não foi por falta de tentar esquecer.

— Hei, eu sou Mark Geller – um rapaz bonitinho me cumprimenta, não sei se por total inocência ou por querer quebrar a tensão instalada nos poucos segundos da minha intempestiva chegada.

— Oi – murmuro, desviando o olhar de Thomas.

Inferno. Doutor Thomas! Caralho. Porra. Todos os palavrões possíveis e imagináveis que eu nem conseguia me lembrar nessa hora.

Porque de repente, minha mente que estava em choque há até poucos segundos, começa a assimilar a realidade diante de mim.

Thomas Hardy, ainda lindo como eu fatalmente me lembrava, estava na minha frente de jaleco e uniforme.

Doutor Thomas Hardy.

Doutor Hardy. Puta. Que. Pariu!

Começo a hiperventilar.

— Acho que não é legal chegar atrasada no primeiro dia! – Uma garota baixinha murmura alto o suficiente para eu ouvir sua voz de gralha.

Sinto todos os olhares em mim.

Quero morrer. Não. Quero correr.

Me esconder.

Eu não deveria estar aqui, uma voz insidiosa cochicha em meu ouvido.

— Cala a boca, Jenny – um rapaz oriental intercede – acho que o Doutor Hardy não se importa com isto.

Os olhares desviam de mim para o Doutor Hardy, que continua olhando pra mim com cara de quem está vendo um fantasma.

E então eu me dou conta de que, pior do que estar frente a frente com meu passado, é ele ser revelado pela boca mentirosa de Thomas.

Ah não. O dia podia ter começado como uma merda, mas eu tinha que retomar o controle daquele carro desgovernado antes que ele me levasse direto ao precipício.

Eu já caíra uma vez por causa daquele cara.

Ele não ia me derrubar de novo. Era simples assim.

Respiro fundo e o encaro.

— Me desculpe pelo atraso, Doutor Hardy – digo firmemente. – Isto não vai se repetir.

Por um momento todos esperam.

Os outros certamente esperam pela minha bronca

ou o meu perdão. Enquanto eu espero para saber se ele vai dizer que já nos conhecemos ou vai ignorar este fato.

Eu já estou ignorando e espero que ele faça o mesmo.

Por favor, faça o mesmo!

— Eu tenho algumas regras. – Por fim ele diz me encarando. Eu luto para não desviar o olhar. - A primeira delas: nunca cheguem atrasados.

Ele continua me encarando.

Ah Deus, ele tinha mesmo que fazer isto?

— Entendido – respondo levantando o queixo – o senhor pode prosseguir. Por favor, não perca seu tempo.

Seus olhos se franzem e eu me pergunto o que está pensando. Não parece ser algo agradável.

Só espero que ele entenda a deixa e prossiga.

— Regra número dois – ele finalmente desvia o olhar e eu respiro aliviada. - São internos, fazem testes, anotam ordens, trabalhem duro se quiserem se destacar, e o mais importante: prestem atenção em mim.

— Como se precisasse pedir – a tal Jenny cantarola e juro por Deus que eu vi um sorrisinho nos lábios dele.

Arg. Sinto a bÍlis na minha garganta.

Thomas Hardy continua o mesmo galinha!

Será que ele não amadureceu nada naqueles oitos anos?

Pelo menos fisicamente eu podia dizer que ele continuava o mesmo, quer dizer. Os mesmos cabelos que pareciam perfeitamente bagunçados. O mesmo rosto esculpido por anjos. Ou melhor, vamos fazer uma correção, não havia nada de angelical em Thomas Hardy. Toda sua beleza devia ser obra de um demônio, o mais mortal dos anjos caídos. Aposto que ele continuava pecaminoso por baixo do jaleco.

E ele agora é meu chefe. Pelo amor de Deus, alguém lá cima me odiava muito. O universo não poderia ter colocado aquele cara na minha vida de novo. Era muito azar para uma encarnação só.

E o que eu faria agora?

— Vocês devem correr sempre que ouvirem o bipe – ele continua começando a andar e todos o seguem.

Sim, correr.

Era a melhor ideia do dia.

Eu poderia dar meia volta e correr porta a fora. Sem olhar pra trás. Fugir para bem longe de Thomas Hardy e sua beleza demoníaca.

— E onde eu estiver vocês também estão.

Ah que ótimo. Tudo o que eu sempre sonhei. Ficar colada em Thomas Hardy o dia inteiro.

Mate-me por favor!

— Não precisa nem pedir – a garota baixinha sussurra com ar sonhador de novo e eu rolo meus olhos.

— Agora peguem seu Pager – ele continua quando chegamos à recepção e todos nós nos apressamos em fazer o que pediu. Ele encara o oriental, o loiro engomadinho e um rapaz quietinho – Sam e Mark, códigos. Benjamin, entregar exames aos pacientes... – começa a passar nossas primeiras atribuições.

— Eu achei que iríamos te ajudar, sabe, ficar colados. – Jenny pisca e eu luto para não enfiar o dedo na garganta.

— O que a Jenny quer dizer – Mark interpõe – é que a gente achou que poderia ver um pouco mais de ação. Cirurgia e tal...

— Todo interno quer fazer cirurgias, este não é seu trabalho. Ninguém pega em um bisturi até que eu diga que pode. Não fiquem tristes. Se eu estiver de bom humor, até o fim do dia posso escolher alguém que se destaque para me ajudar.

Os internos comemoram excitados.

— Então o que eu vou fazer? Sou uma ótima assistente – Jenny continua a saga “se rastejando para Thomas Hardy”

— Julie, Laboratório. Jenny sutura.

E então ele olha para mim.

Eu engulo em seco.

— Você...

— Liz Spencer – murmuro.

Ele se aproxima de mim devagar e eu estou paralisada no lugar enquanto todos os meus colegas começam a se mover para seus postos.

Para na minha frente, e pega meu crachá.

Eu paro de respirar.

— Aqui está escrito Elizabeth.

O maldito! Sabia muito bem que eu odiava que me chamassem por meu nome completo.

— Prefiro Liz – falo entredentes e ele sorri. De lado.

Escroto!

— Doutor Hardy...

— Antes eu era Thomas... Liz.

Lá vamos nós.

Respiro fundo. O que é um erro enorme.

Porque eu consigo comprovar que ele ainda tem aquele cheiro incrível e único.

— Doutor Hardy, por favor... – minha voz sai mais fraca do que eu pretendia.

Thomas se inclina mais. Dou um passo atrás,

parando com a parede no meu caminho.

— Eu gostava quando falava por favor... — seu hálito doce invade minha boca.

Mil vezes inferno.

Eu baixo o olhar, respirando parcamente.

Tão perto. Tão doce. Tão...

Mentiroso! - A recordação do pior lado daquele crápula me salva de cair em sua lábia.

E eu me afasto para o outro lado, cruzando os braços sobre o peito.

— Terei que denunciar um caso de assédio sexual no meu primeiro dia?

— Liz, fala sério... — ele ri como se tudo fosse muito engraçado.

Típico!

— Estou sendo séria e você não — continuo com o tom mais frio que iceberg.

— Eu só quero falar sobre o fato insólito de que não nos vemos durante oito anos e você agora aparece aqui!

— Não há nada pra dizer.

— Nada?

— Oito anos é muito tempo. Eu nem lembro mais, e tenho certeza de que você também não.

— Não sabe o que eu lembro.

— Não me interessa na verdade. Eu estou aqui apenas para fazer um trabalho.

— Você sabia que eu trabalhava neste hospital?

— Claro que não! É uma inconveniência, certamente...

— Inconveniência?

— Sim, não devemos deixar que o pequeno fato de já nos conhecermos afetar nosso trabalho.

— Você continua o mesmo pé no saco.

— E você o mesmo idiota misógino.

— Está me ofendendo.

— Oh me desculpe, doutor Hardy. Isto não vai se repetir – ironizo. – Agora, se me der licença, preciso me juntar a meus colegas.

— Então vai ser assim, vamos fingir que nada aconteceu?

— Nada aconteceu.

— Não é o que eu me lembro.

— Faça como eu, apague da sua memória. Com licença, doutor Hardy!

E eu quase corro sem olhar para trás.

Maldizendo o dia em que eu decidi voltar para Chicago e aceitar a residência naquele maldito hospital.

Onde eu estava com a cabeça que não me lembrei que Thomas Hardy poderia estar ali?

Talvez porque, embora eu o tenha conhecido pouco antes de ele ir pra Harvard estudar medicina, no fundo, eu nunca acreditei que ele iria se formar de verdade.

Fala sério, como aquele idiota conseguiu um diploma? Até podia imaginá-lo nas festas da faculdade comendo todas as garotas disponíveis, mas estudando?

E como ele se tornou o chefe dos internos? Os residentes eram tão ruins que tiveram que apelar para um escroto como Thomas?

— Ei, está perdida? — Uma moça loira me interpela e eu paro, ruborizada.

— Desculpe, é meu primeiro dia e...

Ela me mede de cima a baixo.

— Thomas já perdeu uma pupila?

— Na verdade, eu realmente não me lembro de ele ter me passado alguma atribuição, doutora...

— Hardy. Amber Hardy.

Eu arregalo os olhos.

— Você é irmã do Thomas! — Ela levanta a sobrancelha e eu coro — quer diz, doutor Thomas.

— Infelizmente — ela sorri sem humor. — E já que Thomas está sendo um péssimo chefe, pode distribuir

estes exames – Ela me passa um monte de papeis.

— Ok, certo, acho que sou capaz de fazer isto – e antes que eu possa incentivá-la a continuar criticando Thomas, ela se afasta pelo corredor e eu chego à conclusão de que se soubesse que Amber Hardy tinha um senso crítico tão apurado contra Thomas, eu teria feito questão de conhecê-la há oito anos.

— Ah, ele é tão lindo - a voz de gralha suspira e eu rolo os olhos pela sala de descanso horas depois.

— Ah até eu tenho que admitir Jenny, ele é mesmo muito gato – a outra garota diz com a mesma voz sonhadora.

— Nem vem Julie, ele já é meu!

— Seu e da metade das mulheres deste hospital eu aposto – resmungo.

— Ei, a atrasadinha – a garota baixinha me estuda – e aí, seu o nome é Elizabeth, não é?

— Liz, pelo amor de Deus, me chama de Liz!

— Oi Liz, eu sou a Julie – a outra sorri. Parece simpática, embora não inteligente já que está caída pelo doutor escroto.

— E eu sou Jenny. E aí, o que achou do doutor gato?

— Um cretino.

— Nossa, por que tanto ódio? Você é uma daquelas garotas feministas ou é lésbica mesmo?

— Você é lésbica? – O garoto chamado Mark aparece me encarando com cara de terror.

Eu suspiro.

— Não, não sou, posso saber como minha sexualidade entrou em pauta?

— Ei, só estava checando! – Jenny se defende – seria legal se você fosse, uma a menos para disputar o doutor gostoso.

— Achei que fosse o doutor gato – Julie pergunta confusa.

— Pode ficar tranquila eu não faço a menor questão de disputar aquele babaca.

— Bom, deve ter alguma coisa errada com seus olhos para não ver o quanto ele é quente!

— Para com isto, Jen, talvez ela só tenha um namorado.

— Você tem? – Mark parece com dor de barriga de novo, mas antes que eu consiga responder, uma médica nos interrompe. Ela é jovem e bonita, com cabelos e olhos escuros que fazem os rapazes a medirem interessados.

— Ei, internos, menos conversa e mais trabalho! Eu sou a doutora Chloe Martinez, venham comigo.

— Eu preferia o doutor Hardy – Jenny resmunga.

— Ah, o que temos aqui, mais uma deslumbrada pelo Thomas?

— E daí?

— E daí, que se eu fosse você ficava bem longe da fila para entrar no parque de diversões do Dr. Hardy.

— Tem fila? – Jenny faz uma careta.

Mark ri.

— Deve chegar até a China.

— Que horror – Julie parece mortificada. Acho que ela estava se retirando da fila.

— Bom, é só um aviso...

— Talvez eu queira pegar a senha... – Jenny insiste.

— Ok, querida, apenas não se apaixone. Caras como o Doutor Hardy servem apenas para uma garota dar uma volta.

— Hum...

Eu mordo os lábios com força. Ah se alguém tivesse me dito isto a mais tempo...

Oito anos antes

“Quero apenas cinco coisas... Primeiro é o amor sem fim.

A segunda é ver o outono.

A terceira é o grave inverno.

Em quarto lugar o verão.

A quinta coisa são teus olhos.

Não quero dormir sem teus olhos. Não quero ser... sem que me olhes. Abro mão da primavera para que continues me olhando.”

Eu não conseguia parar de olhar pra ele.

Aquele escroto que até um minuto atrás tinha me irritado como ninguém, por ser tudo o que eu mais detestava em um cara.

Agora lá estava ele. No palco recitando Neruda enquanto mantinha os lindos olhos azuis pousados em mim.

Como se recitasse pra mim.

E agora eu não conseguia respirar.

Os aplausos me fizeram voltar à realidade e eu forcei o ar para meus pulmões antes de cair desmaiada no chão como a mais ridícula mocinha de um romance vitoriano.

— Este foi Thomas Hardy recitando Pablo Neruda, pessoal.

Ele sorriu. Pra mim. Diretamente pra mim.

Lindamente pra mim.

Putaquepariu.

Eu senti o ar começar a querer fugir de novo e sabia que minha bochecha estava mais vermelha que um pimentão quando o vi caminhar na minha direção. Com um inconfundível olhar de vitória no rosto bonito.

— Acho que ganhei uma aposta.

Eu engoli em seco o encarando como se ele tivesse duas cabeças.

— Quem diabos é você?

Ele riu.

Um som rouco e áspero que fez coisas ridículas com minha barriga.

Jesus!

— Como assim?

— Você nem gosta de poesia!

Ele riu mais ainda.

— Eu nunca disse isto, você é quem tira conclusões precipitada, Elizabeth Spencer.

— É Liz! Você tem dupla personalidade?

— Eu? – Ele estava se divertindo com minha confusão.

— Eu não acredito que o mesmo cara que recitou Neruda tão intensamente pode ser o mesmo babaca que disse que só estava aqui pelas garotas gostosas!

— Uma coisa não anula a outra – ele deu de ombros e eu rolei os olhos. Aí estava. O cretino.

Simplesmente não fazia sentido.

— Você é estranho, Thomas Hardy – murmurei.

Ele sorriu e se inclinou para perto, colocando uma mecha de meu cabelo atrás da minha orelha. Me arrepiei.

— E você é linda, Elizabeth Spencer.

Pela primeira vez eu esqueci de corrigir meu nome.

Thomas Hardy poderia me chamar do que quisesse se continuasse me olhando daquele jeito.

— E eu acho que temos um encontro.

Ah sim.

Eu tinha um encontro com aquele cara lindo.

Um cara que dava pra ver a milhas de distância que não valia nada.

E eu estava começando a ficar ansiosa pra isto.
Ah, eu estava muito ferrada.

Capítulo Três

Thomas

— E aí, já decidiu qual delas vai comer?

Eu não tiro os olhos das radiografias ao ouvir a voz de Erick do meu lado.

Não estou a fim de ouvir as brincadeiras de Erick hoje.

Se fosse qualquer outro dia, provavelmente eu estaria respondendo no mesmo tom cheio de malícia, qual das internas eu ia foder primeiro. Até acrescentaria alguns detalhes sórdidos para diverti-lo.

Mas não hoje.

Não quando Liz Spencer estava entre as internas.

Por que aquela garota já estivera no páreo uma vez e ela vencia qualquer outra.

Eu estava ferrado porquê da outra vez as coisas não acabaram nada bem e agora ela claramente me odiava.

A merda toda era que ela ainda vencia qualquer páreo.

Eu estava fodido.

— Que papo é este? – Amber pergunta, entrando atrás de Erick.

— Todo mundo sabe que elas sempre querem o Thomas, caso ele dispense alguma a gente pode consolá-las – Erick explica.

— Consolá-las com seu pinto? – Amber levanta a sobrancelha.

— Com o que elas quiserem querida – Erick pisca.

Amber rola os olhos.

— Que nojo de vocês.

— Tem nojo porque ainda não deu um passeio pelo parque de diversão aqui. – Erick brinca e eu me pergunto se Amber sabe que por trás de suas brincadeiras há um desejo real.

Eu não entendia como alguém podia querer a minha irmã, porém, Erick parecia totalmente apaixonado por ela desde que começamos nossa residência há quatro anos.

O fato de Amber nunca o ter levado a sério não parecia desencorajá-lo.

— Só em seus sonhos!

Ela se afasta e Erick insiste em saber minha escolha sobre as internas.

— Qual sua preferida? Aquela baixinha tem cara de safada. Sabe que gosto das safadas. Tem a tímida. Ah, cara, estas às vezes, são as piores. Devo ressaltar que a garota branquinha de cabelos escuros é o maior tesão.

— Esta não – corto-o sem pensar.

— Wow. Temos uma escolhida – Erick se vira para uma plateia imaginária, entonando a voz – Senhoras e senhores, já temos a primeira da fila, as restantes peguem suas senhas!

— Cala a sua boca, Erick!

— Ei, está de mau humor? Achei que ia ficar animado com a carne fresca no pedaço.

— Eu achei que estava apaixonado pela Amber.

— Não vai esquecer, não é?

— O que quer que eu diga? Foi você que bebeu todas e me fez confidências, dizendo o quanto queria que Amber lhe desse uma chance.

— Disse certo. Sua irmã não me dá uma chance.

— Ela nunca vai dar se continuar comendo todas as garotas do hospital. – Neste quesito Erick era quase pior do que eu.

— Cara, estou mesmo recebendo conselhos do Dr. Hardy?

— Eu acho minha irmã um pé no saco. Você está melhor sem ela.

— Infelizmente a gente não escolhe de quem gostar. Amor é uma merda.

— Pois é – resmungo.

Eu sabia bem disto. De como amar era uma merda. Estar vulnerável e deixar alguém ser importante. Era assustador e eu nunca mais queria estar naquela posição.

E agora lá estava Liz Spencer. De novo.

Alguém lá em cima me odiava. Só podia ser.

Chloe se junta a nós na sala de radiologia.

— Hum, as garotas já estão todas apaixonadas por você.

— Todas? Até Liz Spencer? – Não consigo deixar de perguntar. Embora já saiba a resposta.

Bem lá no fundo, eu tenho esperança, porque negar?

E eu já fizera ela se apaixonar por mim uma vez. Poderia acontecer de novo.

— Ah, a primeira escolhida – Chloe sorri cheia de escárnio.

— Não! – Eu desvio o olhar.

Chloe era muito sensível. E infelizmente me conhecia bem. Ela era a única amiga mulher que eu tinha. E a única que eu não tinha fodido. Eu a respeitava demais pra isto.

— Ah, não negue. Eu vejo no seu rosto. Pena que ela não sabe que será jogada pra escanteio logo, logo.

— Quem disse?

— É o que você faz com todas.

— Não fiz com você.

— Você nunca me fodeu.

— Claro que não! Você é minha amiga. A única garota legal neste lugar.

— Ah claro. Que sortuda que eu sou – ela me passa um exame. – Acabei de pegar os exames do Senhor Schwartz.

— Hum, apendicectomia.

— Sim. Jack disse que você vai fazer. Está marcado para o fim da tarde.

— Ok.

— Vai escolher alguém pra te ajudar?

— Hum... – Antes que eu consiga responder, meu bip toca e eu corro.

Quando chego à emergência, os internos já estão ali, uns ansiosos, outros assustados. Em meio a minha comoção eu não consigo deixar de relancear um olhar curioso em direção a Liz.

Ela morde os lábios. Não sei se está na turma dos nervosos ou ansiosos.

— O que temos?

— Carl Smith, 30 anos. Está tendo convulsões agudas múltiplas. Pulso perdido quando chegou – eu me aproximo do homem na maca, chamando todos eles para se aproximarem.

— Coloquem-no de lado – exijo e eles se apressam a obedecer minha ordem. – Como proceder? – indago a ninguém em particular.

— Diazepam dez miligramas – Julie responde.

— Muito bem. Mark, 10 miligramas de Diazepam. Use a agulha grande. E não deixe o sangue hemolizar.

Mark pega a agulha e não sem alguma confusão consegue aplicar a medicação no paciente, que para de convulsionar pouco a pouco.

— Certo – eu pego o prontuário – O que faremos agora? – Eu me viro para Liz, que só agora reparo que ficou longe da paciente, diferentemente dos outros que tinham se aproximado para ajudar, ávidos para impressionar.

— Liz? Pode responder?

Todos se viram pra ela, esperando a resposta.

Sua palidez se transforma em rubor.

Me faz lembrar de como eu gostava de vê-la corar.

Antes.

Isto me deixa com raiva. Porque agora não me é

permitido tocar seu rosto e sentir a quentura de sua pele. Eu sempre achei seu rubor delicioso.

— Eu... eu... — Ela balbucia nervosa.

— Temos que fazer os exames — Jenny responde em seu lugar. — CT, CBC, quimio-7...

— Não pedi que respondesse senhorita Lars - digo friamente, a garota cora.

Nem de longe é tão encantador quanto Liz.

— Me desculpe Dr. Hardy, eu só queria...

— Só queria aparecer — Mark resmunga divertido e eu lanço-lhe um olhar ameaçador que o cala.

— Mas tem razão, senhorita Lars. Só se esqueceu do toxicológico — eu olho para Liz, que voltou a ficar pálida. Uma pena. — E você, senhorita Spencer, seja rápida da próxima vez. Estamos numa emergência. A vida ou morte de um paciente depende da nossa agilidade.

— Claro, me desculpe, eu... fiquei nervosa.

— Aqui não temos lugar para nervosismo. Se queria moleza deveria ter escolhido outra profissão — minha voz é dura. Eu quero ser duro com ela. Não só porque não respondeu quando pedi, o que já justificaria uma bronca a qualquer interno, também por ser quem é.

Por estar fodendo com minha cabeça quando não faz nem 24 horas que está de volta a minha vida.

— Agora o senhor Smith é sua responsabilidade —

digo por fim – leve-o para a tomografia. – E vocês voltem a seus afazeres.

Eu saio da sala irritado encontrando meu pai vindo em minha direção.

— Eu estou saindo para almoçar, Thomas. Espero que esteja tudo sob controle com os internos.

— Claro que sim. Está sendo moleza.

— Tudo é moleza para você – sua voz contém a dose certa de censura para me pôr no foco – espero que saiba que nomeá-lo chefe dos internos foi um risco, Thomas. E que você não pode me decepcionar.

— Sabe que eu não faria isto.

— Então leve a sério.

— Estou levando.

— Não quero ouvir nenhum rumor sobre você estar pelos cantos com alguma interna.

Eu tenho vontade de rir, como faria em qualquer outra ocasião, mas sei que meu pai está falando sério desta vez.

Ele permite que eu faça do hospital meu playground, contanto que faça meu trabalho direito. Para minha sorte, eu sou *fodidamente* bom e nunca o decepcionei em termos profissionais. Por isto, ele faz vista grossa para minhas aventuras.

E isto porque ele provavelmente não faz ideia da

mais sórdida. E eu espero que continue assim, não pelo bem dela e sim porque, bem no fundo do meu peito, eu não quero que meu pai sofra.

Ele amou demais a minha mãe e ela morreu quando eu e Amber nascemos. Ele se casou novamente, há dez anos com a doutora Diana, uma psiquiatra. Mas o casamento havia acabado há seis anos.

Agora ele parecia estar apaixonado de novo.

Eu ficaria feliz se não fosse a mulher que ele escolheu.

E ela sai da sala dos médicos, toda arrumada e batendo seus saltos no chão, fazendo meu pai sorrir como um bobalhão ao vê-la.

Tenho vontade de vomitar.

— Aí está você, querida. — Ele segura as mãos da mulher loira e letal que sorri para ele. Me pergunto por que esta maldita não seguiu carreira de atriz. — Eu e Paola estamos saindo, Thomas.

— Claro, bom almoço — respondo, tentando não soar irônico.

Paola sorri pra mim. A vadia.

— Por que não se junta a nós, querido enteado?

Vagabunda.

— Não, tenho trabalho a fazer.

— Seu pai contou que vamos dar um jantar amanhã

à noite? Espero que compareça.

— Sim, queria dar um grande jantar para oficializar nosso noivado. — Meu pai diz, beijando o rosto satisfeito de Paola. — Mas Paola prefere só a família.

— Claro que estarei lá.

— Nina vai gostar de te ver.

Eu sorrio genuinamente agora ao pensar em Nina.

Ela era a única pessoa que me fazia sorrir ultimamente.

— Eu também estou com saudade dela.

— Então nos vemos amanhã.

Eu fico olhando-os se afastarem e me pergunto o que meu pai diria se soubesse que eu já tinha sacudido muitos armários com a doutora Paola por aquele hospital.

Claro que ele não fazia ideia. Paola era ardilosa. Mesmo enquanto estávamos fodendo não só pelos cantos do hospital, como também no meu apartamento ou na casa dela, ela fizera questão de que tudo ficasse em segredo. Diferentemente dos meus outros casos, o nosso nunca foi público.

Eu acreditei por algum tempo que era por ela levar a sério sua reputação. Então, depois que ela me trocou por meu pai, eu entendi qual era sua jogada.

Ela era ambiciosa e eu era somente um residente que ainda vivia à sombra de Jack Hardy, o diretor do

Chicago Mercy. E ela não hesitara em fazer a troca.

Eu fiquei puto na época, há seis meses, e quis realmente contar ao meu pai. Por mais incrível que pareça foi Erick quem me convenceu do contrário.

— Ele está enfeitiçado por aquela cobra. E vai ficar puto contigo se contar. E escute o que estou te dizendo, quem vai se ferrar é você. Deixe que ele descubra por si só que ela não vale nada. Uma hora o feitiço acaba.

Eu havia acreditado em Erick. Agora eles estavam noivos e eu tinha sérias dúvidas se o feitiço tinha mesmo prazo de validade.

— Ei, Doutor Thomas – eu me viro ao ouvir a voz melodiosa de Emily. – Está ocupado? Podíamos continuar aquela aula sobre medicamentos... – sorri cheia de promessas. – Eu estou com tempo – ela sussurra, piscando e se virando para entrar na sala de medicamentos, deixando a porta entreaberta.

Inferno. Era melhor pegar a enfermeira, do que cair em tentação com alguma das internas, embora pelo menos duas delas estivessem bem interessadas.

A merda era que a única que eu queria encurralar em qualquer canto daquele hospital era a única que não tinha mais o menor interesse em mim.

E a quem eu queria enganar? Por Liz Spencer, eu facilmente burlaria todas as regras. Valeria a pena.

Mas ela era inatingível. E Emily estava bem ali, bem disponível.

Eu entro no armário atrás de Emily e fecho a porta.

O melhor que eu faria era esquecer Liz Spencer. Como eu fiz há oito anos.

Oito anos antes

Eu mal podia acreditar que Liz Spencer tinha concordado em seguir com nosso trato e íamos ter um encontro. Eu realmente achei que ela iria dar para trás. Ela parecia aquele tipo de garota que não se deixava seduzir facilmente. O que era algo bem diferente pra mim. Eu sempre havia conquistado qualquer garota que eu quisesse.

— Tudo bem, só que eu escolho aonde vamos — ela tinha dito na tarde anterior na livraria.

Nós trocamos telefones e ela me enviou um SMS com o endereço de onde devíamos ir. Eu fiquei confuso quando cheguei ao local e vi que era uma galeria de arte.

Olhei as horas no celular, depois de estar na porta esperando por dez minutos, me perguntando se a garota ia me dar o bolo. Eu estava malditamente ansioso como nunca antes. E quase respirei aliviado ao vê-la surgir na esquina.

Putá merda. Ela estava mais linda do que antes. Se vestia com simplicidade, calça jeans e suéter. E era justamente esta simplicidade que fazia destacar sua beleza

natural. Liz Spencer não usava de artifícios. Seus cabelos gloriosos estavam soltos sobre os ombros e havia cor em seus lábios, os tornando mais desejáveis.

Disse a mim mesmo que até o fim daquela noite meus dentes estariam mordendo aquela boca.

— Ei, você veio. — Ela disse e eu sorri.

— Pensou que eu não viria?

Ela deu de ombros.

— Achei que marcar numa galeria poderia assustá-lo.

— Não me assusto facilmente. Confesso que fiquei intrigado.

— Vamos entrar?

Eu a segui para dentro da galeria.

— Então além de poesia também é amante das artes? — Perguntei.

— Eu amo arte — ela sussurrou com fervor quando paramos em frente a um quadro.

Era uma paisagem sufocante, meio impressionista, com fortes tons de verde.

— O que achou deste? — Perguntou.

— Estranho. — Murmurei.

Eu não era um grande fã de arte. Na minha casa havia muitos quadros, alguns deles valiam uma fortuna.

Minha falecida mãe era uma grande fã de arte, porém meu pai não incutira aquele gosto em mim. Jack Hardy estava mais preocupado em me educar para ser como ele, um renomado cirurgião e não como um apreciador das artes como minha mãe.

— Ei Liz – Um homem elegante de uns trinta anos se aproximou e Liz sorriu para ele.

Eu imediatamente fiquei com ciúmes.

— Oi Alan.

O homem segurou suas mãos e beijou seu rosto.

Eu fechei os punhos. Quem era aquele babaca engomadinho?

— E quem é seu amigo? – Ele me encarou curioso.

— Este é Thomas, Thomas este é Alan Mitchel, o dono da galeria.

Nós nos cumprimentamos formalmente e Alan continuou com um olhar curioso, mas educado.

— Professor de pintura da Liz – Corrigiu o que fez Liz corar.

— Na verdade eu trabalhei aqui nas férias – ela respondeu.

— Em troca de algumas aulas – Alan interferiu – que ela nem precisava.

— Você pinta? – Indaguei surpreso.

— Não é nada. É apenas um hobby. — Ela estava mais corada agora.

— Eu não chamaria de hobby alguém capaz de pintar este quadro — Alan apontou para o quadro que estávamos admirando antes.

— Você pintou isto? — Agora eu estava estupefato. Ela deu de ombros.

— Achei que seria só uma aula...

— E era até você pintar esta maravilha. — Alan parecia verdadeiramente maravilhado — Eu não podia deixar de expor. Você é muito boa, Liz.

— Não me deixe embaraçada — Liz cobriu o rosto com as mãos, envergonhada. Seus dedos sujos agora fazem sentido.

— Agora entendo sua mão suja — murmurei e ela tirou o rosto das mãos, respirando fundo.

— São as mãos de um artista, meu rapaz — Alan sorriu — agora, se me dão licença. Eu preciso ir.

Ele se despediu.

— Você é realmente intrigante, Liz Spencer — murmurei admirado.

Ela estava muito corada, o que eu achei lindo.

Sem resistir, toquei seu rosto vermelho e quente.

Ela mordeu os lábios e não se afastou.

Eu queria beijá-la ali.

Mas a espera também era doce.

Liz Spencer era minha por aquela noite.

— Restaurante italiano? Que Clichê – Ela reclamou quando nos sentamos à mesa de um dos meus restaurantes italianos preferidos.

Eu tinha insistido em levá-la para jantar depois da galeria.

— É meu lugar preferido – expliquei.

O garçom se aproximou e nós fizemos nosso pedido. Eu reparei que Liz ficou olhando intrigada para os braços cheios de tatuagem do rapaz.

— Algo que tenha gostado? – Questionei, quando o cara se afastou e ela corou.

— Eu estava admirando os desenhos das tatuagens dele. São incríveis.

Ah. Devia ser coisa de artista.

— Você tem tatuagem? – Ela perguntou de repente e eu tentei não me sentir um babaca por ter 22 anos e nenhuma tatuagem. A verdade era que eu não era muito fã de agulhas.

— Por que teria?

— Os bad boys sempre têm.

— Sou um bad boy?

— É quase um clichê ambulante.

— Ok, me sinto até lisonjeado. Meu amigo disse que éramos nerds.

— Você nerd? Até parece!

— O que você sabe sobre isto?

— Olha pra mim. Eu sou uma nerd.

— É uma competição?

O garçom voltou com nosso pedido e depois que ele se afastou, Liz me encarou curiosa.

— Ok, vamos lá. Me diz porque devo acreditar que é um nerd.

— Entrei em Harvard para medicina. Estou indo para lá depois do verão.

— Fala sério! – Seus olhos se arregalaram e eu me senti um tanto convencido.

— Família de médico.

— Ah que merda!

— O quê?

— Minha mãe é médica!

— Jura?

— E ela quer que eu estude medicina também.

— E você quer? – Eu não conseguia imaginá-la em um hospital. Ela era toda artística.

— Eu não sei o que quero. — Murmurou incerta.

— Achei que queria pintar.

— Eu amaria pintar para viver. Minha mãe nunca permitiria.

— Mande ela ir a merda! — Eu tomei um gole da minha cerveja e Liz sorriu.

Ela tinha um sorriso fofo.

— Você não conhece a minha mãe. Ela morreria se eu fizesse uma tatoo, por exemplo.

— Então faça!

— Eu sempre quis fazer uma na verdade! — Seus olhos brilharam.

— Eu também — menti.

— Sério? Nerds fazem tatoo?

— Sou um bad boy, baby! — Sorri e ela me acompanhou.

Fodidamente linda.

— Ok, o que vai fazer?

— Eu não sei — dei de ombros, seguindo com o papo da tatuagem.

Ela abriu a bolsa e retirou um bloco papel e um lápis, começando a desenhar freneticamente.

— O que está fazendo?

Ela apenas continuou a desenhar. O garçom

apareceu e retirou nossos pratos e Liz continuou absorta em seu desenho.

— Aqui está – ela me deu a folha, onde estava desenhado um intricado dragão. – Esta é sua tatuagem. Consigo visualizá-la em seu ombro.

— Nem vou tentar desenvolver, sou péssimo em desenho.

— Vamos lá. Agora. – Ela pegou a bolsa e se levantou.

Eu a segui para fora do restaurante.

— Está falando sério? – Tentei ganhar tempo. Ela não poderia estar falando seriamente sobre eu fazer uma tatuagem hoje.

— Está com medo?

— Não! – Eu estava sim, só que ela não precisava saber.

— Eu acho que está!

— Ok. Vamos apostar! – Pensei rápido.

— Lá vem você e suas apostas.

— Se eu fizer você também faz.

— OK! – Ela sorriu animada. Puta merda.

— E você vai pra minha casa comigo depois – eu deixei claro em minha voz minhas intenções.

Com certeza ela iria recuar depois desta.

— Fechado! – Ela respondeu.

Porra, ela nem ao menos hesitou.

Capítulo Quatro

Liz

Se uma situação está ruim, ela sempre pode piorar.
E muito.

Este era o resumo do meu dia.

Ruim. E ficando cada vez pior.

Como se não bastasse este ser o meu primeiro fodido dia como médica, ainda tinha que lidar com o fato de ter Thomas Hardy por perto.

E, com minhas emoções em frangalhos, eu agora tenho um paciente sob meus cuidados.

— Certo. Vai dar tudo certo – murmuro comigo mesma, enquanto empurro a maca de volta ao quarto, depois de tê-lo levado à tomografia. Até agora, tudo indo bem.

Era só respirar fundo e me lembrar do que eu tinha aprendido na maldita faculdade.

— Ei, querido, me deu um susto – a mulher loira se inclina sobre o sonolento paciente, acariciando seu rosto pálido.

— Está tudo bem agora... – Ele consegue

responder.

A mulher então me encara.

— O que aconteceu? Ele não parece nada bem...

— Ele tomou um sedativo para a tomografia, por isto está meio grogue.

— Você é a médica dele? Pode me dizer o que aconteceu? Ele vai ficar bem, terá que fazer alguma cirurgia?

Eu engulo em seco diante de tantas perguntas, sem saber o que responder, enquanto começo a suar frio.

— É, na verdade, eu não sou a médica...

— Não?

— Quer dizer, eu sou, mas...

— Doutora Spencer? – Uma enfermeira nos interrompe e eu respiro aliviada.

— Sim?

— Tem uma ligação para você na recepção. Me pareceu urgente.

Ligação pra mim? Eu não fazia ideia do que poderia ser. Balbucio uma desculpa e me afasto do quarto, aliviada por me livrar das perguntas.

— Me disseram que tinha uma ligação? – Falo ao chegar à recepção e a atendente aponta para o telefone. – Obrigada – respondo, pegando o aparelho – Elizabeth Spencer.

— Filha, finalmente consigo falar com você.

Ah droga, falando em coisas ruins!

— Mãe? Por que diabos está me ligando aqui?

— Oras, você não atendeu a minha ligação hoje cedo. Estou preocupada.

— Mãe, eu estou trabalhando, pelo amor de Deus!

— Por isto mesmo! É seu primeiro dia no hospital, quero saber de tudo...

— E não pode esperar? Eu estava em meio a um atendimento e não posso ficar atendendo ligações particulares!

— Ah, eu sou a Doutora Spencer, todo mundo me respeita. E você é minha filha.

— Mãe, você disse que eu era sua filha? – Abaixo o tom, ao ver a atendente me encarando curiosa.

— Você é minha filha, qual o problema?

— Não quero que as pessoas saibam disto!

Bárbara ri do outro lado da linha.

— Não seja boba! Ser minha filha vai lhe abrir muitas portas.

— Temos opiniões diferentes sobre este assunto – resmungo.

— E então, como está sendo seu primeiro dia?

De repente, meu bip apita e eu vejo que é uma mensagem dizendo para ir até o paciente Carl Smith.

Droga!

— Mãe preciso desligar! – Antes que ela continue a insistir, eu desligo e saio correndo pelo corredor.

E paro atordoada ao ver o paciente em meio a uma convulsão.

Dois enfermeiros tentam contê-lo.

— Doutora Spencer, onde estava? Ele está tendo convulsões agudas múltiplas, como proceder? – Um deles pergunta, segurando o paciente, enquanto o outro corre pela sala.

— Diazepam, duas miligramas de Lorazepam – consigo dizer, ainda paralisada.

— Não está funcionando – o outro diz.

— Acabei de dar outra dose.

— Doutora Spencer, está ouvindo? Tem que nos dizer o que fazer!

Eu sinto vontade de vomitar.

— Fenobarbital. Agora! – Digo rapidamente, pegando o prontuário e tentando achar uma saída para a situação. Meu cérebro parece ter se dissolvido.

— Ok, demos o Fenobarbital.

— Não está fazendo efeito...

Oh, inferno...

— O coração parou. Código azul.

— O quê...? Não, não... – digo, sentindo o sangue

fugir do meu corpo.

— Doutora Spencer! – O enfermeiro grita e eu saio do torpor.

— Desfibrilador – Alguém grita e eu me movo para pegar e aparelho, com as mãos trêmulas.

— Duzentos. Carregando. Pronto!

Eu aplico sobre o peito do homem, que pula sob minhas mãos. Nada.

— 15 segundos...

— Nada.

— Trezentos – grito e aplico de novo. A adrenalina correndo por meu corpo.

— 24 segundos...

— Trezentos e sessenta - meus gritos ecoam pelo quarto.

— 40 segundos...

— Em 60 segundos teremos que ministrar outro medicamento – alguém diz.

O quê? Eu não consigo raciocinar.

Apenas um pensamento aterrorizante envolve minha mente. Eu ia perder um paciente em meu primeiro maldito dia.

— Carregue de novo – peço agora num fio de voz. Meu corpo começando a tremer e a entrar em choque.

E naqueles segundos, eu rezo silenciosamente por

aquela vida.

Por favor, por favor...

Então um som nítido e contínuo no monitor indica que o coração voltou a bater.

— Pressão subindo. Ritmo voltando. — O enfermeiro atesta.

Eu dou um passo atrás, segurando o desfibrilador, ainda paralisada.

Alguém o tira das minhas mãos, ao mesmo tempo em que Thomas Hardy entra pela porta.

— O que aconteceu? — Pergunta, se aproximando do paciente e o examinando.

— Ele teve uma convulsão e o coração parou. — Explico.

— Estava observando?

Eu não respondo.

Droga!

Ele me encara.

— Estava observando como mandei?

Engulo em seco.

— Eu me ausentei por um momento...

— Devia estar observando! Deixa que eu assumo agora. — Ele volta a atenção ao paciente. — Alguém me dê o prontuário.

Eu saio do quarto, tremendo inteira e fico no

corredor, tentando fazer minha respiração voltar ao normal.

Thomas vem atrás de mim.

— Que inferno estava pensando?

— Eu não fiz nada...

— Exatamente! Eu mandei ficar de olho e o enfermeiro disse que você estava no telefone!

— Eu...

— Está no meu time, se alguém morrer é o meu que está na reta!

Ah claro. De repente tudo fica claro como água! Ele não estava preocupado com o paciente ou até mesmo com o meu aprendizado.

Ele estava preocupado apenas com seu próprio rabo! Típico de um egoísta como Thomas Hardy.

Algumas coisas nunca mudam.

Eu levanto a cabeça.

— Foda-se! Você me deixou sozinha pra provar um ponto!

— O quê? Está dizendo que a culpa é minha por sua falta de responsabilidade?

— Estou sim! Como disse, estou no seu time! Você é o responsável! Se eu deixasse aquele pobre homem morrer seria culpa sua. Você me deixou como responsável por ele, sabendo que eu não era capaz ainda, somente

porque me odeia! Vai pro inferno Thomas Hardy!

E sem esperar resposta, eu me afasto, andando rapidamente sem olhar para trás. Saio pelas portas duplas do fundo e sinto o ar frio do crepúsculo que cai sobre o céu em meu rosto.

Oito anos.

Oito anos e aquele imbecil ainda conseguia tirar o pior de mim.

E nem interessa que por um pequeno espaço de tempo, eu imaginei que ele seria o melhor.

Quão enganada eu poderia estar?

Oito anos antes

Eu era louca ou o quê?

Que diabos estava se passando pela minha cabeça para ir com Thomas Hardy a um estúdio de tatuagem?

E ainda por cima estar amando a ideia?

Onde foi parar a Elizabeth Spencer sensata e obediente, que colocava sempre seus próprios desejos em compasso de espera?

Que tremia de medo só de pensar em desafiar as vontades de Bárbara Spencer? E aquele com certeza era um desafio enorme.

E o pior de tudo? Naquele momento, eu não estava nem aí.

A verdade era que tinha alguma coisa naquele cara de sorriso de lado e boca suja que me fazia querer ser livre. Não aquela liberdade forjada que eu vivera no último verão antes de ir pra faculdade, trabalhando na galeria de Alan, e sim algo mais real e palpável. Algo que me fizesse sentir que ainda havia uma chance de eu ser o que eu realmente queria.

Não o que haviam escolhido pra mim.

— E aí, o que vai ser, gata? – Eu olhei para o cara bonitinho diante de mim, meus olhos indo direto para seu braço coberto de tatuagens de cima abaixo, quando ele usou a mão para tirar os cabelos loiros compridos da testa.

Eu coloquei o desenho que fiz para Thomas no balcão.

— Wow. Isto é grande! É pra você? – Ele esquadrinhou meu corpo sem nenhum pudor, certamente imaginando onde desenharia aquele dragão.

Eu apontei para Thomas.

— Não, para ele.

Os olhos do tatuador bonitinho foram para Thomas.

— Já fez alguma tatuagem antes, cara?

— É, não ainda... – Thomas parecia meio tímido, o que era um desconcertante de se ver – ela vai fazer uma também.

— Sério? – Os olhos do tatuador vieram pra mim novamente. – E o que vai fazer?

— Hum, eu ainda não sei...

— Eu posso desenhar para você, é só escolher. Quem desenhou este daqui?

— Eu mesma.

Seus olhos se arregalaram surpresos e depois

admirados.

— Uau. Você é boa.

— Ah, obrigada – senti meu rosto esquentar.

— Você já tem alguma tatoo?

— Não.

Seu sorriso se alargou. É, ele era bem bonitinho mesmo.

— Uma virgem – ele carregou no sotaque sulista, que só agora eu reparei que tinha. – Então, vai desenhar algo pra você mesma? Tem alguma ideia? Eu sugeriria algo pequeno para começar. Tem ideia de onde quer fazer? – Ele deu a volta no balcão e tocou minha cintura, os dedos passando pela pele da minha barriga que a blusa não cobria – Algo no quadril talvez, ou...

— Ei – de repente eu me vi puxada para trás, de encontro ao peito de Thomas – tira as mãos da minha garota, cara.

Oi?

Eu o encarei.

— Sua garota? Tá louco, Hardy? – O empurrei, tirando suas mãos de mim.

— Calma amigo – o tatuador riu – sou apenas um artista, não estou flertando com sua mina.

— Eu não sou a garota dele! – Retruquei.

— Enfim, decidam o que vão fazer, já está ficando

tarde, e eu tenho um show hoje.

— Show?

— Sim, eu toco guitarra numa banda.

— Que legal – eu sorri empolgada ao mesmo tempo que pensei escutar Thomas resmungando um “grande merda”. – Certo, não queremos tomar muito do seu tempo. Pode começar com a tatoo do Thomas, já que temos o desenho. Eu acho que preciso pensar.

— Não, você vai fazer primeiro – Thomas discordou.

— Por quê?

— Porque com toda esta conversa acho que está me enrolando.

— Não estou te enrolando!

— Nada feito, Spencer. Você vai fazer primeiro.

— Mas eu nem sei o que fazer!

— Eu deveria escolher.

— Por quê?

— Você escolheu a minha é justo que eu escolha a sua.

— Ah é? Você disse que nem sabe desenhar!

— E aí? – O tatuador insistiu pegando uma folha – quer que eu desene algo, ou você mesma desenha?

Eu peguei a folha de sua mão e o lápis e encarei Thomas.

— Ok, Picasso, qual sua grande ideia pra mim?

— Uma pequena rosa. Vermelha. Bem aqui – e, sem aviso, sua mão se descolocou para minha cintura, deslizando mais pra baixo, até se infiltrar em meu jeans.

E, diferentemente da inspeção do tatuador, o toque de Thomas causou um curto-circuito em minha pele. Meu rosto queimando de um vermelho vivo, enquanto minha respiração tornou-se rápida e curta.

Nossos olhares se encontraram e eu sabia que em algum lugar da minha mente estava o sonoro “nem pensar”, assim, como o tapa que eu devia dar em sua mão atrevida. Quem disse que eu encontrei? Todas minhas respostas rápidas deviam ter dado as mãos e fugido junto com a minha sensatez.

— Decidimos então? – O tatuador quebrou nosso momento e Thomas tirou as mãos de mim. Eu mordi os lábios com força, enquanto começava a desenhar rapidamente, tentando fazer meu cérebro voltar a funcionar.

— Isto – Empurrei o desenho.

— Perfeito. Vamos?

Eu nem consegui olhar para Thomas, enquanto acompanhava o tatuador.

E só voltei a respirar quando a porta se fechou atrás de nós.

— Eu sou Josh, aliás – ele disse sorrindo,

enquanto pedia para eu deitar – e ainda bem que seu namorado não está aqui, preciso pedir que abra seu jeans.

Eu corei de novo, fazendo o que ele pediu.

— Ele não é meu namorado.

Josh levantou a sobrancelha, enquanto passava álcool no local, quase chegando na minha virilha.

— Não? Ele parecia bem possessivo.

— Ele é só um encontro.

— Primeiro encontro? – Eu sacudi a cabeça afirmativamente, o fazendo rir – Não brinca! E decidiram fazer uma tatuagem.

Eu dei de ombros.

— Pelo menos somos originais.

Josh concordou ligando o aparelho.

— Relaxa agora. É uma tatoo pequena e não vai demorar. Prometo.

Eu respirei fundo e engoli o gemido quando senti a picada na pele.

Agora não tinha mais volta.

Não sei quanto tempo se passou até que Josh desse o serviço por terminado.

— Prontinho.

— Ufa! – Exclamei me levantando e alongando meus membros inativos.

Josh apontou para um espelho.

— Veja como ficou.

Eu me aproximei do espelho e olhei para baixo.

— Uau – uma pequena rosa vermelha adornava minha pele antes pálida.

— Gostou?

Eu sorri, deixando meus dedos passarem pelo pequeno desenho.

— Eu amei...

— Vai ficar sensível por uns dias. Vou prescrever uma pomada.

— Certo – fechei minha calça no exato momento em que meu telefone celular tocou no meu bolso.

Eu o peguei para ver o número da minha mãe. Imediatamente eu me encolhi, imaginando o quanto ela ficaria furiosa quando soubesse da minha tatuagem.

Bem, pelo menos eu tinha feito num lugar em que ela não descobriria tão fácil.

E com certeza hoje não era um dia em que eu queria estragar falando com Bárbara. Infelizmente eu sabia que não atender seria pior.

— Eu preciso atender.

— Fique à vontade – Josh saiu da sala e eu respirei fundo colocando o telefone na orelha.

— Oi Mãe.

— Onde diabos está?

— Em um encontro – murmurei.

— O quê? Encontro com quem?

— Com um cara, mãe.

— Espero que se lembre dos meus conselhos e não se envolva em nada a sério! Está a poucos dias de começar suas aulas na universidade e terá que se dedicar totalmente se daqui a quatro anos quiser entrar com mérito na escola de medicina.

— Eu sei mãe, é apenas um encontro...

— Espero que seja mesmo. Eu não te criei para se deixar envolver com rapazes e perder o foco!

— Eu já sei mãe.

— É minha obrigação te manter na linha. Diversão é para os outros! Você é especial e tem um futuro brilhante, só não pode perdê-lo de vista.

— Você não me deixaria perder não é? – Resmunguei, começando a sentir minha cabeça doer – mãe preciso desligar.

— Tudo bem. Eu estarei de volta daqui a duas semanas. Te amo querida.

— Também te amo – eu desliguei.

Eu respirei fundo algumas vezes, tentando esquecer minha mãe e voltei para a sala de espera, para encontrar Thomas e Josh.

— E aí? – eu coloquei um sorriso no meu rosto –

já cumpri minha parte do acordo. Agora falta a sua, senhor Hardy!

— Tenho más notícias – Josh disse – Esta tatoo é muito grande, não vai dar tempo de fazer hoje.

— O quê? Não!

Thomas deu de ombros.

— A culpa não é minha.

Eu encarei Thomas decepcionada.

— Que merda!

— Por mim, tudo bem. Agora me mostra a sua – ele sorriu cruzando os braços a espera.

Eu franzi a testa e cruzei os braços também.

— Você me enrolou!

— Claro que não! Ouviu nosso amigo. A tatoo é muito grande. A que você desenhou, aliás.

— É verdade, fazer esta tatuagem do Thomas, vai demorar umas boas horas e eu não tenho este tempo hoje, por isso estamos adiando. – Josh endossou e eu fiquei encarando os dois, muito decepcionada.

— Bom, sabe o que isto significa, não é? Nada do que combinamos vai acontecer, Hardy – eu peguei minha bolsa e tirei o cartão de lá. – Quanto ficou Josh?

— O Thomas já acertou.

Isto me irritou mais ainda.

— Não foi o combinado!

— Não seja absurda, Liz...

— Está bem, que seja! – Recoloquei meu cartão na bolsa – eu vou embora!

Eu saí pela porta sem olhar para trás, Thomas me alcançou na calçada.

— Liz, aonde vai?

— Acho que nosso encontro acabou – eu olhei de um lado para o outro procurando um táxi.

— Você está brava comigo...

— Claro que sim!

— Só por causa de uma tatuagem...

Eu me virei furiosa.

— Só por isto? Só por isto? Eu fiz a merda de uma tatuagem porque era uma aventura que estávamos vivendo juntos! Era para fazermos juntos e você deu pra trás, me deixando sozinha!

— Eu disse que a culpa não é minha!

— Que seja! Eu preciso achar um táxi.

— Não precisa ir...

— O quê? Esperava que eu fosse pra sua casa? Nem pensar!

— Você parecia empolgada no restaurante... – ele disse cheio de presunção.

— Ah, vai pro inferno!

— Ei, Liz – Josh surgiu de dentro do prédio

vestindo uma jaqueta jeans. – Eu vou tocar num bar aqui perto...

Eu olhei pra Thomas e depois pra Josh e depois pra Thomas de novo.

— Eu quero ir!

O rosto de Thomas se transformou de presunção para irritação e eu fiquei bem feliz.

Minha felicidade acabou quando Josh se virou para Thomas que parecia petrificado na calçada.

— Sabe onde fica o Rascall, Thomas?

— Talvez o Thomas não queira ir, posso ir com você? – perguntei rápido.

— É... – Josh hesitou olhando pra Thomas.

— Thomas não vai se importar. Eu estava justamente dizendo pra ele que nosso encontro terminou.

— Bem, já que é assim... Esta é minha caminhonete – Josh apontou para a pick-up preta – vamos?

Eu sorri.

— Amei seu carro!

Josh abriu a porta pra mim e eu entrei.

E, enquanto Josh dava a volta para entrar no carro, eu olhei pra Thomas e sorri.

— Boa noite, Thomas!

E fechei a janela na cara dele.

Josh entrou no carro e deu partida.

— Tem certeza do que está fazendo? – ainda me perguntou. – Thomas me pareceu chateado...

— Thomas é um idiota! Vamos logo.

— Ok...

Por todo o percurso eu tentei ficar bem dizendo a mim mesma que tinha tomado a decisão certa. Thomas era um babaca presunçoso que achou que podia brincar comigo e eu ainda ia concordar em ir pra cama com ele. Pois estava bem enganado.

Eu poderia estar me sentindo muito decepcionada bem lá no fundo, porém era melhor estar decepcionada agora do que arrasada depois.

E eu começava a entender que, por todas aquelas emoções que Thomas despertava em mim, o único desfecho daquela nossa história seria um coração partido, o meu, com certeza.

Nós chegamos ao bar lotado e outra banda estava tocando.

— Minha banda vai tocar depois desta. Vem, vamos tomar alguma coisa.

Ele me comprou uma cerveja e nós ficamos em um canto.

— Você também parece chateada – Josh comentou e eu sorri.

— Só por ter, por um momento, acreditado que

Thomas Hardy poderia ser menos que um babaca.

— Por que acha isto?

— Ah, não ficou claro? Ele me deixou empolgada para fazer uma tatoo, algo que é pra sempre e eu amei a ideia de embarcarmos nesta aventura juntos e ele me deixou fazer sozinha como se não tivesse a menor importância pra ele.

— E foi importante pra você.

Eu dei de ombros.

— Eu fui uma idiota.

— Você não acreditou que era falta de tempo?

— Nós estamos aqui, de boa e não vejo você se apressar pra tocar, então, começo a desconfiar que eu estava certa...

Josh coça os cabelos.

— É, eu poderia ter ao menos começado a tatuagem.

— E por que não começou?

— Thomas pediu que eu mentisse pra você.

— Filho da puta! — Eu bebi o resto da minha cerveja, mais irritada ainda com Thomas agora.

— Me desculpe — Josh pediu, parecendo genuinamente arrependido.

— Não foi culpa sua.

— Eu só fiquei mal por ver que você ficou mesmo

chateada.

— Tudo bem. Deixa pra lá!

A banda tocou mais algumas músicas e então Josh me deixou indo para os bastidores.

Peguei mais uma cerveja e Josh subiu no palco, começando a tocar. Ele tocava realmente bem e a banda era muito boa. Eu estava tentando me divertir quando, de repente, senti alguém me observando. Olhei em volta para quase engasgar com minha cerveja ao ver Thomas Hardy encostado numa parede olhando diretamente pra mim, enquanto tomava sua própria cerveja.

Eu me virei, pensando no que fazer.

Eu podia ignorá-lo.

Só que estava tão irritada pensando no que Josh me disse que marchei até ele e parei a sua frente.

— Você é um sacana sabia?

Ele deu de ombros.

— Não é a primeira a me dizer!

Eu bufei, sentindo minha irritação aumentar.

— Você pediu para o Josh mentir!

Ele riu.

— E ele ficou muito feliz em te contar e tomar o meu lugar, não é?

— É só o que tem a dizer? Eu fiz uma merda de uma tatuagem! E você acha engraçado? Em que momento

você decidiu que ia ser divertido me fazer de idiota? Deve ter sido muito engraçado pra você não é? Vamos fazer piada com a trouxa da Liz Spencer! E ainda vou jogar meu sorrisinho sacana pra ela e levá-la pra cama no fim da noite! Seu grande babaca! – Sem pensar eu virei minha cerveja na sua cara e taquei o resto da garrafa na parede, marchando para fora do bar sem olhar para trás.

Eu acordei com uma grande dor de cabeça e uma batida insistente na porta.

— Oh inferno! – Praguejei jogando as cobertas para o lado e me perguntando quem poderia ser naquela hora.

Eu cheguei no começo da madrugada cheia de cerveja e ódio, dizendo a mim mesma que nunca mais ia confiar em cretinos como Thomas Hardy.

Eu só queria esquecer o fiasco que foi a noite passada, para meu azar a maldita tatoo sobre a minha pele não me deixaria esquecer.

E o pior de tudo era a decepção que eu sentia quando botei minha cabeça no travesseiro, admitindo a mim mesma que não foi assim que eu imaginei que minha noite terminaria.

A verdade era que eu estava atraída demais por Thomas Hardy, como nunca estivera por outro cara antes.

Todos as minhas paixões anteriores pareciam sem sentido quando eu pensava no que ele me fazia sentir com apenas um olhar.

A batida na porta agora ficou mais insistente e eu xinguei baixinho me levantando e arrastando meus pés cansados pelo apartamento.

Ainda parecia incrível que minha mãe tivesse me deixado morar sozinha para fazer faculdade, eu estava adorando ter meu próprio lugar, mesmo duvidando que Bárbara afrouxasse o laço sobre mim tão cedo.

— Já vai! – Será que era Valerie?

Eu abri a porta e meu queixo caiu ao ver que quem estava ali, bem na minha frente, era Thomas Hardy.

— Você! – Exclamei estupefata.

— Eu acho que te devo uma tatoo.

Capítulo Cinco

Thomas

Sinto o líquido gelado descer como um bálsamo em minha garganta e batendo em meu estômago vazio. Era tudo o que eu precisava hoje: cerveja gelada. O bem-vindo torpor do álcool em minha mente e corpo exausto.

— Agora sim – Erick esbraveja soltando um ruidoso arroto em seguida me fazendo rir.

— Porco!

— Obrigado! – Erick sorri, fazendo sinal para a bartender encher mais o seu copo.

Nós estamos faz meia hora no bar irlandês que fica na esquina do hospital para onde inevitavelmente fugíamos a cada fim de plantão para encher a cara e pegar algumas garotas, se ainda tivesse força, antes de irmos para nossas respectivas casas e cairmos na cama para um bem-vindo sono depois de horas estressantes.

— Mais uma para você também? – A bartender pergunta numa voz de inconfundível interesse o que me faz levantar o olhar da cerveja para dar uma checada. Definitivamente gata com cabelos pretos, tatuagem nos braços e sacanas olhos azuis que piscam pra mim sem

nenhum disfarce.

— E aí, estou pensando em encurralar em alguma sala aquela interna, a baixinha gostosa, o que acha?

Falar das internas azeda meu humor e faz qualquer interesse que eu começava a ter na bartender desaparecer feito fumaça e no lugar ressurgir a raiva que eu vinha tentando camuflar o dia inteiro desde que ela cruzara meu caminho de novo.

Elizabeth Spencer.

Ainda irritantemente linda. Ainda irritantemente sexy.

Ainda fodendo a minha vida.

— E você? Vai investir na branquinha? Como é mesmo o nome? Spencer? Se bem que me falaram que você e Emily andaram sacudindo algumas aspirinas hoje no armário de medicação. Não posso culpá-lo, Emily é gata pra cacete. Se quiser deixar a branquinha pra mim...

— Cala a boca! – Grunhi irritado com o solilóquio de Erick que já fala merda sóbrio, com a bunda cheia de cerveja ficava ainda pior.

— Ei, calma, amigo! Já entendi que a Spencer é território proibido – Ele solta uma risada, limpando a boca de cerveja – se bem que é só até que você se canse né? O que sempre acontece, aí eu e o meu colega aqui estaremos a postos para consolá-la – ele segura o saco e eu tenho vontade de fazê-lo engolir as próprias bolas por

apenas estar sugerindo que vai passar aquele pinto sujo na minha garota.

Espera. Minha garota? Que diabos eu estava pensando?

Eu não via Liz a quase nove anos. Nós ficamos juntos um tempo tão ínfimo que nem sei se eu podia chamar o que tivemos de relacionamento.

E tudo acabara mal. Muito mal.

Ok, eu a considereei minha um dia.

Agora ela era apenas uma interna no hospital.

Eu tinha que continuar pensando assim.

— E falando nelas... — Erick cantarola, entornando mais cerveja e eu acompanho seu olhar para ver os jovens internos entrando em bando no bar.

E lá está ela. A razão do meu tormento.

E de súbito o tesão que faz meu pau se contorcer dentro das calças.

Maldito traidor.

Maldita Spencer!

Os internos seguem entrando ruidosos como gralhas, se agrupando numa mesa, meus olhos seguem como um falcão aquela que eu deveria estar evitando a qualquer custo.

E então, seus olhos se levantam e se encontram com os meus.

Por um momento eu esqueço como respirar. Meu coração bate num ritmo estranho e ele só foi idiota para bater assim somente uma vez na vida e foi justamente por causa daquela garota.

E eu odiava isto.

Desvio o olhar com um resmungo irritado e Erick ri ainda mais alto.

— Caralho, que foi isto? Até eu estou com tesão.

— Você devia calar esta maldita boca – rosno, jogando algumas notas em cima do balcão e me levantando.

— Ei, aonde vai?

— Tenho um jantar na casa do meu pai – Infelizmente, completo mentalmente. Hoje tudo o que eu queria era um longo banho e a solidão do meu apartamento. Talvez uma garrafa de whisky e dormir bêbado de lembranças doloridas.

— Ah cara, que merda. Boa sorte – Erick levanta o copo. Ele já está bêbado. Hoje teria que se virar sozinho.

Eu ainda lanço um olhar para a mesa dos internos, que riem e conversam alto e vejo Liz rindo de algo que Mark disse e não consigo evitar o desgosto ao ver o olhar idiota que ele descarrega nela.

Mais irritado ainda, eu saio do bar e sinto alívio por não estar mais no mesmo ambiente que Liz Spencer.

Ao mesmo tempo me lembro que tenho que ir pra minha casa, tomar um banho rápido e me tornar decente para ir pra casa do meu pai. O que seria ótimo em qualquer outra circunstância que não envolvesse sua noiva vadia, Paola Becker.

Minha vida estava mesma muito fodida.

A bela casa em estilo vitoriano com um jardim magnífico me saúda quando estaciono meu carro e, respirando fundo, desligo o motor e fico um momento ali, olhando para a construção além do verde luxurioso que minha mãe tanto amou. Uma mãe que eu não conheci.

O jardim ficou malcuidado por muitos anos depois de sua morte, com meu pai mais preocupado em construir sua fenomenal carreira médica até que ele conheceu Diana e em seu breve casamento, ela se esforçou para deixar o jardim como antes.

Assim como nossas vidas. Eu teria sentido falta dela quando se divorciaram se já não estivesse em Harvard ocupado como a minha própria ascensão. Realmente achei que eles dariam certo, seu divórcio só fez aumentar a minha crença que as pessoas não foram feitas para viverem juntas para sempre. Relacionamentos sempre estavam fadados a acabar e a foder com a vida de quem se apaixonava.

Meu pai se ferrou por anos porque continuava

apaixonado pela minha mãe.

E Diana porque amou meu pai que nunca foi capaz de retribuir, ainda preso à figura da esposa morta.

E eu? Bom, eu fugi do amor enquanto era tempo.

A merda é que agora eu sentia que este filho da puta tinha me alcançado. Mil vezes inferno.

De repente escuto uma risada e sorrio, sentindo o amargor deixar meu peito como um passe de mágica.

Saio do carro e nem cheguei à porta quando um pequeno furacão se choca contra mim.

— Thomas você veio!

Eu sorrio ao erguê-la do chão, rodopiando seu corpo pequeno vestido de xadrez pelo ar antes de seus bracinhos rodearem meu pescoço com força.

— Claro que eu viria, pitoco.

Ela me encara com os olhos franzidos.

— Não me chama de pitoco, eu cresci cinco cm! Me mediram na escola ontem!

Eu rio, levando-a pra dentro e Amber está descendo as escadas. Usa um lindo vestido vermelho que faz um contraste bonito com seu cabelo loiro. Ela estava sempre bonita, mas não seria eu a elogiá-la. Não mesmo.

— Olha, Amber, o Thomas chegou! – Nina diz ainda com os braços presos no meu pescoço – você disse que ele não viria!

Amber sorri para nossa irmã. A única coisa que era uma constante entre nós.

Desde a chegada de Nina, ela teve o dom de ser uma espécie de trégua entre nossas brigas. Nós a amávamos e protegíamos ferozmente.

Eu ainda não entendia como Diana concordou em deixá-la com meu pai quando foi embora. Mas nós agradecíamos muito por isto. A casa não seria mesma sem a presença de Nina.

— Parece que eu errei querida – Amber responde – agora por que não desce do colo do Thomas e vai ver com a Maria se o jantar está pronto?

— Eu não quero ir na cozinha! A Paola está lá dando bronca na Maria.

Eu e Amber trocamos um olhar.

Amber também não gostava nada do fato de o meu pai estar com Paola. Isto porque ela não fazia ideia do meu relacionamento com Paola. E era melhor que continuasse assim.

— OK, eu vou ajudar a Maria a se livrar da bruxa!
– Amber resmungava e Nina arregala os olhos

— A Amber chamou a Paola de bruxa!

Eu rio e a coloco no chão.

— Não conte ao papai.

— Não é legal chamar ninguém de bruxa, né?

— Não, não é. Mas não quer deixar a Amber em maus lençóis com o papai quer?

— Claro que não!

Nós entramos na sala e meu pai está lá folheando uma revista médica e tomando whisky.

— Aí estão vocês – ele sorri ao nos ver.

— Ainda bem que o Thomas veio não é papai?

— Eu falei que ele viria, docinho. – Mau pai me encara – e aí, como foi o primeiro dia com os internos? Correu tudo bem?

— Sim, tudo perfeitamente bem – digo com ironia que passa despercebida a Jack.

— Que ótimo! Espero que continue assim.

— Vai continuar papai.

— Este cargo vai ser muito importante para sua ascensão no hospital. Não está longe o dia da minha aposentadoria...

— O que é aposentadoria? – Nina senta no meu colo.

— É quando alguém para de trabalhar.

— Ah, então eu sou aposentada?

Nós rimos.

— Não, pitoco, só os velhos são aposentados.

— Papai não é velho! – Ela refuta.

— Sim, papai, você não é velho – eu concordo.

Jack tinha 58 anos e estava muito bem para sua idade. Havia alguns fios grisalhos em seus cabelos loiros, mesmo assim ninguém lhe daria mais de 40. – E muito me admira que já queira se aposentar.

— Eu não sou mais um garoto, filho. E ando pensando em aproveitar um pouco da vida enquanto ainda não sou tão velho.

Eu disfarço uma careta. Provavelmente era por isto que ele estava namorando uma mulher 25 anos mais jovem.

— Por isto que estou treinando você para ficar no meu lugar...

— Por que Thomas tem que ficar no seu lugar? – Amber entra na sala seguida de Paola.

Paola me lança um olhar agudo, se aproximando do meu pai, sentando ao seu lado.

— Porque é o natural, Amber – meu pai responde.

Amber morde os lábios, num gesto de frustração e fúria que eu já vi muitas vezes.

Ela odiava que meu pai preferisse a mim.

— Natural por quê?

— Porque ele é meu filho.

— Eu também sou sua filha.

— Amber, não vamos começar de novo!

— Não acho nada justo! Eu sou médica também.

Eu sou uma boa médica!

— Nunca disse que não era!

— Então por que sempre faz tudo pelo Thomas?
Eu poderia ficar no seu lugar e seria melhor que ele!

— Pelo amor de Deus, não quero discutir hoje,
Amber – ele se levanta – vamos comer!

Nós seguimos para sala de jantar com Amber
ainda emburrada.

— Não fica assim, irmãzinha – eu cochicho sem
evitar o sarcasmo e ela me dá um soco no ombro.

— Au!

— Ei parem com isto! – Jack reclama e Paola
sorri.

— Vocês são umas graças! Parecem criança
brigando! Sempre foram assim?

— Estes dois sempre foram como gato e rato –
Jack resmunga. – Achei que quando crescessem
melhoraria, parece que só piora.

— A culpa não é minha! – Amber se defende – eu
sou adulta, Thomas é que insiste em me irritar sempre!

— Você que é muito chata o tempo inteiro.

— Ei, chega! – Jack pede.

Nina pede a Amber que corte sua carne e ela
desfaz a carranca para ajudar nossa irmã.

— Bom, ainda bem que não são crianças, senão

teria que pensar em alguns castigos por estar sendo mau com sua irmã, Thomas – Paola diz baixinho ao meu lado e eu arregalo os olhos, preocupado que alguém pudesse ter ouvido suas insinuações. Meu pai parecia distraído em uma conversa com Maria, nossa governanta, sobre o ponto do cordeiro e Amber estava ajudando Nina com a carne.

— Por favor, só fale comigo se for necessário – digo entredentes e solto um palavrão quando sinto suas unhas em minha coxa. Porra, que diabos ela estava pretendendo?

— Thomas! – Amber e Nina falam ao mesmo tempo e meu pai me encara.

— Desculpe – eu sei que estou vermelho – muita pimenta – minto, apontando para o molho que acabei de servir.

Nina ri.

— Thomas falou palavrão!

— E você nunca deve dizer querida – Amber afirma.

Paola recua para meu alívio e o jantar transcorre sem percalços.

Depois eu e Amber conseguimos nos livrar da presença do casal indo pro quarto de Nina, jogar banco imobiliário com ela.

Após algumas partidas ela começa a bocejar e nós decretamos hora de ir para cama.

— Vai dormir aqui? — Ela pergunta sonolenta, quando eu puxo a coberta sobre seu corpinho. Amber tinha ido até a cozinha buscar seu copo de leite.

Eu acaricio seu cabelo.

— Não, pitoco, eu tenho que ir pra casa.

— Você não tem casa!

— Como assim?

— Você tem um apartamento.

— É a mesma coisa.

— Não é! Aqui é muito mais legal! Você prometeu pra mim que quando voltasse de vez de Harvard ia morar aqui comigo!

Eu suspiro. Eu prometi muitas coisas pra Nina, sempre culpado ao fim de cada fim de semana ou férias, quando voltava à escola de medicina.

É claro que quando eu voltei à cidade e fui fazer residência me mudei para meu próprio apartamento.

— As pessoas adultas têm suas próprias casas, Nina.

— Mas a Amber mora aqui!

Amber é uma puxa-saco — eu queria dizer, porém optei por uma abordagem mais branda.

— A Amber um dia vai ter a própria casa também.

— Quando ela casar?

— Pode ser — eu sorrio. Imaginando qual coitado

aceitaria Amber até que a morte os separe.

— Papai vai mesmo casar com a Paola?

— Hum, é uma boa pergunta – eu sento do seu lado e a encaro – que você pensa sobre isto?

Ela dá de ombros.

— Eu não sei. Às vezes sinto falta de ter uma mãe.

Eu tento conter a onda de raiva que sinto de Diana no momento.

— Você tem uma mãe, pitoco.

— Que eu quase não vejo! Eu queria uma mãe que morasse comigo.

— Você tem a Amber para cuidar de você. E a Maria.

— Não é a mesma coisa.

— Então você quer que o papai se case com a Paola?

Era difícil pra mim imaginar Paola sendo a figura materna de alguém.

Contudo, eu nunca a tinha visto destratar Nina, ela era sempre simpática com a criança, trazia presentes e aguentava seu papo infantil. Eu desconfiava que era apenas para agradar meu pai.

E se eles realmente se casassem, ela seria uma boa mãe para Nina?

Nina boceja, sem responder. Em vez disto ela fica

pensativa e eu me pergunto se ela dormiu, então, de repente ela me encara.

— E você vai casar?

— Eu?

— É, todo mundo se casa, não é?

— Não eu, pitoco.

— Por que não?

Como explicar a uma criança que eu não acreditava em amor eterno, casamento e aquele tipo de baboseira?

— Acho que já é hora da mocinha ir dormir! – Eu beijo seu rosto, ao mesmo tempo que Amber entra no quarto.

— Olha aqui seu leite.

— Thomas vai dormir aqui? Por favor! – Nina insiste – amanhã você poderia me levar a escola.

— Tudo bem – eu acabo concordando. Era muito difícil dizer não a aquela criança.

Eu me levanto e, dando boa noite as duas, saio do quarto.

Antes que alcance a segurança do meu próprio quarto, Paola aparece no meu caminho.

Eu tento passar por ela ignorando-a. Obviamente, Paola não deixará as coisas tão fáceis para mim.

— Está bravo comigo?

— Sério? – eu não consigo acreditar naquela cara de pau.

Ela sorri.

— Você está.

— Eu não estou bravo. Eu apenas estou tentando te ignorar, algo que você está tornando difícil.

— Por que quer me ignorar?

— Por que você é a noiva do meu pai? – Eu levanto a sobrancelha cheio de ironia.

Ela sorri dando um passo à frente.

— Por isto mesmo não devia me ignorar. Somos família agora.

— De boa, qual é a tua?

— Como assim?

— Você fez suas escolhas. Começou um relacionamento com meu pai. Estão noivos. Então por que diabos fica dando em cima de mim ainda?

Ela se aproxima ainda mais. Rápido demais.

Só há a parede atrás de mim.

— Ainda pergunta? – E sem aviso, ela fica na ponta dos pés e cola os lábios nos meus.

— Que diabos está acontecendo aqui? – Eu congelo quando Paola se afasta e vejo Amber nos encarando horrorizada.

— Eu vou dormir, com licença. – Paola se afasta

pelo corredor e Amber ainda está chocada.

— Não é o que está pensando – eu digo a frase mais clichê de todas e Amber finalmente sai do seu torpor.

— Não posso acreditar no que eu vi! Você é pior do que eu pensava Thomas!

— Já disse que não é o que parece.

— Ah não? Você estava beijando a Paola! Que, apesar de ser uma vaca, é a noiva do seu pai!

— Disse uma verdade. Paola é uma vaca e ela estava me beijando e não o contrário!

— Ah, por favor!

— Você está sempre pronta a acreditar no pior!

— Em se tratando de você sim!

— Acha que eu seria capaz de fazer isto com o papai?

— Eu não achava, aparentemente estava enganada, não é?

— Eu não beijei a Paola! Ela que me encurralou aqui no corredor e me beijou!

— E por que ela faria algo assim, a não ser que tivesse um convite?

— Quer saber a verdade? A gente teve sim um caso. Que durou meses.

— O quê?

— Exatamente e era apenas uma transa. Então ela

se envolveu com nosso pai e tudo acabou.

— Acabou? E o que foi que eu vi hoje?

— Apenas Paola sendo vadia.

— Deixa ver se eu entendi. Você comeu a Paola por meses e ninguém sabia?

— Erick sabia.

— Tinha que ser! Enfim, vocês tiveram um caso e então ela decidiu dar em cima do papai? Por que ela faria isto?

— Porque ela é uma piranha interesseira.

— Ah, ela preferiu o tubarão.

— Pois é.

Amber sorri cheia de sarcasmo.

— Então você perdeu a garota para seu velho pai?

— Cala a boca, Amber!

— Bom, é exatamente assim que eu vejo as coisas!

— Pode ver do jeito que bem entender, contanto que não conte nada disto ao papai.

— Ele não sabe?

— Claro que não!

— Ele tem que saber.

— Não, não tem!

— Não está certo enganá-lo deste jeito! E quem sabe assim ele não dá um fora naquela vaca!

— Você não pode contar, Amber.

— Por que não? Não quer ficar mal com o papai, não é? Certamente ele não ficará nada feliz em saber que estão dividindo a mesma mulher!

— Não diga besteira! Não estamos dividindo nada!

— Não? – Ela levanta a sobrancelha.

— Não! Meu caso com a Paola terminou quando ela começou a sair com papai.

— Meu Deus, isto é tão nojento! Esta Paola é pior do que eu pensava!

— Concordo totalmente.

— Por isto mesmo não podemos deixar o papai com uma piranha destas!

— Não vai se intrometer, Amber.

— Como pode deixá-la se casar com o papai? Ainda mais quando ela ainda fica se esfregando em você como uma gata no cio? A não ser que esteja gostando disto e pretendendo...

— Não pretendo nada! Eu já disse à Paola que não quero mais nada com ela, parece que está sendo difícil para ela entender.

— Mais um motivo pra contar ao papai!

— Não é uma boa ideia.

— Não entendo!

— Ele vai sofrer Amber. Ele está feliz, Deus sabe que a Paola pode ser uma vadia, porém ela é uma vadia esperta e está fazendo tudo direitinho pra ele comer na mão dela.

— Pois isto precisa acabar!

— Eu acho que vai acabar sim. Só terá que ser sem que ele saiba sobre mim e Paola.

— Não acredito em você! Está somente preocupado com sua própria pele. Pois eu vou contar tudo a ele!

— Amber...

— Nem adianta insistir! Amanhã eu vou contar exatamente o que eu vi e o que me contou! E ele vai acabar com esta palhaçada de noivado.

— E vai me odiar também. É o que você mais quer!

— E é exatamente o que você não quer, não é? Boa noite, Thomas!

Ela passa por mim e entra no próprio quarto.

A mim, nada resta fazer a não ser ir pro meu quarto também.

Eu estou cansado e com sono e não adianta nada me preocupar com o que Amber e sua língua grande vai fazer amanhã.

Talvez ela tenha razão e seja melhor assim. Que papai saiba logo de tudo e se livre de vez de Paola.

E fique enfurecido comigo.

Amber tinha razão e era justamente isto que eu queria evitar.

Agora esta decisão fora tirada de minhas mãos. E estava na mão da minha ciumenta irmã.

Que bela merda pra fechar com chave de ouro aquele dia infernal!

E como se tudo já não fosse o bastante, de repente vejo meu antigo quarto de forma diferente esta noite.

Eu fecho a porta atrás de mim e meus olhos recaem no quadro na parede.

O quadro dela.

E então minha mente está infestada de lembranças.

Ela já esteve ali comigo. Naquele quarto. Naquela cama...

Oito anos antes

Eu tinha sido um idiota.

Era a única coisa que eu conseguia pensar quando acordei naquela manhã, com uma tremenda dor de cabeça e uma ressaca monstro.

Eu tinha estragado tudo com Liz.

Claro, eu poderia deixar para lá. Poderia sair hoje à noite e conseguir qualquer garota que eu quisesse.

Porém a verdade é que eu não queria ninguém. Eu estava com uma pequena obsessão por aquela garota.

Então por que eu tinha detonado com nosso encontro?

Tudo começou quando eu arreguei na hora de fazer a merda da tatuagem. Simplesmente porque desde que eu me conhecia por gente, eu tinha um certo pavor de agulha.

Era isto: eu era um banana quando se tratava daquele ridículo objeto perfurante.

Tentei enrolar, pedindo pra ela fazer primeiro e fiquei aguardando na sala de espera, sentindo-me suar frio e uma crescente vontade de vomitar.

Então, quando Josh apareceu dizendo que tinha

terminado a tatoo de Liz e podia ao menos contornar a minha eu pedi que ele inventasse que não daria tempo. Ele havia levantado a sobrancelha interrogativamente, não sei se desconfiando dos meus motivos ou não, então dera de ombros concordando.

O que me deixou bem aliviado.

Eu não imaginei que Liz ficaria tão puta. E acabaria indo embora do estúdio com o tatuador traidor.

Eu devia ter deixado aquela garota pra lá naquele momento, mas não. Eu fui atrás.

E passei a noite inteira bebendo e secando-a de longe. Me perguntando se ela beberia o suficiente pra eu poder me aproximar e levá-la para alguma parede, prensando-a lá até que ela cedesse e esquecesse aquela história boba de tatuagem.

Como eu não estava com sorte e ela se aproximara de mim, gritando e me esculachando, o que bem lá no fundo eu sabia que merecia, embora não fosse admitir. Então eu decidi pela escrotice habitual, o que só serviu para deixá-la com mais raiva, e eu terminei a noite levando cerveja na cara.

Mil vezes porra! Que garota insuportável.

Eu fui pra casa bêbado, fedendo e jurando que pra mim bastava.

Mas, assim que eu pousei minha cabeça bêbada no travesseiro, eu só conseguia pensar que eu tinha sido

mesmo um babaca com ela.

E um sentimento muito parecido com arrependimento e culpa começou a se arrastar sobre minha consciência.

E agora eu estava bem acordado e pensando que tudo o que eu queria era uma segunda chance. Como me redimir caralho?

Eu me levantei, me arrastei até o banheiro, tomei um banho demorado e um plano começou a se delinear na minha mente.

E algumas horas depois eu estava batendo em sua porta.

Algo esquisito fez meu peito se contrair, quando escutei seus passos se aproximando. Uma vontade súbita de dar meia volta e fugir. Como se esta fosse minha última chance... Mas para quê?

Era um sentimento estranho. Querer muito e temer muito ao mesmo tempo. Eu não conseguia entender. A necessidade que eu tinha de vê-la de novo venceu e eu ainda estava ali, quando a porta se abriu.

Ela estava um lixo.

Ela estava linda.

E claramente surpresa em me ver.

— Acho que te devo uma tatoo – foi tudo o que eu consegui dizer.

Eu havia ensaiado algumas desculpas no caminho.

Pensando em que tipo de humilhação eu poderia oferecer. Se ela soubesse o quanto me custava estar ali oferecendo a merda da tatoo ela certamente entenderia que era o maior sacrifício que um cara que odiava agulhas como eu poderia oferecer.

Então, por um momento infinito, eu esperei. Ela me encarava com os olhos cinzentos arregalados.

Seu rosto pálido e cabelos desgrehados. Sua camiseta velha puída nos ombros.

Os lábios entreabertos em surpresa.

Merda. O que ela estava pensando?

Era um inferno não conseguir ler sua mente.

E eu já estava pensando se eu deveria dar meia volta e ir embora antes de passar a humilhação de vê-la fechando a porta na minha cara quando, sem aviso algum, ela se aproximou, sua mão subiu até minha nuca e puxou minha cabeça para baixo. Sua boca se chocando contra a minha.

Puta que pariu!

Eu estava beijando Liz Spencer.

Capítulo Seis

Liz

Não consigo evitar o alívio que sinto quando vejo Thomas sair. Eu vinha tentando disfarçar meu desconforto desde que chegamos ao bar irlandês. Eu estava ali por causa da forte pressão dos meus colegas, quando tudo o que eu queria era ir pra casa tomar um longo banho e gritar bem alto pra extravasar minha raiva daquele dia de bosta.

Infelizmente, todos meus digníssimos colegas insistiram que eu precisava comemorar nossa sobrevivência ao primeiro dia de residência médica tomando um porre.

Como se amanhã cedo a gente não tivesse que estar no hospital inteiros!

Então eu acabei concordando e tentei fingir não notar que Mark Geller parecia muito feliz, enquanto passava seus braços de mãos cheias de dedos por meus ombros e seguíamos para o bar.

Podia mesmo ser relaxante me afogar no álcool em vez de ruminar minha raiva sozinha em casa.

O que eu não esperava era me deparar com o motivo da minha desgraça no bar.

Que inferno Thomas tinha que estar ali? Agora seria sempre assim? Para onde eu me virasse eu me depararia com a fuça bonita, porém ordinária daquele cara?

Por um momento nossos olhares se encontraram e se prenderam e eu tentei evitar o traidor arrepio trespassando a minha espinha e as batidas erráticas do meu coração que deveria estar calejado do sofrimento que aquele cretino me fizera passar. Mas não, parecia que ele havia esquecido o quanto tinha sofrido há oitos por aquele imbecil e tinha batido descompassado, ameaçando pular do meu peito, simplesmente porque Thomas estava me encarando com aqueles olhos azuis que pareciam querer mergulhar nos meus e...

Eu consegui a muito custo conter a onda ridícula dos meus pensamentos suicidas e desviei o olhar e dali em diante foi só cerveja e falsidade.

Eu ri de todas as piadas toscas de Benjamin e Jenny e até ignorei a mão boba de Mark nos meus ombros. E foi com um suspiro de alívio que eu relaxei ao ver a razão do meu tormento desaparecer porta a fora.

— Ei, a gente podia sair pra jantar amanhã.

— Oi? – Eu encaro Mark que está ridiculamente vermelho.

— Jantar. Eu e você.

— Ah Mark, eu não sei... estou meio que ocupada...

— Deixa a garota em paz, Mark, ela não está interessada em você – Jenny grita e dá pra perceber pela língua enrolada e pelo tom estridente de sua voz normalmente chata que ela já está bêbada.

— Eu só estava convidando-a pra jantar, não era um encontro nem nada – Mark explica mais vermelho ainda.

Pobre Mark.

Eu quase tenho vontade de aceitar sair com ele só pra ver a chata da Jenny engolir suas palavras. Como não seria uma boa ideia, decido por uma mentirinha.

— Mark, você é um cara legal – eu digo com um sorriso de desculpa – mas eu meio que tenho um namorado.

A expressão de Mark cai.

— Ah... nossa, eu devia saber que uma garota como você teria alguém...

Eu mordo os lábios e dou de ombros, bebendo um longo gole do meu copo. Tentando não me sentir culpada por ter aumentado a realidade.

— Bom, eu preciso ir – digo algumas horas depois, todo mundo na mesa está super bêbado. Sam está paquerando a bartender. Julie está no colo de Benjamin

com a língua dentro de sua boca e Mark está se agarrando com... Jenny! O que as pessoas alcoolizadas não são capazes de fazer!

Eu me levanto e ninguém se dá conta da minha ausência. Eu deixo algumas notas no caixa e ponho meu casaco, saindo do bar.

— Ei, linda, quer uma carona? — Escuto a voz atrás de mim e me viro para ver o Doutor Erick sorrindo encostado na parede.

Eu rolo os olhos.

Carona? Sei bem o que ele esperava.

— Não obrigada — Sacudo as chaves do meu mini cooper — eu estou dirigindo.

— Não está bêbada pra dirigir?

— Estou mais sóbria que você, com certeza.

— Mas eu poderia te acompanhar.

— Não!

— Ok — ele sorri e levanta os braços — é melhor mesmo eu ficar longe da garota do Thomas.

Eu me volto, chocada.

— O que disse?

— Nada.

— Você disse garota do Thomas? Está louco?

— Eu não disse nada, relaxa!

Eu bufo.

— O que foi que seu colega te disse? Ele contou que já saímos juntos? Pois saiba que aconteceu há muito tempo e não dá a ele o direito de me chamar de sua garota, porra!

Erick arregala os olhos surpreso.

— Você e Thomas já saíram?

Ah merda. Ele não sabia.

Droga!

— Ah, vai pro inferno! – Eu me viro para entrar no carro, então me volto para Erick.

— Nem uma palavra sobre isto com ninguém no hospital, ok?

Ele não fala nada, como se a língua tivesse sido arrancada de sua boca.

Eu entro no carro e saio cantando pneu.

Que grande linguaruda Liz!

Dirijo até minha casa me sentindo cada vez mais cansada. E não só fisicamente. Aquele dia foi emocionalmente esgotante.

Primeiro dia no hospital já seria um drama. Mas, reencontrar Thomas Hardy pode ser considerado uma tragédia.

Estaciono na garagem e subo pro meu apartamento disposta a me fechar em meu cantinho e pensar no que eu faria da minha vida. Mas paro surpresa ao ver uma pessoa

dormindo encostada na minha porta.

— Peter!

Ele abre os olhos castanhos sonolentos e sorri enquanto eu vou em sua direção.

— Ei Lili.

— O que faz aqui?

Ele se levanta.

— Eu vim comemorar seu primeiro dia – sorri timidamente, mostrando uma garrafa de vinho.

E é a minha vez de sorrir, embora cheia de culpa.

— Você podia ter avisado que viria! Eu estava num bar com meus novos colegas – abro a porta e ele me segue para dentro.

Ainda é o mesmo apartamento que minha mãe me deu quando eu fiz 18 anos e entrei na faculdade. Mesmo depois de eu ir pra escola de medicina em Yale, eu continuava voltando, ali era minha casa.

— Eu queria te fazer uma surpresa – ele diz, tirando o casaco e jogando no sofá. Eu faço o mesmo e também tiro os sapatos. – Agora vejo que não foi uma boa ideia.

— Não mesmo.

Eu prendo os cabelos num coque e nos encaramos. É um momento meio estranho tê-lo ali.

Já faz alguns anos que eu conheço Peter White.

Nos conhecemos na faculdade e nos tornamos amigos imediatamente. Depois de alguns meses, tomamos um porre juntos e acabamos na cama.

Foi o começo de uma longa e bela amizade colorida, que resistira até ao fato de eu ter saído da cidade pra estudar medicina, enquanto ele ficara e arranjava um emprego na construção civil (Peter era engenheiro). Era um bom arranjo pra uma pessoa como eu. Que se tornou alérgica a relacionamentos e deus me livre, amor, depois da desilusão com aquele que eu preferia não nomear até hoje, mas agora não adiantava nada fugir do seu nome.

Depois da desilusão com o cuzão do Thomas Hardy.

Peter me entendia e gostava de mim do jeito que eu era e nosso arranjo sempre foi perfeito para nós porque éramos amigos acima de tudo.

Ao longo daqueles anos, ele saía com outras garotas e até havia namorado algumas. Assim como eu tive a minha cota de romances de uma noite, como qualquer universitária. Mas nós sempre podíamos contar um com o outro para um pouco de carinho e conversa sincera. E um tantinho de sexo também, porque não?

Peter era bem gato, com sua tez morena e cabelos pretos e com ele eu não precisava ficar me preocupando se estava de cabelo penteado ou de lingerie bonita. Também não precisaria me preocupar com desculpas para

mandá-lo embora no dia seguinte, como acontecia com outros caras.

Eu adorava Peter por isto.

Porém, desde o último verão, antes de eu voltar de vez pra cidade para fazer residência, as coisas andavam estranhas.

Eu havia ligado pra ele convidando-o para viajar comigo, fazer um tour pela Europa antes de me jogar de vez na vida de médica residente e ele me contou que estava namorando.

— Ah, jura? Que ótimo – eu tentei disfarçar minha decepção. Não era ciúme nem nada. Peter já namorara outras vezes e eu até cheguei a conhecer algumas delas. Não que a gente continuasse transando quando ele estava namorando. Peter era um cara fiel. A gente “dava um tempo” nas transas e entrava no modo amigo. E eu sempre me perguntava quando uma daquelas garotas seria “a garota” e eu e Peter entraríamos no modo amigo pra sempre. Até agora, os relacionamentos dele nunca deram certo. E ele sempre voltava pra nossa amizade colorida.

— Sim, o nome dela é Hannah, acho que já te falei dela.

— Hum sim, eu me lembro. – Hannah era uma amiga de infância de Peter e eu sentia sim pouco de ciúmes porque ela era amiga dele muito antes de mim, quase da família. E agora eles estavam namorando? –

Quer dizer que estão namorando, achei que fossem amigos? – Me incomodou pensar que Peter era amigo colorido de Hannah como era meu.

— Por que acha estranho? Amigos podem se apaixonar...

— A gente não se apaixonou – revidei. Nem sei porque. Não era como se eu quisesse me apaixonar por Peter era?

De repente eu me toquei por que estava brava. Era por isto. No fundo, eu sempre desejei me apaixonar por ele. Desejei acordar um belo dia, e estar livre daquele fardo que eu carregava no meu peito. Aquela dor que, por mais que o tempo passasse, se recusava a desaparecer.

Eu era mercadoria avariada. Nem Peter conseguiu me consertar.

Então porque doía saber que ele estava seguindo em frente sem mim? Eu era muito egoísta. Devia deixá-lo ir.

— Lili...? – Ele falara do outro lado da linha e eu percebi que depois da minha última frase, nós tínhamos ficado em silêncio.

— Ei, esquece. Foi bobagem dizer isto! Eu estou muito feliz por você e Hannah. Me conta, o que vão fazer no verão?

— Nós vamos acampar nas montanhas.

— Uau, que romântico, senhor White.

— Você me conhece – ele rira – porém agora estou me sentindo culpado por não poder ir com você... Se tivesse me falado antes...

— Não seja tolo! Eu vou com Valerie.

— Valerie? Ainda são amigas?

— Claro – menti. Eu e Valerie não nos falávamos há tempos. Nossa amizade não resistiu aos anos – Eu já tinha comentado com ela, acho que vai ser ótimo. Uma viagem de garotas.

Eu consegui enrolar Peter e depois minha mãe acabou me convencendo a viajar com ela, na sua interminável tour de palestras pelo país. O que foi um porre. Pelo menos eu não fiquei sozinha.

E agora Peter estava ali de novo. Com uma garrafa de vinho.

— Hum, como está Hannah? – Faço a pergunta que não quer calar.

Ele coça o cabelo.

— A gente terminou.

— Sério? Eu sinto muito, Peter – e eu sentia mesmo. Eu tinha me acostumado com a ideia de ele namorando e até me convencera de que ela podia ser “a garota”. Peter merecia ser feliz. – O que aconteceu?

— Que tal abrir o vinho e eu te conto?

— Não sei se seria saudável eu beber mais. Já tomei umas cervejas!

— Uma taça não vai te matar.

— Sei! – Ele abre a garrafa e eu pego duas taças.

E uma hora depois nós estamos no sofá, embalados pelo vinho com Peter me contando tudo sobre ex.

A tal Hannah aparentemente era uma doida ciumenta e por isto Peter terminou com ela, depois de muitas brigas.

— Você não sabia que ela era assim?

— Ela é uma amiga legal. Mas como namorada, foi difícil.

— Sinto muito, você estava apaixonado?

— Acho que sim.

Eu toco sua mão.

— Talvez ainda consigam voltar.

— Eu não sei – ele entrelaça os dedos nos meus. Fácil. – E você?

— Eu?

— Sim, como foi a viagem com a sua mãe? Ainda não acredito que trocou a Europa por Bárbara!

— Eu sei! – A gente ri – Sabe como é minha mãe, ela consegue me convencer das coisas mais absurdas e me fez acreditar que seria ótimo pra minha carreira médica!

— Que merda de férias hein?

— Pois é!

— E como foi seu primeiro dia?

Eu solto sua mão e encho mais a taça, embora tenha dito que não ia beber, já era a terceira.

A agradável companhia de Peter tinha me feito esquecer o fiasco que fora aquele dia, agora toda a merda voltava a minha mente.

— Uma porcaria – murmuro tentando sorrir, sem o menor sucesso.

— Oh, Lili, tão ruim assim?

Eu dou de ombros.

— Primeiros dias são difíceis né? Acho que com o tempo eu me acostumo.

— E foi só isto? – Seu olhar sonda o meu – porque acho que tem coisas que não quer me contar?

Eu desvio o olhar, enterrando meu rosto na taça.

De repente quero contar a Peter sobre o único segredo que eu havia guardado dele. Quero contar sobre Thomas, mas me calo.

Eu nunca fui capaz de contar a Peter sobre minha breve relação com Thomas e o quanto aquilo me feriu. Acho que Peter desconfiava que houve alguém na minha vida que me magoara, mas eu nunca me senti à vontade para contar a ele. E nem a ninguém.

— Estou com sono. E bêbada – eu me levanto pegando as taças e a garrafa levando-as pra cozinha.

E, quando estou voltando, me choco com o corpo de Peter que está muito perto do meu.

E então, sem aviso, ele está me beijando.

Minha primeira reação é empurrá-lo.

— Peter, não é uma boa ideia – eu descolo nossos lábios, porém ele não me solta.

Uma parte de mim não quer que ele solte.

— Por que não? Eu senti saudade de você.

— Eu também senti, mas... Você acabou de terminar com a Hannah, ainda está apaixonado por ela...

— Hannah não tem nada a ver com isto. – Ele me faz encará-lo – isto é a gente. Sendo o que a gente sempre foi. É o que estou precisando agora. O que eu senti falta.

E ele me beija de novo. Desta vez eu não me afasto.

E deixo que ele me leve pra cama.

O dia mal amanheceu e eu já estou acordada. Seguro uma xícara de café e olho o sol se infiltrando por entre as nuvens.

Eu ainda estou com sono, mas me sinto inquieta demais pra dormir.

Naquela noite, nem os braços de Peter me acalmaram.

O sexo foi bom como sempre, então, depois ele dormiu e eu fiquei acordada um longo tempo, ruminando o que eu ia fazer no dia seguinte.

Eu não queria voltar ao hospital e ver Thomas de novo.

No entanto eu sabia bem lá no fundo que não podia sair de lá. Minha mãe não permitiria.

Sei que era ridículo, uma mulher adulta de 26 anos ter medo da mãe. O problema é que Bárbara faria da minha vida um inferno se eu pedisse pra trocar de hospital. O Mercy era o melhor hospital de Chicago e ela mesma fizera sua residência lá.

Então eu me obriguei a dormir, conformada que eu teria que ser forte e aguentar o tormento que seria ter Thomas Hardy por perto.

Só que com o sono vieram pesadelos.

Todos envolvendo Thomas e coisas que eu queria esquecer. Até que eu desisti de dormir e me levantei, tomando um longo banho.

— Ei, já acordada? – Peter aparece no corredor e eu sorrio.

— Daqui a pouco tenho que trabalhar.

— Claro, doutora Spencer – ele sorri, vem até mim e me beija.

Eu me sinto pouco à vontade agora que não estou mais bêbada e estamos à luz do dia.

Peter percebe e se afasta. E é sensato em não falar nada, embora eu perceba algo estranho em seu olhar.

— Eu vou tomar um banho antes de puxar o carro, ok?

— Fique à vontade! — me levanto — e vê se não acaba com meu shampoo.

Ele ri e se afasta pro banheiro.

Eu vou para o quarto e me arrumo para trabalhar. E, quando estou indo para a cozinha preparar algo pra comer, levo um susto ao ver a porta se abrindo e minha mãe entrando sem cerimônias.

— Bom dia querida.

— Mãe, que diabos está fazendo aqui? — E por que demônios ela tinha minha chave ainda?

— Por que esta cara?

— Você estava num simpósio...

— Tenho dois dias de folga. Decidi vir ver minha filhinha! — Ela se aproxima e coloca várias sacolas de mercado na bancada da cozinha.

— O que é isto?

— Comida, oras! Tenho certeza que não está se alimentando direito!

Eu rolo os olhos.

— Mãe, fala sério!

— Não faça esta cara! Agora que está trabalhando,

precisa comer melhor ainda! Já deve ter percebido que plantões não são fáceis!

— Eu sei me alimentar, não precisa vir me trazer comida!

Ela revira os armários que estão realmente vazios.

— Não estou vendo nada aqui! E este vinho e... — Seus olhos recaem sobre a garrafa de vinho vazia e as duas taças sujas sobre a pia.

Seu olhar de ave de rapina se prende em meu rosto culpado.

— Teve companhia ontem?

— É...

— Ei, Lili, tem cereal aí?

Peter escolhe aquele momento pra sair do quarto, graças a Deus vestido.

Ele para ao ver Bárbara.

— Oh, olá Bárbara.

Minha mãe não retribui o cumprimento, seu rosto se contrai quando ela entende o que Peter está fazendo ali.

— Mãe, não preciso apresentar o Peter, não é?

— Eu conheço o Peter White seu amigo, não o... — Ela escolhe as palavras — namorado...?

— Mãe, por favor! — Eu começo a me irritar.

— Bom, acho melhor eu dar o fora! Foi bom rever você Bárbara! — Peter pega o casado e acena pra mim — eu

te ligo Lili.

Ele fecha a porta atrás de si e Bárbara me encara.

— O que está acontecendo aqui?

— Que pergunta mãe, não é obvio?

— Está namorando Peter White?

— Não! Nós somos amigos.

— Amigos com benefícios? Eu não sabia.

— Porque não é da sua conta!

— Calma! Eu só me preocupo com você! Se Peter for apenas um amigo, tudo bem. Só não pode se envolver em algo sério!

— Por que não? Peter é um cara legal – eu retruco só pra fazer um ponto. Ela não tinha o direito de ficar ditando o que eu devia ou não fazer na minha vida amorosa.

— Não pode deixar nenhum homem te tirar do seu caminho de sucesso. – Bárbara diz enfaticamente – Você não se lembra o que aconteceu quando se apaixonou antes?

— Eu tento esquecer, você é que faz questão de ficar lembrando! – Eu grito irritada.

E Bárbara recua.

— Nossa! Calma! Eu só falei pra te lembrar o que acontece quando confiamos nos homens!

— Já chega mãe! Que inferno este assunto!

— Ok, me desculpa. Agora me conta como foi ontem?

— Mãe... estou atrasada. — Eu pego meu casaco e as chaves do carro.

— Mas já? Eu queria que a gente conversasse durante o café...

— Não vai dar.

— Podemos jantar juntas pelo menos?

— Tudo bem eu vou até sua casa, ok?

Eu saio e bato a porta atrás de mim, deixando Bárbara e sua insistente necessidade de me controlar para trás.

Ligo o som do carro e respiro fundo várias vezes.

A música que está tocando é muito conhecida pra mim e me faz mergulhar de volta no passado...

Oito anos antes

Thomas Hardy estava me beijando, e me tocando.

Me prensando contra a porta depois que me arrastou para dentro e bateu o pé para fechá-la, me encostando nela no processo.

E era perfeito.

Seus lábios. Sua língua. Seu gosto.

Tudo misturado num coquetel intoxicante, que deixava minha cabeça rodando e meu corpo queimando em lugares estratégicos. Lugares estes que estavam ansiando para que as mãos de Thomas fizessem uma visita em breve, muito em breve, por favor, elas estavam implorando.

Um gemido saiu dos meus lábios diretamente para dentro da sua boca e encontrou o gemido dele, eles se misturaram e se completaram assim como nossas respirações.

Assim como as batidas de nossos corações.

— Eu sabia que ia ser perfeito — Ele sussurrou contra minha boca quando finalmente o beijo terminou e

nossas testas se juntaram confabulando sobre o quão bom era estarem juntas.

— Eu sei...

Eu respirava erráticamente, meus dedos grudados naqueles cabelos bagunçados que eu podia confessar agora, sentira vontade de puxar desde a primeira vez que eu o vi e ainda o achava um escroto.

Agora eu só me perguntava por que não tinha o beijado antes.

Nós quedamos ali, nossa respiração se misturando, as mãos de Thomas bem presas nas minhas costas, como se temesse minha fuga. Como se fosse possível! Eu queria morar ali pra sempre, entre aqueles braços.

Eu queria falar tanta coisa, porém a eloquência me abandonara e Thomas teria que se contentar com um suspiro feliz.

Ele me apertou mais.

E eu adorei.

— Porra, isto é bom demais – ele sussurrou e eu sorri quando sua cabeça se enterrou em meu pescoço – e este cheiro... – ele aspirou em meu pescoço, antes de seus lábios tocarem minha pele e eu gemi de novo. E de novo.

Minhas pernas bambearam, ao sentir sua boca percorrendo um caminho de fogo até minha orelha.

— Porra – fiz eco de suas palavras e, com um

gemido rouco, ele me beijou de novo. Intensa e profundamente, me tirando o fôlego e o resto que ainda sobrou de minha sanidade. E desta vez todo meu corpo pulsou em uma excitação febril, meu sangue acelerando nas veias e correndo para algum lugar entre minhas pernas.

E as mãos de Thomas deslizaram por minhas costas e pousaram na minha bunda apertando meus quadris contra os dele e nós dois gememos quando senti sua óbvia excitação.

Rápido assim.

Assim mesmo.

E quem se importava?

E eu já estava prestes a implorar para que ele me levasse para minha cama ainda desfeita e desfizesse aquele nó dentro de mim, quando ele se afastou. Suas mãos me empurrando brevemente e eu abri os olhos atordoados.

— Porra, Liz, se disser, por favor, deste jeito de novo, eu desisto de ser um cara legal e te fodo contra esta porta.

— O quê? – Eu murmurei perdida – eu disse isto?

Que merda, eu nem me lembrava. Acho que já estava delirando.

— Me desculpe – murmurei com o rosto vermelho.

Não quis dizer a Thomas que ele estava longe de

ser um cara legal, se levarmos em conta o bosta que foi ontem comigo, mas que, no estado de excitação em que ele me deixara, eu nem estava me importando.

Ah Deus, estava muito ferrada.

Agora sou eu que dou um passo atrás, tentando voltar ao modo sensato.

— O que está fazendo aqui? – Perguntei por fim.

Ele foi mesmo um babaca ontem não foi? E agora estava ali na minha porta. Me beijando. Me pegando... Foco Liz!

Ele passou os dedos pelos cabelos bagunçados.

— Eu preciso te pedir desculpas. Eu fui um babaca.

— Eu sei.

— Então, por favor, podemos esquecer o que aconteceu ontem e começar de novo hoje?

Eu mordi os lábios incerta.

A sensatez gritava para eu mandá-lo embora. Thomas Hardy tinha escrito “encrenca” em letras garrafais em sua testa.

Por outro lado, havia aquela parte que estava louca para que ele pusesse as mãos em mim de novo.

E se fosse só isto, acho que até não seria um grande problema.

Mas eu devia realmente me preocupar com meu

coração todo derretido com sua cara de cachorro arrependido. Thomas era mesmo bem bonitinho quando estava pedindo desculpas e tudo o que eu queria era abraçá-lo, beijar suas pálpebras e dizer que tudo ia ficar bem.

Como eu disse, muito ferrada.

— Então, por favor?

Eu tentei conter um sorriso.

— Não diz por favor assim, Hardy, que eu tenho vontade de te dar colo.

Um sorriso fofo se distendeu em seus lábios. Derreti um pouco mais. Ai, ai, ai.

— Eu ia gostar muito, Spencer.

Eu suspirei.

Ele acariciou meu rosto.

— E então, perdoado?

Eu segurei sua mão.

— Vai fazer a tatuagem?

Ele fez uma careta, mas concordou.

— Eu disse que sim.

— Ok então podemos trabalhar no seu perdão depois que fizer. Eu vou me trocar.

Eu me troquei em tempo recorde e Thomas me levou para tomar café numa cafeteria próxima ao estúdio de Josh.

Nós seguimos para o estúdio de mãos dadas e num silêncio cúmplice. Era como se a gente soubesse que se fosse conversar, algo poderia acontecer, poderíamos discutir e acabar com aquela trégua.

Josh franziu a testa ao nos ver entrando. Seus olhos foram para nossas mãos juntas.

— Ora, ora. Não achei que os veria de novo. E juntos.

— Nem eu achei — eu sorri — nosso amigo aqui veio fazer a sua tatuagem.

Josh olhou pra Thomas surpreso.

— Sério?

Thomas apenas sacudiu a cabeça e passou a mão pelos cabelos. Parecia bem tenso.

— Ok então, vamos? — Josh o chamou.

Eu o encarei.

— Tudo bem?

— Claro, tudo ótimo.

— Não parece — eu comecei a ficar meio irritada — você não quer fazer? Por que não diz logo, porque não disse ontem e...

— Ei — ele me interrompeu, tocando meu rosto — eu quero fazer. Vai ser nossa tatuagem, não é? Eu prometi.

Eu sorri, mais aliviada.

— Tudo bem. Então posso ir com você?

Ele sorri, me puxando pelo estúdio.

— Quer ter certeza que eu não vou fugir.

— Você tem um histórico, já esqueceu?

Nós entramos na sala e Josh pediu que Thomas tirasse a camisa e sentasse na cadeira que é meio inclinada.

Eu mordi os lábios meio embevecida pelo peito de Thomas.

Ele era como uma estátua grega. Com músculos suaves e perfeitos.

Lindo.

Josh ligou a máquina e então eu finalmente olhei para Thomas e o vi muito pálido.

E de repente a realização me atingiu.

Ele estava apavorado!

— Porra, esta merda dói – ele disse entredentes quando Josh começou o traçado.

Josh riu.

— Claro que dói cara, o que esperava?

— Merda – Thomas estava ainda mais pálido agora.

Sem pensar, eu puxei minha cadeira para seu lado e segurei sua mão.

— Ei, está tudo bem – murmurei.

Sua pele estava fria e suada.

Meu Deus, aquilo estava mesmo sendo difícil pra ele.

— Por que não me disse? – Perguntei suavemente.

— Dizer o quê? – Ele retrucou todo machão, não tendo muito sucesso.

Josh estava do outro lado, a tatuagem sendo feita no outro braço e não sei se ele pode nos escutar por cima do barulho e de sua concentração.

— Que estava com medo.

— Não estou com medo, porra – ele gemeu e eu achei que vi uma lágrima no seu olho.

Putá merda.

Eu tentei não rir e apertei sua mão.

— Ok então. Vamos apenas passar por isto juntos, está bem? – Encostei minha cabeça em seu ombro e acariciei seu cabelo suado.

Foi a primeira vez que eu vi um cara chorar.

Ao final da sessão. A tatuagem mais linda estava sobre o ombro de Thomas Hardy.

— Uau! Ficou incrível cara – Josh exclamou enquanto Thomas olhava no espelho. Depois de algumas horas de sessão ele começara a relaxar e as lágrimas tinham ido embora.

E agora ele admirava o trabalho de Josh.

— Sim, ficou foda – Thomas concordou.

Josh guardou suas coisas.

— Eu vou esperar vocês na recepção.

Ele nos deixou sozinhos e eu me coloquei atrás de Thomas.

— Você é lindo... quer dizer, a tatoo ficou linda.

Ele sorri. De lado.

Ah, por favor.

— Acho que você precisa me mostrar a sua.

Eu mordi os lábios. Subitamente tímida.

— Aqui?

— É pensando bem não seria uma boa ideia. Eu com certeza me veria tentado a te comer na cadeira do Josh.

Eu ri, meu rosto queimando, enquanto Thomas colocava sua camiseta.

— Vem, vamos dar o fora daqui.

Ele pagou Josh que lhe passou algumas recomendações e nós entramos no carro de Thomas.

— Para onde vamos agora?

— Como combinamos ontem. Eu vou levá-la para minha casa, senhorita Spencer.

Eu não me opus.

Capítulo Sete

Thomas

— Nina, precisa comer! – Ainda no corredor escuto a voz de Amber na cozinha e faço uma careta. Ouvir sua voz naquela manhã me lembrava da nossa discussão e de sua ameaça de contar ao meu pai sobre mim e Paola.

— Eu não quero! – Nina está resmungando quando entro na cozinha.

— Nina, por favor, você não tem comido nada! – Amber insiste, mas Nina tem os braços cruzados em frente ao peito com expressão emburrada.

— Bom dia, gatinha – eu me aproximo e ela sorri ao me ver.

— Thomas, fala pra Amber que não quero comer. Eu encaro Amber.

— Deixa a menina, Amber – eu me sirvo de café preto e Maria me lança um olhar reprovador.

— Não é só a Nina que precisa comer mais.

— Eu não tenho fome de manhã, Maria, sabe disto.

— Tá vendo? Eu sou como o Thomas – Nina se levanta da mesa, ignorando a carranca de Amber.

— Acontece que não é só de manhã que você anda enrolando pra comer. Maria disse que ontem não almoçou. E ontem à noite quase nem jantou direito. Quer ficar doente?

— Você também não come! Vive de dieta, comendo só aquelas folhas esquisitas, eca! – Nina retruca fazendo Maria e eu rirmos.

— Boa, Nina!

— Vocês deveriam me apoiar! – Amber reclama – tudo bem eu desisto! Eu preciso me arrumar pra trabalhar, você leva Nina pra escola? Papai já está no hospital.

— Sim, eu prometi que a levaria.

— Ótimo!

Amber se afasta e eu e Nina seguimos para o carro.

— Que negócio é este de não querer comer?

Ela dá de ombros.

— Amber está exagerando. Eu como direitinho sim. – Ela sorri e eu não consigo ficar bravo.

— Espero que seja verdade. Amber tem razão. Pode ficar doente se não comer.

Ela rola os olhos e vai entrando no carro.

— Ei, eu vi isto!

Como se ela se importasse.

Eu já estou tenso de novo quando chego ao hospital e, para completar, Erick me aborda no vestiário.

— Que papo é este que você e a Spencer já se pegaram?

— O quê? Como sabe? Quem mais sabe? – Eu fico alarmado. Não seria nada legal que meu passado com Liz virasse motivo de fofoca pelo hospital.

— Calma cara. Na verdade, foi a própria Liz quem jogou isto em mim ontem à noite e adivinha que cara eu fiquei! Puta merda!

— Espera, como assim ontem à noite? – Eu o encaro desconfiado. Que diabos tinha acontecido depois que eu fui embora?

— Eu estava na porta do bar quando ela saiu e perguntei se queria uma carona, sabe como é...

— Porra, Erick! – Eu me irrita.

— Calma aí! Eu tentei fazer você dizer que já tinha escolhido a Spencer, como você não admitiu, achei que podia arriscar... eu só não fazia ideia de que ela fosse sua ex!

— As coisas não são bem assim!

— E como são?

— Primeiro me explica o que aconteceu ontem — Exijo desconfiado. Esperava que Erick não tivesse botado aquelas mãos sujas em Liz.

— Não aconteceu nada, não está me ouvindo? Eu ofereci carona, ela me deu o fora, aí de repente ela estava brava porque eu disse que não deveria ter mexido com a garota do Hardy e ela entendeu que eu sabia sobre o passado de vocês e começou a gritar que não tinham mais nada e que isto não lhe daria o direito de chamá-la de sua e... — ele dá de ombros — cara, você e a Spencer? Quando, onde?

— Olha, foi há muito tempo, antes de eu ir para a escola de medicina e não durou nada.

— Por que não disse nada ontem?

— Porque não terminou nada bem e ela está muito puta por me encontrar aqui.

— Ah, agora começo a entender. E o que vai fazer cara?

— Eu não sei. Eu não sei.

Eu sigo para encontrar os internos sentindo uma mistura de apreensão e anseio. Por alguns segundos eu cogito se Liz estará entre eles. Será que ela iria desistir? Sua aversão a mim a faria procurar outro hospital?

Eu não duvidaria nada. E até deveria torcer para que acontecesse.

Por outro lado, eu era um idiota quando se tratava de Elizabeth Spencer e por mais que eu soubesse que estaria bem melhor se ela desaparecesse novamente da minha vida, eu não consegui me imaginar ficando feliz por nunca mais vê-la.

Não agora que eu a havia reencontrado.

Mil vezes inferno.

A nossa história terminara muito mal no passado e agora eu queria o quê?

A mesma coisa?

“Quem disse que vai terminar mal desta vez?” – Uma vozinha insidiosa sussurra em meu ouvido, me assustando.

E abrindo minha mente para uma possibilidade que eu não tinha pensando ainda.

Era o que eu queria?

Eu poderia querer? Um desfecho diferente para nossa história desta vez?

— Bom dia, doutor Thomas – a voz estridente de Jenny me faz voltar a realidade e eu me deparo com os internos me esperando ansiosos para mais um dia de aula.

Meus olhos varrem a sala a procura de apenas uma pessoa.

E lá está ela. Ainda linda. Ainda desviando o rosto quando o olhar encontra o meu.

Quero vencer a distância entre nós e obrigá-la a me encarar.

Quero dizer que não precisamos fazer daquela nossa proximidade forçada um campo de batalha. Que eu sei que fui um babaca há oito anos, mas que eu sou um cara diferente agora e...

Espera, que diabos estou pensando?

Eu não sou diferente. Eu continuo o mesmo homem.

O mesmo homem que com certeza ela ainda odiava.

Respiro fundo, tentando deter meus pensamentos caóticos e me ater ao trabalho a ser feito.

— Certo, bom dia. Me acompanhem na ronda aos pacientes.

Eu sigo pelo corredor e eles vão atrás de mim.

Eu visito os pacientes, examino e faço perguntas que às vezes eles respondem certo e de pronto, outras eu tenho vontade de mandá-los de volta para a faculdade.

Como ontem, Liz permanece mais quieta que os outros.

— Spencer, qual o seu diagnóstico para este paciente – eu pergunto por fim, depois de algumas horas.

Ela fica vermelha.

— Hum... Está respirando mal, tem febre, é

pneumonia.

— Tem certeza?

— Sim. É só iniciar os antibióticos. — Ela levanta o queixo e eu gosto do seu olhar me desafiando.

É melhor que a apatia que ela apresentara durante toda a manhã.

— É este o diagnóstico? — Insisto.

— Sim.

— Pode ser embolia pulmonar. — Eu retruco e olho pra Mark. — Mark, leve-o para alguns exames!

— Certo! — Mark se apressa em fazer o que eu mandei.

— E vocês, continuem comigo.

— Thomas — Amber se aproxima — posso falar com você?

Eu me afasto com ela e entramos numa sala vazia. Me pergunto se ela já falou com meu pai. Provavelmente não. Ainda.

Ela estende um prontuário.

— São os exames do Senhor Schwartz.

— Da Apendicectomia? — Eu o folheio. Este paciente tinha uma cirurgia marcada para ontem que foi adiada para fazermos mais exames.

— Sim. Ele passou mal na madrugada, vai precisar de uma cirurgia de emergência.

— Ok. Vou me preparar. — Eu me viro para me afastar, mas ela me chama.

— Eu não vou dizer nada ao papai.

Eu a encaro.

Ela não parece nada feliz.

— Acho que tem razão. Ele vai sofrer e será uma confusão. Eu acho que você deve pensar em contar caso ele siga com a ideia de casamento. Não podemos admitir que aconteça. Tem que concordar comigo.

— Sim, você tem razão. Vamos só dar um tempo.

— Ah, e eu acho que a Nina precisa fazer alguns exames.

— Para quê? Ela me parece bem.

— Ela não está com apetite, isto me preocupa.

— Certo, traga-a esta semana.

Eu me afasto e encontro os internos me encarando ansiosos.

— Senhores, estão com sorte, temos uma apendicectomia de urgência, eu escolherei um de vocês para me acompanhar.

Um burburinho de excitação se forma. Apenas um deles continua sem empolgação.

— Elizabeth Spencer — eu a chamo e todos param.

— O quê?

— Você vai fazer — eu tomo a decisão.

— Eu? – Ela parece apavorada.

— Me acompanhe.

— Mas...

— Agora!

— Eu não acho que... – Ela balbucia atrás de mim e eu me viro para encará-la.

— Não tem que achar nada e sim fazer o que eu mandei.

Ela morde os lábios com força e parece que vai sucumbir a qualquer momento.

— Eu não sei se sou a mais preparada...

— Você teve quatro anos para se preparar!

— Por que está fazendo isto comigo? – De repente o medo é substituído pela raiva – ontem pediu para que eu ficasse com aquele paciente e agora isto, quando sabe que há outros internos que estariam muito mais preparados! Está fazendo de propósito? Você me odeia!

— Não acredito que seja eu quem sente ódio! – Eu sibilo em sua direção e por um momento nos encaramos como dois oponentes num ringue.

— Vai dizer que está satisfeito de me ver? De ter que me aguentar?

— Quer saber? Sim, toda esta situação é uma merda! – Explodo – nós temos uma história. Que acabou mal.

— E por culpa de quem? – Sua voz é carregada de ressentimento. Me atinge direto no ponto.

— Oh, agora quer conversar sobre o passado? Ontem você só queria ignorar que ele existia!

Ela recua, empalidecendo.

— Não, não quero falar sobre o maldito passado. Infelizmente é difícil ignorar que ele existe já que tenho que olhar para tua cara o tempo todo!

Ok, isto doeu.

— Então o que sugere? Estamos nos meus domínios! Minhas regras! Você não quer me ver? Então desaparece daqui!

— Eu não posso – ela murmura.

— Por quê? Existem outros hospitais na cidade.

— Estaria bem feliz, não é? Se livrar de mim? – Ela diz cheia de ironia.

— Não posso dizer que ficaria triste!

— Se detesta tanto minha presença por que não me deixa em paz? Por que fica pegando no meu pé?

— Porque você é uma médica! Porque o seu aprendizado depende de mim e eu não vou deixar você agir do jeito que está agindo, simplesmente se escondendo atrás do seu medo!

— Eu não estou com medo!

— Então o que é? Você é diferente de todos os

outros e sabe muito bem! Por que está aqui, Elizabeth Spencer? Não quer ser médica? Continua sendo aquela garota que preferia ficar com as mãos sujas de tinta?

— Você não sabe de nada — ela sussurra entredentes.

Eu percebo que cutuquei uma ferida e me sinto um pouco culpado.

Ela está obviamente sofrendo.

Parece que eu ainda era capaz de lhe infligir dor, afinal de contas.

E isto deixava meu peito apertado de culpa.

Inferno!

— Olha eu pego no seu pé porque sou o seu mentor. Como pegaria no pé de qualquer um que precisasse. Sei que temos uma merda de uma história e que nenhum dos dois está feliz em ter que conviver de novo. Infelizmente é o que temos. E agora temos um trabalho a fazer, vá se preparar.

Ela se afasta e eu respiro fundo, seguindo para me preparar também.

Eu estou no vestiário, colocando a roupa cirúrgica quando Emily aparece.

— Oi doutor Hardy, que tal uma massagem relaxante antes da cirurgia? Ela estende as mãos pra mim toda sedutora, eu a seguro no ar, afastando-a.

— Dá um tempo, Emily.

— Oh, parece tenso. Acho que posso ajudar....

— Não, obrigado – eu termino de me vestir ignorando-a.

A verdade é que eu não tinha mais nenhum interesse em Emily.

— Talvez mais tarde então? – Como ela insiste eu a encaro seriamente.

— Nem mais tarde nem nunca. Volte ao trabalho, Emily.

Eu saio do vestiário e lavo minhas mãos colocando as luvas e quando entro na sala Liz já está lá, ainda mais pálida.

— É só uma cirurgia de apêndice. É muito simples – eu me vejo confortando-a, minha voz descendo num nível quase doce e eu espero que ninguém na sala perceba.

— Eu realmente não sei... – ela balbucia.

— Ei, fique calma. Eu estarei por perto e assumirei se perceber que não vai conseguir.

— Este é o problema. Não quero fazer merda e sei lá, furar o paciente, ou algo assim.

Eu rio.

— Você vai conseguir. Suas mãos são delicadas. Mãos de artista, não tem como errar.

Eu a vejo corando por baixo da máscara cirúrgica

e acho delicioso.

— Doutor Hardy, tudo pronto.

A enfermeira avisa e nós nos aproximamos do paciente sedado.

— Pode começar, doutora Spencer – eu peço, tentando lhe transmitir segurança.

Ela respira fundo.

— Bisturi – Pede por fim e a enfermeira lhe passa o instrumento.

Liz hesita, mas posiciona o bisturi na pele.

— Mais pressão – oriento e ela força a mão para fazer o corte. – Muito bem. O corte foi feito.

— Pinça – ela continua e sua mão está firme quando volta a atenção para o corte – grampo.

— Está indo bem, Liz, continue assim. Já abriu o peritônio.

— Oh Deus, estou vendo. – Ela continua a manusear os instrumentos com destreza até que acha o apêndice. – Pronto. O apêndice está fora – diz aliviada.

— Eu falei que ia conseguir – eu digo, apertando seu ombro. Realmente feliz por ela ter conseguido.

Ela me encara com os olhos brilhando de surpresa.

— Eu consegui.

— Ótimo, agora deixa comigo, eu termino.

— Mas...

— Agora, Spencer

Ela sai da sala, e eu continuo o procedimento, a enfermeira me encara confusa.

— Ela não deveria terminar?

— Eu temi que não conseguisse fazer o resto, que é mais complicado o que poderia abalar sua recém-conquistada confiança – a enfermeira apenas franze a testa e não me interrompe mais.

Quando eu termino, saio da sala e encontro Liz olhando pelo vidro.

— Ele vai ficar bem? – Nós caminhamos para a sala dos médicos.

— Sim, a cirurgia foi um sucesso.

Ela morde os lábios, indecisa.

— Obrigada por ter me ajudado.

— Viu? Não doeu nada. – Eu sorri e o mais incrível acontece. Ela sorri de volta.

E naquele momento eu me dou conta de que eu quero Elizabeth Spencer.

Tanto ou mais que antes.

E enquanto eu deixo meus olhos abaixarem para sua boca, eu vejo o sorriso se desfazer em seu rosto e a mudança em sua expressão quando ela percebe que eu quero beijá-la.

Ela sabe. Ela sempre sabe.

Assim, como eu sei.

Nossos olhares se prendem. Se entendem.

Nós dois queremos o mesmo.

É como uma força irresistível.

Ainda está ali, como se tivesse saído de uma fenda no tempo, o desejo se materializa e flutua entre nós.

Nos consumindo.

E como da primeira vez. É impossível resistir.

Eu me deixo ir em sua direção...

Oito anos antes

— Então esta é sua casa? Uau!

Eu a guiei por entre o jardim, puxando-a pela mão.

— É a casa do meu pai.

— Ah, achei que morasse sozinho.

Eu dei de ombros.

— Eu preferi continuar aqui durante a faculdade.

Era mais fácil.

Ela riu.

— Aposto que é um cara mimado e que não queria assumir as responsabilidades de morar sozinho.

— Ah, Spencer, você está começando a me entender – eu abri a porta. A casa estava silenciosa àquela hora.

— Não sentiu falta de ter sua liberdade?

— Eu tenho toda liberdade que preciso aqui, meu pai quase nunca está em casa. Nem minha madrasta que também trabalha pra caramba.

— Moram só vocês?

— E minha irmã gêmea, Amber.

— Você tem uma irmã gêmea, que legal! Sempre quis ter irmãs!

— Não é tão legal quanto parece. Amber é um pé no saco!

— E ela está em casa?

— Ela está passando o verão com amigos no Cabo.

— Ah...

— E aí, quer comer alguma coisa? – Eu tentava ser educado e não colocá-la nas costas e carregá-la direto para a minha cama como um homem das cavernas. Estava difícil.

— Não... eu queria conhecer a casa. Parece incrível.

Eu a levei pelos cômodos, ansioso para que chegássemos logo no objetivo final: meu quarto.

Quando finalmente abri a porta, eu me senti ansioso como um adolescente. Ela mordeu os lábios, quase timidamente ao entrar e eu fechei a porta atrás de nós.

Ela caminhou pelo quarto espaçoso e parou na janela.

— A vista daqui é tão linda!

— Eu digo o mesmo – murmurei admirando o sol de fim de tarde batendo em seus cabelos escuros.

Ela se voltou, um tanto vermelha, mas havia um brilho novo em seu olhar.

— Acho que preciso pagar minha parte do nosso trato, não é? – Sussurrou e levou a mão ao botão da calça abrindo-o.

E eu fiquei completamente sem voz e embasbacado quando a vi tirar o jeans, ficando só de calcinha e uma blusinha curta que mal chegava até sua cintura na minha frente.

E lá estava, a pequena flor vermelha sobre a pele branca.

Meu pulso acelerou e todo meu sangue correu para um lugar específico da minha anatomia, meu cérebro esvaziando quando Elizabeth Spencer caminhou em minha direção.

Capítulo Oito

Liz

Como foi que chegamos àquele ponto?

Com a boca de Thomas Hardy a centímetros da minha, com o aroma inesquecível de seu hálito doce invadindo minha língua naquele momento que antecedia o beijo que às vezes era até melhor que o próprio beijo?

E por que demônios em vez de correr para longe eu estava com meus pés pregados no chão incapaz de me mover mesmo que o céu desabasse sobre nós?

Por que ele vai me beijar.

E eu quero muito que ele o faça.

Malditamente eu quero.

Nos segundos loucos em que todos estes pensamentos passam por minha mente eu me dou conta, com meu coração todo costurado depois de ter sido estilhaçado por este mesmo cara, que eu ainda o quero.

Como antes.

Uma sensação de inevitabilidade me toma e eu cerro minhas pálpebras, esperando o único fim que aquela nossa súbita aproximação pode ter.

Nós dois juntos. De novo.

— Thomas, aí está você – como se viesse de muito longe eu escuto uma voz nos interrompendo e abro os olhos, assustada.

Chocada.

Encaro Thomas, que deu um passo atrás. Seus olhos frustrados, sua boca bonita proferindo um palavrão baixo.

E a realidade do que estava prestes acontecer cai sobre mim, fazendo com que eu dê vários passos para trás fugindo do que sabe Deus aquele cara ia fazer comigo desta vez.

Não. Não desta vez.

Nunca mais.

— Liz – seus lábios articulam meu nome sem emitir nenhum som.

Eu sacudo a cabeça em negativa.

E o que vejo em sua expressão faz meu coração se apertar tanto no peito, que ele salta e sai rolando no chão pelo espaço entre nós.

Ele me encara com aquele sentimento que eu achei que era tudo o que bastava há oito anos.

Não foi suficiente.

Eu não fui suficiente.

Nada era o bastante para caras como Thomas

Hardy.

— Ei, estão brincando de estátua? – a voz feminina que havia nos interrompido nos alcança agora mais próxima. E eu pisco, desviando minha atenção de Thomas para a intrusa.

Ou minha salvadora.

Era a doutora Chloe Martinez com seu olhar aguçado, com um sorriso divertido no rosto e um brilho estranho em seu olhar.

— Foi tudo bem na cirurgia? – Ela insiste e Thomas passa os dedos pelos cabelos soltando o ar lentamente.

— Sim, tudo bem – ele responde, voltando ao modo habitual – se nos der licença, eu ainda estou tratando de alguns assuntos com a Liz...

— Vai ter que deixar estes assuntos para depois. O Doutor Hardy está pedindo que vá até a sala dele. E sabe que ele não gosta de esperar.

— Merda!

— Vá, eu cuido da nossa novata preferida – Chloe passa o braço bronzeado sobre meus ombros, e sai me puxando pelo corredor.

Eu ainda demoro uns bons passos para conseguir respirar normalmente.

— Está feliz com sua primeira cirurgia?

— É... sim...

— Você tem sorte. A minha foi uma merda! – Ela finalmente solta meus ombros quando chegamos à recepção – e aí, quer ir almoçar comigo?

— Eu?

— Sim, por que não? Vai ser divertido. Vamos.

E sem que eu consiga dizer não, Chloe sai me puxando de novo.

Se eu imaginava que Chloe almoçava no refeitório estava enganada. Ela me arrastou até um restaurante tailandês da moda a duas quadras do hospital.

— Achei que íamos comer no refeitório.

Ela rola os olhos.

— Deus me livre! Sempre que eu tenho oportunidade eu dou o fora daquele hospital.

Eu ri.

— Acho que me identifico com você.

— Ei, só está lá há dois dias e já está assim?

Eu fico vermelha.

— Ainda é meio assustador para mim.

— Eu te entendo. – Ela olha o cardápio com interesse e então, de repente, levanta o olhar e me encara – posso te dizer uma coisa?

Eu franzo a testa.

— Sim?

— Você é muito legal para cair na lábia do

Thomas.

— O... que...? – Gaguejo.

— Oras, ficou claro que estava rolando um clima quando eu os interrompi!

— Não, eu... Não era nada...

Ela ri.

— Não fica vermelha, não foi a primeira e nem vai ser a última vez que eu vejo o Thomas em ação, se é que me entende.

— O que quer dizer? – eu me remexo incomodada.

— Que o Thomas é galinha. Ele pega toda as mulheres daquele hospital.

Eu sinto vontade de vomitar.

Claro. Era típico de Thomas.

Eu já devia imaginar. Então por que eu estava chateada?

— Espero que não fique brava por causa da minha interrupção. Eu fiz de propósito.

— Fez?

— Sim. Como eu disse, o Thomas não vale nada e eu gostei de você. Achei diferente das outras cabeças ocas que caem seduzidas por ele. Então achei por bem te alertar. Não quero que seja mais uma que ele vai usar e depois jogar fora. Você merece mais.

— Tem razão. Eu não quero e nem vou ser mais

uma no harém do Doutor Hardy – digo enfaticamente. Com a intenção de convencer não só Chloe como a mim mesma.

— É assim que se fala. Agora vamos fazer nosso pedido.

— Agora eu fiquei curiosa, você e o Thomas...?

Ela solta uma gargalhada.

— Eu e Thomas? Não!

— Com certeza ele deve ter dado em cima de você...

— De mim? Nunca! Agora vamos fazer nosso pedido. A comida daqui é deliciosa, vai gostar.

Naquela tarde, Chloe me toma sob suas asas o que é ótimo para eu não ter que ficar na cola de Thomas. E eu agradeço por isto. Infelizmente sei que não conseguirei fugir dele pra sempre.

À noite, eu vou ao apartamento da minha mãe jantar com ela.

Obviamente ela pediu comida pronta e me fez contar tudo sobre minhas horas no hospital. Foi bom vê-la vibrar quando eu contei do sucesso na minha primeira cirurgia.

— Eu sabia que ia ser ótima! Claro que ia. É minha filha.

Eu rolo os olhos, tentando ter em mim a mesma a fé que a minha mãe tinha.

Já é tarde quando ela finalmente me libera para eu voltar pra casa depois de fazer um grande discurso sobre como deveria ser a minha conduta “agressiva” no hospital. Para minha mãe, eu deveria sempre fazer tudo para ser melhor que os outros. Assim como ela.

Eu concordei com tudo porque era o melhor a fazer. Contrariar Bárbara nunca era uma boa pedida.

Depois de voltar para casa, estava me preparando para dormir, quando vi várias chamadas no meu celular e reconheci o número de Peter. Ele deixou várias mensagens, querendo me ver.

Eu hesito.

Sei que poderia pedir que ele viesse me encontrar e seria como sempre foi entre nós. Fácil e sem perguntas. Sem cobranças.

No entanto, eu não queria ver Peter naquela noite.

Naquela noite eu me sentia diferente.

Sentia-me um pouco como alguém que eu havia conhecido anos atrás.

A Liz de dezoitos anos. Uma garota que pintava quadros, fazia tatuagens as escondidas e se apaixonava loucamente sem medir as consequências.

Aquela Liz não existia mais.

Eu era a doutora Liz Spencer agora. Eu era uma mulher adulta e independente de 26 anos que tinha deixado os erros do passado para trás.

E eu era feliz assim.

Eu colocava a cabeça no travesseiro todas as noites e lutava contra as lembranças de coisas que não poderiam ser mudadas. Que estavam perdidas.

Às vezes, elas lutavam tão fortemente para romper o casulo que eu criara para elas no fundo da minha mente, que deixavam meu coração pesado.

Mas, por mais que elas lutassem para se libertar, eu sempre vencia.

E elas permaneciam lá. Onde deveriam ficar. Trancadas na minha memória. Agora, com Thomas de novo na minha vida, eu estava com dificuldades para mantê-las cativas.

Abracei meu corpo em posição fetal e fechei os olhos com força, lutando para respirar. Para não lembrar.

Para dormir e esquecer.

E acordar no dia seguinte com minhas lembranças e meus sentimentos bem escondidos de mim mesma.

A manhã me encontrou exausta de uma noite mal dormida, lutando contra meus demônios.

Tudo o que eu queria era continuar na minha cama e ignorar o mundo. Ou quem sabe na companhia de algumas tintas e uma tela em branco. Mas isto não me pertencia mais. Eu não pintava há anos.

Aquele sonho ficou para trás. Assim como outros.

Não era isto que significava ser adulto?

Embora abatida, eu me levanto, me arrumo e vou para mais um dia de residência.

Confesso que não sei o que esperar depois do jeito que as coisas tinham ficado entre mim e Thomas ontem. Então, com uma leve dor de cabeça e o estômago enjoado de apreensão eu espero junto com meus outros colegas pelo nosso instrutor.

— E aí, Jenny, já teve sucesso em seduzir o nosso chefe? — Sam cutuca Jenny que hoje está ridiculamente maquiada e eu me lembro das palavras de Chloe que Thomas passava o rodo geral.

O que faz uma onda de raiva me dominar.

Era mesmo típico de Thomas Hardy. Ele não havia mudado nada.

— Cala a boca Sam! — Jenny responde irritada.

— Deixe-a Sam. Ela está brava porque não conseguiu nada ainda — Mark provoca e todos riem, parando instantaneamente quando Thomas se aproxima.

Jenny e Julie suspiram. Porra, até a Julie?

Eu achei que ela estava apaixonada por Ben, aparentemente Thomas tinha a capacidade de desvirtuar qualquer uma.

Menos eu.

Quer dizer. Não agora.

Nem pensar eu ia deixar isto acontecer agora!

Ontem eu estava sob o efeito da cirurgia. Da maneira que ele me tratou, quase doce, ao me guiar.

Droga, me lembrar faz minha raiva ceder um pouquinho.

— Bom dia, prontos para mais algumas lições? — Ele pergunta sorrindo.

Jenny quase desmaia. Julie é mais sutil só corando.

Eu rolo meus olhos, desviando o rosto.

Era melhor nem olhar.

Longe dos olhos, longe do coração, não era o que diziam?

— Spencer — sua voz me chama e eu volto à realidade, ainda mantendo minha atenção em algum ponto além dele.

— Sutura.

— Ok — concordo e me viro disposta a me afastar o mais rápido possível.

Eu passo a manhã envolvida em ataduras e esparadrapos e até que não é difícil, já que sutura não era uma coisa tão complicada quanto uma cirurgia.

— Olá, eu sou a doutora Spencer, o que temos aqui? — me aproximo de uma moça ainda jovem com um garotinho de aproximadamente uns quatro anos chorando

eu seu colo.

— Ele caiu e machucou a testa – a mãe explica.

Eu me aproximo para ver e o garotinho se encolhe, chorando ainda mais.

— Mason, precisa deixar a médica te examinar.

Eu sorrio, a tranquilizando, enquanto dou uma olhada no prontuário.

— Sim, Mason, eu sei que está doendo, eu preciso dar alguns pontinhos para sarar, tudo bem?

— Pontinhos? – Ok, agora ele parece mais assustado ainda.

Eu olho sua camiseta do Superman suja de sangue.

— Sabe quem já levou muitos pontos e nunca chorou? O Superman.

Ele fica sério.

— O Superman?

— Claro que sim. Ele salva o mundo todo dia e leva pontos na testa o tempo inteiro. Aposto que você é um super-herói como ele, não é?

— Sou sim!

— Então, vai ser tão corajoso também?

Ele funga.

— Vou.

Eu sorrio.

— Muito bem!

Eu termino a sutura de Mason e o dispenso junto com sua agradecida mãe e estou saindo da sala quando vejo Thomas me observando.

Eu fico vermelha imediatamente.

— Você daria uma boa pediatra – ele comenta.

Eu pisco.

— O quê?

— O garotinho. Alguns internos teriam saído correndo. Lidar com crianças é um pesadelo para alguns.

— Eu gosto de criança – dou de ombros, enquanto tiro minhas luvas – houve um tempo que pensei em ser pediatra.

— Por que desistiu?

— Porque minha mãe me mataria.

— Ah... Sua famosa mãe? – Não me passa despercebido seu tom de ironia.

Eu o encaro com a testa franzida.

— O que sabe da minha mãe?

— Doutora Bárbara Spencer? Quem não a conhece?

— Desde quando você sabe quem é minha mãe?

— Isto faz alguma diferença agora?

— Não, claro que não. Nada do que aconteceu interessa mesmo.

— Se não interessa por que você ainda olha pra mim com ressentimento?

A pergunta me pega de surpresa e minha primeira reação é fugir.

Não quero lembrar do passado. Mas inferno, como é que eu posso fugir dele, se ele está ali bem na minha frente? E estaria todos os malditos dias a partir de agora?

— Acha que não merece meu ressentimento? — Minha voz sai cheia de amargura.

— Talvez eu tenha minha própria cota de ressentimento também — sua resposta me surpreende e eu tenho vontade de indagar por que diabos ele tem algum ressentimento de mim, se foi ele quem fez merda?

Porém me calo. Começar uma discussão sobre algo que rolou há tanto tempo e claramente ainda me machuca não seria boa ideia.

— Então estamos quites — dou a conversa por encerrada me virando para me afastar, Thomas se coloca na minha frente.

— Ei, escuta... — ele passa os dedos pelos cabelos, frustrado — sei que é uma merda a gente ter este passado, mas como disse... É passado. Nenhum de nós vai poder mudar o que aconteceu. Eu acho que deveríamos esquecer e seguir em frente. Temos que trabalhar juntos agora. E não acredito que será bom para nenhum de nós alimentar ressentimentos... — ele respira fundo. — O que eu

estou querendo dizer é que devemos começar de novo.
Como se nada tivesse acontecido antes. O que me diz?

Oito anos antes

Eu estava tremendo, quando caminhei em sua direção.

Seus olhos em eram duas bolas douradas de puro fogo esquentando minha pele.

Parei diante dele e suas mãos estavam em mim na velocidade da luz, deslizando por minha barriga despida até a pequena rosa e eu fechei os olhos, soltando um suspiro quando senti o toque quente de seus dedos.

— Eu sabia que ficaria perfeita em você — sua voz saiu dentro dos meus lábios entreabertos e eu abri os olhos para ver seu rosto muito perto do meu. Seu hálito doce me intoxicando.

Suas mãos fizeram uma busca e apreensão por minha pele. As faíscas que saíam de nós eram capazes de incendiar uma cidade.

E eu respirei ele.

E voltei a cerrar as pálpebras quando seus lábios roçaram os meus, delicados e exigentes, doces e venenosos. Em minha boca. Em meu rosto ruborizado, minhas pálpebras fechadas.

Um gemido baixo escapou da minha garganta, quando suas mãos tocaram meus seios, meus mamilos acordando para a vida, ávidos por carinho.

— Porra, diz que você está aqui para a gente transar – ele sussurrou em meu ouvido e eu quase desfaleci no chão.

— Sim..

E então, ele estava me beijando intensamente. E seus dedos apertando meus seios com força. E tudo o que eu podia fazer era levar meus próprios braços a sua nuca e apertar meu corpo ansioso contra o dele. Enfraqueci mais um pouquinho ao sentir sua ereção se esfregando em mim.

Putá merda.

Eu iria entrar em combustão espontânea se ele não me fodesse naquele momento.

— Porra, Liz, não pode me dizer estas coisas! – Thomas resmungou contra meus lábios, que mordeu os dele quase inconscientemente.

E então eu percebi em meio ao meu enlevo que falei em voz alta.

Bom, era tarde demais para corar, pois os braços maravilhosos de Thomas estavam me erguendo do chão e me jogando na cama sem cerimônia.

Ele ajoelhou na minha frente e tirou a camisa, jogando-a longe e eu mordi os lábios com força,

deslumbrada com seu peito perfeito, onde a sexy tatuagem repousava.

Thomas continuou a tirar a roupa, até que estava nu diante de mim.

E eu perdi a fala.

Ele era de verdade?

Eu deixei meus olhos ávidos percorrerem seu corpo de anjo e parei esta linha de pensamento porque provavelmente os seres divinos não tinham, bem... uma ereção.

Meu rosto queimou assim como outras partes do meu corpo ansioso.

Ele franziu a testa de repente antes que suas mãos voltassem a mim de novo.

— Por favor, diz que não é virgem.

— Eu não sou virgem... — eu ri e ele soltou um suspiro de alívio.

— Graças a Deus!

Graças a Deus digo eu!

Ele veio pra cima de mim, cheio de mãos e desejo, sua língua e dentes fazendo um estrago em minha pele delicada. Mas quem ligava quando eu o tinha provando meus seios?

Eu só conseguia me contorcer e gemer embaixo dele, minhas mãos puxando seus cabelos, querendo que

aquela tortura não acabasse nunca.

E então, suas mãos estavam dentro da minha calcinha, numa inspeção sacana que me fez arquear os quadris da cama e gritar.

Thomas Hardy tinha os dedos esculpidos para estarem ali. Dentro de mim.

Nada antes me preparou para aquilo. Para aquela avalanche de sensações que explodia em minha pele como fogos de artifício e me fazia ansiar por mais.

Mais de Thomas Hardy. Por favor.

— Por favor... — eu sussurrei segurando sua cabeça levantando-a pra mim, mordendo seus lábios e implorando com meu corpo por aquele mais.

E então, ele estava puxando minha calcinha para baixo e deslizando um preservativo em si mesmo e no instante seguinte eu o tinha dentro de mim.

E eu tive certeza que, passasse o tempo que passasse, eu nunca iria esquecer o momento em que eu fiz amor pela primeira vez com Thomas Hardy.

Quando ele possuiu meu corpo, se tornando dono dele.

E do meu coração.

Ninguém antes dele havia roubado meu coração. E nem roubaria depois.

Como poderia?

Ele nunca tinha me devolvido.

Capítulo Nove

Thomas

O silêncio que procede meu pedido transforma o ar entre nós em tensão.

Seus olhos são duas bolas escuras de choque e confusão e eu vejo em sua expressão a luta interna que acontece em seu íntimo. E me identifico.

Desde que nós nos reencontramos esta luta era minha companheira constante.

Eu sabia que não podia tê-la de novo. Eu nem deveria querê-la de novo.

Sua presença constante era irresistível. Como fora uma vez.

Era impossível não pensar em como teria sido nossas vidas se o desfecho de nossa breve história tivesse sido diferente.

Se eu fosse um cara diferente, minha consciência sussurra.

Eu não lhe dou ouvidos. Eu a empurro com um soco para longe, como fiz todos aqueles anos.

Não. Eu não deveria pensar que as coisas poderiam ter sido diferentes. Como eu tinha acabado de falar para Liz, nada do que aconteceu no passado poderia ser mudado. Mas nós dois estávamos ali agora. E não dava mais para ignorar que eu ainda tinha um tesão louco por aquela garota. Isto não mudou nem um pouco.

E desde ontem à tarde, depois da cirurgia, quando quase a beijei, eu vinha pensando sobre esta situação e não tinha outra conclusão: eu precisava fodê-la de novo.

Ok, sei que se externasse este pensando, Liz me daria um soco na cara. Eu posso ser um canalha em se tratando de mulheres, mas sabia a hora certa e como agir para destruir suas resistências. Uma a uma.

Eu fiz isto até hoje e precisava acreditar que com Liz não seria diferente. Afinal, ontem, eu pude sentir que ela não era indiferente. O mesmo fogo que me consumia a atormentava também.

E se meu desejo por ela não mudara, minhas convicções também não. Eu ainda não acreditava em relacionamentos. Eles simplesmente não eram pra mim. E eu acreditava que não eram pra ninguém. Amor era uma merda. Era a pior das doenças. E sei que um dia eu estive muito próximo de me contaminar e o catalizador foi justamente aquela garota na minha frente. Mas consegui pular fora enquanto era tempo, não consegui?

Não foi fácil. Não foi sem um pouco de sofrimento envolvido.

Com certeza teria sido muito pior se tivesse insistido naquele sentimento. Ele ia crescer e me dominar por inteiro. Assim como um câncer, ia comer tudo o que tinha de bom em mim. E quando acabasse, eu estaria destruído para sempre.

Eu já vi isto acontecer antes e não queria isto pra mim.

No entanto, eu estava mais velho agora. Mais experiente e mais sábio, poderia lidar muito bem com aquela paixão por Liz Spencer.

Bastava ela deixar tudo para trás. Esquecer o que aconteceu de ruim e se concentrar nas boas lembranças. Naquelas de nós dois nos encaixando perfeitamente, no melhor sexo do mundo, no prazer mais perfeito que poderíamos tirar um do outro.

Todavia minhas esperanças se arrefecerem um pouco quando o choque em seu rosto se transformou em pesar.

E uma sombra triste toldou seu olhar. Luto contra a própria sombra dentro de mim.

— Não sei se será possível - é sua resposta quase sussurrada.

Eu dou um passo à frente, ávido por convencê-la, ela dá um passo a trás, mantendo a distância entre nós.

— Você sabe que eu tenho razão. Somos adultos agora. Não somos mais aquelas pessoas Liz.

Ela sacode a cabeça, como se negando com todo seu íntimo a verdade que eu já havia aceitado.

— Você pode me dizer com toda certeza que mudou Thomas?

— O que nós sentimos não mudou.

— Nós? Você não sentia nada!

— Não é verdade, e sabe muito bem.

— Minhas memórias infelizmente são bem frescas!

— Então deve se lembrar de como era... quando estávamos juntos – eu me aproximo, até quase não haver espaço entre nós, ainda deixando uma distância pequena o suficiente para ela querer mais, assim como eu queria. Inferno, eu queria tanto que chegava a doer.

— Não faça isto – sua voz naquele tom sussurrante que amava ouvir quando estava dentro dela.

— Não posso parar Liz. Não sente? – Ela fecha os olhos, quando levanto a mão e toco seu rosto, passando meus dedos por seus lábios perfeitos que se entreabrem prontos para receber minha língua.

Língua que neste instante está coçando para sentir o gosto dela de novo. E de novo.

— Por favor... – e lá está, aquela súplica que sempre age como uma droga que entra por meu ouvido e controla meus sentidos.

Ela deve saber que sou um escravo quando faz isto.

— Por favor, o quê? — Me aproximo mais, me alimento do seu hálito doce que aquece meu rosto.

— Eu não posso... — sua voz quase sumida agora está cheia de um sentimento tão profundo que atravessa as barreiras bem construídas em volta do meu coração. E eu paro, chocado por um momento por entrever pela primeira vez a extensão do ressentimento que ela guarda dentro de si. E mais chocado ainda por sentir aquela dor que vinha dela se chocando com algo duro dentro do meu peito.

Minha própria dor, ignorada e por fim esquecida, que ainda estava ali. Pungente. E que agora envolve a dela num abraço apertado de amante.

E então, eu estou dando um passo atrás, assustado.

E Liz abre seus olhos, a dor sendo substituída pela velha mágoa.

— Me deixe em paz, Thomas!

Ela foge e eu fico ali, aturdido, tentando fazer a minha dor que deveria estar escondida, largar a dela e voltar ao esquecimento.

Naquela noite, eu ligo para a única pessoa que sabia da minha história com Liz e o encontro no bar próximo ao hospital.

— E aí, cara, quanto tempo — Josh senta do meu lado e pede uma cerveja. Eu já havia perdido a conta de

quantas tinha bebido e a merda era que o álcool não estava fazendo seu trabalho. Por mais que eu bebesse hoje eu não conseguia me desligar da realidade.

— Mais uma – resmungo para a bartender, que hoje teve o bom senso de não se insinuar, certamente percebendo meu humor. Ou estava esperando eu ficar bêbado para atacar. Bom, hoje ela não estava com sorte se esta fosse sua intenção.

Josh levanta a sobrancelha, onde brilha um piercing.

— Hum, por que eu acho que esta não é uma noite como as outras, onde vamos beber e pegar umas garotas?

— Lembra da Liz?

Josh quase cospe a cerveja.

— A Liz? A sua Liz?

Um riso amargo fecha minha garganta.

— Sim, essa Liz, mas não mais minha, certamente.

— Sim, claro que eu lembro.

— Ela é uma interna no hospital.

— Espera aí: quer me dizer que aquela Liz que você comia há oito anos e que as coisas não acabaram nada bem, agora trabalha no mesmo hospital que você?

— Ela não só trabalha no mesmo hospital. Eu sou seu chefe. Ela é uma das internas, começou esta semana.

— Cara... – Josh assovia – isto é inesperado.

— Só isso que tem a dizer?

— Quer que eu diga o quê?

Sim, o que eu queria que Josh dissesse?

Ele estava lá quando tudo aconteceu. Desde o começo.

Ele sabe de todas as merdas.

Talvez por causa disto eu esperasse que ele tivesse algo a dizer.

— Mas e aí? – Ela continua gata?

— A mulher mais linda do mundo – pro Josh eu não precisava mentir. Ele sabia que eu fui louco por Liz.

Ele só não faz ideia de que esta loucura perdura até hoje.

— Hum, e aí?

— E aí que minha vida virou um inferno – eu tomo um longo gole de cerveja.

— Sei... Acho que é melhor me contar tudo em detalhes pra eu entender. Eu achei que esta história tinha ficado lá trás, afinal se passaram oito anos. Eu tive muitas namoradas e algumas com histórias que também não acabaram nada bem, mas cara acho que nenhuma ia transformar minha vida num inferno se eu a encontrasse hoje.

— Eu queria dizer o mesmo. Também já tive muitas garotas nestes oito anos e antes e algumas

certamente me odeiam....

Josh ri.

— Isto porque algumas não aceitam o aviso de “sem compromisso” e insistem em se apaixonar por você. Espera... é isto? A Liz é uma destas que ainda é apaixonada por você?

— Não. A Liz me odeia.

— Hum, deve estar sendo difícil mesmo. Mas... oito anos depois? Eu não me lembro da cara de quem eu estava pegando há dois anos, que dirá oito! Por que vocês estão encrencando com isto?

— Eu me pergunto o mesmo!

— Olha, eu sei que ela era uma tremenda gata. Sei que você foi amarradão nela. Sei que as coisas acabaram mal, mas... aconteceu faz tanto tempo! Não consigo entender porque ainda.... Wow – ele para me encarando – Você ainda gosta dela!

— Não! – eu faço uma careta.

Josh ri mais.

— Claro que sim! Ainda quer comer ela, não é seu filho da puta? Cara, qual o problema? Certamente nunca foi difícil pra você! Basta lançar este sorrisinho sacana que as minas já abrem as pernas! Porra, eu mesmo já peguei algumas por sua causa!

— Você não ouviu o que eu disse? As coisas não são tão simples assim, a Liz me odeia!

— Ah, agora começo a entender. Você quer a Liz e ela não te quer.

— Eu sei que ela quer ficar comigo, só não quer esquecer o que aconteceu...

— Hum, não dá pra culpá-la não é?

— Não sei por que eu sou o sacana da história se ela não era tão inocente assim!

— Ei, calma! Acho que temos bastante ressentimentos aqui hein? Deveriam ter pago uma grana pro analista, hoje não estariam assim, cheios de grilos!

— Vai se foder, Josh! Nem sei porque achei que poderia me ajudar.

— Eu realmente não sei como te ajudar. O que diabos você quer?

— Eu quero... — Respiro fundo, tentando externar o que estava me matando por dentro — eu a quero de volta. — Digo com todas as palavras e é como se tirasse um peso do meu peito.

Sim. Eu a queria de volta e não sabia como convencê-la e isto estava me deixando louco.

— Ah... Agora sabemos qual o verdadeiro problema.

— A merda é que ela é uma interna. Além de ser proibido...

Josh ri.

— Esse fato nunca foi problema.

— Eu sei. Só que desta vez prometi pro meu pai.

— Eu tenho certeza que esse não seria uma proibição que faria você ficar longe dela. O problema é que Liz não está disposta a ceder desta vez.

— Eu sei. Eu estou ferrado, cara.

Josh bate nas minhas costas.

— Olha eu acho que deveria tentar esquecer a Liz. Não acabou bem antes e agora pode ser pior ainda.

— Acho que tem razão.

Eu acordo com uma tremenda dor de cabeça de ressaca e chego ao hospital ansioso e temeroso ao mesmo tempo.

Eu queria vê-la. Saber que estaria por perto.

Ao mesmo tempo sabia que seria um inferno tê-la ao meu alcance sem ter o direito de tocá-la.

— Bom dia Doutor Hardy, está atrasado – Erick brinca quando entro no vestiário.

— Vai tomar no cu! – Resmungo e escuto um risinho.

Levanto o olhar enquanto tiro a camisa e Jenny está ali, amarrando os sapatos.

— Bom dia chefe. Noite mal dormida?

Erick ri e bate nas minhas costas.

— Eu vou dizer que vai se atrasar mais um pouco.

— Ele pisca e se afasta, deixando claro que eu terei tempo para uns amassos de reconhecimento na interna.

Assim que ele desaparece porta a fora, Jenny já está perto de mim.

— Uau – ela arregala os olhos ao ver minha tatuagem – é... linda...

Em outros tempos eu sorriria e diria que ela poderia tocar. E eu a tocaria também. E uma coisa levaria a outra.

Hoje Jenny e seu olhar embasbacado apenas me irritam.

— Se já estiver pronta, deveria se juntar aos outros – digo friamente, me virando para o armário a procura do meu uniforme.

Mas a pequena Jenny tem outras ideias.

Sinto seu toque no meu ombro.

— É um trabalho incrível, doutor Hardy, sabe eu tenho uma tatoo também, eu posso mostrar a minha já que mostrou a sua...

Antes que eu tenha a chance de mandá-la se afastar de novo, escuto um barulho na porta e ao levantar a cabeça, Liz está ali.

Seus olhos são duas pedras de gelo e automaticamente tenho vontade de empurrar Jenny e sua mão curiosa pra longe.

— Ah, olha só quem chegou atrasada. De novo – Jenny, graças a Deus, se afasta com a chegada de Liz. – O Doutor Hardy não deixou bem claro que uma das regras era não se atrasar?

— E você agora é a assistente pessoal do Doutro Hardy, Jenny? – Liz diz entredentes, passando por nós e chegando ao próprio armário. – Ou melhor, talvez assistente não seja bem o que você quer ser, não é? – ela abre a porta começando a jogar suas coisas lá dentro com força.

— O que está insinuando...

— Jenny, vá se juntar aos outros – eu ordeno.

— Mas...

— Agora!

Ela bufa e se afasta batendo os pés no chão como uma criança birrenta.

Sério que eu tinha achado aquela garota desagradável interessante?

Assim que ela desaparece porta afora volto minha atenção para Liz.

E puta que pariu. Ela está tirando a blusa nervosamente.

— Tá olhando o quê? – resmunga irritada e para

meu assombro, ela tira a calça, ficando apenas de calcinha e sutiã na minha frente.

A linda tatuagem de rosa vermelha continuava ali, no mesmo lugar em que eu passei minhas mãos e minha língua tantas vezes.

Eu me lembro de tudo. Minhas mãos se lembram de tudo. Meu pau se lembra de tudo.

Eu sinto um forte puxão na minha calça, enquanto a olho de cima abaixo, embasbacado.

Liz continua maravilhosa. Não, ela está mais perfeita agora. Se é que é algo possível.

Ela acha sua calça e a coloca, com gestos nervosos.

— Eu atrapalhei seu joguinho com a Jenny? — Dardeja irritada, porém não estou prestando atenção em suas palavras.

Na verdade, o único pensamento racional na minha mente é a constatação que ela não deveria estar se vestindo.

— E nem vem reclamar que eu me atrasei! — Ela pega a blusa e é o que basta para eu sair do meu torpor.

Sem pensar em mais nada, sigo meu mais básico instinto e com poucas passadas, estou na sua frente, puxando a blusa de sua mão e a jogando longe, enquanto a empurro em direção ao armário que trepida com o baque.

Ela solta uma exclamação abafada de surpresa e é

o último som que escuto antes de lançar minha boca sobre a sua.

E eu a beijo.

Oito anos antes

— Eu amo esta música – Liz murmurou e eu aumentei o som. Era mais uma música da banda do nosso amigo Josh de cujo show acabáramos de sair.

Disfarcei um sorriso, quando Liz bocejou tentando acompanhar a música. Ela era ridiculamente desafinada, ainda mais bêbada.

Tínhamos nos divertido hoje à noite, como eu ia dirigir, maneirei na bebida, Liz certamente não teve a mesma preocupação.

Naquele momento, observando-a fechar os olhos, me perguntei se não deveria tê-la feito parar, porque, certamente, acabar a noite carregando minha namorada bêbada e apagada para a cama não era uma boa opção.

Sinto um mal-estar ao me dar conta que cada vez mais eu vinha usando esta palavra para me referir a Liz.

Namorada. Era estranho.

Eu não tinha namoradas.

Garotas para foder sim. Compromissos não.

Eu fugia de compromissos como o diabo foge da cruz.

Não era pra mim. Eu tinha pavor de me imaginar preso a uma só pessoa.

Deixando aquela pessoa ser importante. Porque as pessoas vão embora um dia e aí você fica na merda eternamente. Como meu pai, depois que minha mãe morreu.

Não, eu não queria aquela merda toda pra mim.

Então o que eu estava fazendo com aquela garota?

Bom, ela era linda e eu ainda não tinha me cansado dela. Na verdade, a cada dia que passava minha vontade de ficar com ela aumentava cada vez mais. Era como uma droga. Alguma substância ilícita feita só para mim, apenas para me viciar.

Toquei sua coxa apertando e ela abriu os olhos sonolentos para mim. Um sorriso preguiçoso em seu rosto bonito.

Eu continuava achando-a tão incrível como na primeira vez que a vi, naquele maldito sarau, brigando comigo por ser um filho da mãe.

Parecia que tinha se passado muito tempo apesar de fazer somente algumas poucas semanas.

E, desde o dia em que eu a levei a minha casa e finalmente a coloquei na minha cama, nós não tínhamos mais nos desgrudado.

De novo, eu senti um frio na boca do estômago. Um medo estranho.

Eu o afastei rapidamente quando ela ronronou e se aconchegou a mim, deitando a cabeça em meu ombro.

— Sua casa? – Perguntei, beijando seus cabelos.

— Não!

— Por que não? Acho que nunca me levou lá. Não mora sozinha? – Desde que começamos a transar, nós só ficávamos juntos na minha casa, que graças a Deus estava quase sempre vazia, com meu pai e Diana muito ocupados com seus respectivos trabalhos e Amber passando férias com os amigos em Cabo.

— Minha mãe pode aparecer... – ela resmungou.

Eu ainda não conhecia a mãe de Liz que, numa coincidência incrível também era médica. Pelo pouco que Liz falava dela, parecia ser uma pessoa extremamente controladora e, mesmo Liz morando sozinha, ainda dava um jeito de controlar a vida dela.

Isto não deveria me interessar ou me chatear, afinal, meu lance com Liz era temporário, em breve eu iria para Boston, passar quatro anos em Harvard e Liz ficaria ali, para cursar a universidade.

De novo senti um aperto estranho. Eu não poderia estar lamentando, poderia? Eu não tinha nenhum interesse em relacionamentos e obviamente nunca foi uma opção para nós.

Todavia acho que sentiria falta de Liz.

Eu não ia ficar pensando naquilo.

Naquele momento, ela estava comigo, um pouco bêbada e sonolenta, mas eu poderia dar um jeito, pensei, com o bom humor voltando, ao pensar em todas as possibilidades.

Parei o carro em frente à minha casa e a ajudei a sair, ela tropeçou, rindo.

— Opa! Acho que estou meio bêbada.

— Meio? – Eu abri a porta de casa – Você está travada, baby.

Ela riu mais.

— Vai se aproveitar de mim?

— Com certeza, porém eu prefiro você acordada – e a levei para o sofá – fique quietinha aí, vou fazer um café.

Eu fui pra cozinha e liguei a cafeteira, fazendo um café rapidamente e levando pra Liz.

Ela tinha tirado a jaqueta e agora eu poderia apreciar novamente seus seios perfeitos que a blusa apertada deixava à mostra.

Ela era gostosa. Ela era minha. E eu não via a hora de tirar aquela pequena blusa idiota e tomar posse do que era meu.

— Aqui, tome – eu lhe dei o café e sentei do seu lado.

— Eca, tá amargo.

— Não reclame. Senão a levo pra sua casa.

Ela tomou o café lentamente, começando a tomar vida novamente, enquanto olhava em volta. Seus olhos pousaram no aparador ao lado do sofá, onde alguns retratos o enfeitavam.

— Esta mulher com seu pai é sua mãe? — Ela perguntou apontando para uma foto de Diana e Jack numas férias em Aspen.

— Não, é minha madrasta.

— Hum, não tem foto da sua mãe?

— Meu pai sumiu com todas. Ele não aguentaria.

— Por quê?

— Ele nunca superou. Ele... nunca mais amou depois da minha mãe. Ele seguiu a vida, até se casou de novo, embora eu ache que se tornou uma pessoa incapaz de amar.

— Ele deve amar você e sua irmã.

— Eu duvido. Acho que ele nunca nos ensinou a amar também, talvez por isto eu e Amber não nos amamos. Somos mais rivais do que qualquer outra coisa.

Eu me perguntei de onde vinham aquelas confissões. E porque as estava fazendo a Liz.

De repente quis mudar de assunto, antes que ela fizesse mais alguma pergunta sobre minha disfuncional família.

— E seu pai? Nunca me falou sobre ele.

— Ele morreu de um aneurisma quando eu tinha pouco mais de oito anos. Mas eu mal o conhecia. Ele era um professor de cidade pequena, um cara com quem Bárbara ficou pouco tempo. Ela deu o fora da cidade que eles moravam pra estudar medicina que era seu grande sonho e me levou junto. Eu o via todo verão, apenas isto. Barbara não permitia que fôssemos próximos.

— Sua mãe parece ser uma vaca.

Ela riu.

— Acho que ela e seu pai têm isto em comum. Minha mãe também é incapaz de amar – ela ficou séria – É isto. Eu sempre achei que ela me tratava assim por excesso de amor, eu estava enganada, não é?

De repente a conversa havia tomado um rumo esquisito. E a dor que eu vi em seu olhar, me fez querer matar a vadia da tal Bárbara.

— Por que estamos falando dos nossos fodidos pais? Eu te trouxe aqui pra te foder, esqueceu? – Eu me levantei e a puxei comigo fazendo-a rir, quando a coloquei sobre meus ombros.

— Thomas!

Eu lhe dei um tapa na bunda e rumei para as escadas.

Estava chegando ao andar de cima, quando meu pai apareceu no corredor.

— Thomas, que barulho é este?

— Merda!

Eu coloquei Liz no chão, que tirou o cabelo do rosto ficando vermelha ao ver meu pai.

— Oh Meu Deus – ela sussurrou – É o Doutor Hardy.

— Sim, este é meu pai – resmunguei.

Jack veio em nossa direção. Usava um roupão e óculos de leitura, o que queria dizer que estava trabalhando em vez de estar dormindo.

— Sim, sou o pai de Thomas e você é?

— Liz – respondi por ela – e nós estamos indo pro meu quarto.

Eu a puxei, sem a menor cerimônia.

Jack não nos impediu. Ele não se intrometia na minha vida e eu não me intrometia na dele.

Meu pai só se preocupava comigo quando dizia respeito a minha futura carreira na medicina. Quem eu fodia não lhe interessava.

— Que vergonha — Liz sussurrou quando fechei a porta do quarto.

— Esquece, meu pai está de boa.

— Tem certeza? Minha mãe teria enlouquecido!

Eu ri e a puxei pela camiseta, enfiando meu rosto em seu pescoço, depositando um beijo ali o que a fez

gemer e fechar os olhos.

— Agora chega de falar, senhorita Spencer. Eu vou te levar pra cama... — eu a empurrei em direção a cama e ela riu, se ocupando em tirar a blusa e me mostrar aquele belo par de seios que já fazia parte das minhas mais sacanas fantasias.

— Você é linda — enterrei meu rosto entre eles, aspirando.

— Seu pai é gato — ela comentou e eu levantei a cabeça a encarando.

— E você deve estar mais bêbada do que eu imaginava.

— Sério! Ele é lindo! Será que você vai ficar assim quando ficar mais velho? — Ela me puxou para si, beijando meu queixo, enquanto eu me imiscuí no meio de suas pernas.

— Quem sabe? Talvez eu fique — eu a beijei com vontade, engolindo suas palavras e querendo tirar qualquer pensamento de sua cabecinha bêbada que não fosse eu estar dentro dela.

— Eu espero que você fique... — ela ainda murmurou quando deixei sua boca para trilhar beijos por seu pescoço, sua risada suave misturando-se com seus gemidos doces — quero ver você assim...

Eu afastei da mente aquela imagem que ela projetava em seus devaneios.

Liz não me veria assim. Mais velho.

Na verdade, em poucas semanas, ela não me veria mais.

Capítulo Dez

Liz

Thomas Hardy está me beijando.

Demorou alguns instantes, entre o momento em que ele me jogou contra o armário e enfiou a língua na minha boca, para meu cérebro processar aquela informação.

E aí veio a revolta. A constatação que aquilo não deveria, em hipótese alguma, estar acontecendo.

Era a mais errada de todas as ideias erradas no mundo.

No entanto havia as sensações.

A textura. O gosto.

Ah, porra. Thomas Hardy e sua boca ainda eram o melhor beijo do mundo.

E então estou perdida no jeito que suas mãos grandes seguram minha cabeça, puxando meu cabelo. Seu corpo perfeito segurando o meu, imóvel, me forçando com docilidade.

O gemido rouco que ele deixa escapar como se viesse do fundo de sua alma. Acordando a minha, que se espreguiça e vem à vida. Querendo tudo o que tinha

direito e que só ele poderia dar.

Meu coração se junta à festa e se agita ansioso no meu peito, seu retumbar frenético é como uma trilha sonora para a loucura que toma conta dos meus sentidos. E um gemido de rendição escapa por entre meus lábios, que devoram os dele com igual fome.

Cada célula do meu corpo está viva e pulsando por ele. Respirando por ele. Meus próprios braços se apressam em trazê-lo para perto. Mais perto. Até que não reste nenhum espaço. Nenhuma dúvida de que eu preciso dele para aplacar aquele desejo insidioso que começa a correr nas minhas veias e explode em forma de calor em minha pele que queima fazendo meu interior ferver.

E de novo eu sou aquela menina de dezoito anos, apaixonada e ansiosa por qualquer coisa que aquele cara poderia me dar.

Ansiosa por seus dentes mordendo minha boca. Por suas mãos que percorrem minhas costas e pousam agressivamente em meus quadris. Ansiosa por sua ereção agressiva, que me deixa frágil e entregue.

Depois de mais de oito anos tentando esquecer aquela sensação. Oito anos tentando tirar da minha cabeça a memória de seus beijos. Dos seus braços.

Para acabar assim. Rendida. De novo.

Este reconhecimento derrama um balde de água fria sobre meu desejo e eu luto para empurrá-lo.

— Não, Thomas... – murmuro sentindo um nó se formar na minha garganta.

Thomas finalmente para de me beijar, mas não me solta. Seus olhos brilhantes de um desejo ávido ameaçam o muro que estou erguendo à custa das lembranças dolorosas que ele mesmo causou.

— Por quê? – Ele ofega, me apertando.

— Me solta – luto contra seus braços.

— Você também quer, por que está relutando...?

Eu esqueço a raiva e o encaro com todo o ressentimento que ainda existe dentro de mim.

— Você sabe muito bem por quê!

Ele finalmente reconhece e seus braços se afrouxam, me libertando.

Sei que por sua mente está se passando o mesmo que na minha. Um filme de horror que foi aquela noite há mais de oito anos.

O dia em que ele quebrou meu coração.

O coração que eu fui tola o bastante em dar a ele.

— Você não deveria nem perguntar por quê! – Cuspo estas palavras, o nó na garganta arrebatando em lágrimas sofridas que já não posso conter.

— Inferno, Liz, já se passaram oito anos! – Ele bate no armário, frustrado e enraivecido.

— Pois podem se passar mil!

— Você me odeia tanto assim?

— Não sei se ódio é a palavra correta. Eu só não quero passar por tudo aquilo novamente. Nunca mais. Consequentemente eu não posso confiar em você de novo, deixar que isto... — eu aponto para nós dois — aconteça de novo.

Antes que ele possa responder, Amber entra pela porta.

— Thomas, estão te chamando na sala de emergência... — ela para quando me vê.

Eu me viro automaticamente, tentando secar as lágrimas.

— Estou ocupado, Amber — Thomas rosna.

— O quê? Ocupado comendo mais uma interna? Devo dizer isto ao papai que foi quem te chamou? Confesso que eu adoraria!

Eu tento não gritar para ela que eu não sou mais uma interna que o Thomas vai comer, mas me calo.

Com um palavrão Thomas sai do vestiário.

Eu me viro, achando que Amber o acompanhou, ela continua ali e parece desconcertada com minhas lágrimas.

— Oh... Meu irmão fez isto?

Eu as seco, voltando a me vestir.

— Seu irmão é um idiota.

Ela ri e estende a mão, onde tem um lenço de papel.

— Eu sei.

Eu pego o lenço.

—Obrigada.

— Olha, se quer um conselho. Não se envolva com o Thomas. Ele é um sacana egoísta e, embora muitas garotas tentem, ele nunca fica muito tempo com nenhuma.

Eu deveria dizer a ela que eu sabia muito bem disto? Que eu descobrira da pior forma possível?

— Não se preocupe. Não farei parte das estatísticas.

— Não? Era seu batom que eu vi na boca dele.

Eu fico vermelha.

— Isto não vai se repetir.

— Para o seu bem, espero que não.

De repente, meu celular toca e eu vejo o rosto de Peter no visor.

E Amber também, antes que eu desligue e o jogue dentro do armário.

— Nossa, que gato. Namorado?

— É... por aí... – respondo.

— Uau. Ele é lindo.

— Eu preciso ir – digo quando acabo de me trocar.

Amber ainda me estuda.

— A Chloe me disse que almoçou com ela. Se quiser, pode ir com a gente hoje de novo. Ela disse que você é legal.

— Quem sabe? – Eu dou de ombros e me afasto.

Eu ainda estou tonta com todo o ocorrido quando paro no corredor ao ver Thomas e um senhor bonito conversando a poucos metros de mim.

E as palavras de Amber que eu não tinha decifrado, ressurgem.

O pai de Thomas também trabalhava ali, naquele hospital.

– Que grande merda! – Resmungo dando meia e volta evitando mais aquele confronto.

Como é que eu não tinha nem sequer lembrado que Jack Hardy era o diretor daquele hospital? Como se não bastasse reencontrar Thomas, ainda seria obrigada a encarar o pai dele?

Era muito azar para uma pessoa só.

— Ei, Liz, vai ficar aí de boa o dia inteiro? – Jenny passa por mim com cara de poucos amigos e sem aviso joga um monte de exames nos meus braços – já que não tem o que fazer, pode ir entregar esses exames!

— Isso não é tarefa sua? – Pergunto de mal humor.

— E você não chegou atrasada de novo? – Ela usa seu tom mais estridente para me desafiar e eu bufo.

— Okay eu faço,

Ela dá um sorriso afetado.

— Aposto que o Thomas vai te dar uma bronca por mais este atraso!

De repente eu tenho vontade de jogar na cara dela exatamente o que Thomas tinha feito comigo no vestiário para tirar aquele sorrisinho satisfeito do rosto daquela gralha.

Me controlo a tempo. Imagina o inferno que seria se outras pessoas do hospital soubessem sobre Thomas e eu?

Não. Nem pensar.

Com alguma sorte eu conseguiria sair daquele enrosco com o meu orgulho intacto.

E espero, desta vez, meu coração.

Eu passo o dia entregando os malditos exames e fugindo de Thomas e companhia.

À noite, Peter aparece na minha casa sem avisar.

Eu deveria saber que ao não atender seus telefonemas ele ficaria preocupado e viria atrás de mim.

— Oi Peter – não consigo disfarçar o desânimo na minha voz.

— Ei, Lili, tentei falar contigo o dia inteiro.

— Eu vi suas ligações, não pude atender, estava

atrasada para o trabalho.

— Você não parece nada bem – ele estuda meu rosto e eu tento um sorriso.

— Estou cansada. A pressão é grande no hospital.

— É só trabalho mesmo? – ele não parece acreditar na minha desculpa e por um momento tenho vontade de contar tudo a ele.

Peter pensa que me conhece mais do que ninguém. Que sabe todos os meus segredos. Ele não sabe nada.

— Lili – ele entende meu silêncio como confirmação e se aproxima, tocando meu rosto – ei, sou eu – sorri de um jeito que em outro momento me faria sorrir também. Não hoje. Temo que nunca mais – sabe que pode me contar o que está te preocupando.

Eu seguro sua mão afastando-a.

— É só a pressão do trabalho.

— É tanta pressão assim?

Eu dou de ombros.

– Deve passar com o tempo.

Ele se aproxima novamente, sua mão agora acariciando meu cabelo.

— Bem, o que acha de pedirmos comida chinesa e, enquanto esperamos, eu posso lhe fazer uma massagem? Sabe que eu sou bom nisso... – sua voz não esconde a promessa sexual.

Em outra ocasião seria tentadora. Relaxar fazendo um bom sexo.

Mas hoje eu sabia que fazer sexo com Peter não iria me ajudar. Eu não queria sentir a boca de Peter. O toque de Peter. Porque, de alguma forma, por mais que eu tentasse esquecer, eu ainda sentia o gosto de Thomas em minha boca.

Ainda sentia o toque de suas mãos.

Era exatamente como há oito anos. Eu não precisava estar com ele, para senti-lo.

Como se tivesse me marcado. Me tatuado.

— Não hoje, Peter – eu dou um passo atrás – estou realmente cansada e só quero dormir. Melhor ir embora.

— Tem certeza? Eu realmente não queria deixá-la sozinha...

— Sim, eu tenho. Só preciso de um banho e cama.

— Tudo bem. – ele finalmente cede.

Eu o acompanho até a porta.

— Lili, eu queria te levar pra jantar – ele diz antes de ir.

— Ok, vamos marcar... deixa eu me acostumar com o ritmo do trabalho e a gente pode comer o quanto você quiser!

— Não, eu estou dizendo, tipo um... encontro.

Oh, oh!

Eu estava entendendo errado, ou Peter estava me chamando pra sair?

— Peter... O que está querendo dizer?

— Você entendeu.

— Não estou entendendo direito. Você quer ter um encontro?

— Sim, um encontro.

— Nós somos amigos, Peter. Não temos encontros!

— Mas eu quero um.

Eu respiro fundo, tentando organizar meus pensamentos.

Tentando não chorar.

Peter sempre foi meu porto seguro. O cara que era meu amigo acima de tudo. Que me entendia. Que me aceitava.

Que nunca me cobrara nada.

Porque, além da minha amizade e do meu corpo de vez em quando, eu não tinha mais nada a oferecer.

Agora ele estava me cobrando.

Estava mudando tudo.

Justo agora, que eu estava de novo toda enrolada nos problemas com Thomas Hardy.

Por que o universo escolheu aquele momento para me sabotar?

— Peter, eu não... não quero que nada mude entre nós.

— E se eu quiser?

— Por quê? Não está legal assim?

— Assim como? Com você decidindo quando me quer? E me enxotando quando não está a fim?

— Por que está sendo tão cruel comigo? Não entendo! Somos amigos!

— A gente faz sexo, Lili!

— E daí? Não é nada demais! A gente combinou que seria desse jeito!

— Combinamos? Eu somente aceitei as migalhas que me oferecia! Apesar de sempre ter desejado mais!

— Oh Deus! — Como é que eu nunca havia percebido que Peter guardava todo aquele ressentimento?

— Olha, me desculpa! Eu não deveria estar te pressionando! Merda, não foi assim que eu imaginei a gente tendo esta conversa. Eu disse a mim mesmo que eu iria devagar. Iria esperar você se formar, e então iria te cortejar e...

— Eu não fazia ideia...

Ele sorri tristemente.

— Eu sei. Eu nunca quis te assustar. Eu sei que tem coisas no seu passado que não quer me contar, que alguém te magoou muito e por isso mantém seu coração

fechado, mas Lili – ele segura minha mão – eu não sou como esse cara. Eu nunca iria te machucar.

— Eu sei – mordo os lábios com força para não chorar – infelizmente eu sou uma mercadoria avariada, Peter.

— Não é! Se me permitir, eu posso fazer você feliz. Você sabe que posso!

— Eu sei – afirmo, tristemente – mas realmente não posso. Não ainda... Ainda existem coisas... Coisas que não faz ideia...

— Então me conta.

— Eu não posso... Por favor, não me faça falar... Apenas... Seja meu amigo. – Imploro, porque sou uma criatura egoísta. E não quero perder Peter.

— Eu nunca vou deixar de ser seu amigo!

— Então, por favor, me entenda. Não posso te amar. Não do jeito que quer.

— Tudo bem, Lili. Eu não vou insistir. Não agora.

— Eu sinto muito, eu realmente sinto. Eu queria ser essa pessoa. Lamentavelmente não sou. Temo que nunca poderei ser.

— Eu não concordo. Mas eu vou respeitar seu desejo. É o que os amigos fazem, não é? Vai continuar sendo como você quiser.

Eu respiro aliviada.

— Eu acho que a gente não deve... Não devemos mais dormir juntos.

— Pensei que quisesse que tudo continuasse como antes.

— Agora que eu sei como se sente, acho que só iria confundir e piorar mais as coisas.

— Tudo bem. Como quiser — ele se aproxima e beija minha testa.

— Obrigada, Peter.

— Se cuida.

Ele se vai e eu fecho a porta me encostando nela.

Que dia interminável.

Um dia que começou com Thomas me beijando e me fazendo perceber que ainda havia dentro de mim muito daquela menina de dezoito anos que foi completamente apaixonada por ele.

E culminara com Peter praticamente se declarando.

Tudo estava mudando.

E de um jeito que eu não sabia como ia terminar.

E isso me amedrontava.

Naquela noite eu quase não dormi.

Minha cabeça completamente infestada de pensamentos confusos.

A conversa com Peter voltava toda hora na minha mente, assim, como nossa história. Será que Peter estava com a razão e eu poderia ser feliz com ele? Poderia me livrar dos traumas do passado e dar uma chance a minha felicidade ao lado de alguém que me amava de verdade?

Como acreditar?

Eu acreditei uma vez e foi uma tragédia. Acreditei que um cara me amava e me queria. Quis abrir mão de tudo por ele.

E o que eu ganhara em troca?

Só sofrimento e traumas pra uma vida inteira.

E agora este mesmo cara que eu achei que nunca mais fosse ver, estava ali, todos os dias. E o pior, me tentando como da outra vez.

Como Thomas podia querer alguma coisa comigo ainda? Eu não entendia.

Será que era só um jogo? Aquilo me atormentava.

Eu queria dar uma chance a Peter. Eu ansiava por ser uma garota normal. Uma garota que não hesitava em entregar seu coração.

Eu queria ser realmente feliz. Feliz de verdade. Para isso, eu teria que me livrar de Thomas.

Não havia outro jeito.

E talvez, a única saída que eu tivesse, era enfrentá-lo. Não adiantava continuar fugindo. Ele queria falar do passado? Então iríamos falar. Talvez estivesse na

hora de colocar tudo para fora.

Thomas deveria saber a extensão do mal que tinha me causado.

E quem sabe assim, eu poderia me livrar de toda aquela dor arraigada dentro de mim como o mais precioso segredo.

De manhã, eu me sinto surpreendentemente bem.

Como se o peso que eu guardava há oito anos tivesse prestes a ser tirado de mim.

Ainda havia medo, claro.

Ainda havia um caminhão de incertezas. Tomar a decisão de conversar com Thomas me trouxe a certeza de que eu deveria ter feito isso há muito tempo.

Eu chego ao hospital na hora certa e rumo para o vestiário. Jenny e Julie estão lá com seus risinhos, eu as ignoro.

Elas desistem de me incluir na conversa e saem antes de mim.

Eu me troco e penso se devo pleitear uma conversa com Thomas agora. Talvez devesse esperar o fim do dia. Mas eu não quero esperar.

— Ei, Erick, você viu o Thomas? – eu pergunto ao médico grandalhão quando ele passa por mim no corredor.

— Ei, bonita, eu o vi na sala de medicação...

— Obrigada!

Eu quase corro para lá, ao abrir a porta, eu paro.

Sim, Thomas está lá. Mas ele não está sozinho.

A enfermeira Emily está lá também. Muito próxima a ele, com suas mãos muito ocupadas abrindo seu jaleco.

É como um pesadelo retornando do passado, exatamente de oito anos atrás...

Oito anos antes

— Eu sou muito boa. — Meus dedos contornaram as linhas escuras do dragão em seu ombro, o desenho contrastava sensualmente com a placidez de sua pele de estátua grega.

Ele se virou, um sorriso preguiçoso e sexy em seus lábios perfeitos, enquanto seus braços me prendiam sob seu domínio de novo. Derreti com aquele sorriso. E aqueles braços.

E todo aquele corpo perfeito roçando o meu.

Não importava quantas vezes ele já havia feito a mesma coisa antes. Continuava sendo incrível.

Ele era todo incrível. E eu me sentia incrível com ele.

— Eu estou falando da tatuagem — retruquei, devolvendo o sorriso e o abraço.

— Nisto também — sua resposta saiu abafada contra meu pescoço.

— Sério? — Levantei a sobrancelha entre vermelha e orgulhosa.

A gente não passava muito tempo conversando e

era obvio que eu não queria ficar falando de todas as garotas que passaram por aquela cama ou sabe mais onde Thomas levava suas conquistas, sem contar que minha única experiência com sexo antes dele não podia se comparar ao histórico de Thomas.

Eu não me importava. Ele era meu agora. A gente passava todo o tempo juntos. Às vezes saíamos, mas geralmente ficávamos presos naquela bolha que tínhamos criado, onde nós nos bastávamos. Nos completávamos.

Contrariando todas as expectativas eu estava irrevogavelmente apaixonada por Thomas Hardy.

E nunca tinha sido tão feliz na minha vida.

Eu o beijei e me deixei levar mais uma vez para aquele lugar sublime que só Thomas sabia me levar. Era mais do que sexo, mais do que conexão física.

Ele tinha se tornado dono de cada pedacinho meu.
Do meu coração. Do meu corpo. Da minha alma.

Quando acordei, Thomas ainda ressonava pesadamente.

Olhei o relógio, já passava das cinco da tarde. Eu devia ir embora, hoje minha mãe teria um tempo na sua ocupada agenda e jantaria comigo.

Eu o deixei dormindo e me vesti sem fazer barulho, saindo do quarto pé ante pé.

Estava passando pela sala quando uma mulher

bonita me interceptou.

— Olá, você deve ser a Liz.

Eu fiquei vermelha imediatamente.

— Eu sou Diana Hardy – a mulher estendeu a mão.

— Muito prazer, senhora Hardy.

— Fiquei sabendo que passa muito tempo aqui.

Eu fiquei mais vermelha ainda e ela riu.

— Não fique com vergonha. Eu também já fui jovem. Venha, tome um chá comigo.

Eu queria recusar, mas achei que seria falta de educação não aceitar o convite da madrastra do Thomas.

Estávamos na cozinha e ela me fazia perguntas sobre minha faculdade, que eu começaria em breve, quando o Doutor Hardy apareceu.

— Já conhece a namorada do Thomas, Jack? – Diana perguntou ao marido, colocando uma xícara de chá na minha frente.

— Sim, acho que nos esbarramos no corredor uma noite destas.

Droga. Eu queria mergulhar dentro da xícara de tanta vergonha.

— E então, já se despediram?

— O quê? – Franzii a testa sem entender.

— Thomas está indo pra Boston na próxima semana. Acho que ele deve ter te contado sobre a escola

de medicina.

Eu engoli em seco.

Nossa! Como é que eu podia ter me esquecido que Thomas ia pra Harvard?

Como é que eu conseguiria me despedir dele?

Eu não queria ter que me despedir!

Uma dor horrível oprimiu meu peito.

— Claro que sim – respondi, tomando o chá de um só gole e me levantando. – Eu preciso ir.

— Já vai? – Diana pareceu decepcionada.

— Me desculpe, eu tenho um jantar com a minha mãe. Até logo.

Eu saí quase correndo da casa dos Hardy.

Eu me arrumei para o jantar com a minha mãe, com a cabeça girando em um turbilhão de pensamentos.

Eu nunca havia parado para pensar que Thomas iria embora em breve.

E como ficaríamos? Eu não gostava de saber que iríamos nos separar, mesmo que por pouco tempo.

Namoros a distância eram muito difíceis.

Eu precisava pensar em algo...

Então, uma ideia começou a se formar na minha cabeça...

Talvez fosse loucura, contudo quanto mais pensava no assunto, mais a ideia se solidificava.

Eu cheguei ao apartamento da minha mãe e ela estava em uma conferência por telefone, toda ocupada ainda. Sorri, dizendo que ia preparar nosso jantar.

Claro que Bárbara não ia cozinhar. Ela tinha uma empregada, porém a mulher só ficava ali durante o dia.

Eu me ocupei em preparar uma massa e quando Bárbara desligou já estava tudo pronto.

— Nossa, está cheirando maravilhosamente bem! – elogiou.

— É sua massa preferida – revelei e ela levantou a sobancelha.

— Hum, quer me agradar? Algum motivo especial?

Eu dou de ombros.

— Não posso agradar minha mãe? – desconversei ainda sem coragem de contar meus planos a ela.

— Sei... E então me conte as novidades. Preparada para o começo das aulas?

— Bem – eu tomei um grande gole de água – era sobre isso que eu queria falar com você.

— Sobre a faculdade?

— Eu não vou pra faculdade – disse devagar.

— O quê? Que conversa é essa?

— Não surta, eu já estou fazendo todos os planos...

— Que planos você pode ter? Eu já fiz todos os planos pra você!

— Isso mesmo mãe, você fez! Nunca me perguntou se eu queria o que planejou.

— Não, não pode estar falando sério! – Bárbara se levantou andando de um lado para o outro e eu também me levantei.

Eu deveria saber que não seria fácil.

— Mãe, apenas me escute...

Ela parou, me encarando.

— Ok, Elizabeth, fale que diabos está passando pela sua cabeça, mas fique sabendo desde já que eu não vou concordar com nada que envolva você mudar de carreira!

Eu respirei fundo, tentando não me amedrontar, por ela ter me chamado de Elizabeth.

Geralmente queria dizer que eu estava encrocada.

— Eu realmente não estou certa se estou preparada para entrar na faculdade agora. Eu acho que poderia ir pra Boston. Eu arranjaría um emprego, lá. Alan tem amigos em Boston, e certamente me ajudaria a conseguir alguma coisa, em uma galeria...

— Ah, mas tinha que ser! Achei que esse pintorzinho só tinha tirado seu cabaço e te deixado em paz!

— Mãe! – Eu recuei chocada com suas palavras.

Eu nunca deveria ter contado a ela sobre minha primeira vez com Alan. Mas Bárbara desconfiou e eu tive que garantir a ela que não significava que eu estava apaixonada e que o fato não iria interferir em nada nos planos dela para mim.

E era verdade. Eu me sentira atraída por Alan e até tive uma paixonite por ele, mas não passara disso. Foi mais uma paixão de aluna pelo professor. E nós ficamos juntos apenas uma vez, porque ele se recusou a continuar comigo, depois de descobrir que eu era virgem antes dele. Ele se sentia de certa forma culpado por eu ser tão jovem. No começo eu fiquei chateada, mas nem cheguei a sofrer, pois não estava apaixonada. E nós continuamos amigos.

— Não tem nada a ver com Alan!

— Então por que essas ideias agora? Esta maluca? Que diabos iria fazer em Boston?

— Meu namorado está indo pra lá.

— Namorado? Que namorado?

— O Thomas, meu namorado.

— Como assim tem um namorado? E por que nunca me contou?

— Eu sabia que ia surtar!

— Meu Deus, Elizabeth! Enlouqueceu?

— Não, mãe. Eu estou apaixonada!

— Não pode estar apaixonada! – Bárbara gritou.

— Eu estou e não pode me impedir de fazer o que eu quero!

Eu não estava preparada para o tapa que ela deu na minha cara.

— Mãe! – Segurei meu rosto vermelho, chocada. Bárbara continuou a gritar.

— Não vou deixar você arruinar sua vida, entendeu? Vai terminar agora este namoro ridículo! E nem pense em continuar com esses planos de não ir pra faculdade! Você vai ser uma grande médica! Nós sempre sonhamos isso pra você!

— Não! Eu amo o Thomas e quero ir embora com ele! Não pode me obrigar a ficar longe dele!

— Pelo amor de Deus, você está louca!

— Não, mãe! Eu nunca estive tão lúcida! – Peguei minha bolsa e saí do apartamento dela antes que tentasse me impedir.

Bárbara não podia mais controlar a minha vida.

Eu queria ficar com Thomas. E eu iria embora com ele.

Eu nunca quis aquela faculdade mesmo! Era um sonho de Bárbara, não meu. Ela me fez acreditar que eu

deveria querer ser como ela. E por um tempo eu até acreditei. Afinal ela era minha mãe e deveria saber o que era melhor para mim. Então eu deixei que ela tomasse as decisões. Acreditei que a pintura era só um passatempo.

Mas eu podia fazer o que eu queria agora.

E queria ir com Thomas. Onde quer que ele fosse.

— Elizabeth, volta aqui! — Eu escutei os saltos da minha mãe batendo, indo atrás de mim e me virei.

— Mãe, por favor, chega de brigas... Me deixa ir... Eu sou adulta agora, não pode me impedir...

— Claro, joga na minha cara que é adulta e sabe o que está fazendo! Mas você não sabe! Eu sou sua mãe e sei! Vá, mas escute o que estou te dizendo: você vai sofrer! Vai estragar a sua vida por causa de uma paixão que não vai levar a nada! Certamente esse garoto, como todos os homens, só quer uma coisa! E você está sendo suficientemente burra para acreditar em contos de fadas! Isso não existe! E eu sei! Não quero que cometa os mesmos erros que eu! Que se apaixone e engravide de um idiota qualquer, que só vai atrasar a sua vida!

— Não tenho culpa se você odiou engravidar de mim! — Gritei.

Não era a primeira vez que ela jogava na minha cara. Bárbara nunca quis ser mãe.

— Mas eu a tive! E te criei, mesmo com todas as dificuldades! E para quê? Para jogar tudo fora por causa

de um homem que com certeza vai te chutar mais dia menos dia!

— Não desconte sua amargura em mim!

— Não é amargura! É a realidade! Eu conheço a vida e você não! Eu só espero que você veja a realidade antes que seja tarde demais! Aí você verá que eu estava com a razão!

Ela voltou pra casa me deixando sozinha na rua.

Por um momento, eu quis ir atrás dela. Quis gritar que ela não tinha razão.

Não ia adiantar. Bárbara era uma cabeça dura. E eu teria que mostrar a ela que eu poderia sim ser feliz, sem ser do jeito que ela planejou.

— Ei Liz, não esperava vê-la por aqui – Alan me cumprimentou quando entrei na galeria.

— Oi, eu queria te pedir uma coisa.

— Claro, o que quer?

— Você tem um amigo que possui uma galeria em Boston, não tem?

— Sim, o Parker.

— Eu estou indo pra lá, poderia pedir pra ele me arranjar um emprego?

Alan me encarou surpreso.

— Boston? E sua faculdade?

— Eu não vou mais.

— Nossa, que mudança! Vai seguir a carreira artística então?

— Eu ainda não sei, na verdade...

— Então por que está indo pra Boston?

— Meu namorado está indo pra lá e eu quero ir com ele.

— Aquele garoto que esteve aqui com você?

— É.

— Está apaixonada. – Não é uma pergunta.

— Muito. – Confessei.

Alan sorriu.

— Fico feliz por você, duvido que sua mãe tenha ficado satisfeita com sua decisão.

– Minha mãe?

Ele pareceu arrependido, e coçou a cabeça.

— Sua mãe esteve aqui me ameaçando, depois que ficamos juntos.

Eu não sei por que não fiquei surpresa.

— Deveria ter me dito.

— Não queria te aborrecer.

— Foi por causa dela que terminou comigo?

— Não. Eu gosto de você, Liz. E me senti atraído por sua jovialidade e seu talento. Um típico caso de

atração professor aluna – ele sorriu – mas foi só. Eu coloquei um ponto final em nosso caso porque achei que deveria ter a chance de ser uma jovem da sua idade, de conhecer garotos da sua idade. Como aconteceu com seu Thomas. Não por causa das ameaças de sua mãe. Aliás, fico feliz que tenha tomado a decisão de ir para longe dela. É o melhor que faz.

Ele foi até o quadro na parede e o tirou de lá.

— Tome, é um presente pra você. Para sua nova vida.

Eu sorri, pegando o quadro.

— Eu nunca vou esquecer o que fez por mim, Alan.

— Apenas seja feliz. Eu desejo o melhor para você.

Quando cheguei à casa de Thomas fui recebida por Diana.

— Oi Liz, o Thomas não está, querida.

— Não? – Fiquei um pouco decepcionada.

— Não, ele disse que ia a um show daquele amigo...

— Josh?

— Acho que sim... Achei que ia com você...

Só então eu lembrei de olhar meu celular e havia

algumas ligações perdidas de Thomas.

— Ah, acho que ele tentou me chamar...

— O que é isso, parece pesado – ela apontou para o quadro na minha mão.

— É um quadro. Um presente para o Thomas. Será que posso entrar e deixar no quarto dele?

— Claro que sim. Você sabe o caminho.

Eu entrei e subi direto para seu quarto.

Deixei o quadro em um canto e pensei em esperá-lo ali, porém estava ansiosa para compartilhar meus planos. Para contar que não teríamos que nos despedir, porque eu iria embora com ele.

O show estava lotado naquela noite e ainda não era Josh que estava no palco.

Eu fiquei procurando Thomas por entre as pessoas.

Não demorou para que eu o avistasse. Ele estava com uma cerveja na mão e ria junto com alguns caras da banda de Josh.

— Oi – eu me aproximei.

Ele sorriu ao me ver me puxando pra ele.

— Oi, gata! – Sua boca desceu sobre a minha e eu ri me afastando.

— Podemos conversar?

— Agora? – Ele quase gritou por cima do som.

— Sim, não posso esperar! – Insisti, ficando séria.
Ele franziu a testa.

— Não vai me dizer que está brava comigo? Eu liguei mais cedo, para te chamar e você não atendeu.

— Eu sei... Aconteceram umas coisas... Por isso quero conversar com você.

Ele passou a cerveja para a mão de Josh que tinha acabado de chegar.

— Ei, aonde vão?

— Algum lugar com menos barulho – Thomas respondeu.

— O Backstage – Josh gritou atrás de nós e foi para lá que Thomas me levou.

A próxima banda que ia tocar estava por ali, mas com certeza havia menos barulho.

Assim que chegamos lá, Thomas me prensou contra uma parede e me beijou. Por um momento eu pensei em esquecer a conversa e ficar de amasso com meu namorado.

— Hum, você tem um gosto bom – ele mordeu meu lábio e eu ri.

— E você tem gosto de cerveja.

Em resposta, ele me prensou ainda mais apertado. E eu adorei.

— Que bom que veio, não deveria ter ido embora hoje à tarde – sua boca fez um caminho até meu pescoço.

— Eu tinha que jantar com a minha mãe...

— Nosso tempo está se esgotando, não quero perder um minuto...

Eu respirei fundo e o afastei.

— É exatamente sobre isso que quero falar – mordi os lábios contendo um sorriso – nosso tempo não está se esgotando!

De repente, ele desviou o olhar, passando os dedos nervosamente sobre o cabelo.

— Liz, você sabia que eu estava indo pra Harvard. Nós só ficaremos juntos por esta semana.

— Sim, eu sei que vai pra Boston na próxima semana. O que quero dizer é que eu vou também! – Sorri largamente, toda empolgada.

Thomas franziu a testa.

— Não entendi.

— Eu vou com você pra Boston! – Me aproximei, minhas mãos querendo tocá-lo, Thomas se afastou.

— Que papo é este? Você está indo pra faculdade aqui em Chicago.

— Não mais!

— Como assim!

— Olha, eu tomei minha decisão. Eu não vou mais

pra faculdade. Eu vou pra Boston. Com você.

— Liz... o que está dizendo... é absurdo.

— Não é não! Eu até já arranjei um emprego. Alan vai me ajudar, se lembra dele? Meu ex-chefe? Ele tem um amigo lá. Eu já cuidei de tudo, vai ser incrível!

— Liz... eu... — Thomas parecia verdadeiramente chocado e, de repente, eu me senti compelida a tranquilizá-lo. Claro que ele estava chocado. Eu estava despejando tudo em cima dele de uma vez, sem aviso.

Nós nunca antes tínhamos conversado sobre os rumos do nosso relacionamento. Estávamos mais preocupados em vivê-lo.

— Quer dizer, sei que não conversamos sobre esse assunto, mas... Thomas eu te amo — sussurrei o que ainda não tivera coragem de dizer em voz alta — e eu quero ir com você aonde você for!

E ali, eu esperei pelas palavras que fariam eco com as minhas.

— Liz...

— Sim...

— Eu não quero que vá comigo.

Por um momento, eu não entendi.

— Thomas, sei que não esperava, mas eu estou segura, já tomei minha decisão, eu te amo!

— Mas eu não te amo! — Sua voz saiu alta, por

cima do som que a banda começava a tocar, ensaiando.

Eu senti como se tivesse levado um tapa na cara. Ali, parada naquele corredor escuro, com Thomas olhando pra mim atordoado depois de dizer que eu estava enganada o tempo inteiro.

Ele não me amava.

Ele não queria que eu fosse com ele.

Ele não me queria.

Senti dificuldade de respirar.

— Você não me ama... — murmurei, como se para convencer a mim mesma, porque era difícil de acreditar. Não podia ser.

Eu era inexperiente, mas eu não podia ter errado tanto.

Mas ele nunca disse em palavras, depois de tudo o que a gente viveu...

Oh Deus...

Eu não podia ter sido tão idiota...

— Eu achei... eu pensei... — uma lágrima solitária rompeu a barreira dos meus olhos.

— Porra, Liz, não chora! — Ele levantou as mãos, como fosse me tocar, desistiu no último segundo. — Inferno, eu achei que você tivesse entendido que era só um lance.

— Um lance... — repeti as palavras.

— Sim, um lance bom pra cacete, mas era só.

— Oh Deus...

— Droga, não era pra você chorar!

— É você que está me fazendo chorar!

— Eu não posso te enganar. Nunca pensei que você acreditaria que isso poderia continuar...

— Isso...

— Vem, para de chorar – ele se aproximou e tocou minhas lágrimas, secando-as. Enquanto eu o encarava como se não o conhecesse.

E as palavras da minha mãe voltaram a minha mente.

No final, ela tinha toda razão. Eu fora burra de cogitar mudar toda a minha vida por causa daquele cara. Aquele filho da puta egoísta diante de mim.

Com um safanão, eu tirei suas mãos.

— Não me toca!

— Ei, Liz, calma. Não fica chateada comigo...

— Chateada?

— Eu não queria te magoar. Agora que já esclarecemos tudo, podemos continuar, ainda temos uma semana...

Desta vez quando ele se aproximou, eu não hesitei em esbofetear seu rosto.

— Tira suas mãos de mim! Seu... filho de uma

puta! Minha primeira impressão sobre você estava certa! Você é um cretino!

— Ei, está sendo exagerada...

— Exagerada? Você não ouviu nada do que eu disse? Eu me apaixonei por você! Eu briguei com a minha mãe, eu defendi o nosso relacionamento, defendi você! Ia largar a minha faculdade, minha vida, tudo, por você! E você só quer me foder e ir embora! – Eu agora gritava e chorava e não estava nem aí.

Thomas finalmente pareceu entender a magnitude do que eu estava sentindo, pois sua expressão mudou de confusa para consternada.

No entanto, eu não queria nem saber. Eu não queria mais olhar pra ele.

Nunca mais.

— Eu fui só mais uma, não é? Eu achei que eu fosse diferente... que nós dois fôssemos diferente...

— E eu que tivesse entendido que eu não me apaixono. Eu nunca me apaixono, Liz – sua voz estava cheia de pesar. Mas, naquela altura, eu duvidava que ele sentisse alguma coisa.

De repente uma voz feminina chamou seu nome.

— Ei, Thomas, o Josh pediu pra avisar que vai começar o show dele!

Eu vi a moça bonita e loira piscando pra Thomas com a voz macia, o que me deixou com mais raiva ainda.

— Vai, é isso que quer. Está louco para se livrar de mim! Pois eu vou facilitar para você! Adeus, Thomas!

Eu me virei e saí correndo, ignorando sua voz gritando meu nome.

Eu não sei como cheguei em casa. Quando abri a porta. Bárbara estava lá.

E eu desabei de novo.

— Liz, filha...

— Você tinha razão, mãe... Eu estava tão errada...
— ela me abraçou, me levando para o sofá, secando minhas lágrimas.

— Ah filha, eu sinto muito... Eu te avisei...

— Achei que fosse diferente...

— Achou que ele fosse diferente?

— Achei que seria diferente comigo, me enganei completamente.

— É o que eu venho querendo te dizer há muito tempo. Amor não vale a pena, baby. Você é uma mulher forte. Vai superar este idiota. Eu te prometo. O tempo cura tudo.

Capítulo Onze

Thomas

Eu sei que estou no inferno quando vejo nos olhos de Liz exatamente o que está se passando pela sua cabeça.

Mas que porra estava acontecendo com a minha vida ultimamente que tudo dava errado?

— Oh, oi... — Emily teve a decência de dar um passo para trás, enquanto esboçava um sorrisinho maroto. — Ops, acho que fomos pegos!

Inferno. Mil vezes inferno. Cala a boca, Emily. Cala essa sua maldita boca.

Eu quero abrir a minha e dizer a Liz a famosa frase “não é nada do que você está pensando”, porém, assim como ela, eu também perdi minha voz.

E, silenciosamente, eu vejo seu olhar surpreso se transformar em raivoso antes de ela dar meia volta e sair da sala.

— Nossa, será que ela vai contar pra alguém? — Emily continua, alheia a merda que sua sedução estava causando — bom, eu nem ligo! — Suas mãos voltam para meu jaleco, eu as afasto.

— Volte ao trabalho, Emily.

— Por quê? A gente ia se divertir...

— Não a gente não ia! — Ajeito minhas roupas e saio da sala, disposto a ir atrás de Liz.

Claro que eu estava fazendo papel de trouxa novamente, indo atrás dela.

Enchê-la com minhas explicações. Mendigar seu perdão.

Implorar por sua atenção.

Que tipo de masoquista eu tinha me transformado?

Hoje de manhã eu tinha acordado com o firme propósito de esquecer de vez que Liz Spencer existia. Eu tinha dito a mim mesmo que não valia a pena. Eu já havia me envolvido com ela uma vez, há oito anos, quando era ingênuo o suficiente para acreditar que poderia ter algum tempo com ela e partir como se nada tivesse acontecido. Com minhas emoções sob controle. Como sempre fazia.

E as coisas não foram bem assim.

Eu deveria estar correndo agora.

Ainda mais depois de ontem, quando eu a prensara no armário me lembrando exatamente o porquê de ela ser inesquecível. Era como se sua boca tivesse sido moldada para a minha. Tudo nela encaixava perfeitamente em mim.

E, em todos aqueles anos, eu nunca havia encontrado uma mulher com quem tivesse aquele nível de afinidade física.

Então ela fugiu de novo. Jogou na minha cara que nunca mais poderia existir nada entre nós. Ela não tinha esquecido ainda o que eu fizera há oito anos. E inferno, o que eu fiz foi tão grave assim?

Eu só quis ser sincero. Eu sabia que nossa ligação era muito intensa. Eu estava lá também, sabia como era perfeito quando estávamos juntos. Só não sabia que ela tinha todos aqueles planos.

Aquilo me assustara pra caralho.

Possivelmente teria assustado qualquer cara da minha idade. Mas eu era pior do que os outros caras porque, enquanto alguns apenas se divertiam esperando que um dia fossem encontrar alguma garota que iria prendê-los, eu tinha horror de me imaginar nessa situação. Eu não queria me apaixonar, eu nunca iria me apaixonar. Nem por uma garota como Liz Spencer. Perfeita pra mim em todos os sentidos.

Porra foi justamente por isso que eu me vi dizendo todas aquelas palavras. Eu sabia que a estava magoando.

Eu tive vontade de amenizar. Tive vontade de dizer que eu sentia algo também. Eu sentia mais do que era permitido, e por isso mesmo eu precisava recuar e dar o fora.

Se havia uma garota que poderia derrubar o muro que eu tinha construído em volta do meu coração de pedra, era ela. No fundo, ela já estava começando a

perfurar com pequenos golpes, bem lentamente, fazendo pequenos buracos na minha resistência. Se tornando pouco a pouco essencial.

Eu não podia deixá-la a entrar de vez. Nem pensar.

Claro que eu não me preocupei. Eu iria para Boston em pouco tempo e, naturalmente, nossa história acabaria ali. Descobrir que Liz pensava bem diferente me desconcertara totalmente. Eu precisei terminar tudo.

Eu fui duro? Fui. Naquele momento eu só sabia que precisava fazê-la desistir de mim. Porque, por um ínfimo instante, eu tive medo de ceder. Tive medo de me deixar contagiar por aquela esperança tola que ela trazia em seu sorriso quando disse que ia embora comigo.

Meu instinto de proteção falou mais alto.

Se eu lamentei pelo jeito que terminou? Claro que sim.

Se eu senti falta dela? Mais do que poderia imaginar.

Se eu me arrependi?

Bom, isso não fazia a menor diferença agora.

Muito tempo havia passado e, depois de Liz Spencer, eu nunca mais deixei ninguém se aproximar o bastante. Era perigoso demais para minhas convicções. Agora ela estava de volta. E não demorou muito para eu estar procurando problemas de novo.

Como se não tivesse aprendido nada há oito anos.

Agarrá-la ontem foi regredir oito anos. Sentir-se miserável por ela ter me parado foi regredir oito anos. Ficar puto quando minha querida irmã comentou com falsa casualidade que vira a foto do namorado de Liz no celular foi o estalo que me fez ver o quão atolado na lama eu estava.

E de novo surgiu a necessidade de fuga. O instinto de proteção sobressaindo outra vez em minhas ações. Eu não podia deixar Liz se aproximar de novo.

Então eu sufocara o desejo que tinha por ela ignorando o ciúme que estava sentindo do seu suposto namorado.

E acordei esta manhã achando que tudo ia ficar bem.

E quando Emily entrou na sala de medicação se insinuando para cima de mim, eu quis aceitar a oferta. Quis provar a mim mesmo que eu não estava sob o domínio do feitiço de Liz Spencer como no passado, quando ela foi a única.

Mas algo estava errado. Quando Emily sorriu colando seu corpo em mim, eu não senti a mesma coisa de antes.

Na verdade, eu apenas me senti enjoado com seu perfume.

E exatamente naquele momento Liz entrou na sala e nos pegando em flagrante.

E agora eu me sentia ridiculamente culpado. Como se a tivesse traído ou algo assim. O que era absurdo.

E o que eu ia fazer? Porque se eu achava que a situação estava sob controle, havia acabado de constatar que estava enganado. O fiasco com Emily servira para me mostrar que Liz havia me estragado novamente para outras mulheres. Eu só queria ela. Era simples assim.

Ou melhor, era terrivelmente complicado.

Porque, mesmo que eu estivesse disposto a me arriscar e me envolver com ela de novo, ainda tinha o fato de ela estar ressentida com o que acontecera no passado a considerar.

E por que ela guardara toda aquela mágoa? Se bem me lembro ela não demorou a arranjar alguém para consolá-la pela decepção que lhe causei.

Me lembrar deste fato faz meu próprio ressentimento aflorar.

E eu me vejo transportado para oito anos atrás.

Oito anos antes

Dois dias.

Exatamente dois dias depois eu estava batendo na porta da casa dela.

Se eu ia pedir desculpas por ter sido um escroto insensível? Com certeza.

Se eu queria dizer que eu estava arrependido? Talvez.

Se eu queria que ela insistisse mais um pouco para que eu pudesse mandar meus medos a merda e mergulhar naquele lugar em que eu nunca tinha estado chamado amor? Porra, sim.

Eu tinha me embebedado naquela noite, no show de Josh, porque seu olhar de dor e decepção não saía da minha mente.

Eu queria esquecer. Tinha firme convicção que, apesar daquele vazio que estava sentindo por ela não estar curtindo o show comigo, eu tinha feito a coisa certa.

Eu não queria um relacionamento. Eu não queria amar ninguém.

E ela tinha dito que me amava. Puta que pariu.

Quanto mais bêbado eu ficava, mais escroto eu me sentia por tê-la magoado. Cheguei em casa e me senti pior ainda por estar sozinho. Liz não estava ali.

Eu nunca mais ia estar dentro dela de novo. E nunca mais ia abraçar seu corpo morno antes de dormir.

Nem ouvir seu riso. Nem sua voz em meu ouvido.
Só o vazio.

E, na manhã seguinte, junto com a ressaca, veio o arrependimento, quando eu vi que ela havia deixado seu quadro ali.

Diana me disse que ela viera na noite anterior me procurar e trazer o quadro. Porra, ela havia dito que rompera com a vadia da mãe. Que ia sair da faculdade.

Secretamente, eu tinha desejado que ela fizesse algo desse tipo. Porque, mesmo estando com Liz há pouco tempo, eu sabia que ela não queria ser médica. Ela era uma artista. Apesar de estar seguindo o caminho escolhido por sua mãe.

E não podia deixar de sentir certo orgulho pelo fato de ela ter tido coragem de romper com tudo.

E foi por mim. O cara que rejeitara tudo o que ela estava oferecendo.

Porra, ela podia ter falado comigo antes. Podia ter dito que esperava mais do que estava oferecendo. Eu achei que ela soubesse. Que ela tivesse entendido. Afinal, eu só tinha 22 anos e estava indo pra outra cidade e ela

mal acabara de completar 18. Eu não acho que eu fui tão sacana assim por ficar assustado com seus planos.

Mesmo assim, eu me sentia meio canalha. Ela fora embora chateada. E com certeza estava me odiando.

E eu já estava sentindo falta dela.

Então, sem nem pensar muito no que estava fazendo eu decidi ir atrás dela.

Quem abriu a porta não foi Liz, e sim uma mulher ainda bonita de uns trinta e tantos anos.

— Olá, quem é você? — Ela me mediu dos pés à cabeça com ar altivo.

E de cara eu soube que aquela era a mãe de Liz.

— Liz está? — Eu ignorei sua pergunta

— Minha filha não está, posso saber quem é você?

— Meu nome é Thomas Hardy.

— Ah, você é o tal namoradinho.

Eu me irritei com seu tom de voz, mas me contive.

— Você pode me dizer onde eu posso encontrar a Liz?

— Eu até poderia, mas minha filha não quer mais ver você.

— Eu prefiro ouvir isso da boca da Liz.

Ela sorriu cheia de ironia.

— Você acha que depois do que fez, ainda tem alguma chance? Não seja tolo rapaz! Eu não criei a Liz

para ser enganada pelos homens! Ela é mais forte do que imagina e se pensou que ela estaria trancada em casa chorando por você, se enganou! Ela já deu a volta por cima, exatamente como eu a ensinei!

— O que está querendo dizer?

— Que ela está saindo com outra pessoa.

— Está mentindo.

— Por que eu mentiria? Você deve saber que antes de ela te conhecer, ela saía com Alan, o chefe dela na galeria.

O quê? O que aquela mulher estava dizendo?

Ela continuou.

— Ele tirou a virgindade dela e para as mulheres isto é algo importante, deve imaginar. Claro que ela se encantou com você, mas, certamente agora que a descartou Liz percebeu que o melhor a fazer é continuar se divertindo com Alan, um homem mais velho que sabe como tratá-la. Ela está com ele novamente agora. Então, por favor, não a procure mais. Vá para Boston e esqueça que minha filha existe. Porque nesse momento é nisso que ela está trabalhando. Passar bem.

Capítulo Doze

Liz

Eu era um idiota.

Duas vezes idiota.

Thomas continuava sendo o mesmo cretino de antes. E eu a mesma burra.

Saio bufando pelo corredor, querendo continuar caminhando até sair pelas portas, desaparecendo de vez daquele hospital a da presença de Thomas Hardy na minha vida de novo.

Para meu azar eu não posso. Eu sou adulta e aquela era minha vida profissional. A vida que eu havia escolhido, depois de abrir mão de muitas coisas para estar ali. Para construir uma carreira na medicina.

E pensar que um dia eu estive a um passo de jogar tudo para o alto e seguir outro sonho. Justamente por causa da minha paixão por aquele cara que no final não se mostrara digno de nenhum sentimento.

A decepção com Thomas servira para eu perceber que se deixar dominar pelas emoções não levava a nada. Só significava sofrimento e desilusão. Há erros que, por

mais que desejássemos, não poderiam ser consertados.

— Ei, aonde vai com tanta pressa?

Eu paro ao ouvir a voz autoritária atrás de mim e dou de cara com uma médica loira e bonita.

Como era mesmo o nome dela?

— Doutora Paola – me lembro.

Ela me olha com exasperação.

— Está chorando?

Engulo em seco e passo os dedos pelas lágrimas que nem havia percebido que estavam caindo.

Fico vermelha de consternação.

— Me desculpe – balbucio – sou uma idiota, é o que eu tenho a dizer – desabafo e, para minha surpresa, a médica sorri complacente.

— Aposto que tem a ver com homens, ou estou enganada?

Eu dou de ombros.

— Clichê não é?

— Todas nós já passamos por isso em algum momento. Tente fazer como eu. Nunca se apaixone. Os homens não merecem nos ter completamente. Sou sempre eu que os tenho.

— Eu aprendi mais ou menos isso há oito anos. Infelizmente, bastou alguns dias na presença dele novamente para eu estar prestes a cometer os mesmos

erros.

— Nossa você parece bem amarga e eu estou muito curiosa. Venha, me ajude a analisar esses exames e você pode me contar sobre o idiota que te fez chorar.

Sigo a médica, me sentindo meio aliviada por poder finalmente contar a alguém o que me aflige quando Thomas aparece no corredor.

E seus olhos se fixam em mim.

— Liz, preciso falar com você.

— Oi, Thomas, sei que a Liz é sua interna, pedi a ela que me ajude a analisar uns exames. Tenho certeza que achará outro para orientar.

E sem mais ela sai me puxando pelo braço.

— Obrigada – me vejo dizendo e ela me olha confusa.

— Pelo quê?

— Não poderia encarar o Thomas... quer dizer, doutor Hardy, agora.

Ela para, franzindo a testa fechando a porta da sala.

— Espere. Está me dizendo que quem fez você chorar foi o Thomas?

Fico vermelha imediatamente por ter revelado mais do que devia.

— Eu não disse isso...

— Foi isso que entendi... – A médica me encara com uma expressão fria e especulativa agora que me incomoda.

— Tudo é tão embaraçoso. – Desvio o olhar, envergonhada.

— Hum... interessante – ela sibila devagar, com um olhar pensativo e então de repente sorri. – Ok, vamos nos sentar e acho que os exames podem esperar. Quero que me conte exatamente o que aconteceu.

Ela se senta e bate na cadeira diante dela.

Apesar de hesitante acabo fazendo o que ela pediu. Sinto-me subitamente cansada física e emocionalmente.

E pensar que fazia somente alguns dias que estava convivendo com Thomas de novo e ele já estava drenando toda a minha maturidade emocional conseguida através dos anos e a duras penas.

— Então o Thomas já colocou seus dedinhos safados em você?

Eu coro miseravelmente.

— Não, eu não...

Ela ri.

— Não fique envergonhada. Todo mundo sabe o galinha que o Thomas é.

— É...? – Eu não quero estar curiosa.

Eu não quero estar com ciúmes.

Mas estou.

— Sim, ele não vale um centavo em se tratando de mulheres. Ele já deve ter fodido todas as enfermeiras e boa parte das médicas, com certeza.

Oh Deus. Eu não queria estar ouvindo aquilo.

A imagem de Thomas com a enfermeira Emily voltou a minha mente.

Então era algo corriqueiro? Será que eu fui também mais uma na longa lista de garotas que Thomas já prensou contra os armários?

Pensar nisto me deixa com vontade de vomitar.

— Hum... parece mortificada. Achei que já soubesse. Afinal, a fama do Thomas não é segredo.

— Eu estou aqui faz poucos dias. Claro que eu vi as internas todas babando por ele, mas vê-lo hoje com a enfermeira Emily....

— Oh, Emily? — Paola parecia mais interessada agora. — O que foi que você viu?

Eu dou de ombros.

— Acho que cheguei e atrapalhei a pegação dos dois — resmungo.

— Hum, entendi... E você?

— Eu?

— Sim, você estava chorando. Ficou magoada por

vê-los juntos. Você por acaso achou que seria a única a trepar com ele pelas salas escuras?

— Eu não trepei com ele!

— Não? – Ela levanta a sobrancelha.

— Ele me beijou – confesso – foi só isso. Eu caí em mim a tempo.

— Ah... E por que estava chorando? Por acaso está apaixonada por ele?

— Não!

— Eu não entendo... Espera – ela me olha com atenção – você disse que estava sendo idiota... de novo?

De repente, hesito, tentando descobrir se posso confiar naquela mulher.

O que eu teria a perder? Parece que os casos do Thomas eram bem conhecidos naquele hospital. E eu não queria que ela pensasse que eu era mais uma na vida de Thomas.

Queria que ela entendesse que o que aconteceu entre nós ficou no passado.

— Nós já nos conhecemos.

— Sério? Como assim? Tiveram um caso?

— Pode-se dizer que sim.

— Quanto tempo faz isso?

— Oito anos, como eu disse.

— Então eram muito jovens.

— Sim, eu era jovem e ingênua. Com certeza não sou mais.

— E o que aconteceu?

— Eu me apaixonei e ele me deu o fora, dizendo que nunca se apaixonava.

Ela sorri de um jeito amargo.

— Sim, sei bem como é isso.

Eu a encaro desconfiada.

— Você também já ficou com o Thomas?

— Eu? Não! Eu sou noiva do pai dele.

Ai que merda!

Por que diabos eu tinha escolhido justo a noiva de Jack Hardy para contar meus segredos?

— Olha, por favor, não fale sobre o que eu te contei a ninguém ok?

— Claro, eu não contaria.

— Nem para o doutor Jack Hardy.

— Você o conhece?

— Sim, brevemente. E eu estou evitando topar com ele.

— Por quê?

Eu me levanto, sentindo-me incomodada com todas aquelas perguntas.

Estava começando a achar que Paola Becker não

era apenas uma mulher querendo satisfazer sua curiosidade inocente.

E me perguntava o que ela faria com as informações que eu dei a ela.

Eu esperava estar sendo paranoica. Por via das dúvidas, era melhor parar. Antes que revelasse coisas mais sérias.

Estremeço só de imaginar.

— Calma, aonde vai?

— Eu preciso ir.

— Íamos verificar esses exames.

— Sinto muito, preciso mesmo ir...

Eu dou meia volta e saio da sala.

— Onde se meteu? – Jenny esbarra comigo no corredor.

— Estava com a doutora Paola.

— Jura? Ela é demais, não é? Parece que aqui todo mundo tem inveja dela. Mas claro, ela é noiva do doutor Jack Hardy. E ele é um gato também, já o viu? Nossa, que genes dessa família. Sem contar a Amber, que é linda e...

— Jenny, para de fofocar – Julie aparece – esqueceu que o Doutor Thomas pediu pra gente encontrá-lo na sala de raios X?

— É mesmo! Vamos – antes que eu conseguisse

fugir as duas me puxaram pelo braço.

Eu estava querendo fugir mesmo antes de entrar na sala, para meu alívio, não era Thomas que estava lá e sim Chloe e Amber.

— Cadê o Doutor Thomas? – Jenny pergunta.

— Ele foi chamado pra ver um paciente. Quarto 230. – Chloe responde e sorri pra mim. – Oi Liz, como está? Vamos almoçar juntas?

— Desculpe-me, não vou almoçar.

— Como assim? – Amber indaga – realmente, está meio abatida.

— Acho que eu vou ficar resfriada – minto.

— Liz, vamos logo! – Jenny me puxa de novo.

— Nossa você é amiga da Amber e da Chloe?

— Mais ou menos...

— Que sortuda! Elas não me chamam pra almoçar...

— Deixa de ser invejosa Jen! – Julie reclama e nós entramos no quarto.

Eu fico atrás das duas, ao ver que Thomas está ali com Mark.

E, para minha consternação Emily também está presente, mexendo no soro do paciente.

— Mark, estou esperando sua resposta... – Thomas diz friamente a Mark e então seu olhar recai em mim.

Parece frustrado e irritado.

Pois que explodisse. Eu não me importaria.

— Está respirando mal, tem febre, é pneumonia.

Iniciei os antibióticos – Mark responde balbuciando, todo inseguro.

Thomas finalmente desvia o olhar de mim.

— É este o diagnóstico?

— Embolia pulmonar – Julie se intromete.

— Sim, Julie. Pode ser. Você e o Mark levarão o paciente para fazer uma radiografia completa. – O olhar dele recai sobre mim.

— E você vem comigo.

Merda!

— E eu? – Jenny pergunta ansiosa.

— Você pode ir com eles.

— Por que, eu...

Thomas ignora Jenny e sai da sala.

Eu penso em ignorar sua ordem e não acompanhá-lo, ainda mais quando meu olhar cruza com Emily que sorri presunçosamente.

Naquele exato momento, outra enfermeira entra na sala e diz que o Doutor Jack Hardy está chamando Emily.

Eu desvio o olhar da enfermeira e saio atrás de Thomas.

Ele segue pelo corredor até que estejamos num

saguão vazio.

— O que estamos fazendo aqui? – Pergunto com toda a frieza que sou capaz.

— Nós precisamos conversar.

— Não temos nada para conversar, Thomas.

— O que viu com Emily, não era nada...

— Eu não quero saber – o corto – é problema seu se come todas as mulheres deste hospital!

— Eu não...

— Nem tenha a cara de pau de negar! Pelo o que sei não é segredo pra ninguém.

— Inferno, Liz! – Ele passa as mãos pelos cabelos frustrado.

— O que pretendia Thomas? Que eu fosse para algum canto escuro com você? Iria me comer até se fartar e então me jogaria em algum lixo hospitalar como todas as outras?

— Liz...

— Nem tente negar, sei muito bem que sempre foi somente isso que quis comigo! Nunca signifiquei nada pra você!

— Porra, por que guarda tanto ressentimento de mim?

— Ainda pergunta?

— Já se passaram oito anos, Liz!

— Sim, oito malditos anos e infelizmente eu tive o azar de topar com você de novo. E de novo você quer me ferir!

— Eu não quero te ferir!

— Então o quer?

— Eu quero você! Inferno, é tão difícil assim entender?

— Pra que, Thomas? Me diz? Acha que vai ser diferente agora? Por que eu devo imaginar que você mudou? Que ia querer algo mais do que gastar um tempo fazendo sexo comigo?

— Se você quiser a mesma coisa, qual o problema? Somos adultos e podemos lidar...

— Ah cala a boca! Eu sabia! Você continua igualzinho! Não amadureceu nem um dia! Continua o mesmo galinha egoísta! Pois saiba que eu não sou a Emily! Não sou idiota pra cair na sua lábia de novo, então, faça o favor de ficar bem longe de mim!

E sem aguentar mais, dou meia volta e me afasto de Thomas.

E espero que dessa vez seja definitivo.

Eu me enfio na sutura, mesmo sem ninguém pedir e passo a manhã cercada de ataduras, limpando minha mente de toda a merda que vinha acumulando na minha vida.

Eu só queria paz. Era tão difícil assim?

Como é que teria paz com Thomas me rondando?

Que garantias eu tinha de que ele ia se manter longe de mim?

E pior, que garantias tinha de que eu iria conseguir resistir? No fundo, esse era meu maior medo.

Termino a manhã e, mesmo sem estar com fome, estou procurando alguém para ir almoçar comigo, quando a Jenny me aborda.

— Você já ficou sabendo?

— O que houve?

— A enfermeira Emily foi demitida.

— O quê?

— Sim! E não sabe da maior, parece que foi demitida porque pegaram ela se amassando com o Doutor Thomas Hardy

Putá que pariu!

Eu fico chocada. Então foi isso que Paola fez com a informação? Dedurou Emily?

O que ela ganharia fazendo isso?

— É um absurdo Jenny! Parece que o Thomas pega todas as mulheres do hospital por que demitiriam a Emily?

— Eu não faço ideia, só sei que é o que está circulando por aí!

— Eu ainda acho que é uma fofoca sem sentido... — balbucio.

— E eu que é uma a menos! Agora posso voltar a fila do doutor delícia...

— Liz, ainda bem que te encontrei! — Julie aparece.

— O que foi?

— O Doutor Hardy pediu para te chamar.

— O Thomas?

— Não. O Doutor Jack Hardy. Disse que é para você ir imediatamente na sala dele.

Eu caminho para a sala do diretor do hospital como alguém indo para o sacrifício. Eu sabia o que ia acontecer. Bem lá no fundo eu já sabia. Só não queria acreditar.

Eu nem sei o que temia mais.

O fato de estar prestes a ser demitida, na minha primeira semana de trabalho. Ou o famigerado reencontro com Jack Hardy.

Respiro fundo e bato na porta abrindo-a.

E como eu temia, lá está ele.

Jack Hardy me encara com um grave semblante de assombro.

— Elizabeth Spencer. Quando me disseram seu nome, eu achei que era uma coincidência. Vejo que me enganei.

Engulo em seco.

— Estou surpreso de saber que veio trabalhar aqui. Achei que gostaria de ficar bem longe do Thomas.

— Eu não sabia... – minha voz sai alquebrada.

— Ah, entendo. E entendo ainda menos o que vieram me contar. E sabe do que estou falando. Então, dadas as circunstancias, acho melhor irmos direto ao assunto. Você está demitida.

— Vai demitir todas as garotas que se esfregaram no seu filho? Não vai sobrar muita gente! – Digo cheia de sarcasmo.

— Nenhuma delas tem um passado com ele.

Eu estremeço. Medo e dor se mesclando dentro de mim.

— Nós dois sabemos que é melhor para todos que vá embora.

Sinto vontade de chorar.

— Sim, percebo que entende. Eu sinto muito. Não tem como ser diferente.

Eu quero gritar. Quero dizer que ele não tem o direito.

Me calo, sei bem no fundo que ele tem razão. Eu deveria ter ido embora quando vi Thomas naquele hospital. A cada dia que eu passava perto dele só piorava tudo.

— Sim, tem razão.

Sem conseguir mais ficar na frente dele, dou meia volta e me arrasto para o vestiário. Eu estou ali, arrumando minhas coisas, quando Thomas aparece.

Seu rosto é uma máscara de consternação.

— É sério? Meu pai te demitiu?

Eu não respondo e continuo a arrumar minhas coisas.

— Liz, porra, me responde! – Thomas grita.

Eu levanto o olhar.

— Sim, é verdade.

— Isto é absurdo!

— Eu não deveria estar aqui mesmo... – volto a arrumar minha bolsa.

— Inferno, Liz! Claro que é absurdo! Ele não pode te demitir!

— Por que não? Achei que iria ficar feliz em se livrar de mim!

— Sabe que não quero que vá embora, merda!

— Não? Pode não ser agora, mais dia menos dia iria querer! Então seu pai só antecipou minha saída.

— Não! Ele não tem o direito! Foi aquela cobra da Paola, Emily me disse, isso não vai ficar assim, eu vou agora falar com ele...

— Não! – Afirmo categoricamente. Não quero que Thomas vá interceder por mim. Só pioraria tudo.

— Eu não vou deixar você ir embora!

— Seu pai não vai permitir que eu fique!

— Por que não, porra? Ele não tem nada a ver com o que aconteceu com gente! Nem antes nem agora!

— Você não entende Thomas... – pego minha bolsa, louca pra fugir dali. O nó no meu peito estava ameaçando se romper.

— Não entendo mesmo! O que meu pai pode ter contra você?

— Me deixa ir, Thomas...

— Não! – Ele segura meu braço, me impedindo. – Nós vamos agora na sala do meu pai e vamos acabar com essa merda!

— Não! Eu não quero olhar pra cara do seu pai de novo!

— Por que não? Que diabos está acontecendo? Por que está cedendo em algo que não tem nada a ver...

— Porque eu estive grávida – grito, as compotas finalmente se rompendo – eu estive grávida de você e seu pai sabia!

Oito anos antes

Eu nunca imaginei que estaria na casa dos Hardy novamente. Então lá estava eu, quase cinco meses depois que Thomas me deu o fora partindo para Boston sem olhar para trás, batendo na sua porta novamente.

Estar ali suscitava uma infinidade de lembranças que eu gostaria de manter enterradas para sempre. Assim como todo meu amor que fora em vão.

Eu vinha lutando para esquecer e seguir minha vida. Faculdade, novos amigos e até mesmo alguns flertes. E, mesmo ainda chorando muitas vezes antes de dormir, eu sabia que a dor ia passar. Era só dar tempo ao tempo. Não era o que diziam? Ninguém morria de amor. Muito menos sofria por causa do primeiro amor pelo resto da vida. Eu ia esquecer Thomas mais dia menos dia. Só não queria me apaixonar novamente. Nem pensar. Daquele sentimento, eu estava vacinada. Estava tudo sob controle.

Até dois meses atrás, quando notei que minha menstruação estava terrivelmente atrasada. Ou melhor, eu não menstruava há mais de dois meses. A mudança de rotina e o estresse de um novo ano letivo na faculdade tinha me consumido e eu nem havia percebido esse

importante detalhe.

Achei que podia ser algum problema ginecológico. Nunca imaginei o que a médica me revelaria depois de uma batelada de exames.

— Isso não pode estar certo — balbuciei para a médica que suspirou, tirando os óculos e sorrindo complacente.

— Não há nenhum engano, senhorita Spencer. Você está grávida. De doze semanas.

Daquele momento em diante, meu pesadelo havia começado pra valer.

Nos primeiros dias eu apenas deixei o tempo correr, ainda em choque, sem saber o que fazer. Depois me bateu a realidade e entrei em pânico, principalmente pensando na minha mãe e na morte lenta que ela me faria passar quando descobrisse.

E então veio Thomas.

Porque, afinal de contas, aquela gravidez era tanto responsabilidade minha quanto dele.

Nós usávamos preservativos na maioria das nossas transas, porém, algumas vezes a gente brincou com o perigo, achando que nada ia acontecer.

Como fomos estúpidos.

E agora eu estava sozinha. E grávida.

Thomas estava em outra cidade e certamente nem se lembrava da minha existência. O que eu ia fazer?

Passei semanas com aquele problema fermentando dentro de mim, seguindo os dias vendo meu corpo mudar assustadoramente. Comecei a usar roupas largas e a inventar desculpas esfarrapadas para não ver meus amigos.

Até Peter, um cara muito legal que tinha se tornado um dos meus amigos mais próximos, eu afastei.

Ninguém podia saber.

Então um dia, me toquei que não podia continuar ignorando o problema para sempre. Eu estava grávida de quase cinco meses e minha barriga já começava a ficar difícil de disfarçar.

Decidi comunicar a Thomas.

Como não fazia ideia de como entrar em contato com ele em Boston, liguei para a casa dos Hardy e, para minha sorte (ou azar, dependendo do ponto de vista), a empregada disse que naquele fim de semana Thomas estava em casa visitando o pai.

E agora eu estava defronte à casa dele, tentando juntar coragem suficiente para enfrentá-lo de novo e jogar a bomba.

Eu não fazia ideia do que ia acontecer quando ele soubesse, também não tinha a menor condição de passar por aquilo sozinha.

Uma senhora latina abriu a porta e sorriu pra mim.

— Olá, veio para a festa do senhor Thomas? Estão

todos na piscina.

Festa?

Passei pela empregada maldizendo o momento em que decidi ir direto, sem ligar antes avisando. Mas temia que Thomas não quisesse falar comigo depois de tudo.

Segui a música que ia ficando cada vez mais alta e como a empregada dissera, a área da piscina estava repleta de gente.

O som estava alto e rapazes sarados e garotas de biquíni circulavam livremente.

Caminhei por entre as pessoas, meus olhos procurando Thomas e me detive quando olhei na piscina e o vi.

Lá estava ele. Rindo e abraçando uma garota ruiva, que se pendurou nele e beijou sua boca.

Eu tive uma vontade súbita de vomitar com aquela cena. Uma onda insana de ciúme fazendo um nó fechar minha garganta.

— Ei, não está vestida demais para uma festa na piscina? — Uma garota loira disse do meu lado e eu desviei o olhar de Thomas amassando a garota na piscina. — Ah, também está de olho no Thomas? Entra na fila! A Charlotte já é a segunda que ele beija hoje...

Ah Deus!

Temendo dar um vexame, eu corri dali, entrando na casa e achando facilmente o lavabo, onde me joguei em

cima do vaso, vomitando todo meu ultraje.

Depois de alguns minutos que pareceram horas, finalmente me recompus. Lavei meu rosto e olhei meu semblante pálido no espelho.

Estava decepcionada por ter ido atrás de Thomas, achando que ele poderia me ajudar de alguma maneira.

O que é que eu esperava afinal?

Thomas era imaturo e egoísta. A cena na piscina só mostrava que ele estava muito feliz com sua vida do jeito que era.

Ele estava curtindo sua vida alheio a meu sofrimento.

Como sempre.

Contar pra Thomas sobre minha gravidez não ia adiantar nada. Um cara como ele, certamente voltaria pra Boston sem olhar para trás e me deixaria sozinha pra resolver aquilo.

Irritada comigo mesma, eu saí do banheiro e dei de cara com Jack Hardy.

— Liz, o que faz aqui? – Perguntou surpreso ao me ver.

— Nada. Eu já estou indo embora – tentei passar, ele segurou meu braço.

— Não me parece bem. Nem sabia que continuava em contato com Thomas, achei que tivessem terminado quando ele foi para Harvard.

— Sim, nós terminamos e eu nem deveria estar aqui...

— Você não me parece nada bem. Estava vomitando? Bebeu muito na festa?

Eu soltei uma risada amarga.

— Se fosse isso seria tão mais fácil...

O médico franziu a testa e me mediu, e então seu olhar escureceu de choque quando chegou ao meu rosto.

— Você está grávida – não era uma pergunta.

E eu não consegui negar.

Na verdade, eu estava ansiando por dividir aquele segredo. Estava cansada de passar por tudo sozinha.

— Meu Deus... – Jack parecia em choque agora – Thomas sabe?

— Não. Eu vim contar a ele, acho que não é um bom momento.

— Não, não é... – Jack ficou pensativo – certamente é um péssimo momento...

— Olha, me deixa ir...

— Não. Venha comigo – ele segurou meu braço com força e me levou até um escritório. – Sente-se aí.

Obedeci e Jack me serviu um copo de água.

— Está grávida de quanto tempo?

— Quase cinco meses.

— Isso é péssimo. Devia ter me procurado quando

ainda dava tempo de abortar.

— O quê?

— Não me diga que está pensando em ter esse bebê com Thomas! — Exasperou — seria absurdo. Thomas está apenas no primeiro ano da escola de Medicina! Não tem a menor condição de ter um bebê!

— Eu também não tenho, acha que queria isso?

— Se não quer ter o bebê, por que esperou tanto? O que pretendia contando ao Thomas agora?

— Eu não sei! Sinceramente, não sei. Eu me sinto perdida!

— Poderia ter se prevenido melhor, nada disso teria acontecido...

— Eu não engravidei sozinha! Seu filho tem tanta responsabilidade quanto eu!

— Sim, claro que sim. Por isso deveria ter nos procurado mais cedo. Poderíamos fazer um procedimento rápido. Agora precisamos pensar numa solução... — ele passou os dedos pelos cabelos, completamente frustrado. — Essa gravidez não pode atrapalhar a vida do Thomas. Nada pode atrapalhar seus estudos nesse momento...

Suspirei cansadamente.

— Eu nem deveria ter vindo aqui... Vou embora. — me levantei.

— Espere Liz. Eu sei que isso é tão ruim para você quanto pra Thomas. Quantos anos tem? Dezoito não

é? É uma criança ainda. E está na faculdade também, o que sua mãe tem a dizer sobre isso?

— Ela não sabe. Não tive coragem de contar. Ela me matará quando souber.

— Bom, ela terá que saber em algum momento. Devo entender que ela também pensa como eu?

— Com certeza. Na verdade, acho que vocês são muito parecidos. Minha mãe é médica também.

— Médica? Qual o nome dela?

— Bárbara Spencer.

— Você é filha de Bárbara? — Jack arregalou os olhos.

— Conhece minha mãe?

— Claro que sim. Já trabalhamos juntos inclusive. Nossa, que mundo pequeno.

— Sim... — balbuciei.

— Bom, acho que posso conversar com sua mãe e chegaremos a alguma solução...

— Não! Por favor, não conte a minha mãe.

— Como pretende esconder seu estado por mais tempo? Mal consegue disfarçar sua barriga.

— Esse é um problema meu.

— Eu só quero ajudar, Liz.

— Acho que vou dispensar sua ajuda.

E sem mais, eu dei meia volta e saí da sala e da

casa dos Hardy.

Eu não deveria ter ficado surpresa por Bárbara aparecer no meu apartamento furiosa naquela noite.

— Diz que não é verdade... Como pode fazer isso comigo? – Gritava.

— Com você? Acha que eu fiz de propósito?

— Ficar grávida, Liz? Que irresponsabilidade!

— Eu sei, ok? Não adianta ficar me dando sermão agora!

— Sermão? Você merecia muito mais! Está grávida de cinco meses e escondeu de mim todo esse tempo!

— Justamente porque sabia que ia ficar furiosa!

— Eu estou furiosa e decepcionada! Como pôde errar desse jeito? Eu te eduquei tão bem! Como pôde cometer os mesmos erros que eu? Eu não quero isso pra você! – Ela começou a chorar e eu não pude segurar as lágrimas também.

— Me desculpa mãe... eu sei que fui uma idiota.

— Ah filha... – ela me abraçou e nós choramos juntas.

— O que eu vou fazer mãe? – Perguntei quando ambas estávamos mais calmas.

— Não se preocupe. Vamos dar um jeito.

— Como? – Eu a encarei.

Naquele momento eu me sentia com cinco anos de idade, querendo que minha mãe resolvesse todos os problemas.

— Acho que a única solução é a adoção.

Adoção?

Eu não sabia o que pensar.

No fundo, eu tinha evitado pensar em todos aqueles meses. Tinha enfiado minha cabeça na terra e simplesmente ignorado o fato mais importante de toda aquela situação: Havia um bebê crescendo dentro de mim.

Um ser vivo, que iria nascer em pouco tempo. Um filho.

Estremeci de horror.

Como poderia ser diferente? Eu tinha apenas dezoito anos. Nunca havia pensado em ter filhos. Fui criada por uma mãe que deixava claro todos os dias que a gravidez havia sido o maior erro da vida dela.

Uma mãe que, por mais que tivesse boas intenções, estava longe de ser um modelo materno. Bárbara era mais uma orientadora do que uma mãe.

Então que tipo de mãe eu seria? O que eu teria a oferecer a uma criança?

E o que era pior, sozinha.

Com certeza Thomas não estava nem aí. Me perguntei se Jack Hardy teria contado a ele. Se sabia, não tinha dado a mínima. Certamente já teria corrido de volta

pra Harvard.

Então o que eu podia fazer?

Eu sabia bem lá no fundo que a solução sugerida pela minha mãe era a melhor a diante das circunstancias.

Eu só tinha dezoito anos, havia acabado de entrar na faculdade, estava sozinha, sem o apoio do pai da criança e desconfiava seriamente que minha mãe nunca me apoiaria se eu decidisse criar aquele bebê.

Mas... adoção?

Eu não tinha certeza se conseguiria. Também não tinha certeza se conseguiria arcar com todas as responsabilidades de ter e criar um bebê.

— Filha sei que está confusa e com medo — Bárbara continuou — eu já estive na sua situação. E me deixei convencer por seu pai a não abortar e ficar com você. Não foi fácil! Eu não desejo que aconteça o mesmo com você! Quero que tenha uma carreira brilhante, sem empecilhos!

— Como eu fui pra você — murmurei amarga.

— Não posso dizer que não foi! Essa é a verdade! As pessoas romantizam demais a maternidade, a verdade é que não é fácil!

— E se eu resolver tentar?

— Não vou apoiá-la Liz! Não posso deixar você estragar sua vida desse jeito. E sabe que tenho razão. Não está preparada para ser mãe. E com certeza o filho de

Jack Hardy muito menos.

— Ainda acho incrível que esse tempo todo você e o pai do Thomas se conheciam...

— Eu também fiquei passada quando ele me procurou hoje! Não via Jack há anos! Não fazia ideia que seu namorado era filho dele!

— E o que ele acha disso tudo?

— Ele pensa como eu. Que a melhor solução é dar a criança para adoção.

— Eu não sei. É algo muito sério...

— Sim, claro que é. Vá descansar. Eu deixarei que pense sobre o assunto. Quando pensar melhor, verá que é a melhor solução.

Eu me levantei para ir dormir, então algo me ocorreu.

— Jack disse se Thomas já sabe?

— Ele não contou ao filho. Aliás, Thomas já voltou para a universidade essa noite. — Bárbara me analisou. — Acha que faria alguma diferença ele saber?

— Eu sei que ele é mais imaturo do que eu e que vai fugir correndo quando souber, porém, talvez o certo seja ele saber também. Afinal, tem participação.

— Sim, ele é tão responsável quanto você. Mas Jack disse que não quer preocupá-lo. Ele está em época de provas importantes. — Bárbara riu com ironia — está vendo como são as coisas? Esse Thomas não passa de um

mimado! O cara que deu o fora em você daquele jeito com certeza não vai querer lidar com as consequências de uma gravidez indesejada.

Eu não dormi naquela noite, pensando no que fazer.

Nunca me senti tão sozinha e com tanto medo na minha vida.

O bebê já se mexia na minha barriga e eu senti vontade de chorar.

No fundo, existia um desejo latente de ser capaz de proteger e cuidar daquele bebê dentro de mim.

Não era o que as mães faziam? Como eu saberia fazer isso? Como eu poderia? Bárbara tinha razão. Eu não estava preparada. E Thomas muito menos.

Naquele momento eu senti um ódio enorme de Thomas Hardy. Era tudo culpa dele. Culpa dele que tinha feito eu me apaixonar apenas para me abandonar depois.

Culpa dele que eu estivesse grávida e sozinha.

De novo ele era o culpado de todo o meu sofrimento.

No dia seguinte, eu concordei com Bárbara sobre a adoção.

Com sua influência, ela conseguiu que eu ficasse fora da faculdade por quatro meses, apenas fazendo trabalhos sem que minha ausência me prejudicasse.

E me disse para não me preocupar com nada, que

cuidaria de todo o processo de adoção.

— Eu só quero que me prometa que escolherá uma boa família. — Eu não podia cuidar daquela criança, mas eu queria me certificar que ela seria amada e teria uma vida boa. Uma vida que eu nunca tive e que não saberia dar a ela.

— Não deve se preocupar com nada. Eu tomarei todas as providências para escolher uma boa família com certeza.

— Sim, é só o que eu desejo.

Quatros meses se passaram e, num dia frio de inverno, aconteceu a minha cesariana.

Bárbara esteve comigo o tempo inteiro e tudo ocorreu muito tranquilamente.

— Pronto querida. Já nasceu — Bárbara disse passando a mão por meus cabelos — deve descansar agora.

— Posso vê-la? — O médico já havia me dito que era uma menina.

Bárbara sorriu complacente.

— Melhor não. Será mais fácil...

— Por favor. Só uma vez.

— Eles vão cuidar dela agora. Depois veremos...

Quando me levaram para o quarto, Bárbara desapareceu, certamente para cuidar da burocracia para a adoção.

E eu aproveitei para pedir a enfermeira para trazer a criança.

Ela entrou no quarto, segurando um pequeno embrulho e colocou no meu colo.

Olhei para o rosto branquinho e ainda marcado do parto do bebê em meus braços. Ela abriu os olhos e pousou em mim. Eram como os meus. Mas os cabelos eram no mesmo tom de Thomas. Ela era linda e eu senti um misto de alegria e tristeza naquele momento.

— Eu sinto muito, bebê. Eu queria tanto ficar com você... infelizmente eu não posso. Espero que possa me perdoar um dia e entender que estou fazendo isso para o seu bem. Você vai ter uma família de verdade. Vai ser amada. Vai ser feliz. É tudo que eu desejo para você.

— Eu preciso levá-la de volta – a enfermeira me interrompeu momentos depois.

Eu senti um nó na garganta, mas segurei o choro.

Não queria chorar. Não queria lamentar. Eu estava fazendo a coisa certa.

Me permiti beijar seu rostinho branco, me despedindo. E deixei que a enfermeira a levasse.

Foi última vez que eu vi a minha filha.

Foi a última vez que eu me permiti pensar nela nesses termos.

A partir do momento que a levaram de mim, eu não era mais mãe. Não tinha mais filha.

Eu tinha ficado curiosa para saber quem era a família que iria adotar, mas decidi não perguntar a Bárbara. Seria melhor assim. Nenhum vínculo.

Nenhuma possibilidade de me arrepender.

Eu nunca poderia voltar atrás.

Eu só poderia, dali em diante, seguir a vida, como se ela não existisse, guardando o amor que eu não podia sentir por ela escondido bem no fundo do meu coração.

Lá onde estava o amor que o pai dela tinha rejeitado uma vez.

Capítulo treze

Thomas

Eu provavelmente não tinha ouvido direito.

Um zunido cada vez mais alto parecia que ia fazer minha cabeça explodir, enquanto eu encarava Liz com assombro.

— O quê? – Balbuciei confuso, esperando que ela desfizesse o mal-entendido horrível.

Liz recuou, com a mão na boca, perdida em seu próprio choque.

Sua cabeça vai de um lado para outro em negação.

Eu não posso deixá-la ir. E, quase com violência, seguro seus ombros.

— Que diabos está dizendo? Liz? Responda! – A sacudo.

Ela tira a mão da boca e vejo uma lágrima escorrendo de seu rosto derrotado.

— Você ouviu...

— Não – a negação sai da minha boca, bem como minhas mãos de seus ombros.

— Eu queria que não fosse verdade, mas é — sua voz não passa de um sussurro.

Então eu finalmente começo a acreditar. Não há mentira em suas palavras.

Liz está falando a mais pura verdade. Ela esteve grávida. Há oito anos.

Sinto o ar me faltar enquanto processo aquela informação assustadora.

Liz grávida.

Eu a deixei grávida. Puta que pariu!

— Você estava grávida quando a deixei? Por que não me disse? Por quê...

— Eu não sabia, eu só descobri quando você já tinha ido embora — ainda há um mundo de rancor em suas palavras.

— E daí? Você sabia onde eu estava! Podia ter me procurado, podia ter me contado!

Ela ri. Um riso sem o menor humor.

— Fala sério, Thomas! Até parece que iria adiantar alguma coisa! Você se livrou de mim como se livra de um sapato velho! E estava muito feliz com suas festinhas e garotas fáceis!

— Eu não fazia ideia! Porra, Liz! — Eu estou furioso.

Por que demônios eu só estou sabendo daquela

merda toda somente agora? Depois de oito anos?

Então algo que ela havia dito retornou a minha mente.

— Você disse que meu pai sabia...

— Sim ele sabia

— Por que ele sabia e eu não?

— Porque quando eu fui atrás de você na sua casa, você estava se atracando com várias garotas numa piscina.

— O quê? Que diabos – De repente eu me lembro. A festa da piscina, num feriado que passei em casa.

Então Liz havia estado na minha casa naquele dia?

— Por que não falou comigo? Por que foi direto ao meu pai?

Ela dá de ombros.

— Eu passei mal. Ele me encontrou e eu contei a ele o que seus olhos médicos já desconfiavam.

— Aquela festa foi cinco meses depois que eu fui embora...

— Sim, eu demorei isso tudo para ter coragem de ir atrás de você. Ou de contar a alguém.

Passo os dedos nervosos pelos meus cabelos, puxando os fios, em frustração e raiva.

Está sendo difícil de processar tudo.

E nem havia chegado ao cerne da questão.

A pergunta mais importante.

— E o que aconteceu?

Ela engole em seco e desvia o olhar.

— Esquece Thomas... – pega sua bolsa, disposta a fugir.

Eu a seguro de novo.

— O que diabos aconteceu? Você fez um aborto? – Era a resposta mais plausível. Porque ela havia dito “eu estive”, num passado. E não “eu tive um filho”.

Ela fecha os olhos com força, sacudindo a cabeça negativamente.

— Thomas, por favor, me deixa ir... esqueça... foi há oito anos... não posso...

— Porra, Liz, você começou, agora termina! O que aconteceu?

Ela abre as pálpebras e a dor que vejo em seu olhar, me atinge em cheio.

— Nós tivemos uma filha – murmura.

Sinto dificuldade para respirar.

— Você teve um bebê – eu não podia acreditar.

Todo aquele tempo...

Não podia ser.

— Nós temos uma filha?

Ela começa a chorar.

— Não, não temos Thomas. Ela nasceu, mas não é nossa. Nunca foi.

— Que diabos está dizendo?

— Ela foi adotada.

Minhas mãos não têm mais forças para segurá-la, quando ela escapa de mim.

Eu não tenho mais forças.

— Eu preciso ir... — ela sai do vestiário correndo e eu não consigo me mover.

Não consigo respirar. Pensar. Viver.

Liz estava grávida quando eu a deixei. Ela teve uma filha sozinha. Uma criança que ela deu para adoção.

Respiro uma longa golfada de ar quando finalmente entendo toda a minha nova realidade. Uma realidade que eu não fazia ideia que existia.

Uma vida que se passava a minha volta, alheia à minha vontade.

Uma criança.

Uma menina.

Uma filha.

Meu coração se contrai. Minha mente automaticamente constrói a ideia de Liz grávida. A ideia de ela segurando um bebê.

Meu bebê. Nosso.

Não é nosso. Nunca foi, ela disse.

Ela deu a nossa filha.

Não nos pertence mais.

Há oito malditos anos. Oito anos que eu vivi sem fazer ideia que havia gerado uma criança com Liz. E meu pai sabia.

A verdade bate em mim como um soco no estômago roubando o ar.

E eu saio do vestiário atrás daquele em quem eu mais confiava no mundo

E que tinha me escondido a verdade mais preciosa de todas.

Eu irrompo na sala do meu pai com todos os demônios nos meus ombros.

— Você sabia — apenas essas palavras. Duras. Frias. Palavras simples que contém uma infinidade de significados terríveis.

Ele levanta o olhar de alguns exames que analisava e vejo pela sua expressão que sabe do que estou falando.

Mesmo assim, percebo o ínfimo de segundo no qual o honorável Dr. Jack Hardy retoma o controle, sua mente analítica certamente tentando achar uma saída plausível para minhas acusações.

Seus dedos elegantes retiram os óculos e, quando ele crava os olhos azuis límpidos em mim, não há mais hesitação.

— Do que está falando, filho?

— Você sabe muito bem. Liz me contou.

Ele suspira. Se levantando e dando a volta na mesa.

Eu respiro como se tivesse corrido uma maratona. Frustração e raiva borbulhando no meu interior.

Estou prestes a explodir e ainda assim, há uma pequena parte de mim que espera que ele desminta tudo. Que diga que há um tremendo engano ali.

Não há criança. Nunca houve gravidez.

Tudo vai voltar a ser como sempre foi. Quero desesperadamente que volte a ser.

— Eu sabia que essa garota nos traria problema. Se tivesse me contado antes que ela estava trabalhando aqui, eu teria dado um jeito.

— Pare de dar voltas! – Grito, meu controle começando a se esvaír. – Sim, Elizabeth Spencer, a mulher que você acabou de demitir porque estava com medo, não é?

— Thomas... – sua voz contém aquele pedido frio de reflexão que ele sempre usava comigo desde criança. O pedido para que eu me acalmasse.

Isso não iria surtir o menor efeito agora.

— Você estava com medo puro e simples que ela me contasse sobre a criança.

Jack empalidece. Finalmente sua frieza calculada dá lugar a alguma emoção.

— Ela não deveria ter contato a você.

Uma risada descrente sai da minha garganta.

— Está de brincadeira? Que porra você estava pensando ao esconder de mim? Por oito malditos anos?

— Eu resolvi o problema para você! Como sempre fiz! Fiz naquela época te livrando de um fardo e agora te livrando da presença de Liz Spencer na sua vida de novo!

— Fardo?

— Sim, fardo! Não entendo porque está revoltado! Era uma criança! Estava no começo da faculdade de medicina, um filho só iria atrapalhar!

— Eu deveria saber merda! — Bato na mesa, fazendo todo o material que havia ali pular com um estrondo.

Jack não mexe um músculo.

— Eu fiz o que precisava ser feito! Fiz por você! Por sua carreira, seu futuro.

— Você não tinha o direito!

— E o que iria fazer se soubesse? Hein Thomas? Assumir a criança? Ser um pai? Você e aquela garota nem estavam mais juntos! Você meteu o pé na bunda dela, para continuar com a sua vida como sempre foi e ainda é! Um homem que não se prende a nada e nem a ninguém! Que

nunca quis nenhum compromisso!

Suas acusações batem em minha raiva me fazendo viajar para oito anos antes. Para o cara que eu era.

O cara que tinha medo de se envolver e de se comprometer.

O cara que não hesitou em expulsar Liz de sua vida.

Sim, meu pai tinha razão. Eu me encolho quando a verdade me envolve com seu manto frio.

— Sabe que eu tenho razão. Saber não ia mudar nada, Thomas! Você iria correr para mim, para resolver seus problemas como sempre fez! E no final eu teria que resolver de qualquer jeito! Pelo menos a garota percebeu que a melhor decisão era mandar a criança embora. Nenhum dos dois tinha condições de assumir um filho. Essa é a verdade.

A verdade dói. Queima.

Pela primeira vez em todos aqueles anos eu questiono tudo o que sou.

O que meu pai está me acusando com toda a propriedade de ser.

Eu tinha escolhido ser assim. Era bom ser desse jeito até hoje.

O único momento em que houve alguma hesitação e incerteza foi justamente há oito anos. Com Liz. Porque eu sabia que ela tinha aquele poder sobre mim. De me

mudar. De mudar tudo em mim. Se apossar de mim.

E eu tinha medo. E fugi.

Só que eu não fugi apenas de Liz. Eu fugi de uma criança. De um filho.

Será que meu pai tinha razão e eu teria fugido dele também? Eu não sei.

Eu só sei que sinto um vazio inexplicável em meu peito agora.

Como se nada fizesse sentido.

— Você me roubou a decisão de ter um filho. — Murmuro por fim. Um nó fechando minha garganta, quando o encaro — eu não sei qual teria sido minha reação. Talvez tenha razão e eu tivesse fugido. Porém, eu tinha o direito de escolher. Isso não posso perdoar, pai.

E saio da sala, ignorando os chamados de Jack.

Levando todos os meus demônios comigo.

Oito anos antes

Jack

— Finalmente apareceu! – Bárbara se levantou do banco da sala de espera da maternidade ao me ver entrar.

Era uma clínica particular e exclusiva. Discreta, o que era mais importante.

— Faz horas que a criança nasceu e já deveria estar aqui!

— Eu estava em um plantão – justifiquei.

— Problema seu, temos um trato!

Aquela mulher sempre foi insuportável.

Trabalhar com ela tinha sido um inferno e eu dei graças a Deus quando ela parou de clinicar para seguir carreira como escritora e palestrante.

Era realmente desconcertante que nossos filhos tivessem se conhecido e se apaixonado. Imagino se Thomas fosse diferente. Se ele tivesse continuado com a garota Spencer. Ela teria contado primeiramente a ele sobre a gravidez.

Eu estremeci de horror ao imaginar Thomas jogando fora todo o futuro que planejei para ele para assumir aquele bebê. Seria inconcebível.

Felizmente, Thomas era um garoto imaturo em se tratando de relacionamentos. Ele não queria se prender a ninguém o que era ótimo para a sua carreira.

Nada iria atrapalhá-lo. Por isso eu estava ali.

— Então, a criança nasceu.

— Sim, nasceu. Uma menina, como previsto. — Nós nos encaminhamos para o berçário e sem ao menos pedir permissão Bárbara adentrou a sala, a enfermeira não a impediu. Devia saber que ninguém podia se interpor no seu caminho.

Ela retirou o bebê do berço.

— Ela é muito saudável. Minha filha fez um ótimo trabalho!

— Sua filha está bem?

— Sim, claro. Foi um parto muito bem feito. E a criança é linda, devo admitir, temos bom genes. Se Liz não fosse tão jovem... enfim, ela será mais bem criada por pais adequados. Minha filha tem uma carreira pela frente é só o que importa. Suponho que já está tudo acertado para a adoção?

— Sim, meu advogado já achou uma boa família.

— Ótimo.

Ela me passou o embrulho e eu a peguei.

A criança abriu os olhinhos pequenos para mim. Eram como os das Spencer. Os cabelos eram dos Hardy.

— Gostaria que ela se chamasse Nina — eu a encarei incrédulo — Ah, não é pedir muito! Ela não terá meu sobrenome, pelo menos posso escolher o nome. É um nome bonito. Queria que Liz se chamasse Nina, mas o pai dela insistiu em Elizabeth!

— Os pais adotivos darão o nome que escolherem Bárbara.

Ela pegou sua bolsa.

— Tenho certeza que pode arranjar isso se quiser. — Ela sorriu para a criança — bom, minha missão está cumprida aqui. Adeus, Jack.

— Adeus, Bárbara.

A neném mexeu os bracinhos, espreguiçando-se.

Ela parecia ser forte. E decidida.

Uma criança Hardy.

Se ao menos Thomas não fosse tão jovem...

Eu a deixei no hospital para buscá-la na manhã seguinte quando iria ter alta.

Eu deveria ter ligado para meu advogado, para contatar a família adotiva. Eu não o fiz. A noite inteira algo ficou martelando na minha cabeça.

Minha esposa me encarou na mesa de café da manhã.

— O que foi? Algum problema, querido? Reparei que não dormiu bem.

Eu sorri.

Diana era uma boa mulher.

Estávamos casados a pouco tempo, mas ela era muito sensível para os problemas que me afligiam. E muito paciente em relação ao que não podia mudar em mim.

Ela sabia que minha carreira estaria sempre em primeiro lugar. Que eu dedicaria minha vida para que meus filhos tivessem o mesmo sucesso que eu.

E que, por mais que gostasse dela, eu nunca esqueceria a mulher que eu amei e que perdi para a morte. Elena.

Diana me entendia.

Por isso, pensei em contar a ela sobre a criança de Thomas. Contar a ela o plano que começava a se delinear na minha cabeça.

Mas me calei. Algumas decisões deviam ser tomadas em segredo. Para o bem de todos.

— Você ainda quer ter um filho?

Ela me encarou surpresa. Desde que nos casamos ela de vez em quando voltava ao tema. De que meus filhos já eram adultos e poderíamos ter um bebê. E ela ainda tinha 39 anos, podia conceber enquanto era tempo.

— Por que esse assunto agora? Achei que não

quisesse...

— Podemos adotar um bebê.

— Adotar?

— Sim. Há uma criança no hospital. A mãe abriu mão. Pediu que eu a ajudasse na adoção. Eu não consigo parar de pensar que pode ser um sinal. Que poderíamos ficar com ela.

— Tem certeza? Isso é tão repentino.

— Mas você quer?

Ela sorriu. Eu sabia a resposta. E tomei minha decisão.

— Nina? Da onde tirou esse nome? – Amber comentou debruçada sobre o berço, alguns dias depois.

Era quase engraçado ver minha filha, que tinha um coração frio como o gelo, apaixonada por aquela criança.

— Eu achei lindo – Diana falou, retirando a criança do berço e colocando sobre o peito. – Foi seu pai que escolheu.

Eu me aproximei.

— Uma tia avó tinha esse nome. – Disse casualmente. Claro que era uma mentira. Isso não importava, eles nunca iriam saber.

— Não sei se gostei.

— Não gostou do que? – Thomas entrou no quarto.

— Finalmente se dignou a vir conhecer sua irmã – Amber rolou os olhos.

— Então é realmente verdade? Eu achei que estavam todos loucos. Que história é essa de adotarem um bebê? Não são velhos demais para isso?

Diana riu, aproximando-se com a neném no colo.

— Não somos tão velhos assim, querido! Agora, venha conhecer sua irmã.

Ela colocou a menina no colo de Thomas que a segurou desengonçadamente.

— Eu vou deixá-la cair.

— Você aprende. Todos nós vamos aprender a cuidar dela. – Diana o ajudou, até que Nina estivesse ajeitada em seu colo.

— Ela é linda – vi seu olhar desinteressado mudar, quando a criança cravou os olhos inteligentes nele. Assim como aconteceu com todos nós.

Ela conquistava a todos.

— Poderia ser facilmente sangue do nosso sangue – Amber estendeu a mão – agora é minha vez, deixe-me segurá-la.

— Não – Thomas negou – eu acabei de pegar. Espere sua vez!

— Pai!

— Meninos não briguem! Ela vai ficar aqui para

sempre, vão poder pegá-la no colo quando quiserem.

— Qual o nome dela? – Thomas perguntou.

— Nina.

— Bem-vinda a família, Nina. – ele sorriu para a criança em seu colo.

Sim, eu tomei a decisão certa.

Capítulo Quatorze

Liz

Estava feito.

O mais bem guardado segredo que eu escondia até de mim mesma finalmente foi revelado a Thomas.

Eu caminho para fora do hospital, alheia às vozes e ao movimento a minha volta, como se estivesse morta.

E é assim que eu me sinto. Morta por dentro.

Exatamente como me senti há oito anos, quando saí de um hospital, depois de nove meses de uma gravidez solitária, após de dar à luz a um bebê que, apesar de meu, nunca me seria permitido chamá-lo assim.

Meu bebê. Minha filha.

Filha de Thomas também.

Eu acreditei que jamais precisaria revelar isso a ele.

Quando estava grávida, muitas vezes eu fantasiei como seria, se eu contasse que esperava um bebê. Mesmo naquela época, eu já não nutria nenhuma tola esperança de Thomas aceitar aquele fato.

O que ele havia feito comigo, foi o bastante para

me deixar vacinada contra qualquer fantasia romântica envolvendo Thomas Hardy.

Ele havia me rejeitado. Havia algo em mim que não queria vê-lo rejeitando nossa criança também.

E agora ele sabia.

Eu deveria ter previsto quando coloquei os olhos nele naquele hospital que meu segredo estaria em perigo. Fui tola em achar que conseguiria lidar com Thomas Hardy desta vez. Que eu era forte o suficiente para tratá-lo como a qualquer médico. Apenas um colega de hospital. Apenas um chefe.

A quem eu queria enganar?

Ele ainda virava meu mundo de cabeça pra baixo. Fazia aquela Liz jovem e sonhadora emergir sob a pele da Liz adulta e madura.

A Liz, que escolhera dar a própria filha a estranhos e seguir como se ela não existisse.

Minha filha.

Ah Deus. A dor que eu sempre havia conseguido suprimir por todos aqueles anos, agora se negava a adormecer.

Eu sinto minhas pernas cederem e deixo-me cair sobre um banco, respirando com dificuldade. O nó na minha garganta me sufocando.

O vento do fim de tarde chicoteia meu rosto levando as lágrimas que caem, sem que eu consiga detê-

las.

E junto com elas, vêm as lembranças.

As memórias que eu mantive trancafiadas no local mais escondido do meu coração. A primeira vez que ela mexeu dentro de mim. As incontáveis noites em que eu chorava desesperadamente almejando que tudo fosse diferente.

A única vez que eu a tive em meus braços. Tão pequenina e indefesa.

O momento em que eu havia me despedido pra sempre. No coração, apenas a certeza que eu estava fazendo a coisa certa. Eu não podia ser sua mãe.

E eu segui em frente. Ainda chorei por incontáveis noites, sentindo falta dela em meus braços. Mas acordando para dizer a mim mesma que foi melhor assim.

Ela estaria melhor sem mim.

O tempo fez a saudade arrefecer. A dor adormecer.

Embora nunca me tenha sido permitido esquecer.

Por mais que eu tentasse, ela sempre estava ali. Em algum lugar do meu coração. E eu me perguntava todos os anos, como ela seria? Com quem se pareceria? Será que era feliz?

Eu precisava muito acreditar que sim.

Afinal, foi por isso que abri mão dela. Para que fosse feliz.

Sem mim.

— Por que você está chorando?

Eu abro os olhos e penso estar delirando, quando vejo uma garotinha me encarando com olhos curiosos.

Olhos cinzentos como os da minha filha.

— Você está triste – ela insiste, se aproximando e tocando meu rosto.

Noto seu cabelo loiro escuro. Da mesma cor...

Oh Deus, estou alucinando.

— Nina – a voz de Thomas me faz sair do meu desvario, enquanto a criança também se afasta, sorrindo para Thomas.

— Oi Thomas!

— O que faz aqui? – Ele olha de Nina pra mim, parecendo me notar pela primeira vez. – Liz...

Eu me levanto, secando as lágrimas.

Pronta para continuar minha fuga.

— Seu nome é Liz, que bonito! – a garotinha continua, alheia a nossa tensão. – A Liz estava chorando Thomas.

— Eu preciso ir – balbucio, Thomas segura meu braço.

— Não. Nós precisamos conversar – sua voz está cheia de urgência.

— Thomas, por favor.

— Ei, Liz, você é médica também? – A garotinha continua e eu me pergunto agora quem seria.

Thomas desvia a atenção para a criança.

— Nina, ainda não entendi o que está fazendo aqui, entre e procure a Amber...

— A motorista me trouxe! A Amber disse que eu tinha que fazer alguns exames!

— Sim, claro, os exames – ele repete distraído.

— Minha irmã acha que eu estou doente – Nina explica pra mim.

— Irmã?

— Sim, Amber. Thomas também é meu irmão.

Eu encaro Thomas.

— Não sabia que tinha uma irmã. – Comento aleatoriamente.

Realmente não me lembro de ele comentar algo na época que namorávamos.

Também isso não interessava agora.

— Thomas, vamos comigo! – Nina começa a puxá-lo – Você pode vir também, Liz. Você pode convencer a Amber a não me dar uma injeção? Eu odeio agulhas! Você não me disse se é médica?

— Sim, eu sou – respondo não querendo deixar a criança acreditar que eu não lhe dei atenção.

Irmã de Thomas. Quem diria? Por isso ela me

pareceu familiar.

— Nina, você está aí! — Amber se aproxima, o rosto de Nina se ilumina e ela corre para a irmã.

Eu aproveito para continuar minha fuga e, sem falar nada, dou meia volta, Thomas segura meu braço de novo.

— Liz, não vai ainda!

Eu me desvencilho.

— Me deixa, Thomas!

Desta vez eu consigo correr e, para meu alívio, ele não vem atrás de mim.

Entro no carro e só consigo respirar normalmente quando estou longe do hospital.

O percurso até minha casa é um suplício.

É como se a caixa de pandora tivesse sido aberta, revelando todos as maldades do mundo.

Do meu mundo.

Eu tinha sérias dúvidas se eu conseguiria fechá-la de novo.

Quando chego em casa tudo o que eu queria era um quarto escuro onde eu pudesse me esconder e chorar. Infelizmente sei que de nada vai adiantar eu me esconder agora.

O castelo de areia sobre o qual eu construía minha vida, estava se desfazendo como se atingindo uma

onda gigantesca composta de revelações do passado. Era uma questão de tempo para tudo desmoronar de vez.

Então retiro toda a roupa e entro sob o chuveiro. Não há mais lágrimas. Estou seca.

Deixo a água escorregar sobre meus ombros cansados. A tensão se dissipa com o vapor, embora a dor continue martelando firme meu coração.

Pressinto que agora não será como das outras vezes. Eu não vou conseguir dobrá-la cuidadosamente como uma roupa velha e guardar no fundo do armário.

Eu terei que vesti-la. E exibi-la por aí.

Quanto tempo mais eu tenho antes que não reste nada?

Saio do chuveiro e olho o dia se transformar em crepúsculo.

A escuridão está chegando.

O barulho do celular vibrando me distrai da escuridão. Eu o pego e há várias mensagens. Minha mãe. Peter.

Thomas.

Muitas de Thomas.

Apago todas até restar uma de Mark Geller. Ele diz que todos estão indo a uma boate hoje. Está me convidando.

Minha primeira reação é ignorar e apagar, então eu

paro o movimento.

Por que não?

O som alto faz tudo vibrar dentro de mim.

O líquido forte faz minha garganta queimar. Enquanto minha mente gira com toda aquela distração. E as marteladas no meu coração estão quietinhas agora.

— Mais um – peço e ignoro minha língua pesada.

Jenny ri histericamente do meu lado direito.

— Pretende realmente ficar bêbada? Pelo menos não tem que trabalhar amanhã cedo! Plantão de sábado, ninguém merece!

— Ainda não nos contou porque foi demitida – Mark pergunta muito próximo.

Perto demais, algo alerta dentro de mim, mas eu ignoro. Assim como sua mão na minha perna.

Dou de ombros, tomando mais um grande gole de bebida.

— Eu ouvi dizer que você pegou o Thomas, duvido que seja verdade, fala sério – Jenny revira os olhos.

— Claro que deve ser mentira – Julie concorda.

— Mesmo porque se fossem mandar embora todo

mundo que o Doutor Thomas pega não ia restar nenhuma mulher no hospital – Sam diz e todos riem. Menos eu.

— Vamos dançar, adoro esta música – Digo me levantando e perco o equilíbrio. Inferno. Eu já estou tonta.

Mark me segura antes que eu caia.

— Ei, cuidado aí, gata!

— Estou bem. Só quero dançar.

Ele me puxa para a pista e todos nos acompanham.

Deixo a música guiar meus movimentos. O álcool em meu sistema me faz sentir leve.

De repente, sinto um arrepio na minha espinha e abro os olhos. Sinto meu pulso acelerar ao ver Thomas me encarando.

Ao lado dele está Josh e eu sinto como se tivesse voltado no tempo.

E quase posso vê-lo se aproximando como fazia antes, seus braços me rodeando com ares de dono. Sua boca na minha, nossos corpos se movendo juntos na música.

Volto à realidade, quando ele anda até mim só que é com um olhar furioso.

— Oi Thomas – Jenny se coloca no seu caminho, ondulando corpo e balançando os cabelos. – Não sabia que viria!

Então sinto que Mark está me abraçando por trás,

roçando o corpo no meu. E Thomas tenta se desvencilhar de Jenny que, bêbada, está bem mais agressiva em suas tentativas de sedução.

Sei que ele está tentando chegar a mim e não quero que se aproxime.

Inferno, eu estava naquela boate justamente para esquecer e não para discutir com Thomas de novo.

— Me solta, Mark — peço, empurrando seus braços.

Ele me solta. E eu me afasto tropegamente por entre as pessoas dançando.

— O que foi? Já quer parar de dançar? A gente pode ir sentar — Mark ainda tenta chamar minha atenção.

E para minha falta de sorte, não é só Mark que me segue.

— Liz — sinto os dedos de Thomas no meu braço, impedindo que eu me afaste mais dele.

— Me solta, Thomas — minha voz está grogue e não tenho forças para me desvencilhar.

— Porra, você está bêbada!

Eu rio.

— Sim, estou. E acho que deveria me soltar para eu poder beber mais.

— E aí, Thomas! — Mark nos alcança, sorrindo alheio à tensão que corta o ar.

Thomas o ignora.

— Não acho que deveria beber mais – ele diz ainda segurando meu braço.

— Você não manda em mim, que inferno! – resmungo e finalmente consigo me soltar. O esforço foi tanto que perco o equilíbrio e sinto-me indo na direção do chão.

Antes que caia, alguém me segura e quando olho pra cima reconheço Josh.

— Oi – ele sorri – quanto tempo e tudo o mais.

Eu rolo os olhos.

— Por que o passado resolveu me visitar hoje?

— Acho que o Thomas tem razão já bebeu demais. E sem aviso, ele está me carregando pra fora da boate.

Eu fecho meus olhos e me recosto nele.

Não preciso olhar pra saber que Thomas está nos seguindo.

Estou tão cansada. Com tanto sono...

Ele me coloca em um carro. Escuto vozes, ignoras. Continuo com os olhos fechados e deslizo para o sono.

Eu acordo, com o chão se movendo embaixo de mim.

Tento firmar o olhar e percebo que estou no colo de alguém que se movimenta.

— O quê...

— Devia continuar apagada.

Thomas. É a voz de Thomas.

— Thomas? – Finalmente consigo abrir os olhos e percebo que ele está entrando comigo em meu apartamento.

— Esperava outra pessoa? – Ele pergunta secamente, quando me coloca no chão. – Mark Geller e sua mão boba talvez?

Eu gemo, sentindo minha cabeça doer.

— Por que esta gritando?

— Não estou gritando, embora esteja com vontade.

— Hum, acho que não estou bem - minha mente gira e meu estômago também.

— Porra, Liz – Thomas resmunga, antes de me carregar para o banheiro.

É só o tempo de ele me posicionar sobre o vaso, para eu começar a vomitar.

Na minha miséria, vagamente percebo que Thomas está ali, segurando meu cabelo pacientemente, enquanto xinga baixinho.

Sinto sua fúria e frustração, piorando meu desalento e choro em meio a onda de náusea e humilhação.

— Eu sinto muito... – resmungo, quando não há mais nada para sair de dentro de mim. – Eu sinto muito, Thomas.

E acho que ele sabe que eu não sinto apenas pela cena horrenda de vômito e sim por tudo o que ele descobriu hoje.

Eu vinha tentando fugir do fato de que para ele não devia estar sendo fácil descobrir os acontecimentos de oito anos atrás somente agora.

Na época, eu achava que havia tomado a melhor decisão.

Eu tinha certeza que Thomas nunca ia se importar. Que mesmo que ele soubesse nada seria diferente. Talvez fosse até pior.

Agora ele está aqui. E ele sabe.

Eu levando a cabeça do vaso. Meus cabelos desgrenhados e meu rosto banhado de lágrimas e suor.

Ele está ali. Perto.

Seu olhar está cheio de dor também.

— Sente muito pelo o que Liz? – Ele se afasta e volta com uma toalha molhada, que passa por meu rosto sujo – por ter escondido de mim que estava grávida?

— Você nunca ia querer saber...

— Como pode ter tanta certeza? – Agora ele está furioso de novo.

— Você me deixou... Você tinha outra vida, sem mim... Tinha outras garotas...

— E você não tinha o direito de me deixar de fora! Não era mais somente sobre nós dois, porra!

— Eu sinto muito – volto a chorar baixinho.

Thomas se afasta, ainda xingando.

Ele está bravo e eu não posso fazer nada.

Escuto-o abrindo a torneira da banheira e depois suas mãos estão em mim, me levantando do chão.

Retira minhas roupas automaticamente.

Eu deixo. Estou fraca e cansada. Devastada.

Não coloco objeção quando ele me põe dentro da banheira com água morna.

Fecho os olhos e acalmo minha respiração. Acalmo meu coração.

Há apenas silêncio agora. Mas sei que ele ainda está ali do meu lado.

Com todos os demônios sobre seus ombros.

— Eu sinto muito – repito como um disco arranhado.

Não sei se ele entende. Quero muito fazê-lo entender.

— Sente muito pelo o que Liz? – ele repete. Desta vez não há mais fúria, apenas uma dolorosa frustração – você sente por ter dado nossa filha? Alguma vez você

sentiu?

Ah Deus.

Como ele pode duvidar dos meus sentimentos?

Abro os olhos e os cravo nos dele. Estão tão vermelhos quanto os meus.

— Eu sinto nos meus ossos. Todos os dias. Mesmo quando eu sorrio. Quando eu finjo que a vida seguiu. Eu ainda sinto. Sempre vou sentir. — Minha voz falha e eu viro o rosto.

De novo apenas o silêncio.

Depois do que parecem séculos, escuto sua voz próxima de novo.

— Precisa sair daí.

Eu ergo o olhar e ele está segurando uma toalha. Me levanto, e ele me enxuga como uma boneca. Sinto-me amortecida. Física e emocionalmente. Não ofereço objeção quando ele me oferece uma escova de dentes.

Apenas escovo meus dentes mecanicamente e então ele está ali do lado de novo, segurando um comprimido e um copo d'água. Eu aceito docilmente.

E também, docilmente, deixo que ele me leve para a cama.

Eu cerro as pálpebras, o dia infernal cobrando seu preço.

— Você a viu? — Escuto sua voz baixinha e abro os

olhos.

Ele me encara na semiescuridão.

— Sim. Por um momento apenas – murmuro.

— Como ela era?

Forço minhas lembranças tentando recordar.

Minha mente tomada pelo sono.

— Ela era linda – sussurro – tinha os meus olhos e cabelos da cor dos seus.

— Como conseguiu deixá-la ir? – Sua voz está cheia de frustração, dor e incompreensão.

Engulo o nó na minha garganta.

— Você realmente se importa?

— Por que achou que eu não iria me importar?

— Nunca se importou comigo. Não queria que a rejeitasse também. – Mal consigo manter os olhos abertos agora. Havia algo naquele comprimido?

— Se eu não tivesse... terminado com você, acha que estaríamos com ela agora?

— Isso nunca vamos saber, não é? – Murmuro, deixando-me finalmente deslizar para a escuridão.

Capítulo Quinze

Thomas

Eu a observo dormir.

Parece tão tranquila no sono, como se o mundo não estivesse desmoronando a nossa volta. Como se não tivesse feito o meu mundo se quebrar em mil pedaços. Agora ele estava espalhado pelo chão e eu me sentindo paralisado no lugar, sem saber como juntar todos os pedaços e fazê-lo voltar ao que era antes.

Será que era possível?

Uma parte de mim desejava que sim. Aquela que tinha medo de sofrer, a mesma parte que havia dispensado aquela garota há tantos anos. Deixando-a para trás.

Eu não queria que ela mudasse minha vida. Só que, sem saber, eu já havia mudado a dela irreversivelmente. E por oito anos eu sequer imaginava.

As perguntas se embaralham em minha mente, mil questionamentos e dúvidas sobre todas as possibilidades. E se não tivéssemos terminado? Se naquela noite longínqua em que ela apareceu no show de Josh dizendo que ia embora comigo, eu tivesse simplesmente aceitado?

Essa possibilidade nunca me pareceu aceitável. Até agora.

Agora eu não conseguia parar de questionar minha decisão de oito anos antes. Como teria sido minha vida?

As acusações de Liz reverberaram em minha mente. Ela temia que eu rejeitasse a criança assim como a havia rejeitado.

Eu faria isso?

Se eu tivesse tomado as mesmas decisões, mas ela tivesse conseguido falar comigo naquela tarde na piscina, como eu teria reagido?

Sinto um soco no estômago ao perceber que provavelmente ela estava com a razão. Eu teria ficado aterrorizado.

Eu teria concordado em dar a criança e continuar como se nada tivesse acontecido como ela fez?

Não me sinto bem pensando que sim.

Eu nunca tinha pensado em ter filhos. Como eu poderia, se nem queria me casar? Eu sempre vivi o momento. Concentrando-me em minha carreira e fodendo as mulheres que eu desejava. Sem amarras. Sem compromisso.

Eu me sentia bem assim. A vida estava boa desse jeito.

Sem amar. Também sem sofrer.

Então, como eu podia estar lamentando, bem lá no

fundo do meu peito, não ter conhecido aquela criança cuja existência eu nem sabia a menos de 24 horas?

Eu lamentava. E isto doía.

E lá estava eu, sofrendo. Sentindo. Justo o que eu sempre havia evitado a todo custo.

O dia amanhece e me encontra no mesmo dilema.

O que eu ia fazer agora? Talvez devesse ir embora. Liz havia deixado claro que não queria a minha presença na vida dela. Não queria antes e, agora que me contara a verdade, acredito que muito menos.

Eu não queria em deixá-la.

Não queria antes e não queria agora.

Ainda havia aquele maldito imã que me fazia aproximar dela como se uma linha invisível nos ligasse inexoravelmente.

Era exatamente como oito anos antes.

De repente um sentimento de inevitabilidade me invade. Do que adiantava fugir? Parecia que ela sempre me encontrava.

O que eu ia fazer agora? Poderíamos começar de onde tínhamos parado há oito anos? Esse pensamento se forma na minha mente e um calafrio percorre minha espinha.

Medo.

Eu sabia o que ficar com Elizabeth Spencer

significava. Foi exatamente por isso que eu fugi antes.

Agora ela estava de volta e eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser que eu deveria estar deitado com ela naquela cama, com seu corpo morno grudado no meu.

Que eu deveria estar ali quando ela acordasse. E ela sorriria pra mim e não se importaria com minhas mãos acordando sua pele, com minha boca dizendo bom dia para a sua com um beijo.

Porra, eu gosto tanto desta imagem que por um momento eu quase chego a fazer exatamente isto. Me aproximar e mandar para o inferno o medo.

Não precisava ter sofrimento. Era só fazê-la me amar.

Ela me amou no passado.

Eu poderia fazê-la me amar agora?

A companhia tocando me tira dos meus loucos devaneios e eu olho a hora. Ainda é cedo, quem poderia estar procurando Liz?

Ela não se mexe e eu vou até a sala, abrindo a porta.

Um homem moreno parece surpreso ao me ver.

A minha surpresa é a mesma.

Quem diabos é aquele cara?

— Cadê a Liz? — Ele pergunta olhando além de

mim com um olhar desconfiado que prontamente se transforma em animosidade quando eu respondo calmamente.

— Ela está dormindo.

— E quem é você? – Sua voz não disfarça a hostilidade.

— Talvez eu devesse estar fazendo a mesma pergunta – rebato no mesmo tom.

— Peter? – A voz de Liz atrás de mim chama a nossa atenção.

Ela nos encara com um olhar confuso e sonolento que se transforma em preocupação ao vagar de um para outro.

Eu quero fechar a porta na cara daquele intruso e questionar a ela quem ele era.

No fundo sei do absurdo da situação.

Porém isto não impede que eu esteja morrendo de ciúmes apenas com a possibilidade de aquele cara ser namorado dela.

Amber não dissera que ela tinha um?

— Oi Liz – o homem que ela chamou de Peter responde passando por mim e entrando no apartamento.

Ele a abraça. Beija seu rosto.

Cerro meus punhos.

Os olhos de Liz me encontram.

— Não vai nos apresentar? – Pergunto tentando manter uma calma que estou longe de sentir.

Ela dá um passo para longe dos braços possessivos do suposto namorado que não disfarça sua insatisfação com minha presença.

Bem, se fosse eu já teria partido para a agressão física. Dadas as circunstâncias até que ele está bem calmo.

— Peter, este é Thomas Hardy. Ele trabalha no hospital – ela diz com um suspiro – Thomas, este é Peter White, meu amigo.

Amigo? Talvez isso explique ele ainda não ter quebrado minha cara.

— E o que ele está fazendo aqui a esta hora? – A voz não disfarça a desconfiança.

— Nós estávamos numa boate ontem e eu passei mal. Thomas cuidou de mim – ela responde simplesmente e me encara. – Muito obrigada, Thomas, acho que já pode ir embora.

Ela estava me dispensando?

Tenho vontade de dizer que não vou a lugar nenhum. Mas, o que posso fazer?

Talvez seja melhor mesmo eu ir embora e dar tempo para nos acalmar. E pensar.

Me irrita deixá-la com o tal Peter, mas o amigo já está abrindo a porta pra mim e acho que até posso ver um

risinho de mofa em seu rosto bonito.

Quero quebrar os seus dentes e fazê-lo engolir, opto por uma saída pacífica. Por enquanto.

Eu vou direto para o hospital, mesmo sentindo que não estou nada bem.

— Oi, Doutor Thomas – a voz de gralha da interna Jenny Lars me atinge quando entro no vestiário. Rolo os olhos, abrindo meu armário, sem a menor paciência para aguentá-la.

Ela não desiste facilmente.

— O que aconteceu com a Liz ontem? Que coisa horrível não saber beber hein? Eu te convidei pra curtir a noite e ela atrapalhou tudo e... – Vagamente eu me lembro de que foi Jenny que me ligou dizendo que os internos estavam na boate. E eu peguei a informação como ouro, porque significava que Liz estava lá também. Então eu chamei Josh para ir comigo. – E falando nisto, cadê ela? Ah, esqueci que ela foi demitida...

— Jenny, você não tem trabalho a fazer na sutura? – A voz de Chloe nos interrompe e Jenny faz uma careta.

— É o Doutor Thomas que determina o que tenho que fazer...

— Ah, cala a boca e chispa já daqui! – Chloe ordena e Jenny parece que vai rejeitar a ordem, ao ver que eu não falo nada, ela se afasta bufando.

Chloe entra no vestiário e me estuda

— Meu Deus, o que aconteceu com você?

— Não enche você também, Chloe!

— Nossa você está um lixo!

— Eu não tive a melhor noite da minha vida.

— Problemas com mulheres? – Ela diz claramente com ironia. Todos sabem que eu não tenho problemas com mulheres, porque eu não permito que isto aconteça. Quando não respondo, Chloe franze os olhos. – Wow, é sério?

Eu desisto de fingir que procuro um uniforme e bato com o punho no armário. Chloe tem razão. Eu estou na merda. Chafurdando e afundando cada vez mais.

— Deus, Thomas, o que está acontecendo com você? – Chloe segura minha mão. – Não está em condições de trabalhar.

Passo os dedos pelos cabelos, concordando com ela. Eu realmente não posso atender ninguém do jeito que estou.

— Tem razão. Preciso sair daqui. – Pego o celular e disco o número de Josh que só chama, me deixando ainda mais irritado.

— Para quem está ligando? – Chloe indaga cautelosamente.

— Um amigo... Merda! – Desligo quando a ligação cai e digito uma mensagem para Josh me encontrar em casa.

— Eu acho que você precisa ir pra casa dormir, Thomas.

— Eu sei.

— Venha, eu vou te levar.

— Não precisa...

— Não vou deixar você dirigir neste estado.

— Ok.

Acordo com um dor de cabeça que se espalha por meu corpo cansado. O quarto está na semiescuridão e ao me sentar, tento me lembrar como cheguei ali. Vagamente recordo de entrar no carro de Chloe e fechar os olhos e sua voz suave dizendo que eu podia descansar.

Olho as horas e não fico surpreso ao ver que um dia inteiro se passou. Arrasto-me até o chuveiro e deixo que a água morna leve os resquícios daquelas ultimas insólitas 24 horas.

Até ontem minha vida estava nos eixos.

Eu era um jovem e promissor médico no último ano de residência no maior hospital de Chicago. Podia ter a mulher que eu quisesse e dispensá-las com a mesma facilidade.

A vida era boa e simples.

Agora tudo estava de cabeça para baixo.

Porque eu sinto que vivi uma mentira durante todos aqueles anos. A caixa de pandora foi aberta revelando todos os seus segredos e eu não sabia como fechá-la novamente e deixar tudo como era antes.

E o pior: eu não sabia se queria isto.

Saio do chuveiro para encontrar Chloe sentada na bancada da minha cozinha com algo que parece uma xicara de chá em sua mão.

— Bem-vindo ao mundo dos vivos.

Eu sorrio, coçando o cabelo.

— Ainda está aqui...

Ela dá de ombros.

— Inventei uma pequena mentira no hospital para salvaguardar os nossos lindos rabos, não se preocupe. Agora sente-se aqui, eu fiz uma omelete de cogumelos que é capaz de curar todos os males do mundo.

Eu me sento na bancada e suspiro pesadamente.

— Eu duvido que sua omelete, por melhor que seja, consiga consertar a minha vida.

Ela coloca o prato na mesa e se senta na minha frente.

Eu mastigo a comida. E está realmente boa. Não cura os males do mundo, mas me deixa com a sensação de pelo menos ainda estar vivo.

— O que diabos aconteceu Thomas? — Ela pergunta baixinho. Sinto um tom de assombro em sua voz — eu nunca te vi assim.

— Eu descobri que tenho uma filha. — Confesso.
Chloe cospe o chá.

— Como é?

— Com Elizabeth Spencer.

Os olhos de Chloe estão tão esbugalhados que parece que vão sair da órbita.

— Thomas... que história é essa? Liz Spencer, a interna?

— Sim, essa mesma.

— Oh Meu Deus! Ela foi demitida ontem... Wow, foi por causa disso?

— Sim.

— Nossa Thomas estou passada, não estou entendendo nada...

— Ok, Chloe — eu suspiro — eu vou te contar uma história.

Quando termino meu relato o prato está limpo, eu me sinto mais leve por poder contar toda a minha história com Liz a alguém. E Chloe me encara totalmente assombrada.

— Então é isto — termino — agora está tudo uma merda. Eu fiquei surpreso quando a vi no hospital e o que

posso dizer? Eu ainda sentia tesão por ela, e achei que podíamos, sei lá...

— Você iria foder ela como todas as outras e continuar sua vida – completa.

E como eu poderia negar? Era o que eu fazia não era? Embora agora este pequeno plano sórdido pareça absurdo e sem sentido. Elizabeth Spencer nunca foi como as outras para mim. E eu tinha sido um idiota em pensar que poderia tratá-la do mesmo jeito e sair ileso.

— Agora tudo complicou com esta revelação sobre o bebê que tiveram não é?

Volto a sentir aquela inquietação no peito.

Eu não sabia o que pensar. Ainda era chocante demais pensar que eu tinha gerado uma criança. E que ela estava em algum lugar do mundo.

— Pois é. E meu pai sabia! Isto me enche de raiva.

— Isto é o menos importante agora. Você tem que pensar no que vai fazer.

— O que acha que eu posso fazer? – Indago frustrado.

— Eu não sei! Mas duvido que consiga voltar à sua vida de antes. Acha que consegue? Afinal, a Liz Spencer foi demitida. Você pode esquecer tudo e continuar, como posso dizer... “o cara que finge que não tem sentimentos de sempre”.

— Acha que é fingimento?

— Você é um canalha, Thomas.

— Canalha?

— Sim. E sabe disto. Mas um canalha adorável. Todas te amam e querem você.

— Todas não. Você é diferente.

Ela sorri tristemente.

— Não tão diferente assim – sussurra e então de repente eu entendo.

— Chloe...?

Ela dá de ombros.

— Não vamos fazer disto uma grande coisa. – Ela ri dando de ombros. – Porém, já que estamos na fase das confissões, eu não era não diferente das garotas do hospital, no fim das contas. Como eu poderia? Como disse, você pode ser um filho da puta, mas consegue ser adorável ao mesmo tempo. Claro que eu também queria sua atenção.

— Chloe... – eu estou totalmente abismado com aquela confissão. Claro que eu a achava atraente. Eu sou um homem e não sou cego, mas ela sempre havia sido diferente para mim. Eu a respeitava. Nunca a coloquei no patamar das garotas que podia foder e largar. E era só isto que eu tinha a oferecer. – Não sei o que dizer. Você... eu te acho linda, mas...

— Sou só sua amiga.

— Não é isto. Você merece mais do que um cara

como eu. Eu não tenho sentimentos pra dar a ninguém, Chloe.

— Até hoje eu pensava a mesma coisa Thomas. Eu achava que você era incapaz de amar. Mas não é verdade. Você a amou, não é? Elizabeth Spencer? É por isso que não pode dar seu coração a ninguém. Você já deu a ela há oito anos. E ela nunca devolveu.

Eu quero dizer a Chloe que ela está enganada. Eu fugi. Deixei Liz para trás antes que fosse tarde demais. Percebo agora que eu me iludi todos esses anos. Eu fugi quando já era tarde.

E agora ela estava de volta. Tomando posse do que já é seu por direito.

Como eu poderei fugir de novo?

Ou como eu poderei sucumbir agora, porra? Sinto calafrios de medo traspassando minha pele só de imaginar Liz tomando conta de todos os meus sentidos de novo.

Amar era sofrer. Meu pai sofreu por minha mãe todos esses anos. Eu não queria esta vida pra mim. Nunca quis. Este medo tinha nortado todas as minhas decisões. Mas sinceramente, do que tinha adiantado?

Eu achava que minha vida era boa. Agora, pensando na possibilidade de voltar a ela, eu só sinto o vazio.

Minha vida era vazia.

— Eu não sei... Como fazer isto. Como... amar. —

Confesso. – Minha família, meu pai, Amber. A gente não é assim.

Chloe segura minha mão.

— Thomas, olha pra mim. – Ela me encara com seus olhos cheios de sabedoria – você sabe amar. Você ama sua irmãzinha, Nina, não ama?

— Claro que sim – a resposta surge rápido. Eu nunca tinha parado para pensar nisto. Para dar nome e um sentimento que parecia tão natural.

— E seu pai a ama. E Amber também. Claro que vocês sabem amar. Vocês só precisam parar de ter medo de amar outras pessoas. Amber critica você, apesar de ser exatamente igual. Não consegue ver que Erick está louco por ela. E você rejeitou a única garota que amou.

— E essa garota me odeia agora, do que adianta?

— Bom, você sempre pode recorrer ao canalha adorável e sexy dentro de você e tentar conquistá-la. Conquistou uma vez não foi?

— Tem tanta coisa... E tem a criança.

— Vocês precisarão conversar sobre isto em algum momento, sem dúvida, mas o passado não pode ser mudado Thomas. Liz deu a criança. Ela tem uma vida longe de vocês. Não acredito que tenha volta.

— Como poderemos recomeçar? Com tudo isto pairando entre nós?

— Vão ter que descobrir como passar por cima

disto se quiserem ficar juntos. A pergunta é: você quer ficar com ela? Apenas pense...

A campainha toca, interrompendo Chloe.

— Esperando visitas?

— Deve ser Josh...

Eu me levanto e abro a porta e como previ é Josh na porta.

— Ei, cara, desculpa só aparecer agora. Eu toquei a noite inteira e estava dormindo... — ele para ao ver Chloe. — Hum, oi.

— Oi — Chloe acena.

— Josh, esta é Chloe. Ela é uma amiga lá do hospital.

— Que já está indo embora... — ela pega sua bolsa e passa por nós acenando.

Assim que a porta se fecha atrás dela Josh me encara.

— Uau, esta é gata hein? E eu achando que estava deprê por causa da Liz...

— Não é o que está pensando. Ela é realmente só minha amiga.

— Não comeu esta?

— Pelo amor de Deus, Josh!

Ele ri.

— Calma, desculpa aí. Estava só checando se não

estarei entrando em terreno proibido.

— Como é?

— Vai me passar o número dela, não é?

— Só se prometer não ser um idiota. Esta garota é incrível.

— Eu? Eu sou um príncipe!

— É bom que seja mesmo...

— Mas e aí? O que aconteceu ontem? Parecia um lixo nas mensagens hoje de manhã...

Antes que eu comece a contar sobre a malfadada noite a Josh, meu celular toca e vejo que é Amber.

— O que é? — Indago mal-humorado.

— Thomas, precisa vir para o hospital. Nina está passando muito mal.

Capítulo Dezesseis

Liz

Eu fecho a porta, após a saída de Thomas e Peter me encara desconfiado.

— Não gostei de encontrar este cara aqui.

— Peter, não queira bancar o amigo ciumento, por favor – me arrasto até a cozinha e ligo a cafeteira. Minha cabeça parece que vai estourar.

— Não parece nada bem... – Peter comenta me estudando.

Esboço um sorriso cansado.

— Eu tomei o maior porre da minha vida.

— E este tal Thomas foi bonzinho e te trouxe.

Me mexo incomodada.

— Ou tem mais coisa aí? O que rolou entre vocês?

— Nada... – sei que não pareço convincente.

— Eu não acredito. Ele ficou com ciúmes de mim. E parecia possessivo com você.

— Ele não tem o menor direito – digo friamente.

— Mas parece querer ter.

— O que aconteceu entre Thomas e eu foi há muito tempo – deixo escapar. E quero engolir minhas palavras, mas é tarde. Elas flutuam até Peter que as decodifica e me encara confuso.

— Então rolou alguma coisa entre vocês? Como nunca ouvi falar deste cara?

— Foi antes de te conhecer. Eu tinha 18 anos.

— Uau. Isto faz tempo. Disse que trabalham no mesmo hospital...

— Trabalhava. Fui demitida ontem.

— O quê? Por quê?

— O pai dele me demitiu.

— Como assim?

Eu mordo os lábios, sentindo-me cansada de guardar tudo só pra mim.

— Peter, preciso te contar uma história.

Várias xícaras de café, dois comprimidos e algumas lágrimas depois, Peter me fita totalmente atônito.

— Liz, por que nunca me contou?

— Eu queria esquecer.

— Você teve uma filha...

— Ela não é mais minha filha – digo amargamente. E é verdade. Eu abri mão dos direitos sobre ela, embora no meu coração, ela sempre será meu bem mais precioso.

— Agora entendo tanta coisa... – ele diz pensativo.

— O que quer dizer?

— Você ser assim.

— Assim como?

Ele dá de ombros.

— Você nunca deixa alguém se aproximar totalmente. Nem eu.

Eu toco sua mão.

— Eu deixei você sim.

— Só até onde lhe convém.

Eu desvio o olhar, incomodada com a queixa em seu tom de voz. Peter não está satisfeito com nosso arranjo?

Não quero pensar nisto agora, então desvio o pensamento.

— E o que esse cara quer com você agora? – Eu omiti de Peter as interações sensuais com Thomas depois de minha entrada no Chicago Mercy. Não me sentia à vontade contando a ele.

— Ele deve me odiar agora que sabe que eu dei a criança e nunca contei nada a ele. Embora não tenha direito nenhum. Afinal, ele me deixou!

— Isto ainda te afeta.

— Não! – Rebato. O que é uma mentira. Não sei se Peter acredita.

Antes que ele possa falar qualquer coisa o meu

celular toca.

Eu me afasto para atender ao ver que é minha mãe.

Ah, isto não vai ser fácil.

— Liz, querida, que bom que atendeu! Estou na cidade, vamos jantar! Amanhã cedo já tenho que viajar...

— Mãe não posso...

— Por que não? Podemos almoçar então? Está no hospital eu te pego aí.

— Não estou no hospital.

— Como assim?

— Fui demitida!

— Como assim demitida?

— Jack Hardy me demitiu, satisfeita? Ele é diretor daquele maldito hospital, aliás, Thomas Hardy é o chefe dos residentes, então como deu para perceber, tudo virou uma grande confusão!

— Por que não me disse nada antes?

— Muito me admira do jeito que é controladora me deixar ir trabalhar no hospital onde os Hardy são reis!

— Eu não fazia ideia – Bárbara parece mesmo apalermada. Seria engraçado vê-la tão perdida, se eu não estivesse envolvida em meus próprios problemas. – Você não pode sair do Chicago Mercy, é o melhor hospital de Chicago, um dos mais importantes do país!

— Foi melhor assim, mãe! Não quero trabalhar no

mesmo hospital que Thomas!

— Não me diga que ainda sente algo por ele, depois de tanto tempo Liz, por Deus!

Eu suspiro. Era melhor contar a verdade.

— Eu contei a ele sobre a criança.

— Você fez o quê?

— A senhora ouviu. Ele sabe de tudo.

— Você enlouqueceu?

— Eu deveria ter contado naquela época, esta é a verdade.

— Não devia ter contado Liz!

— Tarde demais, está feito.

— E o que aconteceu?

— Ele ficou chocado. Acho que ainda está.

— Você fez uma grande besteira...

— Mãe, sinceramente, não quero mais falar sobre esse assunto...

— Mas sua carreira... isto não pode ficar assim...

— Tchau, mãe!

Volto para sala e Peter me fita com cuidado.

— Sua mãe?

— Sim. Ela está puta porque fui demitida.

— Sua mãe se preocupa demais com a sua carreira.

— Pois é. Tenho problemas maiores no momento.

Ele toca meus ombros, massageando-os lentamente.

— Sinto muito que esteja passando por toda esta tensão.

— Não vou transar com você – digo e ele ri, tirando as mãos de mim.

— Calma, não ia sugerir isto.

— Desculpe-me, só queria que...

— Tudo bem, fique tranquila. O que acha de sairmos para almoçar?

Penso em recusar, porém o que eu ganhava ficando em casa sozinha?

— Certo. Vou me trocar.

Quando entro no quarto sinto o cheiro de Thomas o que me desestabiliza.

Me pergunto o que ele estará fazendo agora. Se está pensando no que eu disse. Se está pensando em mim. Suspiro pesadamente, forçando minha mente a parar de pensar nele.

Peter tem razão, estou tensa demais.

Preciso desanuviar a mente, nem que seja um pouco, para manter a sanidade.

Bárbara

Eu entro no Chicago Mercy e vou direto a recepção, enquanto tiro meus óculos escuros.

— Preciso ver o Doutor Jack Hardy.

— A senhora tem hora marcada? A recepcionista pergunta indolente e eu forço um sorriso.

— Meu bem, diga a ele que é a Doutora Bárbara Spencer. Tenho certeza que ele vai me receber. — Recoloco meus óculos.

Jack Hardy estava muito enganado se pensa que vai descartar minha filha sem mais nem menos. Eu tinha sonhado com uma carreira fabulosa para Liz na medicina desde que ela era uma garotinha.

Eu tinha feito tudo para que ela focasse somente em seus estudos. E agora finalmente ela ia começar sua grande carreira.

Tinha sido realmente uma merda que Jack Hardy continuasse como diretor do hospital. Eu estava muito ausente da cidade nos últimos anos, circulando pelo país com minhas palestras e divulgando meus livros e não me ative a este pequeno detalhe inoportuno.

E, para completar, o parasita do filho dele também

estava ali.

Por um lado Liz tinha razão. Seria desastre colocá-la perto daquele garoto de novo. Eu talvez tenha subestimado a paixão adolescente que ela sentira há oito anos.

Eu achava que Liz era uma garota madura emocionalmente agora. Ela estava seguindo exatamente como eu queria. Sem se envolver com ninguém. Eu sabia do tal amigo Peter White, que ela mantinha em sua cama quando era conveniente.

Eu também sabia que não havia perigo ali. Ele era apenas um “pau amigo” como as novas gerações chamavam. Ora, uma mulher precisava relaxar de vez em quando. Só não poderia se deixar envolver.

Éramos mulheres fortes. Que colocam a carreira acima de tudo.

O episódio com Thomas Hardy foi uma lástima. Graças a Deus, eu consegui tirá-lo da vida dela. Claro, ajudou muito o fato de ele ter si um fedelho egoísta e dado o fora nela, jogando-a pra escanteio antes que ela fosse embora com ele.

Eu não queria nem imaginar o desastre que teria sido.

Infelizmente, aconteceu a gravidez. Mais um inconveniente que consegui contornar. Uma criança só iria atrapalhá-la.

Eu mesma me arrependi muitas vezes de ter ficado com Liz. O pai dela insistira muito. Eu ainda era jovem e influenciável. Se voltasse no tempo, talvez tivesse feito a mesma coisa que Liz. Filhos eram problema para a vida inteira. Veja onde estou agora para comprovar?

Tudo bem. Eu tinha escolhido criá-la. E se havia aceitado todo o trabalho da maternidade, eu precisava ter minhas compensações. E a minha seria vê-la como uma grande médica. Assim como eu. Ou talvez até maior. O céu era o limite.

Eu só precisava achar uma saída para aquele pequeno problema com os Hardy.

— Doutora Spencer, o Doutor Hardy irá recebê-la – a recepcionista chama a minha atenção. – Quinto andar.

Eu me afasto para o corredor sem agradecer.

Quando chego a área do elevador, há uma médica loira e jovem tentando convencer uma criança de uns oito anos a sentar na cadeira de rodas.

— Não me irrita. Senta logo aí!

— Não! – A criança bate o pé. Está muito vermelha e aposto que é febre – eu não estou tão doente que não possa andar Amber!

— Sou eu a médica aqui! Eu decido! Nós vamos subir para fazer alguns exames.

— Eu sei, posso andar!

— Querida, por favor – a médica parece aflita.

— Cadê o Thomas? Ele nunca iria me obrigar!

— Thomas vai chegar daqui a pouco e ele vai concordar comigo porque ele se preocupa com você também.

Eu aprumo meus ouvidos. Ela disse Thomas?

Olho agora para as duas curiosas e então reconheço os traços Hardy na médica loira. Esta deve ser a outra filha de Jack Hardy.

Mas, quem será aquela garotinha?

— Olá, você é Amber Hardy? – Pergunto como quem não quer nada.

— Sim, por quê?

— Ah, logo reconheci. Eu trabalhei com seu pai. Há muito tempo. Sou Bárbara Spencer.

— Sei – ela não parece interessada.

Eu sorrio para a garotinha.

— E você quem é?

— Sou filha do doutor Jack.

— Filha? Não sabia que Jack tinha uma filha da sua idade.

— Tenho oito anos!

O elevador chega e entramos.

A garotinha ainda se recusa a sentar na cadeira.

— Nina, está muito teimosa! – Amber reclama.
Um alarme soa em minha mente.

— Nina? Seu nome é Nina?

— Sim, isto mesmo – Amber responde irritada e puxa a criança pela mão – chegamos ao nosso andar – elas saem sem olhar para trás.

Eu ainda continuo ali, perplexa. Minha mente dando voltas e juntando o quebra-cabeça.

Entro no escritório de Jack que, obviamente, não está nem um pouco feliz em me ver.

— E que posso ser útil, Bárbara?

— Corta a conversa fiada e vamos direto ao que interessa.

— Veio falar sobre Liz, claro.

— Sim. Você vai recontratá-la.

— Não. Thomas e Liz juntos novamente será uma catástrofe Bárbara. Tem que concordar.

— Claro que concordo com você. Não quero minha filha perto do canalha do seu filho.

— Então entende que Liz não pode trabalhar aqui.

— Não. Quem não deve trabalhar aqui é seu filho.

— O quê?

— Você vai demiti-lo.

— Você ficou louca?

— Não. Estou muito lúcida. Essa é a chance da vida da minha filha. E você não vai atrapalhar. Seu filho precisa sair do caminho.

— Você só pode estar brincando se acha que vou preterir meu filho, o melhor cirurgião deste hospital, em detrimento de sua filha que mal acabou de sair da faculdade!

— Não estou brincando. E também entenda que não estou brincando quando digo que se não demitir o Thomas e recontratar a Liz, eu terei que contar a ele seu segredinho sujo chamado... Nina.

Liz

Peter me leva a meu restaurante favorito de comida italiana, por algum tempo nós falamos sobre assuntos amenos e eu esqueço todos os meus problemas.

Já estamos na sobremesa quando Peter segura minha mão repentinamente.

— Liz, eu preciso te dizer algo.

— O que foi?

— Não sei se é o melhor momento, ou o pior. Só sinto que tem que ser agora. Eu não quero mais ser seu amigo.

— O quê?

— E nem transar com você de vez em quando.

— Como assim Peter? - Sinto meu coração afundar no peito. Peter era meu porto seguro. Ele não podia me deixar. Justo agora que eu ia mais precisar dele. De sua amizade.

— Eu quero namorar você.

— Namorar? – Eu puxo minha mão das dele.

Sinto falta de ar.

— Eu gosto de você, Lili. Inferno, eu sempre

soube que era uma garota difícil, desconfiava que pudesse ter acontecido alguma coisa que a deixou assim, mas eu gostava demais de você para me afastar. Fui seu amigo, porque sabia que era o que precisava. Te levei pra cama, quando você precisou também. Sufoquei o que eu sentia, porque não queria te perder e, mesmo sabendo que posso perder agora, eu estou me arriscando. Pedindo mais. Agora que eu sei o que blindou seu coração, eu quero tentar. Eu sei que se você deixar, eu posso conseguir abrir seu coração pra mim. Por favor, me deixa tentar.

Solto meu fôlego lentamente, quando Peter termina sua explanação apaixonada.

Eu queria dizer que estava surpresa. Que nunca esperei que acontecesse, a quem eu queria enganar? Acho que no fundo eu sempre soube dos sentimentos dele. Eu apenas fingia não saber porque não queria ter que retribuir. Pra mim, sua amizade sincera bastava. Ainda mais que ela vinha com sexo como brinde. Era perfeito. Não envolvia meus sentimentos.

Embora envolvessem os de Peter. Que provavelmente, estavam crescendo cada vez mais, enquanto eu me mantinha fria e distante.

Aparentemente esta seria a semana dos segredos revelados. E eu teria que lidar com isto agora.

— Não sei o que dizer Peter — murmuro — eu te contei hoje tudo o que aconteceu comigo, os motivos pelos quais eu não quero me envolver de novo...

Ele segura minhas mãos novamente.

— Não pode deixar algo que aconteceu quando tinha dezoito anos te afetar para sempre, Lili. A vida é uma só. Quando menos esperar será uma velha. E estará sozinha. E lembrará que eu quis te dar o meu amor. E você recusou.

Meus olhos se enchem de lágrimas, porque sei que ele tem razão. Inferno, eu já me sentia velha e sozinha!

Eu tinha uma profissão que fingia gostar.

Eu tinha uma filha, que estava perdida pra sempre. Eu tive um amor que me rejeitou. E que, mesmo estando de volta, eu não podia confiar que não faria a mesma coisa. Thomas ainda era o mesmo canalha egoísta. Eu vi como ele age no hospital.

O fato de ele estar me rondando devia ser apenas algum resquício daquela química louca de tanto tempo atrás, que não foi suficiente para fazê-lo me manter por perto.

E eu tinha Peter. Esse cara incrível que está na minha frente, pedindo uma chance. Disposto a me amar.

Alguém como Thomas nunca foi.

Será que já não está na hora de eu deixar o passado no passado?

Eu não posso mudar nada do que aconteceu. Minha filha está perdida.

Até meu emprego eu perdi.

Talvez seja a hora de eu finalmente dar um passo à frente.

— Por favor, Liz. Seja minha namorada.

Eu encaro os olhos ansiosos de Peter.

— Eu aceito.

Não sei bem o que estou sentindo quando Peter me deixa em casa.

Ele está radiantemente feliz e eu não consigo fingir que me sinto da mesma maneira.

E Peter percebeu, mas não está bravo.

— Eu sei que está sendo uma fase difícil pra você – ele diz quando me acompanha até a porta.

— Eu sinto muito se não estou sendo uma boa companhia.

— Não quero que finja uma felicidade que não sente Lili. Eu sei o que está sentindo. Sei que não é fácil e que precisa de um tempo para digerir tudo.

— Obrigada, Peter.

— Quer que eu entre? – Ele indaga com cuidado e eu dou um passo atrás, rompendo nosso contato.

— Hoje não, me desculpe.

— Tudo bem. Eu disse que ia te dar o tempo que

precisa. Eu já fico feliz só de a gente estar tentando

Eu sorrio.

— Eu também.

Ele beija levemente meus lábios e me deixa entrar sozinha no apartamento.

Eu deveria ter vergonha de admitir que a primeira coisa que eu faço é ir para meu quarto e aspirar, para ver se ainda tem o cheiro do Thomas ali. Mas já se foi.

Assim, como ele já não está na minha vida.

Tento ignorar a dor profunda em meu coração ao constatar. Como não estou mais no hospital, nossos caminhos tomarão rumos diferentes.

Como aconteceu nos últimos oitos anos.

E eu não devo deixar o sofrimento tomar conta de mim outra vez, como naquele tempo.

Agora eu tenho Peter. E devo ao menos tentar esquecer Thomas de vez e seguir em frente.

Mas não estou preparada para a ligação que recebo naquela tarde.

— Elizabeth Spencer? – Diz a voz feminina muito formal.

— Sim?

— Aqui é do Chicago Mercy, a senhorita deve estar presente em uma reunião ainda hoje com o Doutor Jack Hardy. As 17h, posso confirmar sua presença?

Jack Hardy quer falar comigo? O que ele tem pra falar comigo?

Penso em recusar. Mas é melhor eu terminar logo aquela história.

— Tudo bem.

Na hora marcada, eu entro a sala de Jack Hardy.

Ele me fita gravemente.

— Por favor, sente-se.

Eu faço o que ele pediu, ainda levemente apreensiva.

— Por que estou aqui?

— Estamos te recontratando, Senhorita Spencer.

— O quê?

— Isto mesmo. Pode retornar ao trabalho amanhã.

— Eu não entendo...

— Apenas fique satisfeita com isto.

— Eu... Não acho que é uma boa ideia, na verdade. Não acho que trabalhar com Thomas vá dar certo, e o senhor sabe bem por que.

— Não se preocupe quanto a isto. Thomas será transferido muito em breve.

— O quê? – Por esta eu não esperava.

— Está dispensada. – Ele volta sua atenção para o computador.

— Mas...

— Estou muito ocupado, senhorita Spencer. Por favor, se retire.

Eu saio da sala atordoada.

Como assim, Thomas seria transferido e eu iria voltar.

Que diabos estava acontecendo ali?

— Liz?

Eu me volto ao ouvir a voz.

Thomas está me fitando no corredor, parecendo tão surpreso quanto eu. E, segurando sua mão, está Nina, sua irmã.

— O que está fazendo aqui? – Ele pergunta.

— É... Eu... Fui recontratada, seu pai acabou...

— Foi recontratada – seu rosto se ilumina em... alívio? – Isto é ótimo. Foi um absurdo sua demissão.

Eu me pergunto se ele sabe sobre a transferência.

— Oi Liz – Nina larga a mão de Thomas e vem em minha direção sorrindo.

Seu sorriso é muito parecido com o de Thomas.

— É... Oi – eu a cumprimento atordoada.

— Você trabalha aqui né? Fala pro meu irmão que eu não estou doente?

— Eu...

Olho pra Thomas, sem entender e ele ainda parece meio chocado de me ver ali.

— Eu só estou com febre! Não quero fazer um monte de exame chato!

Eu olho mais atentamente para ela e realmente seu rosto está muito vermelho e febril e seus olhos parecem cansados.

— Nina, não adianta tentar fugir de mim, como fugiu da Amber – Thomas cruza os braços e me encara – Liz, Nina está com febre alta e provavelmente tem alguma infecção, qual exame ela deve fazer?

O quê? Ele estava voltando a me sabatinar.

Eu encaro o rosto da menina.

Tentando buscar na minha mente um possível diagnóstico.

E a conclusão que chego me deixa com o peito pesado.

— Você parece cansada – eu toco sua testa.

— Eu vivo cansada ultimamente! – A menina revira os olhos, como se não fosse nada demais.

Eu rezo para não ser. Rezo para estar errada em minha suposição.

Olho para Thomas. Será que ele não percebeu? Não acho que estaria tão tranquilo se tivesse percebido. Talvez por ser sua irmã, ele esteja deixando passando algo crucial.

— Hemograma completo. Com contagem de cada tipo de célula sanguínea. Se não estiver normal, encaminhar a um especialista – respondo por fim.

Os olhos de Thomas se arregalam lentamente. Ele entendeu minha desconfiança.

— Apenas... para se certificar Thomas – me vejo na obrigação de diminuir seu horror.

— Eu não me sinto bem... Estou tonta – Nina chama minha atenção ao gemer e quando olho pra ela está mais vermelha do que antes.

— Nina...? – Thomas também percebe e vem em sua direção. Antes que ele chegue até ela, Nina perde os sentidos caindo em meus braços.

Capítulo Dezessete

Thomas

Como sabemos que estamos em um pesadelo?

Observo Nina através do vidro da sala de emergência sentindo-me impotente, enquanto aguardamos os resultados dos exames de sangue.

Ela está acordada agora, embora ainda esteja fraca e pálida. Amber está com ela no quarto. Acaricia seus cabelos lentamente, enquanto Nina trava um monólogo sobre algum assunto que Amber finge prestar atenção, eu sei, pelos olhares apreensivos que me lança através do vidro de vez em quando, que sua preocupação é mesma que a minha.

Repetidamente na minha cabeça, eu vejo Nina caindo nos braços de Liz, como em câmera lenta. Meu coração já havia deixado de bater normalmente quando Liz colocou as malditas suposições de diagnósticos na minha cabeça.

O grito de Liz me tirara do torpor e, com poucas passadas, eu estava diante dela transferindo Nina para meus braços correndo com seu corpinho quente para a

emergência.

E tudo havia se transformado em pesadelo. Cada segundo que passava os sintomas começavam a se embaralhar diante dos meus olhos. Nina estava frequentemente cansada. Tinha manchas sobre a pele. Febre sem explicação. Reclamava de dores nas articulações. E agora seu nariz sangrava.

— Thomas – a voz de Liz me livra dos pensamentos sombrios e, por um momento, eu me permito deixar de lado as preocupações com a saúde da minha irmã para apenas apreciar sua presença.

Ela estava de volta.

Tudo o que eu mais queria naquele momento era ter a chance de conversar a sós com ela. Mesmo não sabendo o que iria dizer.

Eu só precisava estar perto dela.

— Como ela está? – Pergunta.

— Estamos aguardando o exame de sangue. Mas... acho que você pode ter razão em suas suposições.

— Eu posso estar enganada...

— Thomas – Nós nos viramos e vemos Paola se aproximando. – Estou com os resultados de sua irmã.

— Você entrou em contato com meu pai? – Eu havia pedido que Paola tentasse localizar meu pai desde quando Nina passou mal.

Ele havia saído sem avisar ninguém aonde ia. O

que era no mínimo estranho.

— Ainda não. Não atende o celular – Paola explica. Lançando um olhar azedo para Liz. – O que você faz aqui? Não foi demitida?

— O Doutor Hardy me readmitiu – Liz dá de ombros, sem reconhecer o olhar ciumento de Paola.

Eu podia bem imaginar de onde tinha saído o veneno para meu pai tentar se livrar de Liz. Só que agora eu não podia perder meu tempo pensando nas armações de Paola.

Eu pego os exames de sua mão.

— A contagem de leucócitos está mais baixa que o normal. – Verifico.

— Pode ser uma deficiência imunológica. – Paola diz, mas eu já vejo tudo preto.

Olho para Liz.

— Chame o especialista em Hematologia.

Ela se afasta para fazer o que eu pedi.

— Thomas, pode ser uma anemia. Ou algum vírus. – Paola insiste.

— Sim, pode ser... Mas ela tem os sintomas, Paola.

Sua mão aperta meu ombro.

— Sinto muito...

Eu me afasto e entro no quarto.

— Thomas, não estou me sentindo bem – Nina reclama e isto parte meu coração.

— Vai ficar tudo bem, vamos cuidar de você – eu toco seus cabelos e olho para Amber – Pode vir aqui fora um instante?

Ela beija a testa de Nina e me segue.

Eu lhe entrego o exame.

Seu rosto empalidece.

— Oh Deus!

— Não vamos nos precipitar, pode ser uma anemia, um vírus – repito as palavras de Paola, tentando me convencer.

Amber é como eu. No fundo, ela sabe.

Nós dois sabemos.

E, pela primeira vez em muito tempo, Amber chora na minha presença. E também pela primeira vez em muitos anos, eu me aproximo e passo meus braços por seus ombros que tremem.

— Vai ficar tudo bem, Amber.

— Se ela estiver doente... Ela é só uma criança, Thomas.

— Eu sei.

— Já avisaram o papai?

— Ninguém conseguiu encontrá-lo ainda.

Com o canto do olho eu vejo a doutor Scott

Brooks, o especialista em Hematologia, se aproximar junto com Liz.

Eu lhe entrego os exames e explico os sintomas de Nina.

— Certo.

Ele passa por nós e vai examinar Nina.

Eu encaro Liz, ela parece cansada e nem está de uniforme, o que me lembra que não deveria estar trabalhando.

— Vá pra casa. Já é tarde.

— Mas...

— Você nem veio para trabalhar hoje, não é?

— Não, eu... – ela aparece querer falar algo, mas se cala – tudo bem. Nos vemos amanhã.

— Sim, amanhã – Eu concordo e isto me deixa mais tranquilo. Saber que ela estaria aqui amanhã. Certamente esse não era o momento para nos concentrarmos em nossos problemas de relacionamento, os antigos e os atuais. Só de saber que ela estaria por perto já era um alento.

O médico retorna e sua expressão é grave.

— Sim, ela tem todos os sintomas e os exames – ela estuda o hemograma – A taxa de leucócitos está muito baixa. Ela apresenta 12% de promielócitos e 5% de blastos – ele nos encara - sabem o que significa.

Amber coloca a mão sobre a boca.

— Síndrome Leucêmica – murmuro, sentindo o chão fugir dos meus pés.

— Vou precisar de uma punção de medula para confirmar, embora tudo indique que é leucemia promielocítica aguda.

Eu achava que já tinha sentindo medo, nada se comparava àquele sentimento de pavor que sentia com a iminente doença de Nina.

Nós teríamos que aguardar a punção, mas diferentemente de Amber, eu já havia aceitado o pior. Nina estava doente.

Minha pequena e doce Nina. A garotinha que aparecera em nossas vidas quando menos esperávamos e conquistara o coração de três pessoas que até aquele momento se julgavam incapazes de amar.

Nós tínhamos nos reunido em volta dela, mimando e protegendo. E ela tinha tirado de cada um de nós algo que nem nós sabíamos ter.

E agora ela estava a mercê daquela doença terrível. Era cruel que o destino a tivesse feito adoecer em meio a uma família de três pessoas que viviam para a medicina.

Agora, eu me sentia impotente em vista daquela situação cruciante.

Eu havia fugido do hospital, da espera angustiante

e entrou no carro dirigindo sem rumo. E, sem que ao menos tenha me dado conta, eu estava batendo na porta da casa de Liz.

Ela abre a porta pra mim e de repente eu constato que não havia nenhum outro lugar do mundo em que eu gostaria de estar.

— Thomas? — Ela me encara com olhos surpresos. Seus cabelos estão presos num rabo de cavalo frouxo e ela usa um simples pijama cinza.

— Posso entrar? — Pergunto, abraçando meu próprio corpo.

Ela hesita. Por um momento, entendo o absurdo da minha presença na sua porta, depois de tudo. Pergunto-me se ela vai fechá-la na minha cara.

Pergunto-me se terei forças para fazer outra coisa a não ser me deixar escorregar para o chão e chorar.

E já não tenho forças para nada.

Então ela abre a porta, dando espaço para eu passar.

Eu entro em seu apartamento e vejo seu olhar me acompanhar.

— O que aconteceu com você? — Pergunta por fim.

— Você estava certa. Nina tem Leucemia.

— Nossa... — ela toca meu braço — Você está tremendo. Por que não se senta? Acho que precisa de uma bebida.

Eu me deixo guiar até o sofá, minha vista embaçada.

— Eu não sei o que fazer, eu... — minha voz se quebra.

Estou desmoronando por dentro.

— Oh Thomas — ela se aproxima e eu a puxo pra mim, meus dedos como garras em sua camiseta, enterrando minha cabeça em sua barriga, meus soluços se quebrando em seu corpo. — Eu sinto muito — ela sussurra, enquanto seus braços cingem minha cabeça, seus dedos acariciam meus cabelos.

Não sei quanto tempo ficamos assim, até que ela me solta e vai buscar a bebida que tinha me oferecido.

Sinto-me esgotado. Perdido. Enfraquecido.

Liz senta ao meu lado, depois de me dar um copo de conhaque.

— Vocês têm certeza do diagnóstico?

— Ainda vão fazer uma pulsão, é apenas uma formalidade pra ter certeza absoluta.

— Ela é jovem, Thomas, vai conseguir...

— Exatamente. Ele é jovem. Uma criança, porra! — solto um grunhido, frustrado — você sabe como é essa doença. Nós estudamos esta merda toda. Inferno, eu já vi acontecer incontáveis vezes... Não quero ver minha irmã passar por tanto sofrimento.

Bebo o líquido todo de um só gole.

— Tem mais disso?

Ela pega o copo da minha mão, colocando sobre a mesa de centro.

— Não acho que ficar bêbado seja a solução, Thomas.

Eu passo os dedos por meus cabelos frustrado.

— Não sei o que fazer...

— Eu sinto muito – ela toca minha mão mantendo-a entre as dela, acariciando meus dedos.

Respiro fundo e sinto seu cheiro.

Invoca tantas lembranças.

Sem pensar, me aproximo e toco seus lábios com os meus.

Tem gosto de conhaque e lágrimas. Eu nem tinha percebido que ela havia chorado também.

Seu suspiro descarrega uma onda de desejo em mim que ultrapassa a barreira da dor. E eu seguro seus cabelos, mantendo a proximidade. Meus lábios aprofundando o beijo.

Naquele momento eu precisava dela como precisava do ar para continuar respirando. Como se viesse de muito longe uma campainha toca insistentemente e ela me empurra.

— Thomas, não, por favor... – sua voz está cheia de angústia misturada com anseio.

Seus olhos temerosos estão permeados de faíscas de desejo.

Eu entendo seu medo, sua hesitação. Mas estou pouco fodendo para isso nesse momento.

Era exatamente o que eu ia dizer, quando ela se levanta e foi até a porta.

— Oi, por que demorou?

A voz masculina me faz virar e eu vejo Peter White surgir em meu campo de visão.

Ele segura uma garrafa de vinho e me encara com olhos furiosos.

— O que ele está fazendo aqui?

— Peter calma. Thomas está aqui porque está passando por problemas...

— Eu podia perguntar o mesmo – digo, ignorando as palavras de Liz.

O que aquele idiota estava fazendo ali segurando uma garrafa de vinho como um maldito Don Juan?

— Eu sou o namorado da Liz, imbecil – Ele dá um passo em minha direção.

Eu não me mexo, surpreso com suas palavras.

— Peter, para com isso! – Liz, puxa seu braço e me encara. – Acho melhor ir embora, Thomas.

O quê?

— Este cara é seu namorado? – Pergunto,

querendo ouvir uma negativa, bem lá no fundo sabendo que ela não viria.

— Sim – ela responde num sussurro e eu penso ouvir uma nota de culpa em sua voz.

— Pois é, eu sou o namorado, então é melhor dar o fora – Peter continua e minha vontade é partir sua cara bonitinha em duas.

Eu recuo.

Que direito eu tenho afinal?

Eu passei oito anos sem ver ou saber de Liz. Eu havia escolhido assim.

Provavelmente muitos caras deviam ter passado por sua vida, assim como esse idiota. Do mesmo jeito que muitas mulheres passaram pela minha. Nenhuma como ela. Nenhuma se comparava a ela.

E eu queria perguntar se alguns daqueles caras, até mesmo Peter, significavam alguma coisa pra ela.

— Thomas, vai embora, por favor – ela pede de novo – acho que precisa descansar. Por Nina – ela diz o nome da minha irmã e eu volto a minha dura realidade. Eu tinha coisas mais importantes para me preocupar no momento. Minha paixão mal resolvida por Liz teria que esperar.

— Sim, tem razão.

Eu me encaminho para a porta e ela me acompanha.

— Thomas, me desculpa, eu... — balbucia baixinho para que só eu possa ouvir.

— Tudo bem.

— Eu queria... queria poder fazer qualquer coisa pra ajudar...

Eu sorrio tristemente e toco seu rosto. Ela fecha os olhos.

— Você já fez.

E, antes que faça uma merda, como colocar o namorado pra fora a pontapés para poder ficar ali com ela, eu dou meia volta e vou embora.

Vou para o hospital e passo a noite com Nina.

Eu não consigo dormir e, nas primeiras horas da manhã, Erick entra no quarto dizendo que saiu o resultado.

— Amber e seu pai estão na sala dele.

— Ok, obrigado.

— Eu sinto muito, cara — ele bate nas minhas costas.

Eu me encaminho para a sala do meu pai e ele e Amber estão discutindo.

— Você sabe que eu tenho razão! — Ela diz irada.

— Nós ainda não sabemos a extensão da doença!
Ela passará por todos os tratamentos habituais... — Meu pai diz.

— Que podem não dar em nada! Ela sofrerá e...

— Está sendo dramática, Amber!

— Cadê os exames? – Entro na sala e eles finalmente notam minha presença.

— Oi filho – meu pai me encara. Seu rosto está abatido e seu olhar tem uma angústia que nunca vi antes – estamos debatendo a situação de Nina.

— Diz a ele, Thomas – Amber grita – Diz que precisamos achar sem demora a verdadeira família de Nina!

— Amber – meu pai tenta acalmá-la.

Eu relanceio o olhar pelos exames. Está tudo ali.

Sem sombra de dúvida.

E eu entendo o que Amber quer dizer.

— Sim, pai, Amber tem razão. Temos que achar os pais de Nina. Ela pode ter irmãos. Eles podem ser possíveis doadores de medula óssea.

Capítulo Dezoito

Liz

Assim que Thomas desaparece porta afora eu olho para Peter, parado do outro lado da sala me encarando com olhos acusatórios, sentindo como se algo estivesse tremendamente errado.

O que é absurdo. O cara que saiu por aquela porta, não deveria significar mais do que o que está na minha sala nesse momento. Esse é o meu namorado.

Como dizer ao meu tolo coração que era muito certo deixar Thomas ir? E como eu poderia fazer para convencê-lo, quando ainda sinto o gosto do seu beijo na minha boca. Quando anseio por mais?

— Não entendi o que esse cara estava fazendo aqui.

Respiro fundo e me sento no sofá. O mesmo em que Thomas tinha me beijado a pouco tempo.

Passo a mão pelos cabelos cansadamente.

— Eu falei. Ele estava com problemas.

— O que não é motivo para ele procurar você.

— Peter, sinceramente, não estou a fim de brigar

ok? – Minha voz demonstra toda a exaustão daquele dia interminável.

— Merda, Liz! – Peter desaba no sofá – eu também não vim para brigar com você. Porém, o que quer que eu pense? Você e esse tal de Thomas Hardy têm uma história juntos. Uma que eu disse a mim mesmo que vou apagar da sua memória. Então quando chego aqui vocês estão juntos!

— Não estávamos juntos – eu luto para não corar. – Não da maneira que está insinuando – nego descaradamente. Sei que estou errada. Que talvez devesse contar a Peter sobre o beijo, mas para quê? Para magoá-lo? Não é como se tivesse significado algo mais do que um momento de desabafo.

Thomas estava sofrendo e eu só queria consolá-lo. Foi o único motivo.

Talvez se eu repetisse bastante quem sabe eu não acabasse me convencendo.

— Vocês estavam chorando.

— A irmã do Thomas está com câncer – esclareço. Peter franze os olhos.

— A tal gêmea?

— Não. Ele tem uma irmãzinha. Nina. Ela é só uma criança e eu estava lá no hospital quando ela passou mal e...

— Espera, o que estava fazendo lá?

— Eu fui readmitida.

— Sêrio? Como assim?

Dou de ombros.

— Nem eu entendi. O Dr. Hardy me chamou de volta.

Peter me encara com cuidado.

— Acha que é uma boa ideia continuar no hospital dos Hardy – e eu sei que por Hardy ele quer dizer Thomas.

— Ele me disse que Thomas vai sair.

— Nossa, essa é uma reviravolta estranha.

— Sim, eu também acho.

— E você aceitou voltar.

— A única coisa que poderia me manter longe do Chicago Mercy é o Thomas e se ele vai sair... Talvez não tenha motivos para eu não voltar.

De repente Peter se move em minha direção e segura minhas mãos entre as suas.

— Não acho que deva voltar Liz.

— Peter – me mexo desconfortável, mas ele não me solta. Seus olhos são febris em minha direção.

— Eu vou ser transferido de cidade.

— O quê?

— Estou indo embora, Liz.

— Mas... como... onde...? — Sinto meu coração afundando. Peter ia me deixar também?

— Estou indo para Seattle. Recebi uma proposta irrecusável para trabalhar em uma obra na cidade. Eu serei o engenheiro chefe.

— Uau, nossa... é... incrível — digo sem conter minha decepção.

Peter era meu melhor amigo. A única constante na minha vida. Podia até ser egoísmo, eu realmente não queria me separar dele. Justo agora que eu havia decidido mudar o status do nosso relacionamento.

— Eu quero que você vá comigo.

Arregalo os olhos, surpresa.

— O que?

— Liz... casa comigo?

— Peter... eu... — não consigo pensar coerentemente. Solto minha mão das suas e me levanto. — Isto é... Nem sei o que pensar...

Como assim Peter estava me pedindo em casamento?

— Eu sei que é repentino — ele também se levanta e segura meus ombros — eu te amo. Amo há muito tempo...

— Peter... — sinto-me sufocar com aquela declaração tão intensa. Tiro suas mãos de meus ombros e as seguro contra meu peito — eu também te amo. Mas não sei se... é do jeito que você gostaria. Você foi meu melhor

amigo por todos esses anos. Eu sempre vou precisar de você comigo, porém... A gente mal decidiu namorar, como é que já pretende pular pra... casamento?

— Eu estou indo embora. Não vamos conseguir manter um relacionamento à distância.

— Eu entendo e concordo daí a... casar? Casamento é algo muito sério. É... um passo muito grande!

— Que eu quero dar com você! – ele insiste. E a paixão em seu olhar é comovente e assustadora ao mesmo tempo.

Bem lá no fundo do meu coração, eu quero jogar a cautela pela janela. Quero aceitar todo aquele amor. Eu sei que Peter nunca vai me magoar. Que ele deseja me fazer feliz.

Há uma parte de mim que acha bem possível.

No entanto, existe aquela outra parte. A parte da Liz que deixou um cara entrar em seu coração um dia e que ansiou por tudo que estavam lhe oferecendo agora. Uma vida juntos e então teve todos os seus sonhos destróçados e espalhados pelo vento.

E esses sonhos nunca mais voltaram.

Como poderei retribuir o amor de Peter? Eu sou uma pessoa quebrada.

Thomas me quebrou há oito anos e até hoje eu tento encontrar os caquinhos pra me consertar e ser inteira de novo. E a merda é que ele voltou, está rondando a

minha vida e pisando nos caquinhos.

E o pior de tudo, existe aquele pedaço que foi embora junto com a minha filhinha perdida.

Só de pensar nela eu sinto aquela dor insuportável me invadir novamente. O vazio que nunca será preenchido.

Peter acha que vai me fazer esquecer Thomas e tudo o que ele me fez sofrer. É que ele não sabe que existe sofrimento maior do que uma paixão perdida.

A dor da perda da minha filha nunca vai passar. Ela está entranhada em mim e vai me acompanhar até a minha morte. Sei que talvez devesse tentar explicar a Peter, temo que ele diga que essa dor pode ser curada também. Que ele poderá me dar filhos um dia para substituir a minha bebê perdida.

E eu não quero que ele diga. É quase como se eu estivesse traindo a sua memória.

Eu não quero esquecer aquela dor. Enquanto eu a sentir, significa que a sua memória ainda está dentro de mim e, de alguma forma, eu sinto que eu não a abandonei totalmente. Dentro do meu coração, ela continua sendo meu bem mais precioso.

Solto as mãos de Peter.

— Eu não posso... Sinto muito muito.

Seus ombros caem e eu vejo a dor em seu olhar. Sou apunhalada pela culpa.

— Eu quero realmente dar uma chance a você, Peter, porém casamento é algo sério demais.

— Definitivo demais? – ele não disfarça a mágoa.

— Não é...

— Olha eu sei que parece muito precipitado. Mas eu juro Liz. Eu posso fazer você feliz. Você só precisa se permitir, me permitir.

Ele toca meu rosto.

— Estou indo embora daqui a três dias...

— Três dias, tão rápido?

— A obra já começou e eu estou correndo com a mudança. Por isso vim aqui agora, te dizer que estarei muito ocupado.

— Eu entendo...

— Eu vou esperar Liz. Vou esperar sua resposta. Não quero te pressionar. Sei que parece que começamos agora, mas pra mim, essa história já está rolando faz muito tempo.

Ele beija minha testa.

— Eu preciso ir.

— Tudo bem – eu o acompanho até a porta aliviada. Não quero que ele fique esta noite.

Eu preciso de tempo e espaço para pensar.

E, assim que ele vai embora, eu percebo que deveria estar pensando em sua proposta, no entanto meus

pensamentos se voltam para Thomas.

Sinto meu coração apertar ao lembrar de como ele estava arrasado quando bateu na minha porta. Em como eu sabia que não deveria e, mesmo assim, o deixei entrar.

E deixei que me beijasse.

E, mil vezes inferno, eu tinha ansiado por aquele beijo bem lá no fundo da minha alma. Como se ela soubesse que a alma dele precisava desta nossa insolúvel conexão.

Eu já não podia negar a mim mesma que poderiam se passar mil anos, ainda sim, nossas almas se reconheceriam. Nossos corpos se desejariam.

E agora eu estava voltando ao hospital. Pelo menos por algum tempo, até que a tal transferência acontecesse, nós estaríamos lado a lado de novo.

A não ser que eu aceitasse a proposta de Peter.

Eu adormeço sem ter encontrado uma saída.

Na manhã seguinte, eu vou trabalhar.

Minha chegada ao Chicago Mercy acontece debaixo de fofocas sussurradas que finjo não ouvir. Não sei o que estão falando ou como entenderam a minha volta, também não me interessa. Estou ali para trabalhar e não para me envolver em falatórios.

E, porque não confessar, eu espero rever Thomas. Digo a mim mesma que se trata apenas de uma preocupação solidária com o momento difícil que ele está passando com a doença da irmãzinha.

— Onde está o doutor Thomas? – Jenny pergunta quando chegamos à enfermaria e quem está nos recepcionando e passando nossas atribuições é a Doutora Chloe.

— Não é da sua conta – ela responde secamente ganhando uma careta de Jenny.

— Credo só perguntei.

— Jen! – Julie a cutuca.

— O quê? Ela é uma grossa. Tá ficando pior que a Amber...

— A única coisa que lhe interessa é que deve ir para a sutura imediatamente – Chloe ignora os comentários mordazes de Jenny.

Eu não quero dizer que também anseio saber onde está Thomas, nem ousar perguntar algo a Chloe, que parece estar de mau humor. Será que ela também está afetada pela doença de Nina? Ela parecia ser amiga tanto de Thomas quanto de Amber e esta última também não havia aparecido hoje.

— Elizabeth Spencer. Entregar exames – ela resmunga e se afasta.

Eu vou executar minhas tarefas e o tempo inteiro,

me pergunto se Thomas irá aparecer.

E, como quem não quer nada, passo pelo quarto de Nina Hardy. Como era de se esperar Amber está lá e, ao lado dela o Doutor Jack. A menina está dormindo enquanto Amber e o pai parecem discutir em voz baixa.

— O senhor sabe que eu tenho razão! – Amber diz enfaticamente.

— Não vamos mais discutir esse assunto, Amber! – O médico retruca, irritado.

— Olhe para ela! Veja como esta pálida! Será que não tem um pinga de sentimento dentro de você? Se você se negar a me dizer, eu vou atrás da Diana!

— Deixe a Diana fora disso! Ela foi embora há muito tempo e nem se importa com a Nina.

— Você a fez ir embora, com esta sua frieza!

— Não sabe de nada, Amber! – Refuta sombriamente e então levanta a cabeça e nota minha presença. Tenho a impressão que seus olhos me encaram com medo por um momento.

— Me desculpem – murmuro.

— O que você quer? Está procurando o Thomas? – Amber diz friamente – ele só virá trabalhar a tarde. Se precisar de algo peça a Chloe.

— Sim claro... – eu dou meia volta e me afasto, perguntando-me do que eles estariam falando.

E estou pensando em sair para almoçar quando

vejo Paola Becker. Ela não parece satisfeita em me ver.

Eu sei que foram as fofocas daquela médica que fizeram Emily ser demitida. E também o motivo da minha demissão, em parte. Só não entendo o que ela ganharia.

— Ainda não entendi como conseguiu ser readmitida – ela diz mordazmente.

— Por que não gosta de mim, doutora Paola? – Não consigo me impedir de perguntar – me atraiu para uma conversa, me fez falar de Emily e de mim com Thomas e...

De repente uma desconfiança tolda meus pensamentos...

Ela não era noiva de Jack Hardy?

Seu sorriso é quase uma confissão.

— Parece que já entendeu.

— Mas...

— Como posso ser noiva do pai do homem com quem dormi?

Sinto o chão fugir dos meus pés.

— Você trai o doutor Hardy com Thomas?

Ela dá de ombros, como se não fosse nada.

— Minha história com Thomas começou antes mesmo da minha com o pai dele.

— Eu não entendo – balbucio, chocada. Enojada.

Thomas se tornou um homem pior do que eu

imaginava se transava com a noiva do próprio pai.

— Conhecemos o Thomas, não é? Ele tem essa fobia de compromisso. Não quer se comprometer com ninguém e eu cheguei num momento da vida que preciso de segurança.

— E tinha que ser justamente o pai dele?

— Não ouse me julgar.

— Eu não preciso julgar nada!

— Vejo sua repulsa. Ou está com ciúmes do Thomas? Me diz, Elizabeth Spencer, ainda sente algo por ele? Quer Thomas de volta? Por isto está aqui?

— Por que se preocupa? Não vai casar com o pai dele? — Rebato no mesmo tom irônico.

— Se eu fosse você, desaparecia para sempre. Não deveria nem ter voltado. Thomas não mudou. Nunca vai mudar. Ele vai ser sempre este garoto mimado e egoísta. Além de mulherengo. Não pense nem por um instante que ele não vai te fazer sofrer novamente. Porque é o que Thomas Hardy faz melhor. Ele nos envolve em sua sedução e depois nos cospe fora como uma erva daninha para seu precioso coração intocado.

E sem mais, ela me dá as costas e entra no quarto onde Nina está.

Eu ando até o vestiário tremendo.

Por que sei que Paola Becker tem razão. Thomas vai me fazer sofrer de novo. Eu já não estou sofrendo?

Não estou correndo pelos corredores a procura dele? Usando desculpas esfarrapadas para encontrá-lo?

Porque eu quero isto. Eu sempre quero.

Quero que ele me toque de novo e faça o que quiser comigo. Não consigo mais fugir desta triste realidade. Thomas Hardy ainda mexe comigo como nenhum outro. Ele continua tendo aquele mesmo poder sobre mim. O poder de me levar ao céu e depois me jogar lá de cima.

Eu quase já posso antever acontecendo novamente, sem que consiga impedir.

Eu almoço sozinha e volto ao hospital, continuando minha tarefa mecânica de entregar exames e tentando me abster de pensar.

O tempo inteiro uma sensação de inevitabilidade me corrói por dentro.

E eu sei o que tenho que fazer. Eu não quero mais sofrer. Quero seguir em frente. Quero sair daquele limbo que minha paixão por Thomas me jogou.

Sei que não posso me livrar da dor da perda da minha filha, mas posso ao menos tentar consertar meu coração partido.

Olho para o último exame na minha mão e vejo

que pertence a Nina Hardy.

Com os membros pesados, sigo até seu quarto, quase como que prevendo a presença de Thomas lá. Porém, não é ele que está acompanhando a pequena Hardy e sim sua irmã, Amber.

Eu lhe entrego o exame.

— Obrigada - ela passa os olhos pelas folhas e suspira. — Nada bom... — Você pode ficar com ela? Eu preciso conversar com meu pai.

— Claro.

Amber sai do quarto e eu me aproximo da cama.

Nina abre os olhos e sorri cansadamente ao me reconhecer.

— Liz!

— Olá, como está se sentindo? — Verifico o soro e seus sinais vitais. Ela parece mais pálida do que ontem, com olheiras escuras embaixo de seus olhos.

— Dói um pouco. Amber diz que vou ficar bem.

— Claro que vai! — Eu sorrio.

— Eu não acredito - ela sussurra e eu me condeo com o medo em seu olhar.

— Por que diz isto? Claro que vai ficar bem. — Sei que posso estar mentindo. O que poderia fazer, ela é só uma criança.

Deve ter a mesma idade da minha filha, penso,

com dor no peito.

Afasto aquele pensamento. Onde quer que ela esteja eu espero que seja saudável e não esteja sofrendo como Nina.

— Amber e Thomas sussurram quando pensam que eu estou dormindo. Eu sei que tenho uma doença grave.

— Ah, Nina – eu toco seus cabelos, com vontade de chorar.

— E eles estão brigando com meu pai.

— Por quê?

— Eles querem achar meus pais verdadeiros.

— Como assim? – A irmã de Thomas era adotada?

— Meu pai não quer. Eu não entendo. Eu sei que tenho outra mãe e pai. Biológicos, é como papai me disse que chama. Ele e a Diana me adotaram quando eu era pequena. Eu não sei por que a Amber e o Thomas querem encontrá-los. Eu nem sei se eles existem de verdade...

Instantaneamente eu compreendo o que Amber e Thomas querem. Se Nina é adotada, Thomas e Amber não podem ser possíveis doares de medula.

— Não deve se preocupar com isto – eu tento reconfortá-la – Tenho certeza que tudo vai ficar bem.

Ela sorri sonolenta.

— Eu gosto de você, Liz.

Eu sorrio de volta.

Nina parecia ser uma criança muito doce. Era realmente uma judiação que ela estivesse passando por aquela doença horrível.

— Você tem namorado? – Ela pergunta de repente.

— Porque quer saber?

— Podia namorar o meu irmão. Ele precisa de uma namorada, sabe? – Ela fecha os olhos e desliza para o sono.

— Liz? – Eu me viro e vejo Thomas na porta do quarto.

Meu coração dá um salto no peito ao vê-lo. É incrível que ele pareça lindo mesmo tão abatido.

— Nina dormiu – digo baixinho.

— Onde está minha irmã? – Ele se aproxima e toca os cabelos de Nina, verificando-a.

— Ela recebeu os últimos exames de Nina e foi falar com seu pai.

— Eles devem estar brigando.

Me recordo das palavras de Nina e sei que pela cabeça de Thomas deve estar passando a mesma coisa.

— Ela vai ficar bem, Thomas – me vejo dizendo, ao perceber a desolação em seu rosto.

Ele se vira pra mim, como se só agora tivesse me notado de verdade.

Meu coração dispara, quando sinto seu olhar

intenso.

Na minha mente vem nosso último beijo. O pedido de Peter em seguida. E as palavras de Paola. E as decisões que eu havia tomado.

— Liz, precisamos conversar – ele diz dando um passo na minha direção.

Eu encaro seu rosto lindo. Memorizando cada traço perfeito. Seus olhos azuis que parecem perfurar minha alma.

Sem pensar me aproximo e, ficando na ponta dos pés, eu o beijo.

É um beijo com gosto de adeus.

Toco seu rosto e deixo meus lábios se despedirem da perfeição que é beijar Thomas Hardy.

— Liz – ele me encara atordoado quando o beijo termina.

Dou um passo para trás.

— Diz pro seu pai que ele não precisa mais te demitir para afastá-lo de mim.

— O quê?

— Não sabia? Seu pai me readmitiu porque decidiu te afastar do hospital. O que devo dizer? Eu também acho que nós dois juntos seria tragédia na certa.

— Isto é absurdo.

— É assim que as coisas são. E eu até entendo a

lógica do seu pai. Mas não será mais necessário. Estou indo embora. Deste hospital e desta cidade.

— Liz...

— Eu vou me casar com Peter – confesso e vejo a transformação no olhar de Thomas. Não quero entender o que significa.

— O quê? Porra, não pode casar com ele!

— Não tem direito de dizer isto Thomas. Sua chance foi há oito anos. E dei tudo pra você. Estava disposta a dar a minha vida. Você não quis. Agora é tarde. Não podemos voltar no tempo. Eu quero seguir em frente, quero ser feliz. Eu mereço ser feliz. Adeus, Thomas.

Então eu caminho para fora do Chicago Mercy sem olhar para trás.

Jack

Eu estou num beco sem saída.

Quando resolvi adotar Nina há oito anos, eu nunca imaginei que poderia passar por um momento como esse.

Que seria forçado a espiar meus erros passados.

A meu ver, nem eram realmente erros. Eu fiz o que deveria ser feito. Nina era uma Hardy, afinal. Como eu poderia deixar que outras pessoas cuidassem dela? Eu tomei a melhor decisão no momento, mantendo-a em nossa família. E nem Diana entendeu quando descobriu dois anos depois. Ela exigiu que eu contasse a verdade a Thomas. Era algo eu não poderia fazer nunca. Seria um segredo que eu levaria para o meu túmulo.

E agora, eu me via numa encruzilhada com a doença de Nina.

— Papai, olha esses exames! Veja como ela está doente, pelo amor de Deus — Amber entra na minha sala como um raio e joga os papeis na minha mesa. — Você sabe o que tem que ser feito! Você pode conseguir achar os pais dela! Nina merece uma chance de enfrentar essa doença!

Eu vejo as lágrimas nos olhos de Amber. A minha

filha que nunca chora.

Respiro fundo.

Talvez seja a hora de eu enfrentar as consequências afinal.

— Chame Thomas.

— Para quê?

— Apenas o chame e nos deixe sozinhos.

— Vai tentar encontrar os pais de Nina? – Amber pergunta esperançosa.

— Sim. Na verdade, eu já sei onde estão.

Amber esboça um sorriso trêmulo de alívio e se vira para fazer o que eu pedi.

— E Amber? – Eu a chamo quando está na porta.

— Sim?

— Chame Elizabeth Spencer também.

Ela franze a testa sem entender.

— Por quê?

— Apenas faça o que eu pedi Amber. Agora.

Capítulo Dezenove

Thomas

O que estava acontecendo com a minha vida?

Como podia ter virado de ponta cabeça em apenas alguns dias? Eu acreditava que tinha uma boa vida. Era o melhor médico residente do melhor hospital de Chicago. Fodia todas as mulheres que queria e mantinha minhas emoções fora da equação. O único sentimento que eu me permitia ter era por Nina. Ela era a única no meu coração. E era o bastante. O futuro era incerto, porém brilhante.

Agora, tudo se tornou um pesadelo.

Começando com a volta intempestiva de Liz Spencer, invadindo o hospital e a minha vida, trazendo de volta todo aquele redemoinho de emoções que eu pensei que estivessem trancadas bem no fundo no meu peito. O que eu podia dizer? Ela tinha a chave. Sempre teve. E a usou para abrir e deixar sair todo o sentimento que estive guardando só pra ela. Apenas para rejeitá-los, como eu fiz há oito anos.

E agora ela simplesmente dizia que estava indo embora, depois de despejar em cima de mim o segredo

sobre nossa filha perdida. A descoberta da doença terrível de Nina havia me tirado o chão e feito com que a revelação inesperada de Liz ficasse em segundo plano e agora eu precisava encarar o fato de que eu estava devastado com a saída iminente de Liz da minha vida de novo. E sem nem ao menos ter tido a chance de conversar direito a respeito dos motivos de ela ter escondido a gravidez de mim.

Me recordo de Chloe dizendo que nossa filha estava perdida agora. Liz havia tomado a decisão de dá-la em adoção e ela tinha uma vida que não nos incluía. Certamente meu lado racional sabia que era um fato consumado, enquanto meu lado emocional, aquele que agora vinha empurrando cada vez mais meu racional para fora da minha mente, dizia outra coisa bem diferente. Eu não queria aceitar que simplesmente eu nunca iria conhecê-la. A sua existência ter sido escondida de mim todos aqueles anos foi uma crueldade. Eu tinha o direito de decidir também.

O que eu teria decidido se me fosse dada a escolha? O Thomas de oito anos atrás, egoísta e racional teria contestado a decisão de Liz?

Eu não saberia dizer.

O que sei agora é que eu sinto uma dor e uma revolta sem tamanho crescendo dentro de mim.

O que eu poderia fazer? Liz tinha ido embora.

Eu fico parado ali no quarto, ouvindo o barulho ritmado do coração de Nina no monitor, enquanto meu próprio coração vai diminuindo o ritmo quase até parar.

A dor que atinge meu peito é tão forte quanto um soco no estômago.

Talvez eu mereça. Mereça esta revanche do destino. Como ela mesma tinha dito em sua despedida, ela ofereceu sua vida a mim há oito anos e eu havia rejeitado. Por esse motivo, ela havia desistido de nossa filha.

Eu optei por permanecer com meus medos. E do que adiantou? Passei oito anos apenas me enganando. Eu não era feliz como eu acreditava que era. Sexo com todas aquelas mulheres sem rosto não preenchia o vazio que era minha vida.

E era o que minha vida era. Vazia.

A única vez que eu vislumbrei um sentido, foi quando ela estava comigo. Depois veio Nina, e eu almejei que meu amor fraternal fosse o bastante. Não era. E agora eu me dou conta de que eu não quero que Liz vá embora. Não posso deixar que ela vá.

Talvez a perda da nossa filha seja algo que nunca poderá ser mudado. Pelo menos eu posso tentar salvar algo com Liz.

E eu chego a dar um passo para fora do quarto com um propósito firme de ir atrás dela, quando Amber me intercepta.

— Thomas, venha comigo.

— Agora não, Amber! – Eu tento me desvencilhar dela. Liz não pode ter ido longe, Amber segura meu braço e a urgência em seu olhar me faz parar.

— Papai encontrou os pais de Nina. – Ela sorri esperançosamente – ele quer falar com você. Agora.

Eu me debato por um instante.

Eu e Amber vínhamos discutindo intensamente com meu pai, tentando convencê-lo a procurar os pais verdadeiros de Nina. Até agora ele tinha se recusado. Achar os pais de Nina significava que sua chance de lutar contra a leucemia ganhava outra perspectiva. Uma com mais esperança.

Minha caçada a Liz podia esperar. De qualquer maneira a resolução já estava tomada. Eu iria atrás dela assim que possível. E eu a traria de volta. Ou morreria tentando.

— Fique com ela! – Peço a Amber e me dirijo ansioso a sala do meu pai.

— Amber disse que queria me ver – digo ao entrar na sala.

Meu pai está perto da janela e se vira. Eu vejo seu rosto abatido como nunca vi antes. Parece que envelheceu dez anos. – Pai?

— Sente-se, Thomas – ele aponta para a cadeira defronte à sua imponente mesa.

Uma mesa que eu desejava ocupar num futuro próximo. Por um tempo, esse foi meu único sonho. Uma carreira tão ou mais promissora na medicina quanto a do meu pai. Agora, isso parecia tão pequeno, perto de tudo o que eu queria: A saúde de Nina, Liz de volta. A chance impossível de conhecer minha filha.

— Amber me disse que encontrou os pais de Nina — falo me sentando.

Ele passa os dedos pelos cabelos. Estão trêmulos.

— Onde está Elizabeth Spencer?

— Liz? — Indago confuso — ela foi embora.

— Embora?

Eu bufo.

— Ela se despediu de mim dizendo que ia se casar, aliás, me contou uma história insólita sobre você querer me demitir.

— Sim, era verdade.

— O quê? — Eu questiono irritado, me esquecendo momentaneamente do motivo da minha presença ali.

Então Liz tinha razão?

— Que história é essa?

Ele dá de ombros.

— A mãe dela esteve aqui e exigiu que a filha fosse readmitida.

— A mãe da Liz?

— Sim, nós nos conhecemos há muito tempo.

— Nunca soube que a conhecia...

— O mundo da medicina é pequeno.

— E você simplesmente concordou com ela?

— Não só concordei em readmiti-la como em demitir você.

— Que porra é essa?

Meu pai permanece estranhamente calmo enquanto fala.

— Eu tive que concordar porque colocar você e Liz juntos não era uma boa decisão.

— Que porra vocês pensam que são?

— Somos pais que fazem tudo pensando no futuro dos filhos. Talvez você me entenda...

— Vai se foder! – Grito, batendo na mesa. – Isso é ridículo! E como é que esta mulher entra aqui e pede que eu seja demitido e você concorda?

Jack ri. Um riso absolutamente sem humor.

— Ela sabia do meu maior segredo e o usou para me chantagear.

— Segredo? – Aquela conversa já estava tomando um rumo totalmente estranho.

— Eu devia saber que aquela mulher farejaria algo errado. Eu deveria saber que ter Elizabeth Spencer aqui abriria um precedente...

— Pai de que porra está falando? Que segredo? — Ele fixa os olhos em mim de novo. E em seu olhar eu vejo algo que nunca tinha visto antes. Eu vejo medo. Começo a sentir um comichão na nuca. Algo estava muito errado. Eu só não sabia ainda o que era.

— Eu gostaria que Elizabeth Spencer também estivesse presente. Eu esperava nunca ter que falar sobre esse assunto com você... eu disse que iria falar sobre os pais de Nina.

— Pai, do que está falando? Que segredo a mãe de Liz pode usar contra você? E o que tem a ver com os pais de Nina? — Me recordo o verdadeiro motivo de estar ali, antes de meu pai começar a divagar sobre segredos.

— Quando você foi embora, Liz estava grávida.

Franzo a testa, sem entender.

— Disso eu já sei, o que é que tem a ver... — Algo estala na minha mente. Meu pai continua olhando para mim gravemente.

E então entendo. Não precisava de mais nada.

Meu estômago dá uma volta completa e eu sinto a bÍlis na minha garganta. Eu ainda luto contra a realidade que estava clara como água na minha frente.

Não pode ser.

— Você queria que eu dissesse onde estão pais de Nina — meu pai diz por fim.

E é o que basta.

Na minha mente me vem o dia em que eu conheci Nina.

O dia em que voltei pra casa e meu pai e Diana me apresentaram aquela pequena criança. Aquele bebê que tinha os cabelos muitos parecidos com os meus. Aquela criança que conquistou a todos nós no momento em que chegou a nossas vidas. Com quem eu senti uma conexão imediata e instantânea, entregando-lhe meu coração sem restrição.

A menina que eu nunca entendi como pode ter sido abandonada pela mãe adotiva, que saíra da vida do meu pai dois anos depois e que nunca quis esclarecer o motivo.

Agora eu sei. Ela descobriu. Meu pai não precisava explicar para eu entender. Diana descobriu que Nina era minha filha.

O ar volta ao meu pulmão com força quando finalmente eu assimilo.

Nina era minha filha.

Minha e de Liz.

Nina era o segredo que meu pai escondia. E a mãe de Liz descobriu.

— Como é possível? – Consigo dizer.

Ainda é difícil demais para entender totalmente.

— Eu fiz o melhor para você! Pensando em seu futuro! Estava entrando na faculdade de medicina, não

queria nem ter uma namorada quanto mais criar uma criança, Thomas! Eu e Bárbara decidimos sobre a adoção...

— Mas a criança ficou conosco! Na nossa casa! Você a adotou e não me contou nada! Liz sabia?

— Claro que não. Nem a mãe dela. Eu disse que encontraria uma família.

— E por que não encontrou? Por que a adotou? Por que esta farsa?

— Eu não tive coragem. Era nosso sangue. E eu tomei a melhor decisão.

— Melhor decisão? – Não poderia acreditar na sua desfaçatez - melhor decisão? – Me levanto e ele faz o mesmo.

— Sim, a melhor. Nina ficou na família.

— E você nunca iria me contar que ela era minha filha?

— Que diferença faria? Não é como se você fosse ter alguma responsabilidade. E eu queria que se concentrasse nos seus estudos. Em sua carreira. Tudo estava perfeito como estava, com Nina como minha filha e sua irmã.

— Ela não é sua filha.

— Não. Mas eu a amo e não me arrependo de tê-la mantido por perto.

— E nunca iria me contar...

— Nunca. Até ela ficar doente.

Eu mal consigo manter o controle.

Eu sinto que vou explodir, enquanto as fatídicas palavras do meu pai vão se infiltrando em mim, causando um estrago por onde passam.

Tudo o que eu acreditei que era real. Tudo mentira.

Meu próprio pai mentiu para mim. Escondeu minha filha de mim.

Sem pensar, eu vou para cima dele, socando seu rosto.

— Seu filho da puta!

Ele não se defende, enquanto eu descarrego toda a minha raiva.

— Thomas! – A voz de Amber vem como se de muito longe. Eu não vejo nada. Apenas ódio. Braços me seguram. Me arrancando de cima do meu pai.

— Thomas, pelo amor de Deus! – Amber está ajoelhada ao lado do meu pai caído e ensanguentado no chão. – Você ficou louco? Por que está batendo no papai?

Percebo que a sala está cheia de gente chocada.

Me desvencilho dos braços que me seguram, percebendo que é Erick.

— Que merda, cara? – Ele sussurra, mas me solta.

— Pergunte para ele! – Cuspo e saio da sala com

Erick atrás de mim.

Eu só paro quando chego a rua. Está anoitecendo. O crepúsculo cai, trazendo uma névoa sombria sobre minha cabeça.

Eu não vejo nada enquanto me arrasto até um arbusto e vomito todo meu horror.

E, quando finalmente tudo se esvai, eu respiro o ar denso e algo clareia em minha mente, por cima da fumaça escura do ódio.

Nina era minha filha.

Minha e de Liz.

E ela estava doente.

Precisava de nós.

Um fio de esperança ilumina meu peito.

— Liz — murmuro. Ela está indo embora.

Sem pensar, eu saio correndo e entro no carro, ignorando os chamados de Erick.

Preciso encontrar Liz. Preciso contar sobre Nina.

Amber

— Papai, você está bem? – Eu toco o rosto cheio de sangue de meu pai, enquanto o ajudo a se levantar. – Por que o Thomas estava te batendo, pelo amor de Deus, o que está acontecendo?

— Doutor Hardy, precisa de cuidados – Chloe se aproxima prestativa, meu pai a afasta com um gesto de mão. Retirando um simples lenço do seu bolso e enxugando o sangue de seu rosto.

— Saiam daqui!

— Mas papai...

— Saiam todos agora! – Sua voz é como um estrondo. As pessoas na sala olham pra mim e eu aceno para fazerem o que meu pai está mandando.

Todos se afastam e Chloe fecha a porta atrás de si, nos deixando a sós.

— Papai, está me assustando. O que aconteceu? Você chamou Thomas aqui para contar sobre os pais de Nina e ele estava te batendo, eu não entendo... Você contou a ele?

— Sim, eu contei. Exatamente por isso que ele estava me batendo – ele parece estranhamente calmo ao

dizer esta barbaridade.

— Não entendo...

— Thomas é pai de Nina.

— O quê? – Que diabos ele estava dizendo?

— Exatamente o que ouviu. Thomas e a Liz Spencer são os verdadeiros pais de Nina.

Eu me deixo cair na cadeira, chocada.

— Como pode ser possível? – Murmuro horrorizada.

— É possível porque Thomas namorou-a oito anos atrás. Ele a deixou para ir para Harvard e ela estava grávida. Eu e a mãe dela a convencemos a dar a criança em adoção.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Era tenebroso demais para ser verdade.

— E Nina é esta criança?

— Sim, Nina é a criança.

— Por quê? Por que ela ficou na nossa casa, por que mentiu pra todos nós? Isso é monstruoso!

— Eu fiz o que precisava ser feito. Nina era da família. E ficou na família.

— Thomas deve estar revoltado... – murmuro ainda em choque.

— Ele nunca iria saber, porém a doença de Nina...

De repente, eu deixo a comoção da revelação

absurda de lado quando meu pai toca no assunto principal de toda aquela confusão.

A doença de Nina. E o fato de que agora nós sabíamos quem eram os pais dela.

Algo se acende dentro de mim. Eu era uma pessoa prática. E sabia que alguém tinha que ser racional naquele momento.

Havia decisões muito mais sérias a serem tomadas, independentemente dos ressentimentos e rancores que iriam nascer daquela revelação.

— Onde está Thomas?

— Acredito que tenha ido contar a Liz.

Eu respiro fundo e encaro meu pai.

— Eles têm que ter outro filho – digo enfaticamente. – É o único jeito de salvar Nina. Temos que fazê-los entender que um irmão de sangue é o doador perfeito. Thomas e Liz deverão que ter um bebê.

Capítulo Vinte

Liz

Está acabado.

Thomas Hardy está saindo da minha vida. De novo. Dessa vez quem o está expulsando sou eu.

Eu saio do Chicago Mercy pela última vez e dirijo até minha casa me abstendo de pensar. Pensar no que eu fiz dói muito. Deveria me sentir aliviada e não angustiada. Eu tomei a decisão certa me livrando de Thomas antes que, inevitavelmente, ele se livrasse de mim. Era o único desfecho que uma história envolvendo Thomas e eu poderia ter. E dessa vez, eu assumi o controle antes que fosse tarde demais, eu realmente não saberia dizer se sobreviveria a uma recaída por Thomas. A primeira vez quase havia me matado. E, como consequência, além de perder um malfadado amor, eu ainda fui obrigada a abrir mão do meu bebê.

O duro era dizer ao meu coração teimoso que eu devia parar de sofrer por Thomas. Será que ele não aprendia? Quando é que ele ia aprender que bater mais forte por Thomas Hardy era perda de tempo? Por que é que ele não batia mais forte por um cara como Peter? Que

me amava e queria me fazer feliz?

Ah, eu ia aprender. Eu precisava aprender. Eu havia decidido ficar com Peter e era assim que ia ser. Podia ainda demorar um tempo, mas eu ia conseguir esquecer Thomas e aprenderia a amar Peter. E quem sabe até poderia preencher aquele vazio da perda da minha filha com outro bebê? Eu conseguiria abrir meu coração de novo para todas essas possibilidades? Só o tempo dirá. Por enquanto, eu só queria chegar na minha casa, arrumar minhas coisas e ir embora de Chicago. Colocar a maior distância entre mim e a confusão de sentimentos causada por Thomas.

Assim, decidida a ignorar aquela dorzinha no meu peito, que queria só se arrastar pra cama e chorar, eu pego o telefone e disco o número.

— Peter White – a voz atende do outro lado da linha e eu engulo em seco.

— Peter, é Liz.

— Liz, oi... espere um minuto – sua voz sai abafada e eu escuto barulho de multidão. – Pode falar, eu estou no aeroporto – ele diz agora mais claramente.

— Aeroporto?

— Sim, eu estou indo viajar hoje.

— Você disse que ia em três dias...

— Sim, eu sei. Surgiu um imprevisto e precisam de mim antes. Eu só poderei voltar daqui a algumas

semanas para tratar da minha mudança de vez... O que aconteceu? Por que está me ligando?

— Peter, eu pensei na sua proposta – respiro fundo. Minha razão ainda tentando ignorar minha emoção, que luta ferozmente para ser ouvida. Mas eu resisto. – Eu aceito me casar com você.

Pronto. Está feito.

— Liz, uau... – Peter parece realmente surpreso – está falando sério?

— Você parece muito surpreso.

— Estaria mentindo se dissesse o contrário. Eu... já estava perdendo as esperanças, Lili.

— Não perca a fé em mim Peter – murmuro – você é tudo o que me resta.

— Nunca. Nunca farei isso! Eu prometo que não vai se arrepender. Nós vamos ser felizes.

— Promete? – Eu fecho os olhos, um nó se formando em minha garganta. Eu quero tanto, tanto acreditar nas palavras de Peter. Eu vivi num limbo durante anos, lutando contra minhas emoções, com medo de sofrer de novo. E agora tudo o que eu quero é me abrir para algo novo.

Eu mereço ser feliz.

— Eu prometo – Peter diz solenemente – Quando eu voltar, nós acertaremos tudo. Um mês é suficiente para sua mudança?

— Sim, claro que sim – sussurro, pensando que agora não há pressa. A decisão já está tomada. E eu preciso mesmo de um tempo para me desfazer de tudo o que me liga a Chicago.

— E sua mãe?

Oh merda. Eu xingo mentalmente.

Eu me esqueci de Bárbara. Eu teria que contar a ela meus planos. E ela não ia gostar nem um pouco. Estremeço de medo.

— Minha mãe vai ser um problema.

— Não deixe que ela a domine de novo. Você é adulta e pode tomar suas próprias decisões.

— Sim, tem razão. Acho que já está na hora de eu enfrentar Bárbara.

— Você vai conseguir Lili, preciso desligar. Estão chamando meu voo.

— Certo. Boa viagem.

— Eu te amo – ele se despede.

Não consigo dizer o mesmo.

— Eu sei – é minha resposta lacônica.

Por enquanto isto basta. Tem que bastar.

Eu desligo e respiro fundo, olhando para o telefone na minha mão.

Sei que preciso ligar para minha mãe e marcar uma conversa, porém ainda tenho medo.

E estou ali, pensando como vou comunicar minha mudança a ela quando a campainha toca.

Me precipito a atender e meu coração dá um salto no peito ao ver Thomas parado diante de mim.

— Thomas? — Minha voz não passa de um sussurro trêmulo.

O que diabos ele está fazendo ali? Quero gritar para ele desaparecer e fechar a porta na sua cara, porém algo em seu semblante me faz ficar paralisada no lugar. E sinto um calafrio na espinha.

Eu já vi muitas faces de Thomas. Mas nunca vi aquele olhar. E é o que me faz não recuar e fechar a porta em sua cara, quando ele passa por mim e entra na minha sala.

— Thomas, o que aconteceu? O que está fazendo aqui? — Consigo perguntar.

— Liz... — ele não continua. Respira fundo. Os dedos que passam pelos cabelos estão trêmulos. É como se estivesse à beira de um colapso. — Eu estava com medo de não te encontrar, eu... Eu nem sei como te dizer... Nem eu ainda acredito... — ele perde a voz de novo.

— Thomas, pelo amor de Deus, não está falando coisa com coisa... E está me assustando!

Ele para e se aproxima de mim. Tão perto. Eu perco o ar. O imã que é ativado toda vez que ele está perto, me faz ficar parada no lugar, lutando contra a

gravidade que me leva em sua direção.

A gravidade que quer fazer minha mão levantar e tocar seu rosto, dizer que seja lá o que o está afligindo, tudo vai ficar bem.

— É Nina. – Ele diz e eu franzo a testa.

— Aconteceu algo com sua irmã...

— Ela não é minha irmã.

— O quê? Do que está falando? – Eu estava entendendo cada vez menos.

— Eu disse que Nina não é minha irmã.

— Como assim? Oh, ela me disse que é adotada, é isso?

— Sim, ela foi adotada por meu pai. E nós o pressionamos para dizer onde estavam seus verdadeiros pais.

— Sim, eu entendo. Por causa da leucemia... E ele disse?

Thomas perde o ar. Uma lágrima cai do seu olhar assustado.

Algo estala em minha mente. Ainda não sei o que é. Só tenho certeza que é algo tão assustador quanto o olhar de Thomas demonstra.

— Sim, meu pai disse – ele sussurra me encarando com aquele olhar perdido. Como se quisesse me dizer algo e não encontrasse as palavras. Seu olhar implora.

Eu não consigo...

— Thomas... o que está acontecendo... por que está aqui?

— Nina é nossa filha, Liz.

Um zunido soa em meu ouvido e faz tudo desaparecer a não ser as palavras sem sentido de Thomas.

— O quê? O que está dizendo?

— Que Nina é nossa filha. A criança que você deu em adoção há oito anos. Meu pai a adotou. E mentiu para todos nós por todos esses anos.

As palavras de Thomas flutuam até mim, apesar do zumbido, começando a fazer um terrível sentido.

Luto para respirar, enquanto minha mente dá voltas. Me recordo da única vez que a tive em meus braços. Tão pequena. Tão minha antes de a levarem de mim pra sempre.

Me recordo do vazio que nunca foi preenchido por sua ausência. De como todos os dias eu pensava nela e me perguntava como ela seria. Se pareceria comigo. Ou com Thomas.

E substituo a imagem da minha imaginação por Nina. A irmãzinha de Thomas. Que se parecia tanto com ele.

— Oh Meu Deus – eu finalmente entendo e minhas pernas cedem. Thomas me segura antes que eu vá ao chão. – Não pode ser, como pode ser...

— Eu sei, eu sei... — ele sussurra com a mesma angústia.

Eu o encaro num último átimo de sanidade, como se ele fosse rir e dizer que era tudo uma brincadeira.

Seu olhar é contundente.

— Nina é nossa filha? — Murmuro, sentindo lágrimas quentes caindo por meu rosto enquanto Thomas sacode a cabeça.

— Sim, Liz.

Fecho os olhos e deixo o nó na minha garganta se romper. Em meio a revolta por toda a mentira que Jack Hardy construiu sinto uma mistura confusa de alegria e alívio.

Eu a encontrara. Minha filha perdida era a linda e doce garotinha que vivia com os Hardy.

Não sei quanto tempo passamos assim, unidos naquela explosão de sentimento. Até que finalmente me sinto exausta e me afasto.

— Eu sinto muito, Liz — são as palavras doloridas de Thomas.

Eu passo a mão pelos cabelos, sem saber o que fazer. O que sentir.

— A culpa não é sua. Foi seu pai que mentiu. Como ele pôde fazer isto?

— Ele combinou a adoção com a sua mãe...

— Minha mãe sabia? — Sinto uma pontada no peito. Traição.

— Não até pouco tempo. Ela descobriu quando viu Nina no hospital e chantageou meu pai. Por isto ele te readmitiu e ia me mandar embora.

— E foi justamente por isto que me demitiu. Ele tinha medo não de nós dois ficarmos juntos e sim de que descobríssemos a verdade. — Minha mente começa a clarear e entender tudo.

E uma raiva fria se apossa do mim. Raiva de Jack Hardy. E da minha mãe.

Ela tinha descoberto que minha filha estava perto e escondera de mim.

— Ele foi obrigado a dizer por causa da doença de Nina.

— Oh Deus, a doença de Nina — eu sinto a dor me dilacerar de novo. Agora mil vezes mais forte.

Eu tinha encontrado minha filha e ela estava doente. Terrivelmente doente.

Seria um castigo divino? Eu a encontrara apenas para perdê-la.

— Liz, nós... — Thomas começa, antes que ele termine a porta do apartamento se abre e minha mãe aparece.

— Liz, querida... — ela para ao ver Thomas. — O que este homem está fazendo aqui?

— Que ótimo que apareceu, Bárbara. Talvez possa nos explicar a sujeira que você e meu pai aprontaram... — Thomas começa, eu o paro.

— Thomas, vai embora.

— Liz... — Eu imploro com meu olhar.

— Por favor. Eu preciso conversar com a minha mãe a sós.

— Tudo bem — ele finalmente concorda e se vai fechando a porta atrás de si.

E eu finalmente encaro Bárbara.

— Quando ia me contar que Jack Hardy adotou minha filha?

— O quê?

— Não se faça de desentendida. Jack contou a Thomas. Mãe, como você pode fazer algo assim comigo?

— Eu não sabia! Acha que eu teria permitido que esta criança ficasse com os Hardy?

— Esta criança é minha filha!

— Não é mais! Você abriu mão dela, então que diferença faz onde ela foi criada...

— Meu Deus, você não tem um pingão de compaixão? Não percebe o que está dizendo, acha que não faz diferença pra mim?

— Não deveria fazer! Tomou a melhor decisão quando a deu! Sua vida teria sido bem diferente se tivesse

ficado com ela!

— Sim, teria. Eu teria sido imensamente mais feliz!

— Tem certeza? Sozinha e com uma filha para criar? Caia na real, Liz!

— Eu nunca deveria ter te escutado! Eu fui uma idiota!

— Não, foi sensata! Olha sua vida agora! É uma médica e vai ter muito sucesso ainda...

— É só o que importa para você? Status e carreira! Pois saiba que eu não dou a mínima!

— Não pode dizer uma coisa dessas! Sei que está chateada por causa da garotinha, mas deve esquecer... nada mudou e...

— Chateada? Acredita que estou somente “chateada”? Pelo visto não me conhece nem um pouco! Aliás, nunca fez questão de conhecer!

— Não comece com o drama! Eu não te ensinei a ser assim, melodramática! Sempre te criei pra ser uma mulher forte e passar por cima dos problemas! Pare de choramingar...

— Cala a boca! – Grito – Cala a boca agora! Você não se importa com o que eu sinto! Nunca se importou!

— Eu me importo sim! Sempre te ajudei a tomar as melhores decisões.

— Não me ajudou nada, você me persuadiu! Isso

quando não tomava as decisões por mim! Saiba que agora chega! Não quero mais te ver na minha frente! – Caminho até a porta e a abro.

— Liz, querida, seja razoável...

— Estou de saco cheio de ser razoável com você!
Uma pessoa que não se importa com meus sentimentos!
Com meu sofrimento.

— Não é verdade...

— Eu estou arrasada, mamãe. Arrasada! E você só se preocupa com a merda da minha carreira!

— Sua carreira é o mais importante.

— Não, não é. Nunca foi! Eu deixei que incutisse esta ideia absurda em minha cabeça e só fui infeliz até agora! Chega! Não quero te ouvir mais. Por favor, vai embora.

— Filha, não faça isto.

Eu não falo mais nada, apenas mantenho a porta aberta.

Bárbara se dá por vencida, porém me encara antes de sair.

— Vou esperar você se acalmar e voltaremos a conversar. – Ela sai e eu bato a porta.

Eu estou tremendo inteira quando ando até meu sofá e me sento ali. Estou dentro de um pesadelo.

E não consigo sair dele.

Então eu penso em Nina e sinto uma necessidade premente de vê-la. Ela é só o que interessa agora.

Pego a chave do carro e rumo para o hospital.

A noite já caiu quando caminho pelos corredores com um destino certo. O quarto de Nina.

Ela está dormindo quando eu me aproximo. Eu olho para ela como se a visse pela primeira vez. E é realmente a primeira vez que a vejo. Antes ela era só a doce irmãzinha de Thomas. Agora ela é a minha filha. O meu bebê perdido.

Sinto lágrimas quentes molharem minha bochecha quando estico os dedos para tocar sua pele pálida. Deixo minhas mãos vagarem por seus braços, por seu corpinho quente, como que para me certificar que ela é de verdade. Que está ali. Viva e respirando.

E tão doente.

Um soluço rompe em minha garganta e a dor pungente me sufoca. Será que eu a encontrei apenas para perdê-la? Será esse o meu castigo por abandoná-la?

Toco seus cabelos e aproximo meu rosto do seu, minha pele tocando a sua, ouvindo sua respiração. E rezo silenciosamente para que ela sobreviva. É só o que importa.

Capítulo Vinte e Um

Thomas

Frustração. É só o que eu sinto em meu peito nesse momento.

De dentro do carro, eu espero. Não sei bem o quê. Eu simplesmente não consegui ir embora quando Liz mandou. Ela vinha fazendo muito isto ultimamente. Sempre me mandando embora da sua vida. Se bem que agora tudo era diferente. Não se tratava só de dois amantes que não conseguiam resolver as rugas do passado. Havia uma criança entre nós. Uma criança que nos foi roubada e escondida, mas agora precisava de nós. E disso, Liz não poderia fugir.

Eu não fazia ideia do que ia acontecer, só sabia que meu destino e o de Liz estavam entrelaçados para sempre.

Não havia mais possibilidade de fuga para nós.

Olho o relógio e respiro fundo, cogitando retornar ao apartamento e confrontar aquela cretina da Bárbara. Ela e meu pai eram iguais: egoístas e frios em suas decisões. Para eles, nossos sentimentos não tinham a

menor importância, somente o que decidissem, de acordo com suas crenças errôneas do que era certo e errado importava. Liz e eu fomos vítimas daquela visão deturpada. Por toda a vida influenciados e coagidos a agir como marionetes num teatro de horror conduzido pelas mãos macabras de dois médicos sem escrúpulos: nossos pais.

Este espetáculo de horrores havia chegado ao fim. Eu estava queimando as cordas pelas quais Jack me puxava e manipulava a seu bel prazer. E esperava que Liz estivesse fazendo o mesmo.

Pela expressão de ódio que vejo em Bárbara quando ela sai pisando duro do prédio de Liz, eu acho que o seu teatrinho de manipulação acabou também. Observo-a entrar no carro, dar partida e sair cantando pneus pela rua escura e me pergunto se devo subir para ver como Liz está. E, quem sabe, conseguirmos conversar sensatamente sobre os acontecimentos. Paro meus movimentos ao vê-la surgir na rua e entrar em seu próprio carro. Sem pensar, eu a sigo.

Talvez não esteja surpreso quando ela estaciona no Chicago Mercy. Seu rosto é uma máscara de consternação, quando ela entra no hospital e segue pelos corredores. Eu sei aonde ela está indo. Eu a sigo.

Liz adentra no quarto de Nina e se aproxima da cama, seu choro é silencioso, porém meu coração o escuta. Assim como o ressoar sofrido de seu peito, como

uma melodia triste, que me envolve e abraça minha própria dor.

Eu apenas consigo imaginar o tamanho do pesar que ela deve estar sentindo neste momento, tocando Nina pela primeira vez. Eu a tive comigo por todos aqueles anos. Para amar e cuidar. Mesmo não tendo ideia de que ela era carne da minha carne. Que era fruto de um verão vivido com uma garota da qual eu havia guardado somente a tatuagem em meu ombro que fizemos juntos e as lembranças escondidas no fundo do meu peito.

— Thomas? — Eu me viro ao escutar a voz de Paola atrás de mim. A médica me fita com um olhar confuso. — Que diabos anda acontecendo?

— Paola, agora não, por favor... — Não estava a fim de aguentar os jogos dissimulados de Paola nesse momento.

— Me contaram que você bateu no seu pai depois de uma discussão! Por acaso ele descobriu sobre nós, é isto? Vocês estavam brigando por minha causa?

— Não seja ridícula!

— Se não é, o que está acontecendo? Está todo mundo fofocando pelos cantos sem entender nada! Eu procurei seu pai, ele está trancado em sua sala e não quer falar com ninguém e... — Ela olha para dentro do quarto e eu não quero que veja Liz, então seguro seu braço.

— Vamos sair daqui — a arrasto pelo corredor até

uma sala vazia.

— Ótimo, vai me dizer o que está rolando?

Passo os dedos pelos cabelos para ganhar tempo e decidir o que devo contar a Paola. Ela era noiva do meu pai afinal. Sinceramente, eu não a considerava da família e sabe Deus o que Paola faria com a informação. Decido mantê-la de fora por enquanto.

— Nada que seja da sua conta.

— Como é?

— Você ouviu. E, por favor, fique fora dos assuntos da nossa família.

— Assuntos de família? Então é um problema de família?

— Já falei que não é da sua conta.

— Eu sou da família!

— Não, não é!

Ela bufá e então resolve mudar sua estratégia. Seu corpo relaxa, enquanto ela se aproxima sorrateiramente de mim, colocando a mão em meu peito.

— Não fique bravo, só estou preocupada, sabe que me preocupo com você. E dá pra perceber que está abalado com algo...

— Paola... — eu seguro seu pulso e dou um passo atrás. — Não começa...

Ela sorri diabolicamente e, como uma cobra, lança

os braços em volta do meu pescoço.

— Eu nem comecei...

— Thomas Hardy? – Eu me viro e surpreso, vejo Bárbara nos observando.

— O que faz aqui? – Eu retiro os braços de Paola do meu pescoço e encaro Bárbara friamente.

— Ah, não se preocupe, eu não quero atrapalhar seu belo interlúdio. Parece que continua o mesmo canalha...

— Escuta aqui, sua...

Ela já havia dado meia volta e desaparecido pelo corredor.

— Quem é esta louca?

— Doutora Bárbara Spencer – respondo entredentes me perguntando o que aquela bruxa veio fazer aqui.

— Aquela Bárbara Spencer famosa? Uau! Porque não me falou, gostaria de me apresentar... – eu não escuto Paola e sigo pelo corredor atrás de Bárbara. Não quero que ela se aproxime de Liz e Nina.

Ela não segue para o quarto de Nina e sim em direção a sala do meu pai. Bate na porta, ignorando as palavras da secretária e diz algumas palavras, para minha surpresa, meu pai abre a porta e ela entra.

— Ela conhece seu pai? – Paola surge atrás de mim – vou até lá e pedir que me apresente...

— Não vai não! – Eu seguro seu braço.

— Me solta, Thomas, o que deu em você?

Por um momento eu tenho vontade de deixar pra lá. Talvez meu pai mereça Paola. E quem sabe ela até se dê bem com Bárbara. Uma cobra com outra.

Porém, Amber aparece do meu lado e me fita sombriamente.

— Precisamos conversar.

— Agora não.

— Agora sim! É sobre o que precisa ser feito e...

— Doutor Thomas – a secretária do meu pai surge aflita – eu tentei conter aquela mulher e não consegui... Agora eles estão gritando e eu temo que seu pai não esteja bem...

Amber nem termina de ouvir a mulher e precipita-se para a sala do meu pai, eu a sigo.

Quando chegamos lá escuto a voz de meu pai antes mesmo de entrar.

— Saia daqui! Não te devo satisfação alguma!

— Deve sim! Nós tínhamos um trato e você quebrou! Liz nunca deveria saber sobre a criança!

— Você não tem sentimentos? Ela está doente!

— Existem tratamentos avançados! O que espera? Que Thomas e Liz concebam uma criança para salvar a outra? Por que seria o maior absurdo...

— Cala a boca! — Amber grita — quem você pensa que é...

— Amber fique fora disto! — Meu pai pede e eu percebo que seu rosto ainda está inchado dos murros que eu dei nele. Isto deveria me encher de satisfação, no entanto só me deixa mais consternado.

— Ah que bela reunião familiar! — Bárbara diz com desprezo — aposto que já contou a todos?

— Olá, eu sou Paola Becker — Paola entra na sala ignorando completamente a discussão — sou a noiva do Doutor Hardy.

— Noiva do Thomas?

— Não, do Jack, é um prazer conhecê-la — Bárbara ignora a mão estendida de Paola e se vira para meu pai com um olhar sarcástico.

— Você sabe que sua noiva anda se esfregando com seu filho pelos corredores do hospital?

— O quê? — Meu pai franze o cenho, confuso.

Paola empalidece e Amber dá um passo à frente.

— Cala sua boca suja!

Bárbara sorri.

— Ah, parece que sua filha sabe também! Me diz Thomas, você e seu pai dividem mulheres agora?

— Do que está falando Bárbara? Pare de dizer tolices e saia daqui! — Meu pai pede.

Paola olha pra mim em busca de socorro, Bárbara não está disposta a parar.

— Ah, eu vi. Agora mesmo, ela estava pendurada no pescoço do seu filho, se esfregando desavergonhadamente nele! Eu deveria saber que tipo de família é essa que...

Amber estapeia o rosto de Bárbara para a surpresa de todos.

— Já mandei calar a boca! Chega de perturbar meu pai com suas mentiras!

— Sua vadiazinha! – Bárbara sibila segurando o rosto – está brava porque sabe tão bem quanto eu que é a mais pura verdade! Aparentemente seu pai não faz ideia que divide a noiva com o filho.

— Já chega Bárbara! – Peço friamente.

— Sim, chega. Tudo isto é uma mentira – Paola gagueja, enquanto meu pai olha de mim para ela com uma nova perspectiva.

— Do que esta mulher está falando? Por que ela ia inventar algo assim, Paola?

— É mentira! Ela é louca!

Bárbara ri.

— Meu Deus, Jack, como você é trouxa! Enganado pela noiva e o filho! Talvez mereça mesmo, por ser um calhorda! Eu só espero conseguir afastar minha filha de vez desta família pervertida! – Ela pega sua bolsa e sai da

sala, deixando a tensão para trás.

— Thomas – meu pai olha pra mim e eu vejo a pergunta muda em seu olhar.

Sei que devo negar.

Como eu já estou de saco cheio deixo escapar a verdade.

— Eu e Paola tivemos um caso por muitos meses. Foi antes de vocês ficarem noivos.

— Thomas, não! – Paola e Amber dizem ao mesmo tempo.

— Eu nunca a dividi com você. Eu jamais faria isto, embora, certamente, essa fosse a ideia da Paola. Ela não vale nada e está na hora de você saber. Sim, ela estava se esfregando em mim hoje como anda fazendo por todo o tempo que estão juntos, tentando me convencer a fodê-la de novo.

Eu termino de falar e um silêncio tenso recai sobre a sala.

Meu pai está branco como papel.

Eu quero dizer que sinto muito. Mas não consigo sentir nada.

Ainda estou com o rancor borbulhando em minha pele pelo o que ele fez comigo.

Então, sem aviso, eu vejo seu rosto se contorcer e ele cai no chão segurando o lado esquerdo do peito.

— Pai! – Amber precipita-se em sua direção e eu faço o mesmo.

— Meu Deus! – Paola sussurra aflita – ele está tendo um ataque!

— Thomas, me ajuda! Precisamos levá-lo para a emergência! – Amber abre sua camisa eu me ajoelho ao lado dela, sentindo sua pulsação fraca.

— Estamos perdendo-o.

Paola grita por uma maca.

Eu começo a massagem em seu peito.

Amber respira com dificuldade.

A maca chega assim como outros médicos.

Nós colocamos meu pai sobre ela e seguimos rumo a emergência.

— Código azul!

— O Coração parou!

— Desfibrilador! – Grito e alguém o coloca em minhas mãos.

— Thomas, rápido! – Escuto como de muito longe a voz de Amber acima do ruído.

— Trezentos, carregando.

Seu peito pula contra minhas mãos. A força do choque fazendo-o levantar da maca, ainda sem vida.

Sinto meu próprio coração falhar.

— Ainda sem fibrilação – alguém diz.

— Dezenove segundos, Thomas – Amber murmura aflita.

— 360 – grito.

— Pronto.

Seu peito pula mais uma vez.

— Merda, pai, reage! – Murmuro.

— Vinte e sete segundos.

— Inferno! – Largo o desfibrilador e esmurro seu peito sem vida.

— Carregue de novo! - Amber grita agora do meu lado, segurando o desfibrilador.

— Carga!

Ela aplica o choque e de repente escutamos o ritmo sinusal.

Sua pulsação fraca se faz ouvir.

Nós também voltamos a respirar.

Eu não sei quanto tempo se passou até que eu e Amber conseguirmos sair da sala, deixando meu pai debilitado, porém a salvo.

— Isto não está acontecendo – ela murmura, encostando a cabeça na parede, quando nos sentamos sobre um banco.

Eu seguro sua mão. Está fria.

Nossos olhares se encontram e, por um momento, nenhum dos dois diz nada.

— Se ele tivesse morrido...

— Shi, não fala assim. Ele está bem.

— Você ficaria feliz? Sei que está com raiva dele, mas... é nosso pai. A gente só tem ele agora.

— Não, eu não ficaria feliz. Eu ainda estou com raiva? Sim. Poderei perdoar? Não sei. Eu estou... anestesiado. Como se ainda estivesse dormindo, sonhando e fosse acordar em qualquer momento e ver que tudo continua como antes.

— Era o que queria? Que tudo fosse como antes?
Eu a encaro.

— Não. — Um sorriso triste se distende em meus lábios.

Ela sorri também. De repente fica séria.

— Thomas, você sabe o que precisa fazer, não é?
Eu a encaro confuso.

— Sobre Nina. Você e Liz sendo os pais dela...

— Há muita pouca chance de sermos compatíveis, Amber. Sabe muito bem. Todo mundo herda dois grupos de cromossomos contendo antígenos, infelizmente só há uma chance em 200 que os pais e seus filhos sejam combinações perfeitas.

Ela me encara incisivamente.

— O sangue umbilical pode ser muito efetivo no tratamento da leucemia. Uma perfeita combinação genética pode ser a salvação de Nina.

Então eu percebo aonde ela quer chegar.

Claro que eu já sabia. Era exatamente por esse motivo que queríamos achar os pais de Nina, havia a possibilidade de eles terem outros filhos, ou pelo menos um irmão.

Como eu e Liz não tínhamos mais filhos só havia uma solução.

— Liz e eu temos que ter outro filho – murmuro.

Capítulo Vinte e Dois

Liz

Não sei quanto tempo estou ali, velando o sono de Nina, quando escuto passos se aproximando.

— Você pode salvá-la — a voz atrás de mim me causa um sobressalto.

Eu me aprumo e vejo Amber Hardy.

— Você e Thomas podem salvá-la. — Ela diz firmemente. — Vocês precisam ter um bebê. Um bebê que irá salvar Nina.

Parece uma daquelas experiências extrasensoriais. Como se eu estivesse fora do meu corpo, minha alma atormentada e confusa vagando em um lugar acima da cena que se desenrola lá embaixo.

Vejo o fervor de Amber enquanto propõe o que ela diz ser a única solução para salvar Nina.

Suas palavras flutuam até mim, adentram em meu cérebro ainda entorpecido depois de todas as revelações do dia e tentam encontrar um sentido.

— Eu não entendo... — fecho os olhos lutando para respirar, começando a sentir como se a voz de Amber

desse pequenas marteladas em minha cabeça, causando dor por onde passa. Confunde e machuca.

Ela toca meu braço, aperta com força, quase me sacudindo, me obrigando a abrir os olhos.

— Um bebê seu e de Thomas seria a combinação genética perfeita para ajudar Nina! Você tem que me escutar!

— Amber que diabos está fazendo?

Como vindo de muito longe, vejo Thomas se aproximando. Seu rosto é apenas um borrão, mas não posso negar o alívio que sinto.

Amber solta meu braço, ou Thomas a obriga a soltar e o toque macabro de sua irmã é substituído por sua mão morna.

E é o que basta para eu me sentir segura o suficiente para desabar.

— Thomas, eu não aguento mais... — ainda consigo murmurar.

Seus dedos tocam meu rosto, segurando meu corpo exausto. Como uma fortaleza.

Ele é minha fortaleza agora.

— Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Eu acordo na minha própria cama. Um olhar vago

para o relógio na mesa de cabeceira, me traz as horas. É madrugada.

Por um momento, acho que sonhei com tudo. Com todas as revelações aterradoras e incríveis das últimas vinte quatro horas. Embora saiba, bem no fundo do meu peito ferido que eu vivo em outra realidade agora.

Uma realidade linda e assustadora.

Eu tenho uma filha.

Eu passei anos ansiando por um momento como esse. Que existisse uma fenda no tempo que me permitisse tê-la de volta. E como por um milagre, ela voltou.

Mas estava a um triz de perdê-la de novo. Para aquela doença terrível.

As palavras de Amber voltam. O fervor com que ela dizia que Nina tinha uma chance. E que eu e Thomas poderíamos dá-la a ela.

Muito vagamente eu me lembro das últimas horas. O momento em que meu corpo e mente desabaram com o peso de tantas exigências. E ele estava lá para me segurar. E era como se toda a necessidade que eu senti de fugir do hospital e, conseqüentemente, de sua presença não tivesse existido. Ou não importasse mais.

Nada mais importava.

De repente essa constatação atinge meu cérebro e se espalha como um elixir por minhas veias, contaminando meu coração. E uma estranha calma toma

conta das minhas emoções.

Todos aqueles medos e anseios pertencem a outra vida. A outra realidade. Uma realidade sem Nina.

E ela é tudo o que importa agora.

Fortalecida por essa nova convicção, jogo as cobertas para o lado e me levanto. A casa está em silêncio, apesar de eu sentir sua presença. Ele está em algum lugar na semiescuridão.

Deixo meus pés descalços me guiarem.

O encontro sentado na minha sala, cercado pela escuridão. Um fecho de luz da rua ilumina sua cabeça entre as mãos. Me compadeço por um instante. Eu sei o que ele sente. Somos iguais agora.

Seus medos, são os meus medos.

Nos completamos em nossa dor.

Sentindo minha presença, ele levanta o olhar. Vejo tormenta e incerteza.

— Você está bem? — Ele se levanta e caminha em minha direção.

— Acho que nunca mais ficarei bem.

— Acho que entendo.

— Eu sei.

Por um momento apenas nos encaramos.

— Amber te disse... — sua voz não passa de um sussurro. Assim como minha resposta.

— Sim.

— O que vamos fazer?

— O que precisa ser feito.

Ele me encara incrédulo. Esperançoso.

Temeroso.

— Você tem certeza?

— Não podemos perdê-la.

— Liz, isso é tão...

— Shi... Não vamos pensar – eu dou um passo em sua direção. Posso sentir seu calor. – Isso é certo. Contra todas as possibilidades. Apenas é certo. Eu sinto que faria qualquer coisa. Incondicionalmente... Você não sente o mesmo...? – Minhas palavras são engolidas por sua boca, que devora o resto das minhas incertezas.

Meu corpo flutua em direção a suas mãos, que tomam posse, ansiosas e urgentes.

Eu mal sinto o chão fugir a meus pés, apenas fecho os olhos e deixo Thomas me levar. Deixo o desejo dominar meus sentidos.

Os lençóis ainda mornos recebem meu corpo febril e minhas mãos não perdem tempo em retirar suas roupas do caminho. A primeira coisa que noto é a tatuagem. Isto faz uma sensação de déjà-vù pesar no meu estômago. Meus dedos traçam o contorno do dragão que eu mesma desenhei. Parece que faz tanto tempo. Parece que foi ontem.

O devaneio desaparece quando Thomas me joga para trás, na ânsia de tirar minhas calças é sua vez de se perder em suas próprias lembranças quando minha tatuagem de rosa se revela.

Ele toca com os dedos longos o pequeno desenho, fazendo arrepios de prazer traspassarem minha espinha e em seguida se inclina e a beija. Cerro as pálpebras e solto um pequeno gemido que é ao mesmo tempo dor e prazer.

Era exatamente assim que ele fazia. Antes. Quando era meu. Antes de despedaçar meu coração e acabar com tudo.

Ah merda. Lá estava. O passado.

Eu ia mesmo fazer aquilo. Deixar que ele entrasse em mim. Na minha vida.

Que colocasse um bebê em minha barriga de novo.

— Liz? – Sua voz é ansiosa e insegura quando se coloca em cima de mim.

Tão nu quanto eu.

Ele parou, mas ainda sinto sua ereção exigindo um caminho. O pulsar entre as minhas pernas é inconfundível. Eu o quero. Sempre quis. Sempre ia querer.

Fecho os olhos e o beijo, deixando de lado todos os meus antigos medos.

Era tarde demais.

— Não pare... – Murmuro dentro de sua boca e ele rosna, me mordendo e eu solto um gemido de

rendição.

E ele prossegue, deixando seus lábios vagarem por meu corpo numa sessão de reconhecimento. E meu corpo reconhece sua língua também, e dá boas vindas a ela, como uma velha conhecida. Minha pele exulta com aquele retorno e transborda de calo e prazer.

E com prazer, eu abro os olhos para vê-lo provar meus mamilos, como uma iguaria rara, lambendo e mordendo delicadamente, como ele certamente lembrava que eu gostava e que fazia eu ficar molhada e pronta para ele. Ansiosa por ele. E com um arquejo, eu seguro sua mão e a levo para o meio das minhas pernas, fazendo ele sentir o que eu quero. O que eu preciso.

E ele solta um gemido, me acariciando lentamente, seus dedos invadindo profundamente, me fazendo arquear e perder o fôlego.

— Thomas, por favor...

— Por favor o que? — Ele exige roucamente, os lábios descendo por meu ventre, me fazendo tremer de expectativa.

— Isso... — minha voz se perde num engasgo quando sua boca substitui os dedos e eu estou perdida.

Ele sabe como fazer aquilo. Malditamente sabe. E eu deslizo numa doce inconsciência, deixando que meu corpo dê boas-vindas a Thomas Hardy.

E, quando, por fim, ele está dentro de mim, eu me

sinto como aquela Liz apaixonada e livre de oito anos atrás. Que queria ser pintora e amar aquele homem.

É como voltar a ser eu mesma. Finalmente.

Eu acordo de novo quando já é dia.

O sol da manhã me abraça e eu abro os olhos para ver Thomas dormindo ao meu lado.

Por um momento sinto uma sensação horrível de pânico na boca do estômago.

Desde que eu o reencontrei vinha fugindo disto. Mesmo ainda sentindo a mesma velha e poderosa atração de antes, eu fugia. Meu coração tinha medo. Porque já havia sofrido demais uma vez.

Agora é diferente. Eu não sou mais aquela menina boba que só queria se perder numa paixão que já nascera fadada ao fracasso.

Eu sou uma mulher. Eu sou mãe. E estou fazendo o que tem que ser feito.

Uma vizinha medrosa sussurra baixinho em meu íntimo

“E o que vai acontecer entre você e Thomas depois de tudo?”

Eu não quero pensar sobre isso neste momento.

Era demais pra mim. Eu tenho que me concentrar no agora. Em Nina. E em tudo o que ela precisa para ter uma chance de sobreviver.

E se eu tenho que me envolver com Thomas de novo, assim vai ser.

Nós nunca tivemos problemas nenhum naquele departamento. Era sexo. E era o que precisava ser feito para conceber um novo bebê.

Pensar nisto faz um arrepio de medo traspassar minha espinha, joga esse temor para o fundo da mente, assim como as cobertas para o lado e me levanto, colocando minha camiseta que havia jogado no chão ontem à noite e a visto.

— Liz? - Eu me viro e Thomas está acordado. Seus olhos incríveis toldados de preocupação.

Por um momento eu não sei o que fazer.

Ele passa os dedos pelos cabelos bagunçados. Lindo.

Um arrepio que nada tem a ver com medo começa a formigar em meu íntimo.

— Isto é estranho – ele diz de repente e eu dou de ombros

— Não tem que ser.

— Nós estamos mesmo tentando fazer um bebê? – Sua voz ainda é incrédula. Como se todos os últimos acontecimentos fizessem parte de um sonho onírico.

Como culpá-lo? Eu me sentia exatamente igual.

Esta era nossa nova realidade.

— Sim – respondo simplesmente.

— Liz, eu... – ele parece indeciso, como se estivesse com dificuldade de organizar os pensamentos. – Acho que precisamos conversar direito...

— Não tem nada pra conversar Thomas. Nós tomamos nossa decisão. Nós vamos fazer um bebê. Vamos salvar Nina.

— Você consegue se escutar sem sentir que sua mente vai explodir?

— Eu sei que parece demais. Acredite, eu também me sinto... – paro de falar. Não quero confessar meus medos, embora ache que Thomas já saiba. – Apenas vamos deixar acontecer ok? Não vamos... criar um problema.

— Problema?

— Nós somos adultos. Não somos mais aquelas crianças de oito anos atrás. Nós temos um objetivo claro. É nisto que devemos nos concentrar.

Ele fica me encarando. Seu rosto é impassível.

Quero saber o que está pensando.

— Você parece que teve muito tempo para pensar sobre tudo – há certa ironia em sua voz. Tento não ficar irritada.

Ele ainda está confuso. E é perfeitamente compreensível.

— Estou sendo sensata. Não temos mais tempo para... – quero dizer emoções, porém acho que não é a palavra certa. Solto uma respiração profunda – eu só quero fazer o que for preciso para minha filhinha.

Citar Nina faz o rosto de Thomas suavizar e, seja lá o que estivesse passando por sua mente, desaparece.

E por fim, acho que ele está no mesmo lugar que eu.

— Sim, ela é tudo o que interessa. Nós vamos salvá-la, Liz.

Engulo o nó preso na minha garganta.

— Eu vou... Tomar um banho e vou para o hospital.

— Sim, eu vou pra minha casa.

Ele sai da cama e eu desvio o rosto de sua nudez. O que é ridículo. Mas não consigo evitar.

Eu entro no chuveiro e me sinto meio idiota. Por que eu não o chamei para se juntar a mim se esta era minha vontade? A gente precisava fazer sexo, não é?

Quando eu saio do chuveiro, Thomas não está mais lá.

Eu chego ao hospital e, ao entrar no vestiário, Jenny e Julie me encaram confusas.

— O que foi? - Resmungo, enquanto coloco minha roupa.

— Você não tinha pedido demissão? – Julie pergunta.

— Eu mudei de ideia – respondo simplesmente.

— Primeiro é demitida, aí volta, depois se demite e volta novamente, você é maluca ou o quê? – Jenny cacareja e eu tenho vontade de mandá-la cuidar da própria vida, pra sorte dela não estou com paciência nem pra ser mal educada hoje.

Hoje eu só quero retomar minha rotina no hospital e ver Nina.

— Vocês duas, fora – a voz de trovão de Amber as interrompe e nós três olhamos para a porta onde a médica nos encara com o semblante sério.

— A gente está conversando... – Jenny começa e Amber a interrompe.

— Não quero ouvir sua voz chata! Faça o que mandei.

Eu me preparo para sair com elas, Amber me para. – Você fica!

Jenny bufa e Julie a guia pra fora.

— Tomara que esteja levando uma bronca! Vai ser bem feito. — Eu ainda consigo escutar.

— O que quer? — Pergunto impaciente, embora saiba muito bem o que Amber deseja.

— Me desculpe por ontem. Eu estava meio... fora de mim — ela passa os dedos pelos cabelos loiros. E reparo que, diferentemente de todas as vezes que a vi, hoje ela parece ligeiramente descomposta, com o rosto sem maquiagem e com olheiras.

— Eu entendo — murmuro.

— Eu fui um pouco impulsiva. Todo este problema de Nina e agora a revelação de que você e o Thomas são os pais dela... e ainda o ataque do meu pai.

— Seu pai teve um ataque? — Indago surpresa.

— Sim, por causa da bruxa da sua mãe.

— Espera, o que minha mãe tem a ver com isso?

— Ela esteve aqui fazendo barraco!

— Meu Deus!

— E ela contou ao meu pai que Paola foi amante do Thomas.

— Ela o quê?

— Pois é! E estávamos todos nós lá na sala dele e, de repente, ele não aguentou e passou mal. Foi um ataque.

— E como ele está? — Não deveria me sentir preocupada com Jack Hardy depois de tudo o que ele fez,

mas acredito que Thomas ficaria arrasado se algo acontecesse ao seu pai.

E Nina também. Afinal, Jack é o único pai que ela conhece.

— Ele está estável agora.

— Eu sinto muito.

— Sente mesmo? Depois de tudo o que ele fez?

— Não desejo o mal a ninguém, Amber.

— Eu desejo para sua mãe! Aquela bruxa!

Eu respiro fundo, existe um lado meu que quer defender Bárbara, como ainda estou magoada demais com tudo o que ela foi capaz de me esconder não o faço.

Me pergunto o que ela vai dizer quando souber o que eu e Thomas estamos fazendo.

— E eu não deveria ter sido tão enfática com você sobre precisar salvar Nina.

— Você tem razão. — Ela me encara surpresa. E eu continuo. — Eu e Thomas concordamos com você. Nós teremos um bebê.

Eu saio do quarto, deixando Amber estarrecida.

Vou direto para o quarto de Nina. Ela está acordada e uma enfermeira está medindo sua pressão.

Ela sorri ao me ver. Tenho vontade de contar tudo. De reivindicá-la para mim. Sei que não posso. Não ainda.

Na verdade, eu e Thomas nem tínhamos

conversado sobre isto. Sobre o que falaríamos para Nina. Ela era só uma criança e teríamos que ter muito cuidado ao tratar este assunto para não machucá-la.

— Oi Liz!

Eu me aproximo e toco seu cabelo.

— Oi, querida. — Sorrio para seu rostinho abatido.
— Como está se sentindo?

— Eu me sinto bem, mas... — ela fica triste repente
— fiquei triste com o que aconteceu com meu pai.

— Oh, já te contaram.

— Thomas me contou hoje de manhã.

— Ele vai ficar bem, Nina. Amber me disse que ele está estável.

— Foi o que o Thomas disse.

— Sim, não fique preocupada. Precisa ser forte e tomar todos os seus remédios, ok?

Ela suspira.

— Não gosto de ficar aqui. Queria ir pra casa. Pra escola.

— Você vai voltar em breve. Eu prometo.

Ela sorri.

— Pelo menos eu posso ver bastante o Thomas e a Amber.

— Sim — eu sorrio.

— E você, claro. Eu gosto de você.

Meu coração se enche de amor.

— Eu também gosto de você, Nina.

— Ei Liz, não vai seguir com a gente para as atribuições da manhã? — Mark aparece na porta e eu beijo a testa de Nina me despedindo.

Queria ficar o dia inteiro com ela, mas não posso, eu ainda tinha um trabalho a fazer.

Acompanho Mark para fora do quarto e seguimos pelo corredor.

— Estou feliz que tenha voltado.

Dou de ombros.

— Estou feliz também.

— Que confusão hein? Não faço ideia do que rolou, pelo menos agora temos você por perto de novo — ele passa o braço por meus ombros e eu rio, meio sem graça.

— Finalmente se juntou a nós, senhor Geller — a voz de Thomas nos alcança e eu fico vermelha, enquanto Mark se afasta.

Jenny faz uma careta e Julie parece preocupada.

Thomas olha de mim pra Mark. Sei que estou vermelha o que é ridículo.

— E, senhorita Spencer — sua voz me acaricia. O jeito que ele falou meu nome devagar, faz todo tipo de recordação envolvendo a noite passada esquentar meu

corpo.

Droga.

Fico mais vermelha ainda.

Ele desvia o olhar para os papéis em sua mão.

— Jenny e Julie, sutura.

— Que chato – Jenny resmunga e leva um beliscão de Julie.

— Benjamin e Sam, entrega de exames – Thomas continua. – Mark, laboratório.

— De novo?

Thomas levanta a sobrancelha.

— Se não estiver satisfeito, pode ir para os exames anais.

— Não, laboratório está ótimo.

Então seu olhar recai em mim.

— Você, vem comigo.

— Aonde vão? – Jenny pergunta e recebe um olhar gelado de Thomas.

— Já deveria estar na sutura, Lars.

— Por que a Liz vai com você? Ela vai te ajudar em alguma cirurgia?

Thomas não responde e sai pelo corredor, eu o sigo, sem entender.

Nós entramos em uma sala e eu olho em volta,

quando ele fecha a porta. E reconheço a sala de medicamentos.

— O quê...?

E, antes que eu possa terminar, sua boca está grudada na minha.

Simples assim, eu estou me pegando com o Doutor Hardy na sala de medicamentos.

Capítulo Vinte e Três

Thomas

Liz me empurra e me encara com olhos flamejantes.

— Foi uma péssima ideia.

Solto uma risada seca sem humor mais parecendo um engasgo e dou de ombros.

— Eu achei ótima!

Liz revira os olhos e cruza os braços em frente ao peito.

Passo a mão pelos cabelos e respiro fundo tentando manter a calma. Ela estava explodindo minha mente. Mas não foi sempre assim?

E parecia que estava tudo num nível hardcore agora.

Ainda parecia surreal que eu tivesse acordado na mesma cama que ela esta manhã. Porra, ainda parecia um sonho maluco que ela tivesse me levado pra lá na madrugada, para começo de conversa.

Minha mente estava uma bagunça naquele momento. Eu só conseguia pensar em como poderíamos

ajeitar tudo para deixar Nina em segurança. Obviamente, tudo o que Amber disse fazia um sentido imenso para mim, mesmo assim, ainda era algo grande demais para parecer viável.

Então Liz praticamente desfaleceu diante do peso de toda aquela confusão e a mim não restou alternativa a não ser levá-la pra casa e deixá-la segura em sua cama.

Eu poderia ter ido embora, não fui.

Eu fiquei ali, sozinho no escuro. Tentando não pensar. Tentando não surtar. Até que ela havia surgido no corredor, com sofrimento nos olhos e certeza em suas palavras.

E eu me deixei contaminar por sua convicção.

E foi perfeito, como há oito anos.

Se eu queria transar com ela de novo? Seria redundante dizer que eu só pensava nisto desde que ela retornou a minha vida.

E quanto àquela vontade de abraçá-la e não mais soltar, de sentir seu cheiro único e inebriante em meu nariz enfiado em seus cabelos enquanto ela dorme, de ouvir seu coração batendo e seu doce rressonar pensando que era esse som que eu queria me embalando todas as noites até a eternidade.

Bem, era somente a confirmação de que eu não passei de um grande idiota nesses últimos oito anos.

E, pela primeira vez em muito tempo, mesmo em

meio a toda aquela incerteza e confusão, eu fechei meus olhos e dormi com uma nova esperança. Liz estava de volta aos meus braços. Juntos nós iríamos salvar Nina.

Tudo ia dar certo, afinal

Então, ao acordar ela havia me encarado com olhos frios. Suas palavras eram frias e práticas. Ela estava fazendo apenas por Nina. Não tinha nada a ver com qualquer paixão que ela ainda pudesse nutrir por mim.

O que me deixou fervendo de raiva. E frustração.

Mais perdido do que nunca.

E vê-la abraçada ao babaca do Geller e ainda rindo de qualquer babaquice que tivesse saído daquela boca murcha me deixou espumando com mais raiva ainda.

O que diabos se passava na cabeça de Liz? Nós estávamos juntos agora, porra!

Então eu não hesitei em arrastá-la para a sala de medicação para lembrá-la de como as coisas eram atualmente.

Se ela pensava que as regras eram só dela. Estava enganada. Eu tinha uma ou duas coisas a ditar naquele departamento também.

E ela havia me empurrado para longe e mandado parar. E ainda ousava dizer que era uma péssima ideia. Eu devia empurrá-la de volta na parede e demonstrar minhas ideias.

No entanto, apenas soltei um palavrão baixo,

tentando me controlar.

— SÉRIO Thomas? Não sou uma das suas vadias aqui do hospital! Me trazer para o covil para onde traz todas as enfermeiras?

— Eu nunca te tratei como vadia!

— Não? Não é para cá que traz as enfermeiras para fodê-las contra os armários? Não foi para isto que me trouxe?

— Foi e acho que estaríamos fazendo se não tivesse gritando comigo! – Minhas palavras sinceras parecem inflamar mais sua raiva.

— Eu não sei o que está se passando pela sua cabeça, quero esclarecer eu não sou Emily ou qualquer garota que vai cair na sua lábia assim que você chama! Não vou ficar transando com você pelos cantos do hospital!

— Por que não? Não foi o que combinamos fazer? Que precisamos fazer?

Ela respira fundo.

— Bem, nós não combinamos nada!

— Talvez seja a hora de combinarmos! Não sei em que lugar está escrito que é só você que dita as regras!

— Não estou fazendo isto! – Ela parece indignada.

— E muito brava comigo porque estou sendo sincero.

Ela pisca de repente, algo passando por seus olhos.

— Wow!

— O que foi?

— Você disse algo parecido quando discutimos pela primeira vez.

Eu franzo a testa, tentando me lembrar. Era difícil lembrar daqueles primeiros momentos da Liz irritada me chamando de machista e grosseiro quando nos conhecemos naquela livraria.

Quando eu me recordava de nossos primeiros momentos, preferia me lembrar de quando a levei pra sair a primeira vez, do desafio das tatuagens. De quando a beijei pela primeira vez na porta de seu apartamento.

Agora eu me lembrava de como ela estava brava naquele dia. De que havia gritado comigo, com os olhos expelindo fogo em minha direção. Como agora. E isto faz sorrir.

— Estava sendo uma megera absurda, como agora, Elizabeth Spencer.

Ela se desconcerta.

E vejo uma centelha de divertimento em seus olhos. Porra, nem tudo estava perdido.

Eu a fiz se apaixonar por mim uma vez. Eu poderia fazer de novo.

— Eu sei que a situação é estranha e que

precisamos colocar alguma ordem... – ela fica vermelha. E é lindo de se ver. Me dá vontade de beijá-la de novo.

Mas não beijo. Eu havia escolhido as armas erradas.

Liz tinha razão. Não éramos mais aqueles jovens cheios de hormônios e inconsequências de oito anos atrás. Mesmo ainda havendo uma dose incrível de tesão entre nós, agora existiam outros fatores também. Além de todo o abismo óbvio de oito anos de separação e muito rancor envolvido. Ainda havia Nina.

E o bebê que tínhamos que fazer.

— Me desculpa – peço baixinho. – Tem razão. Não deveria ter feito isto.

Ela dá de ombros meio desconcertada com meu recuo.

— Realmente não devia. Quando qualquer um poderia nos ver? Que porra, Thomas!

— Nós somos um segredo? – Eu não tinha pensado sobre aquilo.

— Acho melhor sermos discretos. Se não por nós, embora eu deteste ser alvo de fofoca neste hospital, sobretudo por Nina e toda a... situação.

— Sim, tem razão – concordo com ela seriamente.

Ela respira quase aliviada.

— Eu sei que precisamos... achar um meio termo, ou algo parecido. Só que não no hospital.

— Certo. Vamos sair daqui.

Nós saímos da sala e ela para me encarando.

— Não passou minha atribuição.

— Nina precisa de supervisão. Quer se encarregar dela?

Seus olhos se iluminam.

— Acha que seria... apropriado? Não sei...

— Ninguém além de mim, você e Amber sabe do que está acontecendo.

— Seu pai sabe.

Meu rosto se fecha ao pensar no meu pai. Ele ainda estava internado e estável.

— Ele não está em condições de fazer nada no momento.

— Certo. Nina parece preocupada com ele.

— Eu tive que contar a ela, embora não quisesse preocupá-la. Ela é muito esperta.

— E o que vamos dizer a ela? Sobre... nós?

Eu solto um suspiro pesado.

— Não faço ideia, Liz. Eu tenho vontade que ela saiba de tudo, porém como contar uma história como esta a uma criança? Ainda mais com a saúde frágil?

— Eu sei. Acho que devemos deixar tudo como está por enquanto.

— Sim.

— Ok. E... muito obrigada por me deixar ficar com ela. Significa muito pra mim.

— Eu sei.

Ela sorri e se afasta.

Uma enfermeira a intercepta ao passar.

— Ei doutora Spencer, não tinha pedido demissão?

Liz dá de ombros.

— Não mais.

— Vai ficar no hospital então?

— Sim. — Ela sorriu e seguiu em frente.

De repente eu me lembrei de suas últimas palavras quando se despediu de mim. Ela me disse que ia se casar.

Com toda aquela confusão eu tinha me esquecido completamente daquela história, agora eu sabia que deveria interpelar Liz sobre o assunto.

Onde diabos estaria seu “noivo” neste momento?

Bom, eu esperava sinceramente que ele não existisse mais.

Eu sigo o dia fazendo meu trabalho no hospital e Amber me intercepta quando me encontra sozinho em um consultório no fim da tarde.

— Liz me disse que tomaram a decisão.

— Sim — respondo vagamente, examinando alguns diagnósticos.

— É só o que tem a dizer?

Eu bufo. Não estava a fim de aguentar Amber hoje.

— É só o que precisa saber.

— Credo! Sabe que só estou preocupada com a Nina!

— Me desculpe – recuo – eu estou com a cabeça cheia Amber.

— Pode não parecer, mas eu também! Ainda mais com o papai mal!

— Como ele está?

— Eu acabei de passar por seu quarto. Continua desacordado, mas estável.

— Ele vai ficar bem.

— Eu... Liguei para Diana.

— Como é?

— Achei que ela deveria saber, não sei.

— Acha que ela se importa?

— Eu não sei. Eu sempre torci por eles, achei estranho quando ela foi embora há seis anos, deixando Nina.

— Ela descobriu a verdade.

— É, eu a entendo agora. E contei a ela.

— Disse que papai contou sobre Nina.

— Sim.

— E o que ela falou?

— Que se sente aliviada sabendo que finalmente papai revelou a verdade e que sente muito por ter sido porque Nina está doente. Ela quer vê-la.

— Não sei se concordo.

Diana via Nina muito pouco, somente a visitava em feriados e seu aniversário. Eu sempre achei que era uma atitude fria e estranha. Agora entendia sua situação.

Ela não queria compactuar com a mentira do meu pai.

— Nina vai gostar, Thomas.

— Certo. Faça como achar melhor.

— Eu sempre faço – ela se levanta e sai da sala.

E, se eu pensava que iria ficar tranquilo, estou enganado, a próxima pessoa a entrar na sala é Paola.

— Ei, posso conversar com você?

Tenho vontade de dizer não. Mas sei que não vai adiantar.

— O que você quer?

Ela sorri. Como uma cobra faria se sorrisse.

O que merda eu vi nessa mulher?

— Eu sinto muito por seu pai ter descoberto sobre nós daquela maneira.

— Eu sinto muito por você ter se envolvido com ele, para começo de conversa.

— Eu sei, você nunca se conformou...

— Paola, se era o que tinha a dizer já pode sair.

— Não, eu vim dizer que tinha razão. Nunca devia ter me envolvido com seu pai.

— Sério? Justo agora que ele provavelmente não vai querer mais nada com você?

— Você não pode afirmar. Ele está mal, mas pode me perdoar.

— É esta sua ideia?

— Para falar a verdade não.

Eu levanto a sobancelha e ela sorri.

— Eu não quero mais seu pai. Eu desisti dele. Vou deixá-lo.

— É a primeira coisa decente que diz em muito tempo.

— Dito isto, acho que podemos ficar juntos de novo.

— O quê?

Seu sorriso se torna mais felino e insinuante.

— Nada mais nos impede... Sei que não queria ficar comigo enquanto eu estivesse com seu pai. Eu entendo. Agora não há mais nada entre nós. Podemos recomeçar e...

— Você está louca, Paola, se pensa que vou ficar com você de novo.

— Por que não? Sabe que nós éramos perfeitos juntos!

— Sua definição de perfeição é bem diferente da minha!

— Não seja cruel! Eu estou aqui, despidando de qualquer orgulho, te pedindo uma chance...

— Está perdendo seu tempo. Não quero mais você. Faz tempo! Qualquer tesão que eu tive por você acabou quando eu descobri que estava dando o golpe no meu pai.

— Ah! Não estava dando nenhum golpe, que injusto.

— Faça um favor a nós dois, Paola, não banque a inocente. Não combina com você. Agora saia e me deixe trabalhar.

Ela se levanta irritada.

— Você vai mudar de ideia! – Ela diz antes de sair da sala.

— Espere sentada. – Afirmo.

Eu só esperava que Paola não se tornasse um problema.

O dia já se transformou em noite quando vou ver Nina.

Encontro Amber na porta do quarto.

— Vou passar a noite com Nina.

— Certo. Eu vim me despedir e já vou embora.

Nós entramos no quarto e Liz está acabando de medir a pressão de Nina.

— Thomas! Por que não veio me ver o dia todo? – Nina reclama.

Eu me aproximo e beijo sua testa. Ela parece mais pálida hoje e vê-la corta meu coração.

— Eu tinha trabalho a fazer, docinho. Deixei uma substituta, não gosta da Liz? – Eu olho em direção a Liz que está mostrando um prontuário a Amber pela cara das duas, as notícias não parecem boas.

— Eu adoro a Liz, ela é legal.

— Fico feliz em saber – acaricio seus cabelos.

— Ela é sua namorada? – Pergunta num cochicho.

Eu rio.

E me aproximo.

— Pode guardar um segredo?

Ela sacode a cabeça afirmativamente, ansiosa.

— Ela é minha namorada sim.

Ela arregala os olhos e se remexe animada.

— Isto é demais!

— Ainda é um segredo, não esqueça ok?

— Não vou contar pra ninguém – ela passa os dedinhos pela boca, como se fechando um zíper.

— Eu preciso ir. Amber vai ficar com você, tudo bem?

Eu a abraço e me afasto com Amber e Liz.

Amber me passa o prontuário.

— Precisamos intensificar a medicação – Amber diz e eu concordo.

— Ela não está respondendo ao Inatinibe – Liz explica.

— Vamos entrar com Bosutinib e Interferon – ordeno.

— Acha que ela responderá a eles? – Liz pergunta apreensiva.

— Se não responder, teremos que começar com a quimio – Amber diz e eu rezo para que não seja preciso.

Infelizmente nós três sabemos que a doença de Nina está caminhando para isto. Ela não está respondendo a nenhum inibidor de tirosina quinase.

— Vocês podem ir. Eu vou ficar com ela – Amber diz.

Liz se despede de Nina com um beijo que pisca pra mim quando nós saímos.

— Estou exausta – ela murmura quando entramos no vestiário. Ela começa a se trocar mecanicamente e eu a estudo, enquanto faço o mesmo. Parece realmente cansada.

Nós nos trocamos e saímos do hospital. Eu seguro seu braço, quando ela vai em direção ao seu carro.

— Vamos para meu apartamento.

Ela hesita. Sei que a resposta negativa está na ponta da sua língua. Porém, ela sabe que não pode dizer não.

— Sei que está cansada. Eu também, mas precisamos conversar.

E continuar a tentativa de fazer um bebê gostaria de completar, mas me calo. Ela sabe muito bem o que está nas entrelinhas.

— Ok. Espero que tenha comida na sua casa. Eu estou morrendo de fome.

Eu sorrio.

— Claro doutora Spencer. Eu vou te alimentar, não se preocupe.

Nós entramos no meu carro e seguimos para meu apartamento.

Por um instante a lembrança do tal noivo tolda meus pensamentos e eu me pergunto se devo interrogar Liz sobre ele. Decido não fazê-lo.

Eu só quero chegar em casa e alimentá-la para depois saciar a fome que eu tinha dela.

Deixaria os assuntos desagradáveis para depois.

Capítulo Vinte e Quatro

Liz

Como é que aquilo tinha acontecido?

Em um minuto eu estava fazendo discursos inflamados sobre manter o controle e a discrição e em outro estava entrando no carro de Thomas Hardy muito ansiosa para que chegássemos a sua casa, ou melhor, a sua cama.

Olho seu perfil concentrado enquanto dirige e mordo os lábios com força pra não suspirar. Ou gemer. Ou atacá-lo. Por que ele tinha que ser tão perfeito? Por que os anos não tinham deteriorado sua beleza, transformando-o num cara gordo e feio? Por que ele ainda era o homem mais lindo do mundo pra mim, aquele que me deixava de pernas bambas só com um olhar, que fazia meu coração derreter somente com um sorriso? Talvez fosse mais fácil resistir e manter a mente no lugar.

Estava sendo difícil. Era duro lembrar que nós estávamos juntos de novo apenas para um fim específico. Fazer um bebê e salvar nossa filha. Eu havia acordado assustada naquela manhã, apesar de orgulhosa de mim mesma por conseguir deixar bem claro nosso objetivo.

Sem fraquejar. Então ele me levou para dentro do armário de remédios, colocando aquela mão cheia de dedos em mim. Aqueles dedos longos que sabiam bem o que fazer para me corromper. E até agora eu me perguntava como tive forças para fazê-lo parar. Talvez o fato de me lembrar que era para lá que ele levava todas as enfermeiras. Pensar que eu era mais uma na lista de garotas que o Dr. Hardy comia na sala de medicação me deixava bem irritada.

Felizmente ele pareceu entender meu discurso. Sem contar que nós tínhamos que realmente ser discretos. Seria um inferno se alguém descobrisse sobre nós. E ainda mais nossos reais motivos. A verdade era que eu não queria ter que me preocupar com falatórios, além de todos os nossos problemas.

— Algum problema?

Eu pisco ao ouvir a voz de Thomas.

— Quê?

Ele me lança um sorriso de lado, parando num farol vermelho.

— Estava me encarando?

Eu enrubesço como uma adolescente. Inferno!

Cruzo os braços e dou de ombros e olho para a janela.

Sei que ele continua rindo. O que faz minha barriga se contorcer.

E lembranças de outros tempos encherem minha mente. De quando éramos jovens e livres, de como sempre que entrava em seu carro eu não hesitava em pular em cima dele, atacando-o com mãos e lábios. Enquanto ele ria, me envolvendo em seus braços para uma sessão quente de amassos que embaçava o vidro do carro, antes que conseguíssemos finalmente sair pra algum lugar.

Tempos que não voltam mais porque não éramos mais os mesmos.

Eu não era mais aquela menina tola e apaixonada. Thomas havia pisado naquela menina destruindo seus sonhos.

E uma vozinha baixa sussurra maldosamente no meu ouvido que se eu não tiver cuidado, ele fará tudo de novo. Eu já não sinto o mesmo desejo irrefreável? A mesma vontade de me jogar em cima dele até que ele ria e me abrace forte não me deixando ir?

— Chegamos.

Sua voz me tira dos devaneios e eu olho em volta. Estamos em uma garagem e Thomas sai do carro. Eu faço o mesmo, seguindo-o até o elevador.

Tento não olhar em sua direção, mas sinto seus olhos em mim. Queimando. Me chamando. E a expectativa do que vai acontecer quando estivermos em seu apartamento aperta meu ventre de mil maneiras diferentes. Sou toda temor e anseio.

Nós saímos do corredor e Thomas abre a porta para eu entrar.

Eu olho em volta, curiosa. É grande e masculino.

Tem cheiro de Thomas.

Estremeço.

Fico parada sem saber o que fazer.

Ele coloca a chave do carro no aparador e me encara. Engulo em seco com a fome que vejo em seu olhar.

Derreto.

— Ainda com fome? – Ele pergunta com a voz rouca e eu quero dizer que minha fome agora é outra.

Antes que consiga abrir a boca para responder, Thomas caminha até a cozinha, em conceito aberto.

— Eu falei que ia te alimentar e o farei – ele abre a geladeira e sorri pra mim, antes de voltar a atenção para seu interior.

O quê?

Ele está falando sério?

Por um instante eu acreditei que ele ia me atacar da mesma maneira que me atacou naquela sala de medicamento. E, desta vez, eu não ia me importar nem um pouco. Na verdade, eu estava ansiosa e pronta.

— Hum, não cozinheiro muito aqui, não sei o que podemos fazer... O que quer comer? Carne? Salada?

Pasta? – Ele vai tirando os ingredientes da geladeira aleatoriamente e jogando em cima da mesa e eu rolo os olhos, meu tesão dando lugar à fome de verdade agora que vi a comida.

— Eu estou morrendo de fome, aceito qualquer coisa.

— Certo, vamos ver... – ele continua a remexer na geladeira, parecendo indeciso e eu franzo a testa.

— Você sabe cozinhar, Thomas?

Ele dá de ombros

— Não deve ser difícil.

Eu suspiro.

— Não devia ter prometido se não pode cumprir, cara! – Me aproximo e apanho uma panela enchendo-a de água. – Estou vendo que eu mesma terei que me virar se não quiser morrer de fome.

— Eu nunca cozinho, na verdade – ele riu, meio sem graça.

— E como você vive?

— Eu tenho uma empregada que vem algumas vezes por semana e deixa algo pronto. Ou eu peço comida, ou saio...

— Homens, muito inúteis! – Resmungo, pegando a carne e começando a temperar.

— Eu sou um médico ocupado, Liz.

— Grande merda! Eu também sou uma médica ocupada, se quer saber e olha só! – Eu jogo a massa dentro da água – sei preparar uma refeição também!

— Não vou mais discutir este ponto. – Ele não fica bravo por eu ter feito um ponto – se não se importar, eu vou tomar um banho.

— Ok – eu não olho para ele quando se afasta.

Apenas tento não ficar imaginando-o tirando a roupa e entrando no boxe. Nu. Sob a água.

Deus, eu tinha que me controlar. Ficar fantasiando com Thomas não ia ajudar na tarefa “manter o controle”.

Estou terminando o jantar, quando escuto a campainha tocando.

Thomas ainda não saiu do chuveiro eu decido ir abrir a porta, quando escuto a campainha de novo.

E não sei quem está mais surpreso. Se eu, ao ver Chloe e Josh, ou eles.

— Liz? – Eles falam juntos e eu olho de um pra outro.

— Josh e... Chloe?

— Liz! – Josh exclama e, sem cerimônia, me arrebatada num abraço, me tirando do chão – e aí?

Eu olho para Chloe que tem um risinho sarcástico no rosto.

— Ei, Liz, que surpresa vê-la aqui... ou não.

— Cadê o Thomas? – Josh pergunta olhando além de mim.

— No banho – respondo e fico vermelha quando o risinho de Chloe se alarga.

— Hum... – Josh olha pra mim tentando desvendar todos os segredos do mundo. Desvio o olhar.

— É... querem entrar? – Pergunto sem saber o que fazer.

Eles entram e eu fecho a porta.

— Nossa, que cheiro incrível! – Josh exclama – pasta?

— Josh, fala sério, só pensa em comida! – Chloe ri – se bem que devo dizer que o cheiro é realmente bom. Perdoa a gente, Liz. Nós viemos chamar o Thomas pra jantar. Não fazíamos ideia que...

— Ei, que diabo estão fazendo aqui? – Thomas aparece na sala, com seus cabelos lindamente molhados. Usando uma calça de moletom de cintura baixa e uma camiseta branca colada no corpo ainda meio úmido.

— E aí cara! – Josh o cumprimenta.

— Oi Thomas – Chloe segura o braço de Josh. – A gente veio te chamar para jantar.

Josh abraça a cintura de Chloe.

— Já que foi você que me apresentou esta gata, merecia que eu te pagasse um jantar.

Chloe solta uma risadinha boba e eles trocam um selinho.

Parecem fofos juntos.

— A gente não sabia que já tinha companhia – Chloe pisca.

— E comida boa! – Josh ri.

— Vocês podem jantar com a gente – me vejo dizendo. Sinto o olhar de Thomas me fuzilando. Não sei bem porque os convidei. Talvez esteja tentando me proteger um pouco daquela vontade louca de me jogar em Thomas. Tentando manter a porra do controle que sinto que cada vez mais escapa das minhas mãos.

— Sério? – Os olhos de Josh brilham. Chloe parece concentrada em Thomas. Ela percebe eu ele não gostou nem um pouco.

— Talvez a gente devesse ir...

— Ah gata, vamos ficar! Sente esse cheiro! – ele se desvencilha de Chloe e vem para perto de mim – sem contar que estou com saudade desta gata... – sem aviso, ele levanta minha blusa – cadê minha obra de arte? Ah, continua aqui! Vem ver Chloe, eu posso fazer uma assim pra você.

— Josh, está deixando a Liz sem graça – Chloe se aproxima e abaixa minha blusa – quer dizer que foi o Josh quem fez sua tatoo?

— E a do Thomas também! – Josh completa.

Thomas solta um palavrão baixo, aparentemente já conformado com nossas visitas.

— E aí, alguém que beber? Acho que preciso de álcool – ele diz e abre a geladeira pegando cerveja.

— Eu prefiro vinho. Você tem? – Chloe pergunta.

— Garotas! – Josh ri.

Eu volto às panelas, ignorando as brincadeiras entre eles.

Chloe se aproxima e me oferece uma taça de vinho.

Ela me encara com curiosidade.

— É uma situação um tanto surpreendente. Ou não.

Eu tomo um gole de vinho e descarto a taça, ocupada em escorrer o macarrão. Procuro Thomas com o olhar e o vejo na varanda conversando com Josh.

— Eu sei da história de vocês, se está se perguntando.

Eu a encaro e ela dá de ombros.

— Thomas fez algumas confissões.

— Não sabia que conhecia o Josh – tento desviar a atenção de mim.

— E vocês se conhecem há anos não é? Ele é uma graça, faz poucos dias que estamos saindo, acho que estou de quatro – ela ri bebendo mais um gole – até mesmo literalmente.

Ela já está ficando meio bêbada.

Me pergunto o quanto ela sabe. Provavelmente não de Nina.

— Nossa, que educação a minha, quer ajuda?

— Pode pôr os pratos na mesa?

— Claro.

Ela coloca os pratos e os rapazes voltam a cozinha quando acabamos de servir a comida.

Josh me encara muito sério. E, sem dizer nada, se aproxima e me abraça. Eu constato que Thomas contou a ele.

Chloe franze a testa curiosa, mas não fala nada. Josh cochicha algo em seu ouvido que a satisfaz, pois não faz nenhum comentário.

— E aí, vamos encher a pança? – Josh brinca e acho que ele está tentando amenizar o clima. Eu acho bom.

Chloe começa a contar sobre sua noite com Josh, quando foi assisti-lo tocar e eles contam coisas engraçadas. Nós rimos. E então, do nada, Thomas e eu estamos contando nossas próprias histórias engraçadas nos shows de Josh.

E continuamos a rir. Como se nem um dia tivesse se passado. Como se ainda fôssemos as mesmas pessoas. Talvez fôssemos, afinal.

— E esta tatoo? – Chloe pergunta em certo momento. Já estamos na segunda garrafa de vinho, que

todos tomam agora.

— Foi como eu conheci esses dois! – Josh diz – você sabia que o Thomas chorou feito um bebezão?

Chloe arregala os olhos.

— Sério?

— Nem foi tanto assim! Odeio agulha! O que posso fazer? – Thomas ri.

— Sim, é verdade – eu rio, me lembrando – nós apostamos no nosso primeiro encontro que íamos fazer uma tatuagem, então o Thomas deu pra trás depois que eu fiz a minha. Eu fiquei puta!

— Eu me lembro! – Josh bate na mesa rindo – mas vocês voltaram depois...

— Sim, ele fez a tatuagem – eu digo suavemente. Minha mente tomada pela nostalgia.

— Eu fiz por você – Thomas diz e eu o encaro. Nossos olhares se encontram e sei que estamos nos lembrando das mesmas coisas.

E de novo, eu tenho aquela sensação atemporal.

Tenho vontade de me inclinar e beijar sua boca. Como fazia antes, quando bastava nossos olhares se encontrarem para o desejo de chegar mais perto despertar.

— Foi a Liz quem desenhou o dragão do Thomas – Josh diz, quebrando nosso momento.

— Sim, Liz é uma ótima artista. – Thomas comenta

e eu fico vermelha.

— Não sou não.

— Verdade? – Chloe pergunta curiosa – Você desenha ou algo parecido?

— Eu costumava pintar, era só um passatempo.

— Não pinta mais? Era sua paixão – Thomas pergunta.

— Eu tinha muitas paixões que não existem mais – digo me perdendo no meu copo de vinho. Lembrando que amava pintar do mesmo jeito que amei Thomas.

Duas paixões que ficaram no passado.

— Acho que devemos ir – Chloe diz, se levantando e todos nós fizemos o mesmo.

Ela e Josh se despedem e vão embora.

Eu volto pra cozinha e começo a tirar a mesa.

— Deixa que faço isto – Thomas diz.

— Eu posso...

— Eu faço Liz – ele diz firmemente. Não entendo seu olhar. – Por que não toma um banho enquanto cuido da louça?

— Ok – concordo, me afastando.

Não pergunto onde é o banheiro, encontro facilmente o quarto de Thomas e o banheiro.

Entro ali, ignorando os sinais de Thomas por todo o lugar e tiro a roupa entrando no chuveiro. E, enquanto a

água vai caindo sobre mim, sinto-me esvaziar de qualquer pensamento deixando somente aqueles que estão concentrados em Thomas.

E uma doce expectativa toma conta dos meus membros, arrepia minha pele, atordoa meus sentidos.

Quando desligo o chuveiro e saio do boxe, Thomas surge em meio a fumaça do banheiro. Me esperando. Me reivindicando.

Ele segura uma toalha aberta para mim.

E não há mais nada em minha mente. Nem medo. Nem hesitação. Quando caminho em sua direção, nua e com a água pingando do meu corpo.

Aqueço e arquejo, quando chego perto o suficiente para ele me envolver com a toalha, trazendo-me para seus braços. Me puxando. Me enlaçando forte, enquanto sua boca desce sobre a minha.

É um beijo suave, com gosto de vinho e desejo. Gosto de Thomas. Meu preferido no mundo. Enfraqueço e suspiro, perdida naquele enlevo.

Cerro as pálpebras, quando sua boca deixa a minha para trilhar um caminho de fogo por meu rosto, meu pescoço, meu ombro, sorvendo a água ainda morna da minha pele com sua língua, me deixando mole e fraca.

— Você tem o melhor cheiro do mundo — ele sussurra em minha pele.

E, muito vagamente, percebo com uma parte do

meu cérebro que ele está me enxugando, esfregando a toalha suavemente em meus membros enfraquecidos. E vai descendo, sua boca seguindo o mesmo caminho, deslizando por minha pele recém-lavada, perfumando-a com seus beijos.

Jogo a cabeça para trás, os olhos fechados, apenas sentindo, ansiando, suspirando. Adorando sentir sua respiração em meio a minhas coxas. Arrepiando até a minha alma.

— E o melhor gosto do mundo... – ele diz, entre minhas pernas.

— Thomas – seu nome escapa dos meus lábios num gemido profundo e ele me beija. Me marca. Me consome – por favor...

Estou além da consciência, quando escuto um som rouco vindo do fundo de sua garganta, antes de ele se levantar e, num átimo, me pegar no colo.

Então estou sobre sua cama.

Abro os olhos enevoados pela excitação para vê-lo ajoelhado na minha frente, retirando as roupas, sem deixar de me encarar.

Ofego, quando ele se aproxima, nu e lindo e abre meus joelhos.

Fecho os olhos, perdida.

— Ah, por favor – imploro.

— Abra os olhos, Liz – ele ordena e eu obedeco.

— Por favor, o quê? O que você deseja?

Ele não sabia? Ele não sabia sempre?

— Você – confesso num soluço.

Ele rosna e me puxa sem dó, arrastando meus quadris para mais perto.

Solto um gritinho de susto e prazer, ele ri. Perversamente.

E então vem. Dentro de mim.

Com força. Várias vezes. Me fazendo gritar e agarrar seus cabelos.

Nossos gemidos se misturam na noite escura.

Quando acordo já é dia. Sento-me na cama, deixando meus olhos sonolentos percorrerem o quarto estranho.

Quarto do Thomas.

Sinto-me vagamente apreensiva, ainda atordoada e olho em volta. Estou sozinha.

Deito-me novamente, um pouco de dor martelando na minha cabeça. Muito vinho, certamente.

E além de um pouco de ressaca como me sinto?

Tento analisar meus pensamentos e percebo que não tem muito ali. O que é bom. Sinto apenas minha mente

meio vazia e meu corpo languidamente satisfeito.

Ah, muito satisfeito, penso com um risinho ao me recordar na noite passada.

Ah droga, em algum lugar do meu íntimo, tem uma voz tentando se fazer ouvir. Ela está bem baixinha agora, quase inaudível, como se a tivessem trancado numa cela escura. E, embora eu não a escute direito agora, reconheço ser minha consciência tentando me dizer que eu não deveria me sentir assim.

Talvez o álcool ainda esteja em meu sistema atordoando meu raciocínio. De repente fico alerta quando escuto passos se aproximando e meu coração dá um salto, pois sei que é Thomas.

Ele aparece no quarto todo vestido e muito sério. O sorriso que eu nem tinha me dado conta de estar ostentando morre em meu rosto.

— Oi — murmuro timidamente, sem saber o que pensar. Ele joga um celular sobre a cama. — Ele estava tocando.

Eu pego o aparelho meio aturdida.

— Estou indo para o hospital. — Sem dizer mais nada ele sai do quarto.

Eu ligo o celular e vejo quem estava me ligando.

Era Peter.

Meu coração despenca.

Merda! Como eu posso ter me esquecido dele?

Gemo, desalentada e mais perdida do que nunca. A culpa me consome.

Sinto um aperto no peito ao tentar imaginar como é que vou contar a ele sobre Nina. E pior, sobre o que estou fazendo com Thomas.

Escuto a porta do apartamento bater e sei que Thomas se foi. Ele também deve esperar uma explicação?

Eu tinha firmado um compromisso com Peter antes de saber de Nina. Antes de precisar ficar com Thomas de novo, por Nina.

Só por Nina? Uma vozinha incômoda sussurra e eu sinto mais culpa ainda.

O que eu vou fazer? Não faço ideia.

Sinto-me sem rumo.

Jogo as cobertas para o lado e me visto rapidamente. Vou para minha casa, tomo um banho e troco de roupa indo para o hospital.

O tempo inteiro tento achar uma solução. Não quero magoar Peter. Mas tenho que contar o que está acontecendo.

Estaciono em frente ao hospital e pego o celular, discando o número de Peter com dedos trêmulos.

Ele atende depois de alguns toques e, quando escuto sua voz, minha coragem evapora.

— Oi, Lili!

— Peter...

— Ei, o que foi? Que voz é esta? Onde estava ontem? Tentei te ligar várias vezes!

— Alguns problemas...

— Que problemas?

— Eu não quero falar por telefone – Peter merecia mais, penso. Precisaríamos estar frente a frente quando contasse a ele.

— O que aconteceu? Está me assustando, Liz.

— Você pode voltar para conversarmos?

— Agora?

— Sim, por favor,...

— O que aconteceu? Eu não posso sair daqui agora. Estou no meio de vários problemas na obra...

— Eu sei...

— Se for algo grave, eu dou um jeito...

— Não, não é necessário. Olha, podemos esperar. Não quero prejudicar seu trabalho.

— Você parece apreensiva...

— Não fique preocupado. Eu estou bem.

— Tem certeza?

— Tenho. Olha, faça seu trabalho. Se dedique a esta chance. Nós conversaremos quando retornar ok?

— Achei que você que viria, o que houve? É sua

mãe? Ela encencou?

— Mais ou menos — melhor deixá-lo pensar que era problema com Bárbara. Por enquanto.

— Certo. Vou tentar adiantar tudo aqui. Estarei com você o mais breve possível.

— Tudo bem.

Desligo me sentindo uma covarde. Sentindo que adiei o inevitável. Ao mesmo tempo sei que se jogar aquela bomba em Peter, ele voltaria correndo. E, além da decepção comigo, seu trabalho seria prejudicado.

Talvez eu conseguisse um tempo para ir até ele. Mas como não queria deixar Nina, teria que esperar Peter voltar.

Um pouco mais convicta de que estava fazendo a coisa certa eu saio para enfrentar Thomas. Embora não faça ideia do que direi a ele se me confrontar. Ele tinha o direito de me confrontar? O que nós tínhamos a não ser um acordo?

Quando paro e fico observando-o dar instruções a Jenny e Julie num procedimento cirúrgico, me pergunto a quem eu queria enganar?

Meu olhar ciumento vê sua mão que esteve em todo meu corpo ontem segurar o pulso de Jenny para ensiná-la com o bisturi. A interna até suspira ridiculamente. Como culpá-la? Até Julie parece deslumbrada, toda vermelha quando ele volta sua atenção

pra ela.

Seu olhar encontra o meu de repente e eu me surpreendo ao vê-los ainda frios em minha direção, antes de ele desviar a atenção para as internas novamente.

Bufo, meio irritada por ser ignorada.

Sem saber o que fazer, eu me afasto e vou ver Nina. Eu devia manter minha atenção nela e parar com aqueles joguinhos com Thomas.

Quando entro em seu quarto, ela está dormindo. Eu beijo seu rostinho, meu coração apertado de preocupação.

— Como ela está? – Pergunto a enfermeira que está por ali.

— Estável. Não dormiu bem à noite.

Acaricio seus cabelos e fico por ali um pouco. Me pergunto se nosso plano vai dar certo. Se um novo bebê já está crescendo dentro de mim para salvá-la.

Rezo para que assim seja.

Independentemente de todos os problemas entre mim e Thomas. De tudo o que aquela nova aproximação está causando em nossos sentimentos, saber que existe um motivo maior que tudo, faz uma estranha calma dominar meu íntimo.

Com uma nova força dentro de mim, eu beijo a testa de Nina e saio do quarto.

Avisto Thomas ainda instruindo Jenny e Julie e me aproximo.

— Doutor Hardy — ele levanta o olhar para mim.

— O senhor poderia me acompanhar um minuto?

— Ele está ocupado, não está vendo? — Jenny resmunga. Eu a ignoro.

— É urgente. Preciso de sua ajuda. Agora.

Percebo Thomas hesitar. Seu olhar passa de frio para um tanto irritado. Também vejo algo mais.

Me atenho a este algo.

— Espero mesmo que seja urgente Spencer — ele diz e me acompanha pelo corredor.

Eu não hesito quando chegamos à sala de medicação, abro a porta e entro.

E, quando Thomas me segue, fecho-a atrás dele e o empurro contra ela, prensando meu corpo no dele e o beijando com vontade.

Capítulo Vinte e Cinto

Thomas

Por um instante, sua atitude me surpreende tanto que não consigo reagir. São segundos de extrema estupefação, os que procedem o momento em que Liz me levou para dentro da sala de medicação e enfiou sua língua na minha boca.

Putaquepariu, ela estava realmente fazendo isto? Minha mente se rebela enquanto meu corpo traidor quer apenas se aproveitar daquele desvario.

Sim, porque só podia ser um desvario Liz Spencer, a mesma mulher que ontem tinha me empurrado quando fiz a mesma coisa e ainda me convencido de que eu era um filho da puta por levá-la para o local onde eu costumava levar inúmeras funcionárias do hospital. Para fazer exatamente o que ela estava fazendo agora. Me beijando com tesão, enquanto esfregava seus peitos em mim.

E mil vezes inferno, eu estava adorando. Mas, espera lá, eu ainda estava puto com ela. Não pelo fato de ela ter me atacado na sala de medicação. Com isto eu podia lidar, com certeza.

Eu me lembrava da minha raiva ao ver o rosto

bonito do tal noivo no seu celular de manhã.

Ela não tinha se livrado dele? Será que continuava pensando em se casar depois de tudo o que havia rolado entre nós?

Porra, eu precisava saber. Então, contrariando meu pau muito disposto a continuar com a sacanagem iniciada por Liz, eu a empurro e a mantenho a uma distância segura.

— O quê? – Ela balbucia aturdida.

— Que porra é esta?

Ela pisca e fica vermelha, dando um passo atrás, se livrando das minhas mãos.

— Qual o problema? Não foi você quem me trouxe pra cá ontem?

— E não foi você que me deu uma lição de moral?

Ela ruboriza mais ainda. É delicioso e me dá vontade de jogá-la contra os armários. No entanto eu preciso sanar algumas dúvidas.

— Eu... – ela dá de ombros – não achei que ia criar um problema!

— Bom, se quer mesmo saber o problema, eu posso dizer. Você já contou ao seu noivo o que anda rolando entre nós?

Ela empalidece.

— Eu...

E eu percebo por sua consternação a infeliz resposta. E fico mais puto.

— Então que merda está acontecendo? Você vai trepar comigo pelos corredores do hospital enquanto planeja se casar com aquele idiota?

— Ele não é um idiota!

— Ah vai se foder!

— Thomas, você não entende...

— O que eu não entendo Liz?

— Tudo aconteceu muito rápido! Eu tinha decidido me casar com Peter e...

Suas palavras só me deixam com mais vontade de quebrar alguma coisa.

— E então você me contou sobre Nina! E aí tudo virou de ponta cabeça! Acha que está sendo algo fácil de lidar? Nina na minha vida de novo, e ainda por cima doente? E para completar a bagunça, nós estamos juntos de novo e eu terei que ter outro filho, meu Deus, Thomas, é demais para processar e resolver de uma vez só! — Desabafa.

Por um lado, eu a entendo. Sei de todo o seu tormento, o difícil é assimilar outro cara na sua vida. Já era antes, agora que estamos juntos é ainda mais duro.

— E por que não contou a ele?

— Eu quero contar. Vou contar claro! Ele está em outra cidade, num momento crucial da sua carreira. Me

pareceu frio demais contar algo tão... sério por telefone. Acho que Peter merece mais.

A consideração que ela tem com aquele cara me deixa com ciúmes. O que aquele tal Peter significa para Liz, será que está apaixonada por ele?

Só de imaginar esta possibilidade sinto uma mão fria como aço apertar meu peito.

— E o que vai acontecer, Liz? — Indago frustrado.

Ela dá de ombros, com um olhar atormentado.

— Eu não sei.

— Você ainda quer se casar com ele?

— Que diferença faz? Duvido que ele ainda queira algo comigo depois que souber o que estou fazendo.

— E quando pretende contar a ele?

— Quando ele voltar à cidade.

— Eu não sei se concordo com isto...

— Não tem que concordar com nada, Thomas! Peter é problema meu. Eu que tenho que resolver e ponto final. Não quero mais falar sobre esse assunto — ela encerra a questão.

Eu quero continuar a discutir. Quero colocá-la contra a parede e questionar seus sentimentos por aquele outro cara. Quero exigir que ela termine tudo com ele. Agora! Pouco me importa os sentimentos daquele imbecil.

Só que eu me importo com os sentimentos dela. E

sei que essa situação a está atormentando. Não sei o que Liz sente pelo tal Peter, mas para ela ter aceitado se casar com ele deve haver algum sentimento.

Pensar nisto me deixa doente. E o que eu podia fazer? Eu a tirei da minha vida há oito anos. Ela viveu sua vida sem mim durante todo aquele tempo, deve ter conhecido muitos caras e um a havia conquistado, de alguma maneira.

E agora eu a tinha de volta. Não como eu gostaria, mas inferno, eu a queria daquele jeito de novo, como no passado. Queria que ela sentisse a mesma paixão que sentiu por mim um dia. Ainda havia centelhas ali, pairando sobre nós. E, se estávamos juntos novamente por causa das circunstâncias, eu podia usá-las a meu favor.

Liz ainda não tinha me perdoado. Havia muito ressentimento acumulado durante todos aqueles anos para simplesmente esquecer e se entregar a mim de novo. Contudo, eu podia esperar. Eu esperaria a eternidade se fosse preciso. No entanto, eu queria lutar. Do mesmo jeito que estava lutando para salvar nossa filha, eu queria lutar para fazer Liz me amar de novo.

Por que eu ainda a amava. Demais. Como nunca ameí ninguém na minha vida.

E eu queria dizer a ela agora. Queria dizer que não precisávamos estar juntos somente para fazer outro bebê e salvar Nina. Nós podíamos nos amar de verdade, porque

eu não tinha mais medo.

Mas eu sabia que ainda não era o momento. Ela não ia acreditar em mim. Eu tinha sido um canalha filho da puta.

Eu precisava provar. E precisava mostrar.

E, no fim daquela jornada, eu a traria pra mim de novo.

— Ok, faça como acha que deve fazer. — Recuo por fim.

Ela pisca meio aturdida com a minha aquiescência.

— Obrigada — murmura, passando por mim para sair da sala, eu a seguro.

— Achei que tivesse um objetivo quando me trouxe pra cá, Spencer — escorrego minha mão por sua cintura trazendo-a pra mim e ela me encara atordoada, enquanto a empurro para trás.

— Achei que preferisse brigar comigo. — Seus olhos brilham como fogo e causam um incêndio em mim.

— Brigar me deixou com tesão — puxo seus cabelos presos num rabo de cavalo e cravo meus dentes em seus lábios, fazendo-a gemer antes de enfiar minha língua em sua boca, calando seus protestos.

Ela rosna baixinho e sinto um puxão em minhas calças. Merda, sim.

Rosnando também, separo meus lábios dos seus e

a empurro para uma mesa logo atrás, virando-a de costas e deitando-a sobre ela.

— Nossa, isso foi rápido - ela ofega num tom entre surpreso e divertido, além de ansioso, quando empurro sua calça verde do uniforme pra baixo, levando junto a calcinha e dou um tapa em sua bunda.

— Vai ser rápido, porém, eu garanto que vai ser bom pra caralho, doutora Spencer.

Ela geme, quando me inclino e mordo sua nuca, enquanto me empenho em abrir minha própria calça apressadamente.

— Ah, por favor, - ela implora naquela voz que me deixa louco e eu empurro meu pau em sua entrada. Ela está molhada e pronta, agarro seus quadris penetrando-a com força. - Porra, Thomas!

Eu rio, segurando seu rabo de cavalo e puxando, para colar minha boca em seu ouvido, enquanto estoco com força.

Ela arqueja.

— Você gosta assim? - Sussurro, mordendo sua orelha e ela geme em resposta. - Responda doutora Spencer.

— Porra, sim...

Eu seguro seu seio, apertando com uma mão e deixo a outra escorregar para dentro da sua calça, acariciando seus clitóris, fazendo-a se arquear contra mim

e gritar mais alto. É como música para meus ouvidos. Eu sinto o prazer percorrer minha pele como brasa e me mexo mais rápido dentro dela. Para ela. Era tudo para ela.

Sinto minha vista escurecer, quando um orgasmo avassalador me toma de assalto, me fazendo apertá-la mais forte e grunhir baixinho em seu ouvido, enquanto descarrego todo meu tesão dentro dela.

— Porra, isso foi bom doutor Hardy — ela murmura ofegante quando paramos de tremer.

Eu rio e beijo seu pescoço suado.

— Eu disse que seria, doutora Spencer.

Eu me afasto e a ajudo a ajustar suas roupas, depois faço o mesmo com as minhas.

Ela parece deliciosamente descomposta e isto me dá uma satisfação masculina ridícula.

— Do que está rindo? — Ela pergunta curiosa, fechando a blusa.

— Você parece alguém que foi fodida.

Ela fica vermelha, mas não reclama.

Eu franzo a testa, cruzando os braços sobre o peito a observando arrumar os cabelos.

— O que aconteceu com a raiva por este ser o covil das minhas transas?

Ela dá de ombros e me encara.

— Ainda é? O covil para onde traz todas as

mulheres?

— Você está aqui não está?

— E as outras? Ainda vai trazê-las?

Então eu entendo a questão.

— Não – respondo simplesmente.

E é a mais absoluta verdade.

— Isto significa que não vai transar com nenhuma outra mulher? – Ela insiste.

— Não vou transar com mais ninguém Liz. E você?

Nunca era demais perguntar. Sei que o tal noivo estava em outra cidade, mas eu precisava saber.

— Não, claro que não! – Ela parece ofendida.

— Certo. Acho que acertamos este ponto.

Ela assente.

— Acho melhor voltarmos ao trabalho – diz e eu concordo.

Abro a porta e me certifico que não há ninguém no corredor antes de sairmos. Eu concordo com Liz que temos que ser discretos.

Nós seguimos separados e, depois de uma rápida passada no banheiro, encontro Erick.

— E aí, cara, que merda anda rolando por aqui? – Ele pergunta.

— Vamos tomar um café.

Nós vamos para a cantina e eu finalmente conto tudo a ele.

— Cara, que confusão!

— Eu sei.

— Parece que fazemos parte de algum seriado médico da Tv!

Eu rio de sua analogia.

— Ou de uma novela da tarde ruim— Chloe senta na nossa frente.

— Você sabe? – Erick questiona.

— Josh me contou – ela me encara – espero que não fique bravo. Não vou contar a ninguém.

— Eu sei.

— Quem é Josh? – Erick pergunta curioso.

— Meu namorado – Chloe responde com um sorrisinho bobo.

Eu levanto a sobrancelha.

— Já?

— Pra que perder tempo? Não quero perder oito anos como você!

— Uau, essa doeu – Erick ri.

Eu acabo rindo também. Eles tinham razão.

Eu termino meu café e me levanto.

— Vou ver Nina.

Eu a encontro no quarto com ninguém menos que Diana.

— Olá, Thomas – ela me cumprimenta seriamente.

Eu ainda tenho sérias restrições em relação a Diana. Mesmo agora que entendo suas razões.

— Não é legal que a Diana veio me ver, Thomas? – Nina diz sorridente – olha o que ela trouxe para mim. – Ela mostra um ursinho cor de rosa.

Eu sorrio de volta e beijo sua testa.

— Como está se sentindo?

Ela dá de ombros.

— Muito bem.

Eu sei que não é verdade. Seu rostinho esta pálido e cansado.

Isto corta meu coração.

— Diana, podemos conversar?

— Claro!

Ela se despede de Nina e nós saímos do quarto.

— Obrigada por ter vindo visitá-la. – Digo.

— Você não me perdoou, não é?

— Agora eu entendo seus motivos. Mas Nina era só um bebê. E era sua filha.

— Eu não queria fazer parte desta farsa. Era cruel demais. Eu achei que indo embora seu pai iria cair na real e contar a verdade. Infelizmente nunca aconteceu. Só

agora com a doença. É realmente terrível a situação de Nina.

— Pelo menos serviu para meu pai revelar a verdade.

— Sinto muito, Thomas. Amber me contou que você e a mãe da Nina decidiram ter um bebê.

— Sim, queremos tentar ajudar Nina.

— Espero que consigam. Eu vou ver seu pai.

— Ok, faça como quiser.

— Sei que o que ele fez foi horrível. Apesar de Jack viver de acordo com suas próprias regras, ele sempre acredita que está fazendo o melhor.

— Isto não interessa.

— Pense em perdoá-lo. Afinal, é seu pai. E não devemos cultivar rancor.

— Você não cultivava? Foi embora e nunca o perdoou.

Ela sorri tristemente.

— Sabe que não foi só por causa disto. Eu tentei fazer seu pai me amar. Ele nunca permitiu. Às vezes penso que essa questão com Nina foi só a desculpa perfeita para eu sair de um relacionamento que não iria me levar a lugar algum. Agora é tarde para essas considerações.

Ela se afasta e eu volto para o quarto. Nina está dormindo.

Eu beijo seus cabelos e a deixo descansar.

Eu não vejo Liz pelo resto do dia. Sou designado para duas cirurgias e, quando passo no quarto de Nina para me despedir é noite e Amber diz que Liz já passou por ali e foi embora.

— Certo, eu estou indo também.

Eu me inclino e beijo Nina, que está acordada, mas sonolenta.

Amber sai do quarto comigo.

— Papai acordou. Não vai vê-lo?

— Não sei se quero vê-lo.

— Faça como quiser – ela resmunga e volta para perto de Nina.

Apesar de minhas palavras eu passo no quarto do meu pai antes de ir embora.

Ele parece mais velho contra os lençóis.

— Thomas – ele exclama surpreso.

— Como está se sentindo?

— Melhor.

— Ótimo – minha voz é fria.

— Thomas, escute, sei que não vai me perdoar.

— Papai...

— Só queria que entendesse... Eu acreditava que estava fazendo para seu bem.

— Eu realmente não quero mais discutir esse assunto e, tem razão, não dá pra perdoar. Porém, fico aliviado que esteja bem.

E sem mais eu saio do quarto. Ainda não estou pronto para perdoar Jack. Não sei se um dia estarei. Tenho outras coisas na minha cabeça por hora.

Eu dirijo até sua casa sem nem mesmo cogitar outra opção. Estaciono em frente ao prédio e subo ao seu apartamento, batendo na porta.

Liz abre a porta e de repente sou invadido pela sensação de déjà-vu. Ela está vestindo apenas uma camiseta velha com os cabelos soltos sobre os ombros. Parece demais com aquela manhã em que a beijei pela primeira vez.

Pela sua expressão ela está se lembrando da mesma coisa.

— Oi – sussurra com um sorriso.

Eu a puxo pra mim e a beijo.

E como há oito anos, eu a empurro para dentro, fechando a porta com meus pés. Diferentemente de antes, hoje eu a pego no colo e a levo pra cama.

Capítulo Vinte e Seis

Liz

Perfeição.

Não existia outro nome para aquela sensação sublime que era ter Thomas se movendo dentro de mim. Podia ser lento e suave como agora ou rápido e duro, como era geralmente quando começávamos. Não importava. Sempre era incomparável.

Abro os olhos, desfocados pelo desejo e percebo o quarto na semiescuridão da madrugada, os lençóis desfeitos e Thomas pairando sobre mim. Seu corpo lindo colado no meu, escorregando sobre o meu, nossos quadris se movendo em sintonia num delicioso atrito. Seus gemidos roucos em meu ouvido e seus dedos retirando os fios de cabelo do meu rosto suado.

Ele me encara com os olhos azuis intensos. Sinto-me queimar.

— Tudo bem? Está muito devagar?

Eu sacudo a cabeça negativamente.

— Não... está perfeito... – ele sorri. Lindo. E me beija, intensificando os movimentos, me penetrando mais fundo, mais rápido, eu soluço agarrando seus ombros com

minhas mãos ansiosas, cravando as unhas na sua pele e não demora muito para me desmanchar embaixo dele.

Depois o silêncio, quebrado apenas pelo barulho de nossas respirações voltando ao normal. Thomas se move para o lado e me puxa contra seu corpo ainda quente, se encaixando atrás de mim e depositando um beijo doce em minha nuca.

Alguns tempos depois ouço seu ressonar. Ele dormiu, eu permaneço acordada. Penso em como as coisas mudaram nas últimas duas semanas, desde que descobrimos sobre Nina e decidimos embarcar naquela jornada para salvá-la.

Eu não tinha pensando muito no que implicaria ficar com Thomas de novo. Eu apenas seguia o instinto intrínseco de que eu teria que fazer qualquer coisa para salvá-la. E então, de novo eu estava na cama de Thomas. E o que eu podia dizer? Ele ainda era o melhor sexo que eu podia ter, não havia nem comparação com qualquer coisa que eu tivesse vivido antes ou depois. Nós éramos perfeitos juntos, como se tivéssemos sido feitos para nos encaixar.

E, sem que eu conseguisse evitar, ele começou a se infiltrar por meu coração de novo. Não que ele tivesse saído um dia. Eu o trancara em algum lugar escondido. Assim como o amor por minha filha. Os dois estavam perdidos pra mim.

A vida às vezes tomava rumos inexplicáveis, a

linha do destino se enrolara em volta do mundo e nos conectara novamente. Nós três.

E o que ia acontecer agora? Eu não fazia ideia.

Eu havia escolhido viver um dia de cada vez. Passava os dias no hospital, aprendendo a ser médica, junto com os outros internos tendo Thomas me supervisionando, nossos olhares se encontrando e fugindo, se encontrando de novo, até que um dos dois arranjasse alguma desculpa para nos trancarmos na sala de medicação para passarmos alguns instantes roubados sacudindo os armários.

Nina continuava a não demonstrar nenhuma melhora, eu a via definhar enquanto permanecia do seu lado todo o tempo que me era dado, rezando todas as noites, depois que Thomas gozava dentro de mim, para que um bebê viesse para salvá-la.

Nós estávamos juntos todas as noites. Estabelecemos uma espécie de rotina, na qual íamos para minha casa ou a dele depois do dia puxado no hospital. Nós jantávamos e depois cama. E, por algum tempo, eu me esquecia de tudo a não ser as sensações incríveis que ele me proporcionava. Naqueles momentos eu me permitia ser aquela Liz do passado, jovem e despreocupada. Apaixonada. Eu podia fingir que éramos só um homem e uma mulher ocupados em tirar prazer um do outro.

Depois, junto com a quietude vinham os medos e as incertezas.

A preocupação com Nina e sua saúde frágil. O receio de não engravidar. E o pânico por saber que a cada noite que passava, eu me deixava envolver mais um pouquinho por Thomas.

E me angustiava sem saber o que iria acontecer. Às vezes eu achava que ele tinha mudado. Que aquele Thomas que havia me virado as costas, que se negava a se envolver, não era o mesmo Thomas que demonstrava tanto amor por Nina e parecia comprometido comigo e nosso propósito.

E se fosse só isto? E se bastasse eu engravidar para ele me deixar novamente, se transformando naquele Thomas egoísta e galinha que levava as enfermeiras para a sala de medicação?

Eu tinha medo. E tentava não pensar. Simplesmente fechava os olhos e aproveitava a felicidade roubada que era ter seus braços a minha volta. E esperava pelo dia de amanhã.

Acordo nas primeiras horas do dia e Thomas continua dormindo.

Eu me levanto, tomo um banho e me visto. Iria fazer café antes de acordá-lo. Tento não pensar em como aquela rotina parece normal e doméstica. Como se

fôssemos como qualquer outro casal.

Quando a campainha toca e eu franzo a testa, indo abrir a porta. Será que era o porteiro com correspondência?

Não era o porteiro que estava na minha frente.

— Oi Lili.

— Peter...

Empalideço horrorizada ante o sorriso dele, que sem desconfiar do meu pânico, entra e me abraça forte.

Sinto meu coração disparado, sem saber o que fazer, paralisada de tensão.

— Nossa, que saudade! Não imagina como que queria ter voltado antes...

Ele tenta me beijar e eu finalmente saio do meu estupor, dando um passo atrás.

— Peter, eu não te esperava...

Ele continua sorrindo, enquanto entra na sala e tira o casaco jogando-o no sofá.

Eu preciso que ele vá embora.

Deveria estar aliviada por enfim Peter estar na cidade para podermos conversar, no entanto, agora que o momento chegou só me sinto apavorada.

— Sei que precisa ir trabalhar, acabei de chegar e queria muito te ver. Podemos sair, tomar café juntos e...

De repente ele para o que estava dizendo, seus

olhos se movendo em direção ao corredor, chocados.

E eu não preciso olhar para saber o que Peter viu.
Merda!

Eu me viro e Thomas está parado na porta da sala, usando apenas cueca boxer com os cabelos bagunçados.

— Que porra é essa? – Peter recupera a voz.

— Peter, calma – eu balbucio trêmula.

— O que este cara está fazendo aqui Liz? E sem roupa, caralho?

— Acho que é bastante óbvio – Thomas responde calmamente.

— Thomas, por favor, – imploro e nem sei o quê.

Eu só quero evitar uma tragédia.

Sinto a fúria de Peter crescendo.

— Não adianta tentar colocar de outra maneira, Liz. Conte logo a ele o que estou fazendo aqui.

Peter me encara. Vejo a súplica em seu olhar. Ele quer estar errado. Quer que eu negue que Thomas estava na minha cama.

Oh Deus!

— Liz, que merda está rolando aqui?

Eu sinto meus olhos cheios de lágrimas. Eu ia magoá-lo e ele ia me odiar.

— Sinto muito, Peter...

— Meu Deus! – Peter dá um passo atrás, os olhos cheios de confusão. – Está dormindo com este cara?

— Peter... – eu não consigo falar. Busco dentro de mim qualquer explicação que amenize a situação, não encontro.

Ele segura meus ombros.

— Responde porra!

— Não é obvio? – Thomas diz friamente se aproximando tentando me puxar para longe de Peter – acho que é melhor você ir embora.

— Ah, seu filho da puta! – Peter parte para cima de Thomas e desfere um soco em seu rosto.

Eu grito.

Thomas se apruma rapidamente e parte para cima de Peter o empurrando antes que consiga dar outro murro.

Eu consigo me mover me colocando entre os dois, ponho minhas mãos no peito de Thomas, impedindo-o de continuar.

— Para, Thomas, pelo amor de Deus!

— Foi este escroto que começou!

— Saia da frente, Lili. Eu vou quebrar a cara deste filho da puta! – Peter ofega atrás de mim e eu me viro.

— Peter, pare você também! Não vou deixar vocês brigarem mais na minha casa!

O dois se encaram por cima da minha cabeça, com

raiva.

Eu me viro para Thomas.

— Por favor, vá embora.

— Liz, porra...

— Por favor. Você sabe que preciso conversar com Peter... Por favor.

Thomas hesita por um momento, por fim, se afasta para o quarto.

Eu olho pra Peter. Parece arrasado e puto ao mesmo tempo. Ele desvia o olhar dos meus. Sinto meu peito doer.

Cruzo os braços e fico em silencio. Thomas aparece vestido cinco minutos depois. Eu o acompanho até a porta.

— Não quero deixa-la sozinha com este cara.

— Eu preciso conversar com ele sozinha.

Thomas parece frustrado e irritado quando me encara.

— Você vai continuar com ele? Vai pedir pra ele te perdoar?

— Thomas... não me pressione, por favor.

— Certo, foda-se! – Ele vai embora e eu fecho a porta, tentando não me preocupar com o fato de ele estar irritado comigo também.

Por hora eu preciso resolver minha questão com

Peter.

Volto pra sala e Peter finalmente me encara com olhos acusatórios.

— Era sobre isto que queria falar quando me ligou naquele dia?

— Era... só não é como está pensando...

— Merda, Liz, o que eu posso pensar? Eu chego e pego este cara saindo da sua cama de cueca! Eu pensaria o óbvio, que estavam fodendo!

— Você precisa entender a situação...

— Que situação? Eu sei que tem uma história com este cara, que ele te abandonou grávida e sozinha e...

— É justamente sobre isto...

— Isto o quê? Como pode estar na cama dele de novo, depois de tudo? Nós ficamos noivos! Que inferno, Liz!

— Me desculpe, eu sei que parece horrível e talvez seja mesmo. Precisa se acalmar e me ouvir. Eu não resolvi simplesmente te trair com Thomas...

— E o que está acontecendo?

— Eu te contei que tive uma filha...

Ele franze a testa.

— O que isto tem a ver?

— Nós a encontramos.

— O quê?

— Ela é a irmã do Thomas.

— Como é que é?

— Nina. A irmãzinha do Thomas é na verdade nossa filha.

— Como é possível, Liz?

— O pai dele e minha mãe cuidaram da adoção e o doutor Jack resolveu ficar com a menina e mentir para todo mundo.

— E só foi revelado agora?

— Sim, porque ela está doente.

— Meu Deus... por que você está fazendo isto? Por acaso está com esse cara de novo, simplesmente jogando fora as promessas que fez a mim, me enganando...

— Eu tive que fazer. Nina tem leucemia. E se ela tiver um irmão, há uma grande chance de ser compatível.

Seus olhos se arregalam quando ele começa a entender.

— Está me dizendo que está tentando engravidar de Thomas Hardy novamente?

— Sim.

Peter perde a fala.

Ele fica em silêncio digerindo o que eu acabei de contar.

— Sei o quanto é difícil pra você. Sei que deveria ter sido sincera. Você estava longe. Eu queria ter te

contado, só não tive coragem. Queria que estivéssemos frente a frente. E jamais ia imaginar que fosse pegar o Thomas aqui em casa, não queria te magoar deste jeito.

— Está me arrasando Lili.

— Me desculpe. Sei da minha culpa. Não podia não tentar salvar minha filha.

— Mesmo tendo que ficar com o cara que te magoou tanto?

— Isto nem importa mais, Peter.

Ele ri irônico.

— Não importa? Agora é assim? O que quer dizer? Estão apaixonados de novo? Estão brincando de família feliz, enquanto eu estava em Seattle procurando uma casa para nós dois começarmos vida nova juntos.

— Eu sinto muito... — Começo a chorar, arrasada com o tamanho da decepção que estou causando a Peter.

Ele chora também.

E por algum tempo nós ficamos assim. Eu culpada, ele decepcionado.

Não queria que a situação tivesse chegado a este ponto. Como eu poderia evitar? Não sei.

Por fim, Peter me encara com olhos tristes.

— Sabe de uma coisa? Por um lado, estou feliz que tenha reencontrado sua filha. Acho que no fundo nunca seria feliz de verdade sem ela. E sinto muito que esteja

doente. Mas é difícil aceitar que está dormindo com este cara. Eu fico com ciúmes. Com inveja, porque é ele quem está com você, que vai fazer um filho em você. Eu imaginei tanta coisa para nós, nosso futuro...

— Não é como imagina... Eu e Thomas não estamos juntos realmente.

— Não?

— Eu não sei explicar. Está tudo... nebuloso. A gente está transando e ficamos juntos todo o tempo, mas temos um propósito. Não é como se fossemos um casal, ou...

De repente eu vejo um brilho diferente no olhar de Peter.

— Não está apaixonada por ele?

— Peter... — eu desvio o olhar, porque no fundo sei a resposta e não quero magoar Peter mais.

Ele segura minhas mãos.

— Eu não quero abrir mão de você, Lili, inferno, eu te esperei por todo este tempo! Se você diz que ainda há uma chance, que este lance com Thomas é só pela gravidez, poderemos tentar.

Eu não podia acreditar no que Peter estava propondo.

— Está dizendo que me aceitaria de volta? Mesmo com tudo que está acontecendo, mesmo com um bebê de Thomas?

— Sim, se você me quiser.

Oh Deus, o que eu podia dizer?

Olho para nossas mãos unidas, penso naquela possibilidade.

E não sinto o que deveria sentir. Não posso ficar me enganando. Eu gosto de Peter demais. Se eu não tivesse reencontrado Thomas, ou Nina, talvez eu encontrasse alguma felicidade com ele. Agora, eu não posso aceitar mais.

Não sei o que será de Thomas e eu, só não posso mais magoar Peter.

Eu seguro suas mãos, levo a meus lábios e as beijo, soltando-as em seguida.

— Sinto muito, Peter, é melhor terminarmos tudo.

— Lili...

— Não posso mentir pra você. Eu estou apaixonada pelo Thomas sim. Sei que não deveria, estou morta de medo do que vai acontecer, de sofrer de novo, infelizmente é assim que as coisas são.

Peter me lança um olhar triste, seus ombros caem.

— Quero que sua felicidade Lili – ele diz por fim – só espero que este cara possa fazê-la feliz e não te abandone como da outra vez. E se acontecer, você sabe onde me encontrar.

Ele se levanta e vai embora.

Me deixando ali, triste e aliviada ao mesmo tempo.

Eu vou para o hospital e procuro Thomas em todos os lugares, não o encontro.

Vou até o quarto de Nina e ela sorri quando me vê.

— Oi querida – eu beijo sua testa.

— Oi Liz, você está triste?

Como ela percebeu? Talvez meu rosto pálido e as olheiras me denunciassem.

— Um pouquinho, querida.

Ela toca meu rosto. É o melhor toque do mundo.

— Por que está triste?

— Coisas de adultos.

Ela rola os olhos.

— Thomas e Amber sempre dizem a mesma coisa. Sabe que o Thomas está triste também?

— Ele esteve aqui? – Fico alerta.

— Sim, claro. E aí a Amber pediu que ele fosse buscar umas coisas minhas em casa.

— Ah, entendo.

— Olha, se você e o Thomas brigaram, precisam fazer as pazes.

— Por que acha que brigamos?

— Hum, eu sei que são namorados – ela cochicha

— o Thomas me contou. Fica tranquila que eu sei que é segredo.

Eu sorrio.

— Você é muito esperta, não é?

— Sou sim!

Amber entra no quarto.

— Liz, posso falar com você?

— Claro.

Eu saio do quarto e Amber me encara.

— Está acontecendo alguma coisa? Thomas passou por aqui todo puto e você se atrasou muito...

— Não acho que seja da sua conta, Amber.

— Certo, então resolvam entre vocês. Se quer saber, ele está na nossa casa. Se quiser conversar com ele fora do hospital.

— Não posso sair...

— Pode sim, te dou cobertura.

E assim, eu me vejo dirigindo para a casa dos Hardy, como fazia tanto tempo atrás.

A última vez que estive ali estava grávida de Nina. Lembranças doloridas. Mas aquela casa também trazia lembranças boas. Ao estacionar em frente ao belo jardim e saltar prefiro me apegar a lembranças boas.

A mesma senhora latina abre a porta.

— Olá, Thomas está? Meu nome é Liz, sou colega

do hospital...

— Ah claro, entre. O menino Thomas está na piscina.

Piscina?

Eu caminho até lá, pensando naquele dia, quando fiz o mesmo percurso cheia de medo e o encontrei numa festa rodeado de garotas.

Será que tudo teria sido diferente se, em vez de ter me virado e ido embora, eu tivesse ficado e conversado com ele? Será que ele teria sido um escroto e me deixado na mão?

Eu nunca saberia.

Ele está mesmo na piscina. Vejo seu copo forte atravessando a água com braçadas poderosas.

Até que ele emerge e seus olhos se prendem mim.

— Matando dia de trabalho, doutor Hardy? — Indago suavemente.

Ele parece lindo com a água escorrendo por seu cabelo. Seus olhos ainda estão desconfiados quando se prendem nos meus.

— Você também.

Eu dou de ombros, me aproximando da borda.

— Precisamos conversar.

— Já resolveu seu outro assunto? — Pergunta na defensiva.

Eu sacudo a cabeça afirmativamente.

— E?

— Nós terminamos – respondo simplesmente. Não quero entrar em detalhes sobre Peter com Thomas. Nem importa mais.

Vejo o alívio passando por sua expressão.

Nós ficamos nos olhando. Quero dizer tantas coisas. Mas tenho medo.

— Desculpe-me por hoje cedo – Ainda me sinto mal por ele ter ficado bravo também.

Eu deveria ter resolvido o problema com Peter há tempos.

— Vem aqui – Pede e eu me aproximo da piscina. Ele estende o braço e me puxa antes que eu consiga impedir.

— Thomas! – Reclamo ao emergir cusbindo água e, sem demora, ele cinge minha cintura com as mãos e me beija.

E tudo o mais desaparece.

Seu beijo leva embora toda a tensão daquele dia e até boa parte das incertezas.

Deixo-me ficar ali, em seus braços, as águas nos cercando, nos embalando, nossos corações se aquietando.

Perfeição.

Quando o beijo termina, encosto a testa na sua.

— Que diabos está fazendo aqui?

— Te beijando.

Eu rio.

— Não, você entendeu.

Ele se afasta um pouco, me encarando e vejo um resquício de frustração em sua expressão.

— Estava com a mente cheia. Precisava esfriar a cabeça.

— Esfriou?

— Com você aqui, sim – ele me aperta mais.

De novo me vem aquela vontade de falar.

De dizer o que estava dentro do meu coração. De perguntar se ele podia sentir o mesmo. Me calo.

Talvez não fosse o momento. Eu sentia que primeiro precisava ter Nina em segurança. Ela deveria importar mais que tudo.

Minha história confusa com Thomas podia esperar.

Uma vozinha em meu intimo sussurra que estou sendo covarde. Eu tenho medo de ser rejeitada de novo. De Thomas fazer a mesma coisa que fez quando me declarei: Fugir.

Solto um espirro e Thomas ri.

— Vamos sair e te enxugar.

Nós saímos da piscina e ele me joga uma toalha, eu tento me enxugar, mas minha roupa está ensopada.

— Não posso ficar com essa roupa.

— Vamos subir, deve ter algo de Amber que lhe sirva.

Nós subimos e ele me leva para seu antigo quarto.

— Fique aqui, use o banheiro se quiser. Eu vou pegar algo no quarto de Amber.

Ele se afasta e eu vou pro banheiro, tiro as roupas molhadas e me enrolo numa toalha.

Volto para o quarto e paro estarecida ao ver o quadro na parede.

É o mesmo quadro que eu lhe dei oito anos atrás.

— Aqui está – Thomas retorna e seu olhar segue o meu.

— Você o manteve aqui – murmuro.

Ele se aproxima.

— Onde mais estaria?

— Eu achei que...

— O que achou Liz?

— Que talvez não quisesse ficar com nada meu.

— Foi a única coisa sua que me permiti ficar.

Quis dizer que ele poderia ter ficado comigo, não ousou.

Nossos olhares se encontram e eu sei que ele está pensando o mesmo. Não quero mais ficar pensando no passado.

Ele não pode ser mudado.

— Liz, eu...

Eu toco seu rosto, seus lábios.

— Shi, não fala nada. Apenas... me beija.... me beija...

E, com um gemido ele me beija forte. E me leva para sua cama.

Eu rolo por cima dele, ainda com nossas bocas coladas. Thomas já arrancou a toalha e jogou longe, o que faz nossos corpos se roçarem num delicioso atrito.

Eu sento em seu colo encarando seus olhos pesados de desejo, que me deixa pegando fogo.

— Você é incrível, sabia? – Murmuro embevecida e ele ri daquele jeito sacana, os dedos subindo para apertar meus seios.

— E você é gostosa.

É minha vez de sorri com perversidade e abaixar a cabeça para beijar seu peito nu.

Thomas geme e eu me sinto mais empolgada em continuar minha inspeção, descendo com meus lábios por sua pele com gosto de piscina, ouvindo seus gemidos aumentarem, até chegar em sua sunga, que eu arranco sem cerimônia, segurando sua ereção em minhas mãos ávidas por agradar.

— Porra, Liz – Ele grunhiu. Eu acho lindo.

— Gosta disto, doutor Hardy? – Eu o acaricio devagar e Thomas solta outro palavrão – Devo entender como um sim?

— Porra, sim. Coloca sua boca aí, baby – Ah, o jeito que ele ordenou me deixou arrepiada.

E quem era eu para negar qualquer coisa aquele homem?

Com um suspiro feliz, eu o obedeci.

Capítulo Vinte e Sete

Amber

Tudo o que eu queria quando cheguei em casa naquela noite, era um banho e cama. Eu estava cansada e todo dolorida por dormir na pequena cama de hospital com Nina todas as noites. Como poderia ser diferente? Aquela menina era dona do meu coração. E olha que muita gente duvidava que eu tivesse um. Eu mesma às vezes me pegava tentando entender como eu podia se tão avessa a emoções e ao mesmo tempo me desmanchar de amor por uma criança. E eu detestava crianças.

Com Nina foi diferente. Eu ainda me lembrava daquela tarde quando cheguei em casa da faculdade e Diana me mostrou aquele pequeno embrulho rosa, dizendo que era minha irmã.

E achava que era uma brincadeira. Diana e Jack eram velhos, não podiam ter um bebê! Diana havia rido quando eu disse com desdém. “Não seja boba, não sou tão velha assim, vocês jovens, acham que qualquer um com mais de 30 é um decrépito” Eu rolara os olhos me aproximando para ver o que ela guardava no embrulho ainda achando que podia ser algum tipo de pegadinha, então perdi meu coração para sempre. Ali, no colo de

Diana, estava a criança mais linda do mundo, me encarando com seus límpidos olhos cinzentos como se me conhecesse. Estendendo suas mãozinhas em direção ao meu longo cabelo loiro. “Olha só, ela gostou de você”. Diana colocou Nina em meu colo sem cerimônia e eu não a impedi. Estava encantada.

— Oi bebê, você é tão linda – sussurrei passando as mãos por seus cabelinhos que pareciam muito com os meus e de Thomas. E encarando Diana perguntei – de onde vocês tiraram este bebê?

Ela rira – Nós adotamos, querida. Ela não é linda?

— Sim, ela é – concordei, voltando minha atenção para a neném, fascinada com seu cheirinho de talco, sua pele macia e seus olhinhos vivos. Ela era perfeita.

E dali por diante, ela havia passado a ser o centro da nossa disfuncional família.

Eu nunca poderia imaginar que sua chegada em nossas vidas se dera em cima de um amontoado de mentiras. Ainda era surreal quando eu pensava que papai mentira para todos nós todos aqueles anos, que continuaria mentindo se Nina não tivesse ficado doente.

E agora vivíamos todos em cima de uma nova e incrível realidade: Nina não era minha irmã de criação. Ela era minha sobrinha de sangue, filha de Thomas.

E em breve Thomas teria outro bebê, ou assim nós esperávamos. Pelo menos eu não podia reclamar que ele e

Liz não estavam tentando.

Ontem mesmo eu os flagrei saindo da sala de medicação, ambos com os cabelos desarrumados e roupas desalinhas. Quem diria que um dia eu não daria a mínima por ver Thomas comendo uma garota pelos cantos do hospital?

Será que Liz já estava grávida? Eu precisaria perguntar a ela se já fez algum teste.

— Ei Maria, já está indo embora? — Indago ao entrar na cozinha e abrir a geladeira, pegando a garrafa de água. A empregada sorri, já arrumada, fechando a bolsa.

— Sim, menina. Tem comida pronta no freezer.

Ela se despede e eu chuto os sapatos, me perguntando se como ou vou dormir.

Então ouço passos se aproximando e observo surpresa, Thomas e Liz entrarem na cozinha.

Liz coro ao me ver.

— Ei, Amber — Thomas resmunga, retirando a garrafa de água das minhas mãos e tomando no gargalo.

— Ei, Porco! — Rolo os olhos e encaro Liz — Não sabia que ainda estava por aqui.

— É, eu...

— Parece que tiveram uma tarde produtiva.

Ela cora mais ainda e eu tenho vontade de rir.

Thomas solta um arroto e desta vez nós duas

reviramos os olhos.

— Você não deveria estar com a Nina? – Thomas pergunta, devolvendo a água para a geladeira.

— Diana passará a noite com ela.

Thomas me encara surpreso.

— O quê?

— Não faz esta cara!

— Agora ela se importa?

— Ela não é má pessoa e gosta de Nina...

— Onde ela estava todos esses anos?

— Você sabe por que ela foi embora! O papai que foi um cretino!

— Nisto eu tenho que concordar com você. Mas deixar Nina com ela? Não acho certo.

— Ela é a mãe que a Nina conhece! – Eu relanceio o olhar para Liz e ela parece angustiada. Me sinto culpada – me desculpe Liz, mas é a verdade.

— Eu sei – ela sussurra. – Você acha que um dia... um dia ela poderá saber a verdade?

Eu fico pensativa. Ainda não tinha parado para pensar sobre aquilo.

— Eu não sei. Acho que por hora temos que nos preocupar com sua doença.

— Sim, tem razão – Liz concorda.

— Cadê a Maria? – Thomas pergunta – Liz está

com fome.

— Ela acabou de ir embora. Disse que deixou comida no freezer. Esquente você.

— Deixa que eu faço isto – Liz passa por nós e abre o freezer.

— Ele sabe esquentar uma comida, Liz.

— Não tenho tanta certeza. Thomas é meio inútil quando se trata de cozinha.

Eu solto uma risada e Thomas resmunga um palavrão, se aproximando de Liz.

— Em que posso te ajudar baby?

Eu levanto uma sobrancelha. “baby?”

— Pode lavar a salada sem estragar? – Liz pergunta tirando uma tigela do freezer que parece ser carne com legumes.

Thomas ri pegando um pé de alface com uma mão e apertando a bunda dela com outra.

— Não sou tão inútil assim!

— Prove! – Liz ri, colocando a tigela no micro-ondas.

— Você só está tendo o trabalho de descongelar e está se sentindo muito superior!

— Eu sou superior!

Ele puxa seu cabelo preso num rabo de cavalo e morde seu rosto.

— Para, Thomas! — Ela ri, o empurrando e eu me pergunto quando foi naquelas últimas semanas que eles tinham se tornado aquele casal melado?

Eles continuam a preparar a comida, rindo e se provocando, quase como uma preliminar e eu não sei o que pensar.

Certamente, acho que não esperava por aquilo. Será que eles esperavam?

Eu não era íntima de Thomas e não sei direito até hoje o que havia rolado entre eles no passado. Só sabia que eles namoraram durante o verão antes de Thomas ir pra Harvard e que terminaram.

Será que eles se davam conta do que estava rolando agora? Por que aquilo não me parecia duas pessoas fazendo sexo apenas para gerar um bebê.

— Vai comer com a gente? — Liz pergunta colocando pratos na mesa, me tirando do devaneio.

— Não, vou tomar banho e dormir. Estou cansada — de maneira alguma eu ia ficar ali assistindo Thomas fazendo sexo com os olhos com sua namoradinha.

Eu me afasto para meu quarto e, quando deito pra dormir, ainda escuto a risada deles em algum lugar da casa. Merda, eles estavam apaixonados.

E não sei por que isto me deixou com certa inveja.

Na manhã seguinte no hospital eu os observo de novo, sob uma nova perspectiva. Obviamente, eles

tentavam disfarçar na frente dos outros, principalmente dos internos, para um observador mais atento a atração era óbvia. Ele se movia, ela se movia. Como uma dança.

— Ei, vamos almoçar naquele tailandês? – Chloe pergunta parando ao meu lado.

— Pode ser... – Seu olhar segue o meu e ela também vê Liz e Thomas do outro lado do vidro, onde ele a ensina a fazer uma sutura – eles acham que enganam alguém?

Eu a encaro com os olhos franzidos.

— O que você sabe?

— Que eles estão juntos e se divertindo bastante tentando fazer um bebê pra salvar Nina?

— Quem te contou?

— Josh.

— Quem diabos é Josh?

— Meu namorado?

— Quê? Desde quando tem namorado?

Ela ri.

— Faz só alguns dias.

— Ainda não sei quem é seu namorado.

— Ele é amigo do Thomas. E da Liz. Thomas contou tudo a ele que me contou. Não se preocupe, eu sou discreta. Só não sei se eles são! – Ela aponta para Thomas e Liz.

— Não está mais apaixonada pelo Thomas?

— Nunca fui apaixonada pelo Thomas.

— Não? Pensei que arrastasse um bonde por ele.

— Eu e toda a população feminina deste hospital.

Menos você, claro. Eca. Era só isto, uma atração. E eu estou apaixonada agora – ela completa sonhadoramente.

— Sei... – Ótimo, mais uma apaixonada para eu aguentar. O que deu naquela gente? Será que era a água?

Ela se afasta com seu ridículo sorriso apaixonado e Liz sai da sala de sutura.

— Liz, posso falar com você um instante?

— Claro.

Ela me segue até uma sala vazia.

— Você já fez um exame? De gravidez?

— Ainda não – ela fica apreensiva.

— Acho que deveria fazer.

— Sim, tem razão. Eu vou fazer agora – ela respira fundo – acho que estou com medo.

— Não fique. Tenho certeza que vai dar tudo certo.

— Espero que tenha razão.

Naquela tarde eu me surpreendo ao ver Diana no quarto do meu pai. Ele parece estar melhor.

— Oi Diana, ainda por aqui?

Ela sorri.

— Estava conversando com seu pai. — Eles trocam um olhar.

— Sei... — Eu tento entender que porra estava acontecendo ali. — Obrigada por ter ficado com Nina ontem.

— Não foi nada. Sempre que precisar.

— Bom, agora que ela tem uma mãe de verdade, acho que não vai mais precisar — não consigo evitar meu sarcasmo.

Diana não parece se ofender.

— Isto é bom para ela. Pretendem contar a verdade?

— Não ainda.

— Sim, melhor esperar ela estar bem de saúde.

— É com isso que todos nós esperamos — eu relanceio um olhar para meu pai, ele adormeceu — e por que está aqui com meu pai? Pensei que o odiasse.

— Eu não o odeio — seu olhar diz tudo.

— Ainda o ama? Como pode?

— Nós não escolhemos quem amar, Amber.

— Não entendo como pode perdoá-lo.

— E de que adianta tanto rancor? A vida é tão frágil.

— Passou seis anos alimentando rancor!

— E para que serviu? Passei anos sozinha tentando esquecer o que sentia. Lutando contra a solidão. Eu fui muito intransigente. Não sei se poderia ter feito diferente, lutado mais para que ele contasse a verdade, ou eu mesma ter revelado tudo, não sei. Agora percebo que talvez tenha perdido seis anos da minha vida. Anos que poderia ter me dedicado a Nina, que não tinha nada a ver com os problemas dos adultos. E agora ela está doente e seu pai também.

— Ele vai ficar bem.

— Nina também. Temos que ter fé.

— E então, estão juntos de novo?

— Quem sabe? Agora todos sabem a verdade. Nina tem os pais verdadeiros que estão do seu lado, como deveria ter sido desde o começo. E seu pai vai ter que lidar com as consequências dos seus próprios erros.

— E vai ficar do lado dele?

— Não quero mais ficar sozinha.

— Bom, faça o que acha que deve fazer.

— Eu posso ficar com Nina hoje novamente.

— Obrigada, não será preciso.

Eu saio do quarto atordoada.

Era como se todo o mundo estivesse de ponta cabeça. Fora do eixo.

Me sinto extenuada. Deslocada.

Sozinha.

Merda!

Passo pelo quarto de Nina. Ela está dormindo. Beijo seu rostinho e vou para o vestiário, alguns médicos estão saindo, ao final de um dia de trabalho.

Eu entro e vejo Erick.

Ele está tirando a camisa e sem querer me vejo admirando seus músculos. É bem gostoso, não posso negar.

Ele se vira e me pega o secando e sorri de lado. Sinto um arrepio.

— E aí, gostou de alguma coisa aqui? – Seu tom é malicioso, embora ainda brincalhão.

Ele já deu em cima de mim incontáveis vezes. Em incontáveis tons. E, apesar de eu o achar bem interessante, nunca quis nada com ele.

Eu tive alguns namorados. Nada memorável. Todos se cansavam de mim, da minha ambição. Se decepcionavam quando viam que eu não era uma loira gostosa sem cérebro. E eu não estava nem aí. Não queria me apaixonar. Eu tinha minha carreira. E estava bem assim.

De repente eu não consigo mais achar os motivos dentro de mim que me faziam rejeitar Erick.

Ele era amigo do meu irmão, era tão sacana quanto e parecia ter mais músculos que cérebro. E daí? Todo

mundo se divertia naquele hospital, porque eu não podia fazer o mesmo?

Sem pensar, eu caminho em sua direção e o jogo contra o armário, prensando meu corpo no seu.

— Porra! – Ele exclama surpreso.

Aperto minhas mãos em seus bíceps.

— Cala a boca! – E o beijo.

E, puta que pariu, por que eu não tinha feito isto antes? Erick geme e agarra meus quadris, enfiando a língua na minha boca e é a minha vez de gemer, adorando sentir como ele está ficando duro. Ah sim. A gente ia se divertir.

Assim que esse pensamento passa pela minha cabeça, ele para de me beijar.

— Wow!

— O que foi?

— Calma, aí... – ele parece atordoado, quando dá um passo para longe de mim.

— Calma? Achei que a gente ia transar!

— Não mesmo!

Eu me irrita.

— Está me rejeitando? Achei que era o que queria!

— Eu quero. Quero muito.

— Então por que está aí e eu aqui?

— Porque não quero ter uma transa rápida com você contra os armários.

— O quê? – Agora sou eu que estou atordoada.

— Eu gosto de você, Amber. Não quero que seja como as outras.

Eu me arrepio de novo com aquelas palavras. Com a intensidade do seu olhar. E fico surpresa por gostar daquilo. Demais.

Merda. Eu estava ferrada.

— E o que você quer?

— Para começar, um jantar – ele dá de ombros, de novo com aquele sorriso safado – se rolar sexo depois...

— Ok, sábado, às 20h. Me pega em casa! E vê se me leva num lugar caro – eu passo por ele e aperto sua bunda, sussurrando em seu ouvido – poderá se dar bem depois.

Então saio do vestiário com um sorrisinho bobo no rosto.

Definitivamente devia ser a água.

— Amber – a enfermeira me chama, quando estou chegando ao quarto de Nina. – Disse que era para te passar os resultados da Doutora Spencer assim que saíssem – ela me entrega o exame.

— Obrigada – eu o pego e o leio.

Positivo.

Liz estava grávida. Sinto meus olhos se enxerem de lágrimas.

— Amber, o que foi? – Eu levanto o olhar e vejo Nina me encarando na porta do quarto.

— O que está fazendo aqui? Não deve fazer esforço, bebê! – Eu a pego no colo e a levo para dentro.

Ela abraça meu pescoço.

— Me sinto melhor, hoje, Amber. Posso ir pra casa.

Eu tenho mais vontade de chorar.

Eu sento sobre uma poltrona e a coloco no meu colo.

— Eu sei que quer ir pra casa. Eu prometo que vai ficar boa e voltar em breve, está bem?

— Não hoje? – Ela fica triste.

— Não hoje, meu amor.

— Por que está chorando?

Eu toco seu rosto.

— Porque hoje, surgiu uma nova esperança.

— Esperança?

— Sim, para sua cura.

Seus olhos ficam confusos.

— Como assim?

— Nina, você sabe que o Jack e a Diana são seus

pais adotivos, não é?

— Sim, eu sei.

— E se eu dissesse que você pode conhecer seus pais biológicos?

Seus olhos se iluminam.

— Sério? De verdade? Minha mãe de verdade?

— Sim, querida.

— Eu queria muito!

— Então, encoste sua cabecinha aqui no meu ombro. Que eu vou te contar uma história.

Capítulo Vinte e Oito

Liz

— Está distraída.

Eu levanto a cabeça e encontro o olhar de Thomas do outro lado da mesa. Nós estamos no seu apartamento onde acabamos de jantar. Como sempre, eu cozinhei e Thomas ficou responsável pela louça. Era uma boa troca.

Geralmente eu estaria ansiosa para o que viria depois. De como em algum momento ele me puxaria pra perto, mergulharia seus incríveis olhos nos meus e por fim, encheria minha boca de beijos molhados. E mil borboletas sobrevoariam meu estomago, deixando meu corpo leve e pesado ao mesmo tempo. Então passaríamos horas perdidos um no outro.

Mas hoje eu me sentia diferente. Desde que Amber me alertara de que eu devia fazer o exame minha ansiedade era outra.

— Eu fiz o exame hoje – murmuro me levantando da mesa e retirando os pratos – acho que estou nervosa – completo, de costas pra Thomas.

Ele levanta e se coloca atrás de mim. Toca meus ombros. Fecho os olhos.

— Vai dar tudo certo, Liz. — Sua voz abafada sai contra meus cabelos.

Suspiro. Quero acreditar nele. Tenho medo de acreditar.

— Acha que já estou grávida?

— É bem possível, dada a maneira que estamos tentando — ele imprime humor em sua flexão; apesar de nós sabermos que no fundo não tem nada de engraçado.

A verdade é que estamos há dias seguindo aquela rotina de sexo, como se não fosse nada demais. Como se tanta coisa não dependesse disto. Não éramos simplesmente dois amantes passando um tempo juntos saciando desejos. E eu me perguntava o que aconteceria depois que completássemos nosso propósito.

Tenho vontade de perguntar a Thomas. Talvez esteja mais do que na hora de termos uma conversa franca sobre, já que eu posso mesmo estar efetivamente grávida.

— Thomas — eu me viro para encará-lo, neste momento a campainha toca. — Está esperando alguém?

— Não! — Ele se afasta para abrir a porta e eu vou atrás.

E nós dois estacamos surpresos quando vemos Amber com Nina no colo.

— Oi Thomas — Amber sorri.

— O que estão fazendo aqui? — Thomas pergunta, quando Amber coloca Nina no chão e entra no

apartamento segurando sua mão.

Meus olhos se prendem em Nina apreensivos. Ela está vestindo um casaco por cima da camisola e, apesar de abatida, não parece mais doente do que já estava. Na verdade, há um brilho em seus olhinhos espertos quando ela os crava em mim.

— Nina, o que faz aqui? – Pergunto preocupada ainda, apesar da minha inspeção.

— Oi Liz – ela olha pra Amber, como se esperando uma ordem.

Thomas fecha a porta e vem até nós, nossos olhares se encontram confusos.

— Sim, o que estão fazendo aqui? Por que tirou Nina do hospital a essa hora? – Ele toca o rosto de Nina, fazendo sua própria inspeção preocupada.

— Ela está bem, Thomas. Acha que eu a tiraria do hospital se não estivesse?

— Não fica bravo com a Amber, Thomas – Nina pede com sua vozinha infantil – fui eu que pedi para vir.

— Você? O que aconteceu? – Ele toca seu rosto carinhosamente agora.

— Nina queria vir pessoalmente dar uma notícia. Por que não nos sentamos?

Ela se senta sobre o sofá e abre a bolsa.

Nina se aproxima dela e Thomas me puxa para outro sofá.

Amber pega um envelope dentro da bolsa e entrega a Nina. A garotinha se move em nossa direção e me entrega o envelope.

— O que é isto? – Pergunto.

— É o exame que diz que vai ter um bebê.

Eu escuto o engasgar de Thomas do meu lado.

Meu coração para de bater por um instante.

Eu encaro Nina e ela sorri.

— O meu irmãozinho.

Eu começo a tremer.

Thomas pega o envelope da minha mão abrindo-o e lendo.

Eu não consigo deixar de olhar pra Nina.

— O que disse...? – Indago com a voz embargada de emoção.

— Amber me disse que estavam tentando fazer um irmãozinho pra mim. Pra me salvar.

Eu encaro Amber, com uma pergunta muda no olhar e ela sacode a cabeça positivamente com um sorriso.

— Você sabe quem somos? – É Thomas quem pergunta. Sua voz está tão abalada quanto a minha.

— Sim, Thomas. Amber me contou que você é meu pai biológico – ela confirma animada – e que a Liz é minha mãe! Não é incrível?

Eu solto um soluço, levando a mão a boca para não explodir em lágrimas.

Não consigo conter o choro.

— Oh Meu Deus — sussurro sem ar.

Nina se aproxima e sobe no meu colo.

— Não chora Liz, eu vou ficar bem. A Amber me disse que meu irmãozinho vai poder me ajudar quando nascer. E eu vou adorar conhecê-lo. — Ela me abraça e eu deixo meus braços a envolverem.

Finalmente meu bebê voltou para meus braços.

Eu olho para Amber por cima de seus cabelos e murmuro um “obrigada”.

Ela se levanta e pega sua bolsa. Saindo do apartamento silenciosamente.

Olho para Thomas. Ele também está chorando. Eu passo a mão por suas lágrimas. Ele a segura.

Por um momento ninguém fala nada, apenas ficamos ali, unidos em algo que nunca imaginamos possível.

Éramos nos três juntos. E em breve seríamos quatro.

Ainda parecia surreal demais para acreditar.

Nina levanta a cabeça e me encara com seu sorriso doce.

— Vocês podiam ter me contado antes, né? —

Reclama.

— Nós não sabíamos pitoco – Thomas diz e ela pula para seu colo.

— É, a Amber disse que só o papai sabia e que ele contou a vocês quando fiquei doente.

— O que mais a Amber te contou? Você entendeu tudo? – Thomas pergunta com cuidado.

— Ela me disse que vocês eram namorados e que se separaram. E que aí quando eu nasci a Liz não podia ficar comigo, porque às vezes os pais que são jovens e não são casados não podem cuidar dos filhos. – Eu sorri tristemente sabendo como a Amber tinha simplificado a situação para fazer Nina entender – e que aí o papai decidiu cuidar de mim com a Diana. Sem contar a vocês. Eu fiquei um pouco confusa com esta parte. Amber disse que era pra eu ser criada por outros pais, que vocês acharam que eu estava com outros pais quando o tempo todo eu estava aqui. É meio esquisito né?

— Sim, para dizer o mínimo – Thomas resmunga.

— Agora está tudo bem, porque todos nós sabemos!

— E está tudo bem pra você? Que eu e a Liz sejamos seus pais? – Thomas pergunta.

— Eu adorei! Nunca imaginei que podia ser vocês, é muito legal, porque eu gosto da Liz e bom, você já era meu irmão. Agora é meu pai – ela ri – é engraçado.

Como vou te chamar? E o papai? Terei que chamá-lo de vovô? – Ela parece preocupada.

— Isso não tem importância – Thomas diz – pode ser do jeito que você quiser.

Ela me encara.

— Eu posso te chamar de mamãe, Liz? Eu não chamo a Diana de mãe, então acho que não tem problema!

Eu sinto que vou chorar de novo, mas engulo o choro.

— Claro que sim, meu amor – ela me abraça feliz e ainda puxa Thomas para perto.

— Isso é tão legal! Estou tão feliz!

Eu e Thomas rimos, compartilhando daquela felicidade.

Era incrível que Nina estivesse lidando tão bem com fatos tão insólitos.

De repente ela para e olha de um pra outro.

— E agora que terão um bebê vocês ficarão com ele, não é? – Pergunta apreensiva.

— Claro que sim, Nina – respondo.

— Vocês vão se casar? Por favor, vocês têm que casar e ficar juntos. Assim eu posso ficar com vocês e o bebê também. Por favor! – Ela suplica e eu e Thomas nos encaramos sem saber o que dizer.

E agora?

Capítulo Vinte e Nove

Thomas

— Vocês vão? – Nina insiste ante a resposta muda que paira no ar entre mim e Liz.

Sim, era uma pergunta justa, no final das contas, embora inesperada.

Aliás, o que naquele momento tinha sido esperado?

Eu ainda estava tentando lidar com a feliz surpresa vinda justamente de onde eu menos esperava: minha irritante irmã.

Não podia negar que a ideia de contar a verdade a Nina vinha me apavorando nos últimos dias. Como é que conseguiríamos fazer uma criança de oito anos entender aquela história insólita repleta de mentiras e enganação? Eu me perguntava como ela lidaria com o fato de que o cara que ela conhecia como irmão, na verdade era seu pai biológico.

E agora ela sabia de tudo. E o mais fascinante é que ela estava amando, como se fosse perfeitamente natural que eu e Liz fôssemos na verdade seus pais.

E, para completar, ela agora cravava seus

inocentes olhos infantis em nós esperando uma resposta para sua assombrosa pergunta.

O que podíamos responder? Não era como se eu e Liz tivéssemos conversado sobre algo tão definitivo naquelas duas semanas. Na verdade, a única coisa que vínhamos fazendo quando estávamos sozinhos naquelas últimas semanas era trepar como coelhos. E agora nosso objetivo foi alcançado: Liz estava grávida. E somente essa realidade já era um abalo sísmico por si só. Claro que o tempo inteiro a gente sabia que esse era o propósito. Sabíamos o quão importante era que Nina tivesse um irmão para ajudá-la. Contudo, acho que nunca tinha parado para pensar realmente no significado daquele enorme passo.

Eu e Liz teríamos um bebê.

Um filho.

Uma criança que cresceria nove meses em sua barriga e que viria ao mundo não só para salvar Nina, também para ser cuidado e amado.

Estávamos prontos para tanto?

Eu sentia minha mente girar com todas as possibilidades. Um misto de medo e fascínio dominava meu peito. E, olhando nos olhos de Liz, eu percebo que as mesmas coisas estão passando por sua mente.

O que aconteceria agora?

Já não podíamos nos enganar dizendo que éramos

apenas duas pessoas transando sem compromisso. Teríamos que encarar nosso futuro de frente.

E Nina com sua lógica inocente nos questionava sobre esse caminho, porém, nem eu nem Liz poderíamos responder algo nesse momento.

— Nós vamos conversar sobre esse assunto outro dia, ok, pitoco? – Eu me levanto com ela no colo – agora acho que é hora de voltar ao hospital.

— Não quero voltar ao hospital! – Nina reclama.

— Eu sei, querida. Infelizmente precisa – insisto firmemente, tentando ignorar sua desolação.

— Eu e o Thomas ficaremos lá com você, está bem? Passaremos a noite no hospital – Liz a conforta.

— Não aguento mais ficar lá! – Nina choraminga e Liz acaricia seus cabelos.

— Eu sei meu amor. Ficarei todas as noites com você a partir de agora, ok? Não vai mais ficar sozinha. Eu vou cuidar de você – Garante.

E então, de repente, eu me dou conta da nova realidade. Não havia mais necessidade de fazermos sexo o tempo inteiro, já que a meta havia sido cumprida.

Porra, a quem eu queria enganar? Não posso evitar o fato de um lado meu se incomodar com aquela perspectiva. Aquele lado que sentia que ainda não tinha se saciado dela. Que queria dormir todas as noites entre seus braços.

No entanto, eu também sabia que Nina precisava de nós. Eu já não podia pensar em mim e minhas vontades primeiro. E aquela constatação não me deixa apavorado ou irritado, apenas me deixa com uma certeza intrínseca de que agora existe um novo propósito em minha vida. E, longe de ser aterrorizante, parece apenas certo e natural. É como se eu tivesse nascido para amá-la e protegê-la. Era minha missão na vida.

— Tudo bem — Nina suspira por fim ajeitando a cabeça em meu ombro e Liz pega as chaves do carro.

— Eu dirijo.

Quando chegamos ao hospital, Nina está sonolenta, embora se negando a dormir. A excitação daquele dia a deixara ansiosa.

Eu a coloco na cama, e meço seus sinais vitais, examinando-a rapidamente.

— Eu estou muito bem! — Ela insiste e Liz acaricia seus cabelos.

— E vai continuar assim.

— Quando eu vou pra casa?

— Quando o tratamento terminar, ok?

— Vai demorar?

— Nós não sabemos. Você precisa ter paciência e ficar aqui por enquanto.

— Você vai mesmo ficar comigo?

Liz sorri e beija seu rosto.

— Claro que sim. Vai até se cansar de mim.

— Não vou não! – Nina ri e boceja.

Liz senta ao seu lado, segurando sua mão.

— Você vai ficar também, Thomas? – Ela crava em mim seus olhinhos sonolentos.

— Sim, pitoco. Agora relaxe e durma.

Ela suspira e fecha os olhos.

— Ei, o que estão fazendo aqui? – Erick pergunta aparecendo na porta do quarto.

— Não fala alto, caralho, não quero que ela acorde! – Reclamo e o tiro do quarto.

Nós vamos até a cafeteria.

— Plantão tranquilo? – Pergunto.

— Graças a Deus – ele ri – ainda não entendi o que estão fazendo, aqui. Não estão de plantão.

— Nina já sabe de tudo.

Ele arregala os olhos, surpreso.

— Sério? Como assim? Achei que fossem esperar.

— Amber contou tudo a ela.

— E como ela reagiu?

— Melhor do que esperávamos. Ela adorou.

Ele assovia.

— Que bom... Podia ser um drama. Ainda bem que

a pequena é gente boa. E aí, ficou bravo com sua irmã?

— Nem deu tempo de ficar. Se Nina tivesse reagido mal talvez eu ficasse, mas... no fim, deu tudo certo.

— E por falar em sua irmã... Nós temos um encontro marcado.

Agora sou eu que arregalo os olhos.

— Sério?

— Seríssimo. Sua irmã está na minha, é o que eu digo.

Eu rolo os olhos e jogo o resto do meu café fora, me levantando.

— Me poupe dos detalhes, cara!

Erick ri e eu saio da cafeteria, voltando para o quarto de Nina.

Ela já está dormindo, ressonando tranquilamente.

— Ei – eu toco os ombros de Liz e ela me encara com olhos cansados.

— Ela dormiu.

— Você deveria dormir também.

— Não, quero ficar com ela.

Eu ignoro seu resmungo puxando-a.

— Está cansada. E Nina está dormindo de qualquer maneira, não sentirá nossa falta.

— Eu falei que ia ficar aqui. Prometi a ela,

— Não vamos sair do hospital – eu a puxo para fora do quarto, pelo corredor – só vamos encontrar um lugar mais confortável pra você descansar.

— Realmente não precisa...

Eu abro a porta de um quarto vazio e a seguro pela cintura, erguendo-a e colocando-a na cama facilmente.

— Cala boca, Spencer – eu tiro seus sapatos e ela solta um bocejo.

— Por que está sendo um pé no saco? – Ela resmunga, mas deita quando acabo de tirar seus sapatos.

— Porque precisa se cuidar.

— Eu posso me cuidar sozinha!

Eu tiro meus próprios sapatos e deito ao seu lado.

— Não está mais sozinha, Spencer. Eu estou com você e vou me certificar de que vai cuidar bem deste bebê.

Ela abre os olhos e me encara. Parece confusa.

— Nós vamos mesmo ter um bebê.

Eu sorrio.

— Esse era o objetivo, não é?

— Não parece assustado.

— Você está? – Eu toco seu rosto e ela respira fundo.

— Muito.

— Por quê?

— Eu estive aqui antes. E estava sozinha. — Ela não precisa continuar para eu entender que está falando da gravidez de Nina e eu só consigo imaginar como deve ter sido apavorante para ela estar grávida e sozinha e, além de tudo, ser coagida a dar a criança.

— É diferente agora, Liz. Eu estou com você.

Ela fica me fitando em silêncio e eu tenho vontade de entender o que se passa dentro da sua mente. Será que ela acredita em mim? Será que está duvidando de minhas palavras? Como posso culpá-la? Eu tinha sido um cretino com ela uma vez. E começo a deduzir que agora somente palavras não seriam o suficiente para convencê-la. Eu teria que provar.

Eu iria provar.

— Durma — peço e ela se vira de costas pra mim.

— Nós vamos conversar sobre o pedido de Nina? — Sua voz sai quase sumida e ela parece muito assustada. E de certa forma eu a entendo.

— Teremos tempo. Por enquanto, apenas tenha a certeza que estamos juntos — passo meus braços a sua volta, puxando-a para mim — eu não vou a lugar nenhum, Spencer. Nunca mais.

— O que significa isso?

Como se viesse de muito longe escuto uma voz conhecida e abro os olhos.

Liz ainda está entre meus braços e acordando também, embora ainda não veja o que estou vendo.

Paola está na porta do quarto nos encarando chocada.

E, antes que eu consiga acordar totalmente, vejo Jenny espiando atrás de Paola e acho que ela solta algo como “porra, ele tá comendo a Liz?” E logo atrás os outros internos.

Ah que inferno!

Liz finalmente acorda e se solta de mim, sentando-se rapidamente, muito pálida.

— Vai explicar Thomas? – Paola pergunta com os braços cruzados.

— Droga! – Liz resmunga se livrando de mim totalmente e saindo da cama.

Ela parece mortificada, seu rosto antes pálido agora está vermelho.

— E você? Acha que esse é o comportamento de um profissional? De uma interna? – Paola insiste.

— Nossa Liz, se fazendo de santinha, hein! Que grande vadia! – Jenny dardeja.

Os outros internos vão de chocados a maliciosos.

— Vocês não viram nada demais – Mark diz – a

Liz não ia fazer...

— Cara, deixa de ser idiota! – Sam ri – Está claro que o Doutor Hardy comeu mais uma!

— Não vai dizer nada, Thomas? – Paola insiste.

— O Doutor Thomas não tem culpa, ela deve ter se jogado em cima dele! – Jenny continua.

— Calem a boca todos vocês! – Cesso o falatório e encaro Paola. – Quer que eu fale algo Paola? Sim, eu e Liz estamos juntos.

— O quê?

— Você ouviu. Liz Spencer é minha namorada, se prefere algo mais formal. Não que te deva alguma satisfação.

— Não está falando sério! Ela é sua interna!

— Isso não é problema seu – então encaro os internos em choque – nem de vocês! – Cravo meus olhos em Jenny – e, se eu ouvir você chamar Liz de vadia de novo, será demitida. – Volto a encarar a todos. – Já que esclarecemos este ponto, voltem ao trabalho! Minha vida pessoal não é da conta de vocês. E, se eu souber que algum de vocês – olho para Paola – incluindo você – a está perturbando ou difamando, levarei para o lado pessoal. E não queiram me ver irritado! Agora, se me dão licença... – Seguro a mão de Liz puxando-a para fora do quarto.

— Que horrível! – Liz suspira quando chegamos

ao vestiário.

— Eu achei hilário – Chloe aparece rindo e eu lanço a ela um olhar irritado. – Nossa, calma. Só achei engraçado você colocando a Paola no seu devido lugar e, para completar aquela chata da Jenny também. Ela deve estar arrasada agora que o parquinho de diversões do doutor Hardy fechou!

— Cala a boca, Chloe – Amber aparece – mas tenho que concordar. Foi ótimo ver a Paola pálida daquele jeito!

— Deus, nos deixem em paz vocês também! – Liz resmunga e as duas riem.

— Vamos, Chloe, vamos deixar o casal a sós! – Amber pisca e elas desaparecem porta a fora.

— Me desculpe por isto – digo.

Ela dá de ombros.

— Bom, não foi a maneira mais agradável de se acordar! Achei que a doutora Paola ia me bater!

— Ela não se atreveria!

— Ela me odeia, porque ainda acha que tem algum tipo de direito sobre você!

— Ela nunca teve! Só na imaginação dela.

— Agora que terminou com seu pai, talvez ela pense...

— Ela pode pensar o que quiser. Eu não quero

nada com aquela cobra. Aliás, com nenhuma mulher deste hospital. — Eu a encaro seriamente — Você entendeu, Liz?

Ela dá de ombros, abrindo seu armário.

— Isso nem tem a menor importância. Eu vou tomar um banho, me arrumar para trabalhar e ver Nina.

Eu me sinto um pouco irritado, porém não falo nada.

Como eu já tinha deduzido, palavras não vão trazer Liz de volta pra mim. Eu tinha tempo. Nós tínhamos tempo.

E, numa coisa ela tinha razão, nós precisávamos nos concentrar em Nina.

Assim, os dias seguiram numa nova rotina.

Nina tornou-se o centro do nosso mundo. Agora que ela sabia a verdade, não precisávamos usar de subterfúgios para estar por perto e a cada dia que passava eu via seus laços com Liz se intensificarem.

E, com o relacionamento das duas se tornando cada vez mais forte, Nina também parecia com uma nova disposição e saúde.

Tanto que, duas semanas depois, o hematologista nos comunicou que ela poderia seguir com o tratamento

em casa.

— Ela está bem mais forte. Embora ainda não esteja reagindo ao tratamento como deveria, está forte o suficiente para ir pra casa. Vamos observar, se não houver nenhuma mudança no quadro, teremos que entrar com a quimioterapia.

Eu e Liz trocamos um olhar esperançoso enquanto Nina não cabia em si de alegria.

— Eu vou pra casa!

— Sim, querida! – Liz a abraça.

— E o papai? Quer dizer, o papai Jack? Ele não vai pra casa, não é?

Eu e Liz nos entreolhamos.

Meu pai teria alta no dia seguinte e, para nossa surpresa, Diana o levaria para sua casa, dizendo que iria cuidar dele. O que foi de certa forma um alívio para mim e Amber, assim poderíamos nos concentrar em Nina.

Ele e Diana haviam encontrado Nina mais cedo e contado que Jack iria ficar com Diana por um tempo para se recuperar.

— Nós estaremos com você – Amber garante.

— E a Liz? – Nina pergunta – Você pode ficar na nossa casa também, por favor?

Liz me encara.

— Claro que sim. Nós dois ficaremos com você,

docinho, não se preocupe! – Garanto.

— Agora vamos nos arrumar! – Amber diz e eu e Liz saímos do quarto.

— Está tudo bem pra você? – Pergunto dada sua reticência.

— Se estiver para você.

Eu a encaro. As coisas andavam um tanto estranhas ultimamente. Como se o fato de nós termos cumprido nosso propósito, tivesse dado uma outra dimensão ao nosso relacionamento. O problema é que nenhum dos dois sabia como lidar com aquilo.

Eu havia dito a mim mesmo que lhe daria espaço e tempo. Afinal a situação dela não era fácil, tendo que entrelaçar sua ligação com Nina e aprender a lidar com o fato de que ia ter outro bebê. Achei que enfrentar também as novas nuances do nosso relacionamento fosse um pouco demais pra ela no momento e recuei.

Nós passávamos o dia como chefe e interna, eu lhe dando instruções e a tratando como todos os outros, o que achei ser mais aconselhável, dado o escândalo que foi quando nos pegaram juntos. E, mesmo todos sabendo do nosso status de relacionamento, eu não queria que se tornasse um problema para a vida profissional de Liz. E nem a minha. Ainda éramos profissionais ali, afinal.

E parece ter sido o suficiente para calar os falatórios que foram diminuindo com o passar dos dias.

Eu me perguntava se teríamos outro escândalo quando descobrissem sobre Nina e o novo bebê. Enfim, tudo a seu tempo.

À noite, ficávamos com Nina, a distraíamos até que adormecesse, então ela deixava que eu a levasse até um dos quartos e a acalentasse em meus braços. E era só.

Nós não tínhamos mais feito sexo. Não que eu não tivesse vontade. Mas Liz não deu nenhum indício de que queria que continuássemos. O que me assustava sobremaneira, porém eu tentava entender. Às vezes eu percebia a dúvida em seu olhar, o medo. E doía saber que fui eu que a transformei naquela pessoa desconfiada. Fui um cretino há oito anos e isso deixou marcas em Liz.

E eu me perguntava com certo medo se conseguiria apagá-las. Eu ansiava por apagá-las.

— Claro que está bem pra mim. — Murmuro, tocando seu rosto. Ela não se afasta.

— Quer dizer que... estaremos nos mudando para casa do seu pai, ou algo assim?

— Podemos ficar no seu apartamento se preferir, só acho que Nina vai preferir ficar em um ambiente que lhe é familiar.

— Tudo bem então. — Ela sorri timidamente — acho que vou pra casa buscar as minhas coisas e... nos vemos na sua casa?

— Certo.

Ela se afasta e Amber me chama.

— O papai quer falar com você antes que vá embora.

— Ok!

E eu estou entrando no quarto do meu pai quando me deparo com Paola saindo de lá com cara de poucos amigos.

— Está contente agora? – Ela me encara friamente.

— Do que está falando?

— Eu vim contar ao seu pai a pouca vergonha que anda rolando entre você a interna Spencer e sabe o que ele fez? Me demitiu!

Eu solto uma risada.

— Parece que meu pai finalmente viu a cobra que você é.

— Mas tudo bem! Eu realmente não faço questão de continuar aqui vendo este hospital ser afundado pelos Hardy e seus excessos.

— Já vai tarde! – Eu a ignoro e entro no quarto do meu pai.

Ele parece mais forte.

— O senhor queria falar comigo?

— Sim, entre.

Eu me aproximo.

— Amber me contou que Nina teve alta.

— Sim, apesar de não estar reagindo como deveria. Acho que não escaparemos da quimio.

— Amber também me contou que Elizabeth Spencer está grávida.

— Sim, está bem informado.

— Escute Thomas, sei que ainda não me perdoou.

Eu não digo nada, porque ele tem razão.

— E não o culpo. Só queria que me escutasse por um instante. Sei que não estou em condições de te pedir que aceite conselhos, porém esse ataque me fez ver a vida com novos olhos – ele suspira. – Eu vivi a minha vida inteira para a medicina. Ela foi meu maior amor.

— E mamãe?

Ele sorri tristemente.

— Ela foi o meu primeiro amor. Mas ela se foi e eu achei que nunca mais fosse me recuperar. Eu nunca mais quis me recuperar. Não queria me permitir amar de novo. Por isso me casei com a medicina. Diana sabia e tentou ficar comigo mesmo assim. A mentira sobre Nina foi apenas uma desculpa para ela desistir. E agora... Agora ela está me dando uma segunda chance.

— Acha que merece?

— Ela parece acreditar que sim – ele sorri – é uma mulher incrível. E agora eu vejo o mundo sob uma nova ótica. Eu perdi todos esses anos e a vida é tão tênue. O que eu ganhei? Nem meus filhos têm afeto por mim

como deveriam.

— Nina te ama.

— Nina é um anjo. Mas ela não é minha filha. Você é o pai dela. E agora eu percebo como foi errado esconder de você. Eu sempre quis o melhor pra você. Achei que estava te protegendo mantendo-o longe de Elizabeth Spencer. Longe do amor. E no fim, só causei mais sofrimento. Agora acho que finalmente podemos consertar tudo.

— Podemos? — Eu levanto a sobrancelha ironicamente.

Ele ri.

— Você consertará. Eu entendi que não tenho nada a ver com suas escolhas. Fico tranquilo para seguir minha vida sabendo que finalmente se tornou um homem e que tomará as melhores decisões, não estou certo?

— Sim.

— Por isto acho que já está na hora de eu recuar aqui no hospital também. Quero que seja o novo diretor. Vou comunicar ao conselho. Assim que terminar sua residência, você assumirá.

— Não — eu o corto. — Eu não quero.

Ele levanta a sobrancelha e minhas palavras surpreendem a mim mesmo, apesar de eu me sentir aliviado por dizê-las, porque finalmente enxergo a verdade. Vejo o que eu quero.

E eu não quero ser meu pai.

— Não quero assumir este cargo.

— Achei que fosse essa sua ambição de vida.

— Minhas prioridades mudaram. Eu não quero me casar com a medicina, pai. Não quero viver em função dela. Eu amo minha profissão, porém eu quero mais que ser apenas um médico. Eu quero ser um pai. E um marido.

Meu pai fica em silêncio por um instante e então concorda com a cabeça.

— Certo. O conselho terá que encontrar outra pessoa.

— Você sabe quem deveria assumir.

Ele levanta a sobrancelha

— Minha irmã, é tão boa quanto eu, você sabe. Talvez até melhor em alguns aspectos.

Eu me levanto e saio do quarto. Sinto-me com a alma lavada.

Chega de tempo. Chega de espaço.

Eu sei o que quero. Já tracei o meu futuro e agora preciso começar a vivê-lo.

Quando eu chego em casa, o carro de Amber e o de Liz estão lá.

Eu havia demorado mais do que o previsto, precisava comprar algo antes e agora eu tinha o que era preciso no meu bolso.

Eu entro em casa e escuto a risada de Nina e Liz e sorrio. Era assim que eu queria ser recebido todos os dias da minha vida.

— O fugitivo – Amber me encara quando entro na cozinha. Ela está comendo algo que parece macarronada e Nina está do seu lado comendo também.

Liz está mexendo nas panelas.

— Thomas! – Nina sorri. Eu me aproximo e beijo seus cabelos.

Passo por Amber e dou um puxão na sua orelha, ela me bate de volta e solta um palavrão, fazendo Nina rir e me aproximo de Liz.

Toco sua cintura e deposito um beijo em seu pescoço.

Ela me encara surpresa, mas reconheço o brilho em seu olhar.

Ah sim, baby. O espaço já era e é só o começo.

— Isso cheira bem.

— Nina pediu comida italiana – ela responde – quer comer?

— Na verdade, eu queria que me acompanhasse por um instante.

Ela me fita confusa.

— Agora?

— Agora, Spencer – eu pego sua mão e a puxo

escada acima, não lhe dando tempo para recusar.

Eu disse, o tempo já era também.

Quem ditava o tempo agora era eu.

Eu entro no meu antigo quarto e fecho a porta atrás de nós.

Ela se aproxima da janela, o sol está se pondo e ilumina seus cabelos. Se parece demais com a primeira vez que a tive ali. Foi há tanto tempo e nada mudou.

Ela continua sendo a criatura mais linda do mundo pra mim.

— O que foi? – Pergunta, se virando.

— Sente-se.

Ela hesita, mas senta na cama.

Eu me aproximo e me ajoelho.

— Thomas o quê...? – Vejo seu olhar confuso se transformar em entendimento quando eu tiro a caixa do meu bolso.

— Oh Meu Deus... – sussurra.

Eu abro a caixa e o anel brilha.

— Elizabeth Spencer, quer se casar comigo?

Capítulo Trinta

Liz

Por um momento, tenho dificuldade de entender o que está acontecendo, enquanto as últimas palavras de Thomas são processadas por meu cérebro.

Um filme passa na minha cabeça, com todas as cenas que compõem a nossa história, sinto meu peito se enchendo de lembranças, as lindas, as dolorosas, as quentes e as esperançosas.

Meus olhos estão marejados e meu coração batendo forte no peito quando fito aquele homem ajoelhado na minha frente. O cara que roubou meu coração há oito anos e o despedaçou. O cara que a linha da vida colocou no meu caminho de novo, que parecia tão semelhante ao de antes, com a mesma capacidade de esquentar meu corpo e quebrar meu coração e que, ao mesmo tempo, parecia tão diferente.

Ainda esquentava meu corpo e tinha a capacidade de quebrar meu coração. Mas ele ousaria?

— Um dia você disse que nunca se apaixonaria — murmuro — você nunca quis ficar com alguém para sempre, você... me mandou embora — não consigo evitar

incorporar aquela menina de 18 anos, apaixonada e decepcionada que continua existindo em algum lugar dentro de mim.

Thomas solta a aliança e segura minhas mãos nas dele. Seus olhos são intensos e profundos quando fita os meus. Suplicam nos meus.

— Eu não queria sofrer. Eu vi meu pai sofrendo a vida inteira e entendi que se eu não amasse ninguém eu não iria passar por aquele sofrimento. E quando você estava comigo, eu sabia que era a única que conseguiria me fazer sofrer do jeito que eu mais temia. Eu fiquei apavorado quando disse que me amava e queria ficar comigo. Fui um idiota te mandando embora. Eu me arrependi, Liz. Fui atrás de você, mas era tarde...

— O quê? – Do que ele estava falando?

— Eu fui até sua casa dias depois.

— Eu nunca fiquei sabendo... O que foi fazer lá? – Eu não podia acreditar.

— Não sei... Só queria tentar consertar as coisas, eu imaginava você sofrendo por minha causa e não podia suportar, eu ia te pedir perdão.

— E iria voltar comigo?

— Pretendia deixar você me persuadir, como o bom covarde que eu era. Mas acho que sim, no fundo era o que eu queria.

— O que aconteceu? Por que nunca me encontrou?

— Sua mãe me disse que estava com Alan.

— Como assim, Alan? Você falou com a minha mãe e ela disse isto?

Uma sombra de ressentimento tolda sua expressão.

— Sim, ela me disse que ele tirou sua virgindade e que estavam juntos novamente.

— Era mentira! Quer dizer, sim, eu tive um caso com Alan, mas não passou disto, um caso. Nós transamos uma vez, eu estava meio encantada com ele, o admirava. Não foi nada além e Alan terminou tudo. Meses depois eu te conheci. E nunca voltei com ele! — Eu solto minhas mãos de Thomas e me levanto, nervosa.

— Eu não posso acreditar que minha mãe tenha feito isto! Ela sabia que eu estava dilacerada pelo o que você fez! Ela tinha que ter me contado e, mais importante, ela não podia ter mentido pra você!

— Sua mãe mentiu? — Thomas para na minha frente.

— Claro que sim! Acha que eu ia pular na cama da Alan dias depois de termos terminado? Eu provavelmente estava em casa, deitada na minha cama, chorando por você!

Thomas passa a mão pelo cabelo, frustrado e irritado.

— Sua mãe é uma filha da puta!

Eu fico olhando pra ele, processando aquela nova

informação que de certa forma mudava tanta coisa. Eu sempre acreditei que ele não estava nem aí. Que tinha seguido em frente sem olhar pra trás. Porém, ele tinha ido atrás de mim.

Nós poderíamos ter tido uma segunda chance.

Barbara me tirou isto.

Sinto meu coração sangrar de decepção. Não mais por Thomas agora e sim pelos atos da minha mãe.

Thomas toca meu rosto.

— Agora não importa mais. Ficou no passado, não podemos mudar nada do que aconteceu. Se eu pudesse voltar no tempo jamais teria te mandado embora naquele dia. Eu teria te levado comigo para Harvard, teríamos ficado com Nina, teríamos ficado juntos.

— Não se pode voltar no tempo. – Murmuro, sentindo um enorme pesar por todos aqueles anos perdidos.

— Não. Mas posso fazer o meu melhor agora. Sei que é difícil acreditar em mim, não te culpo. Mas Liz – ele segura minha cabeça, obrigando-me a olhar pra ele. E o que vejo em seu rosto faz meu coração falhar uma batida – eu te amo. Sempre amei. Amei aquela menina que me desafiou a fazer uma tatuagem, amei a mulher que você se tornou. Sempre vou amar. – Eu fecho os olhos, e sinto Thomas encostando a testa na minha, respirando suas palavras na minha boca. – E eu não tenho mais medo de

amar você. O único medo que tenho é que saia da minha vida outra vez.

Quando ele termina eu nem estou respirando. Eu nem sei mais como se respira.

Apenas sinto uma nova vida tomando conta dos meus membros, como se não precisasse mais de ar pra viver e sim daquele amor que vai adentrando em meu corpo, se espalhando por tudo, por todos os meus órgãos vitais, minha pele, cada vez mais fundo em meu íntimo, até alcançar minha alma e aconchegá-la num abraço eterno.

Nós éramos eternos.

— Sim – sussurro e ele abre os olhos. Tão perto. Tão meu.

— Sim?

Eu rio e choro aos mesmo tempo.

— Sim, eu aceito, sim, eu te amo...

E ele me beija. Com força. Com vontade. Com amor.

Com todas as promessas ditas e não ditas. Com oito anos de atraso, porém com todos os anos que teríamos pela frente.

Finalmente, estávamos juntos.

Parece que um tempo infinito se passou quando ele finalmente me solta.

Estou toda trêmula e ofegante com o beijo mais

perfeito. Embriagada de desejo por todas as possibilidades que temos pela frente.

— Vamos contar a Nina? – Pergunta e eu agarro sua camisa, ofegante.

— Não ainda, me leva pra cama primeiro.

Ele ri.

— Eu não queria parecer sacana pedindo pra te foder agora, mas...

— Eu gosto quando é um pouquinho sacana doutor Hardy. Então, por favor, você pode me foder agora?

Com um grunhido, ele me pega no colo e me joga na cama.

E estamos rindo, enquanto tiramos nossas roupas, com pressa e expectativa.

Tudo é tão diferente e tão igual. Eu me sinto nua diante dele não só de corpo, também de alma e coração e isto dá ao tesão uma nuance mais íntima, mais profunda.

Suas mãos e lábios deslizam por meu corpo quase com reverência, me fazendo tremer, arquear e ansiar que acabe logo e que não acabe nunca.

Deslizo numa doce inconsciência e deixo que ele faça sua mágica em mim. Doutor Thomas e suas mãos perfeitas. Seus lábios atrevidos. Sua voz em minha pele, sussurrando com aquela voz rouca carregada de desejo o quanto me quer.

Antes eu acharia tudo muito excitante e incrível,

mas agora eu sei que ele não está falando somente de sexo. Ele me quer inteira. Para sempre.

E isto torna tudo ainda mais maravilhoso.

Corro minhas mãos por seus ombros. A tatuagem está ali e sua pele embaixo, quente e macia. E sua boca na minha, seu sorriso pra mim.

Sua ereção abrindo caminho.

Tudo meu.

Ele é meu.

Para sempre.

Quando eu estava com Thomas, tudo parecia perfeito. Mas ainda havia uma sombra enorme pairando sobre nossa felicidade. A doença de Nina.

Agora eu a vejo dormir, acariciando seus cabelos, enquanto o dia amanhece lá fora, fazendo uma prece silenciosa para que ela fique bem. Para que aquele bebê que cresce dentro de mim, chegue a tempo para salvá-la.

Penso nas minhas dúvidas e incertezas nas últimas semanas. Primeiro Nina descobrindo que era nossa filha e sua inusitada reação, que foi uma grata surpresa. Eu ainda tinha medo que ela ficasse chateada ou não entendesse, mas ela havia amado. O que encheu meu coração de amor e esperança. Finalmente eu poderia ficar perto dela e me permitir amá-la como ela merecia. Como eu merecia.

Podíamos ser mãe e filha.

E então veio a certeza da minha gravidez. E em pouco tempo eu não seria mãe apenas de Nina e sim de mais um bebê. Era assustador. E, ao mesmo tempo, era incrível.

Quando eu engravidei de Nina, eu era apenas uma menina, não sabia se queria ser mãe, se poderia ser mãe. E ainda estava sofrendo depois de uma grande desilusão amorosa. Sozinha e com uma mãe controladora que assumiu o controle da minha vida, com a minha permissão. Por causa do meu medo e inexperiência.

Eu havia sufocado o amor pela minha filha perdida por oito anos, tentando não pensar nela, não me perguntar onde ela estava e se era realmente feliz.

E o tempo inteiro ela estava na casa dos Hardy. Sim, ela era feliz e era amada. E por aquele que sequer desconfiava que na verdade era seu pai. Pelo menos ela teve Thomas. Aprendera a amá-lo, mesmo que fosse como irmão. Eu ansiava que ela me amasse também. Naquelas últimas semanas eu estive ao seu lado, aprendendo sobre quem era aquele pequeno ser que saíra de dentro de mim e que eu conhecia tão pouco.

Nós estávamos aprendendo a nos conhecer e a nos conectar como mãe e filha.

Se por um lado, essa missão preenchia meus dias, eu havia deixado meus sentimentos por Thomas de lado.

Me afastei dele, com medo. Eu via que isto o confundia e frustrava. Eu não sabia o que fazer. Tinha receio de continuar dormindo com ele sem saber o que ia acontecer.

Éramos pais de Nina, iríamos ter outro bebê, porém continuávamos no limbo quando se tratava dos ressentimentos do passado e dos desejos que ainda sentíamos.

Ontem, tudo mudou. Eu ainda não conseguia acreditar que Thomas tinha me pedido em casamento. Que tinha dito que me amava. Que se comprometera comigo.

Era bom demais para ser verdade. Mas era.

E, para minha surpresa, ele havia me procurado há oito anos e eu nunca soube. Tento conter a raiva que sinto de Barbara neste momento, por ela ter estragado tudo.

Se eu tivesse visto Thomas, tudo poderia ter sido diferente.

Talvez tivéssemos ficado juntos e ele saberia sobre Nina.

E aqueles anos poderiam ter sido diferentes. Porém, como Thomas disse, não poderíamos mudar o passado, mas poderíamos construir um futuro.

— Liz? — Nina acorda e crava em mim seus olhos sonolentos.

— Bom dia, querida — eu sorrio e ela se senta, passando os bracinhos em volta do meu pescoço.

— Estou tão feliz que esteja aqui!

Eu a trago para meu colo, aconchegando-a a mim.

Era incrível que ela fosse essa criatura doce e amorosa. De quem herdou aquele gene tão desapegado com tanta gente espinhosa do seu lado?

Ela era um anjo em nossas vidas. Alguém que veio nos ensinar sobre amor incondicional e perdão.

Ela nos transformava em pessoas melhores.

— E vou ficar aqui pra sempre – digo e ela me encara.

— Sêrio? De verdade?

— Posso te contar um segredo? – Pergunto divertida e ela sacode a cabeça positivamente. Eu mostro minha mão, onde o anel de Thomas brilha. Ele o havia colocado ali depois que a gente fez amor. Pela terceira vez.

Nina arregala os olhos.

— É um anel de noivado?

— Sim docinho. Thomas me pediu em casamento.

— Oba! – Ela grita e me abraça – agora vocês serão meus pais de verdade!

Eu a abraço de volta.

— Sim, meu amor. Seremos uma família de verdade.

— Ei, vocês estão aí – Thomas aparece na porta do quarto e Nina pula do meu colo para o dele.

— Liz me contou que vão se casar!

Ele sorri para mim, por entre os cabelos de nossa filha.

— Sim, nós vamos! Está feliz?

— Muito!

— Agora se apronta que nós vamos te levar à escola.

— Posso voltar à escola?

— Por enquanto sim. Se sentir qualquer coisa, veremos outra maneira, ok?

— Eu vou ficar bem! – Ela diz esperançosa me deixando com o coração apertado. Quero tanto que ela tenha razão. Mas aquela doença terrível ainda está ali, à espreita.

Nina se afasta para tomar banho e Amber aparece no quarto.

— Nina já foi pro banho? Vou ajudá-la a se arrumar para a escola e...

Thomas segura seu braço impedindo-a de seguir em frente.

— Não, a Liz vai ajudá-la.

— Oh... Claro. Eu vou descer e fazer café então.

Ela se afasta e eu percebo o que Thomas fez e lanço-lhe um olhar agradecido.

Ele se aproxima e beija minha boca de leve.

— Tudo bem?

— Muito bem.

— Ainda pode andar?

Eu rolo os olhos.

— Cala a boca!

Ele ri e me beija de novo.

— Eu vou me arrumar, consegue ajudar Nina?

— Eu acho que consigo. Estou amando poder ser mãe dela finalmente.

— Vamos ver se continuará pensando assim quando ela começar com suas teimosias.

— Não fala assim, Nina é perfeita!

— Eu só estou avisando! – Ele ri e se afasta.

Nina volta do chuveiro, eu a ajudo a se enxugar, escolher uma roupa para a escola e penteio seus cabelos.

Nós descemos e tomamos café com Amber e Thomas se provocando, o que parece ser habitual por ali.

Nina ainda não tem muito apetite, o que é preocupante, embora todos saibamos o motivo.

Eu e Thomas a levamos na escola e conversamos com a professora, que já sabe de sua situação e promete ficar de olho e avisar imediatamente em caso de necessidade.

Tento não ficar receosa quando deixamos a escola.

— Ela vai ficar bem? – Pergunto apreensiva a

Thomas.

Ele segura minhas mãos.

— Temos que ter fé.

Quando chegamos ao hospital é esquisito ter Thomas segurando minha mão.

— Acha apropriado? – Pergunto receosa, ele sorri.

— Foda-se o que os outros pensam.

Eu tento entrar na onda dele, embora ainda seja preocupante pra mim. A verdade é que para as mulheres é sempre mais complicado este tipo de situação. Sempre seremos as mais julgadas.

Eu solto sua mão quando entramos no vestiário. Os internos estão por ali.

Eles param de falar quando entramos e sei que viram nossas mãos dadas.

Nós nos trocamos e Thomas sai antes de mim, quando Erick o chama para ver um paciente.

Jenny é a primeira a se aproximar com um sorriso maldoso.

— Então, é a namoradina do doutor Hardy.

— Jenny, para – Julie pede e me encara com um sorriso amigável – vocês parecem felizes. Formam um belo casal.

— Isto não vai criar problemas pra você? – Mark

pergunta.

— Claro que vai! Deixe a direção do hospital descobrir. Se é que ainda não sabe! A Doutora Paola estava revoltada ontem! – Jenny fala.

— Dizem que ela terminou com o doutor Jack e que foi por causa do Thomas – Mark comenta estudando minha reação.

— Credo, isto é mentira – Julie refuta.

— Eu ouvi isto e muito mais! – Jenny continua – parece que eles tinham um caso e que o doutor Hardy sofreu o ataque quando descobriu e...

— Por que não cala esta sua boca fofoqueira? – Eu finalmente rebato – não deve falar sobre o que não sabe!

Ela dá de ombros.

— Só estou repetindo o que estão dizendo por aí.

— Se eu fosse você parava de fazer fofoca, pode se prejudicar. E também ficaria longe da Paola!

— Hum, a doutora Paola tem influência aqui e...

— Duvido que continue tendo por muito tempo, ficou sabendo que o doutor Hardy se afastou da direção? – Sam entra na conversa.

— Sério? E quem é o novo diretor? – Ben pergunta.

— Ninguém sabe. Dizem que é o doutor Thomas.

Será? Eu me pergunto. Thomas não havia dito nada sobre isto.

— Você sabe? – Julie pergunta e eu nego.

— Não. Com certeza em breve todos saberemos.

— Hum, por isto se pendurou no Thomas? Esperta hein? Conseguiu ser a namorada do diretor... – Jenny alfineta.

— Cala essa boca, sua gralha ridícula! – Explodo – Estou de saco cheio de sua falta de noção!

— Nossa, credo...

— Quer saber? Eu não sou a namorada do Doutor Hardy, sou sua noiva – mostro o anel fazendo-a perder o ar. E todo mundo a nossa volta se cala – Satisfeita? E quer ter mais um motivo pra fofocar, eu estou grávida!

Desta vez todos soltam uma exclamação abafada.

— Agora podem sair daqui para espalhar. Eu não me importo. Só me deixam em paz!

Eu saio do vestiário e sinto que um peso foi tirado do meu peito. Era bom falar a verdade, seja ela qual for. A vida era minha e se querem fofocar, que fofquem. Não me importo.

Eu só não contaria sobre Nina. Não ainda, embora um dia todos irão saber. Ainda é cedo. E ela é só uma criança doente e precisa ser protegida de certos dissabores.

As semanas transcorrem como as primeiras da minha nova vida, com dias exaustivos no hospital, os internos e os outros médicos em polvorosa com nosso novo status de noivos e futuros pais. Pelo menos a nojenta da Doutora Paola foi demitida. Era uma a menos para atazanar.

Mas como tudo o que é novidade em algum momento deixa de ser, quando as pessoas arranjam outro assunto para falar. Assim, com o passar dos dias, o foco vai diminuindo e todos vão se acostumando com a interna Elizabeth Spencer e o doutor Thomas Hardy juntos. E as noites são nossas. Amber está constantemente fora, não sei se é proposital para deixar eu e Thomas sozinhos com Nina, o certo é que ela tem muitos encontros com Erick e também está nas nuvens com a possibilidade de ser diretora do Chicago Mercy. Por enquanto, ainda estão esperando a decisão do conselho, embora seja quase certo que nos próximos dois meses, depois que terminar sua residência, Amber pelo menos seja alçada a algum cargo de chefia no Chicago Mercy, rumo a sua ascensão. O que ela merecia, era uma médica incrível.

Assim, todas as noites Thomas e eu jantávamos com Nina e dedicávamos todo o nosso tempo a nossa filha.

Infelizmente, essa calma estava com os dias

contados. Nina não estava mesmo respondendo à medicação e teria que começar a quimioterapia.

Ela seria internada no dia seguinte após o casamento. Chloe havia se prontificado a organizar a cerimônia. No começo, ela tinha planos megalomaniacos, enquanto nós queríamos uma cerimônia íntima, somente os amigos e família, que aconteceria no jardim dos Hardy. E pensar em família nos trazia à realidade desagradável de que nem eu, nem Thomas estávamos falando com nossos pais.

Eu sabia que teria que parar de ignorar as ligações de Barbara e conversar com ela, eu só não me sentia pronta. Ela era minha mãe, minha única família até ali. E tinha controlado minha vida.

Porém, agora eu era mãe, tinha minha própria família e precisava dar um basta a seu controle descabido.

Um dia antes do casamento, eu estou terminado de ajeitar minha mudança para a casa de Thomas, esperando a empresa que levaria minhas caixas, quando Barbara entra no meu apartamento.

Como sempre, ela abre a porta com sua própria chave entrando sem cerimônia.

— Finalmente eu a encontro — diz muito séria, então seus olhos vagam pela sala, vendo as caixas amontoadas pelos cantos. — Está se mudando?

— Oi mãe. Sim, estou.

— Como assim? Que história é essa? Eu tentei te dar tempo, e entender que estava brava comigo depois que descobriu que o Hardy foi quem adotou sua filha, mas já teve tempo para pensar direito e entender que eu não tive nada a ver com isto. Eu não sabia de nada e...

— Você descobriu e não me contou.

— O que queria que eu fizesse? Era tarde demais! De qualquer maneira aquela menina havia sido adotada e não era mais sua filha.

— Ela é minha filha!

— Você é apenas a mãe biológica.

— Podia até ser assim antes, agora ela é minha filha de verdade.

Seu olhar se estreita.

— Como assim?

— Bom, se quer saber, está na hora de te contar o que está acontecendo na minha vida. Nina está doente. Ela tem leucemia. Eu engravidei do Thomas novamente, para que a criança possa ser doadora de medula óssea.

— O quê?

— Você ouviu.

— Como não me contou nada? Como pode tomar todas essas decisões sérias sem me consultar? Ficar grávida de novo, Liz e do mesmo canalha, onde está com o pensamento?

— Meu pensamento, assim como meu coração, estava com a minha filha. Eu faria qualquer coisa para ajudá-la. É isso que as mães de verdade fazem, elas colocam os filhos e sua felicidade em primeiro lugar. Você não saberia disto, não é?

— Do que está me acusando? Eu sempre pensei em você, lutei para que se tornasse uma mulher forte, com uma carreira incrível...

Eu solto uma risada sem humor.

— Deus, você é incrível! É só isto que importa na sua vida. Mãe, você é vazia! Como pode ser assim? Só pensar em carreira? Existem outras coisas na vida que são tão mais importantes...

Agora é Barbara que ri sem humor.

— O que seria mais importante do que provar que somos capazes de ser excelentes profissionais? Construir uma carreira sólida na profissão que amamos...

— Eu não amo a medicina como você. Nós pensamos diferente mãe.

— Você é uma médica.

— Sou? Eu não sei... Eu estudei todos esses anos por sua causa. Você se lembra que eu quis abandonar tudo, quis ser pintora?

— Você era jovem e estava confusa...

— Não. Eu nunca estive tão lúcida como naquela época.

— Tão lúcida que acreditou que um cafajeste a amava e se deu mal!

— Eu não estava errada. Ele me amava – eu me aproximo encarando-a de frente – e você sabia.

— Do que está falando?

— Thomas esteve aqui. Pediu pra me ver. Estava arrependido. E você mentiu pra ele, disse que eu estava com Alan. Por que mãe? Sabia que eu estava sofrendo, que eu estava apaixonada, por quê...

— Fiz o que sempre fiz: o melhor pra você! Aquele homem quebrou seu coração, acha que eu ia deixá-lo quebrar novamente? É como disse, é o que as mães fazem!

— Ah cala a boca! Você estava com medo que eu largasse a medicina, que eu seguisse minha própria vida, fora de seu controle! Porque é só o que lhe interessa! Que eu esteja aqui, pra você puxar as cordas, pra ser sua marionete e fazer somente o que você acha certo, no fundo é só o que sabe fazer! Ser egoísta!

— Está sendo tão injusta.

— Não estou. Nunca se preocupou com o que eu realmente queria, o que sentia.

— Sou sua mãe sei o que é melhor pra você...

— Não, isto não é ser mãe. Ser mãe é amar acima de tudo, mesmo que os filhos não correspondam a suas expectativas, mesmo que eles não sejam perfeitos como

você gostaria, porque ninguém é. Ser mãe é querer proteger sim e até controlar um pouco, porque não queremos que os filhos sofram, mas não é por isto que me controla. É para que eu seja uma extensão de você, para que eu seja você. Escute bem mãe, eu não sou você. Nunca fui e nunca serei. Essa médica maravilhosa que você é, eu nunca vou ser. Não é o que eu nasci pra ser...

— O que está dizendo? Não quer ser médica?

— Eu nem sei mais... você confundiu tanto a minha cabeça que agora eu preciso me livrar deste domínio e, finalmente, seguir com as minhas próprias pernas, tomar minhas próprias decisões, errando ou não. Elas serão minhas.

— Eu não consigo te entender! Está me crucificando quando tudo o que eu queria pra você era o melhor do mundo!

— O melhor do mundo pra você não pra mim. O que eu quero agora sobretudo é amar. Amar minha filha – toco meu ventre – amar este bebê. E tentar ser a melhor mãe possível para eles. Para que eles me amem em troca, e não me temam, ou se sintam controlados. E mais. Eu vou me casar com o Thomas, eu...

— Não pode estar falando sério – Barbara me interrompe, eu continuo.

— ... Quero amá-lo também. E ele me ama. E é só o que importa. Se eu vou continuar na medicina? Talvez

sim, talvez não. Ela é só uma parte da minha vida. Apenas minha profissão. Que nunca vai ser mais importante que minha família.

— Eu não posso acreditar...

— A senhora pode escolher acreditar ou não. Esta é a realidade. Esta é minha vida. Aquela que eu escolhi viver.

— Não sei se posso concordar com sua decisão, Liz.

— Não preciso de sua aquiescência. Nunca mais vou precisar. Acostume-se. As coisas são assim agora.

Escuto o interfone tocar e me apresso em atender. São os homens da mudança.

Eu desligo e encaro Barbara.

— Acho melhor a senhora ir. Eu estou ocupada. Estou me mudando para a casa do Thomas.

— Então é mesmo definitivo.

— Muito.

Ela respira fundo e coloca os óculos escuros.

— Espero que não venha chorar pra mim quando tudo der errado.

E com essas palavras agourentas ela sai do meu apartamento.

— Ufa, finalmente terminou – Thomas diz ao retornar à sala, depois de carregar minhas caixas. Nós decidimos viver ali, Nina estava acostumada e Amber estaria por perto. Não queríamos afastá-la de Nina. Afinal, Amber foi uma espécie de figura materna para ela depois que Diana foi embora.

— Eu disse que podia ajudar – respondo e Thomas toca meus cabelos.

— Nem pensar. Nada de esforço para uma mulher grávida.

Eu sorrio, apesar de meu sorriso não chegar aos olhos, eu ainda estou pensando na minha mãe. Em como ela tinha tão pouca fé em minhas decisões. Em como ela continua achando que eu estava errada depois de tudo.

— O que foi? – Thomas pergunta, notando que não estou bem.

Eu me aconcheço em seu peito e conto sobre meu encontro com Barbara.

— Sua mãe é uma vaca, sempre disse – ele fala quando termino. – Não deve se preocupar com o que ela diz. É até melhor que esteja longe, assim não ficará tentando te controlar, como sempre fez.

— Mas é minha mãe, eu queria que ela acreditasse em mim, em meu discernimento para escolher a vida que eu quero viver.

Thomas me faz encará-lo.

— E o que você quer?

— Não é óbvio?

— Sobre a medicina, eu quero dizer. Eu realmente não entendi como podia ser médica quando nos reencontramos. Sempre acreditei que seria uma artista.

Eu sorrio tristemente.

— Minha mãe me convenceu que seria o melhor.

— E está sendo?

Eu dou de ombros. Thomas estava tocando em um dos meus maiores medos.

Obviamente eu tinha ficado muito tempo estudando para chegar àquele estágio. Oito anos. Nunca fui uma aluna brilhante, mas sempre me esforcei e tentei com afinco me dedicar e vencer meus medos e inseguranças.

Nunca me passou pela cabeça desistir, afinal, Barbara e sua lobotomia estavam constantemente na minha cabeça.

Agora que estava finalmente livre o que eu queria?

Eu não sabia dizer.

Thomas se levanta e me puxa junto.

— Vem comigo.

— Onde? – Pergunto curiosa quando ele abre a porta dos fundos. Nós atravessamos a piscina e o jardim, então vejo uma construção que nunca tinha visto antes.

— Essa era uma espécie de casa de hóspedes – ele abre a porta e faz um sinal para eu entrar – desde que decidimos morar aqui, eu resolvi reformá-la e dar uma outra função ao espaço...

Eu entro e fico boquiaberta.

É um cômodo grande, com uma claraboia que permite a entrada da luz do sol de fim de tarde e está quase vazia de moveis a não ser vários cavaletes com telas, além de mesas com tintas e pinceis.

— Isto é...

— Um estúdio. Seu estúdio de pintura.

Meus olhos surpresos e maravilhados percorrem a sala, deslumbrada e emocionada até encarar Thomas de novo.

— Você fez isto?

— Pra você. Não sei se vai deixar a medicina, ou vai querer ser uma pintora profissional. Ou quem sabe ser apenas mãe em tempo integral ou até mesmo escolher ficar me esperando na cama o dia inteiro, o que eu ia amar também. Só sei que deve pintar. Ainda lembro do seu olhar quando me levou naquela galeria. Você ama a pintura. E, mesmo que escolha pintar apenas como um passatempo, esse é o seu lugar.

— Ah Thomas, é lindo. Eu amei.

Eu me aproximo e o beijo. Seria possível eu me apaixonar ainda mais?

— Achei vocês! – Nina entra no estúdio e nós nos separamos. – Nossa, que bonito!

— Não é? – Eu digo.

— É um estúdio de pintura? Que legal! – Ela vai de um lado para outro mexendo em tudo curiosa. – Você é pintora, Liz?

— Sim, ela é. E muito boa! – Thomas responde e eu rolo os olhos.

— Pode me ensinar? – Nina pergunta empolgada e eu me aproximo, tocando seus cabelos.

— Claro! Escolha uma tela!

— Oba – com a ajuda de Thomas Nina traz um cavalete e eu a sento num banco, depois de preparar as tintas.

— O que vai pintar?

— O papai! – Ela diz sem pensar e eu e Thomas nos entreolhamos.

Ela nem tinha percebido que havia chamado Thomas de pai.

— Certo. O papai – repito – Thomas, pode deitar naquele sofá!

Ele se aproxima e beija meu rosto.

— Me pinte como uma de suas francesas, Jack.

Eu solto um risada e Nina olha pra gente sem entender.

— Para de ser idiota e vai posar pra sua filha. Quando estivermos sozinhos eu o pintarei como quer, Rose!

Ele ri e vai se posicionar sobre o sofá e eu começo a ensinar Nina a desenhar. É óbvio que o Thomas que vai aparecendo na tela mais parece um rabisco, não importa. Ela está se divertindo.

— Hum, não ficou muito bom - ela diz ao final e Thomas se aproxima para ver.

— Nossa, ficou bom. Fiquei mais bonito.

Nina ri.

— Ficou ótimo Nina, para uma primeira vez – eu digo. – Acho que temos um talento para a pintura!

— Eu poderia ser pintora?

— Achei que quisesse ser médica! – Thomas diz e eu rolo os olhos, abraçando Nina.

— Nina vai ser o que quiser! Ela mesma vai escolher quando crescer. E só ela vai decidir!

— Certo, acho que posso lidar com isto.

— Você está tão bonita! – Nina diz com admiração e eu finalmente me olho no espelho.

Meu vestido marfim é simples e bonito, com um

vêu de renda quase virginal sobre meus cabelos soltos.

E eu tenho que concordar com Nina. Estou bonita.

E mal posso esperar para que Thomas me veja.

Eu encaro minha filha. Que também está linda em seu vestido branco.

— E você parece um anjo!

— Sim, está todo mundo lindo – Amber entra no quarto, onde estou me arrumando com Chloe e nos encara impaciente. – E, se está todo mundo pronto, acho que já podem descer.

— Aqui você não é a chefe, querida – Chloe reclama, porém fecha seu estojo de maquiagem, dando a missão por encerrada. Ok, terminamos. Eu vou descer e te aguardamos lá embaixo, noiva!

Ela e Chloe saem do quarto, eu me sento para colocar o sapato e aproveito para ajeitar a tiara no cabelo de Nina.

Nós havíamos conversado com ela cautelosamente sobre como a quimioterapia seria difícil e ela até agora estava reagindo com bravura.

Minha pequena lutadora.

— Estou feliz que só serei internada amanhã, que hoje posso estar aqui – ela diz com uma maturidade que às vezes surgia do nada, contrastando com os momentos que ela era apenas uma criança fofa.

Seguro suas mãozinhas nas minhas.

— Eu sinto tanto que você tenha que ir para o hospital amanhã. Se eu pudesse escolher, eu nunca deixaria você passar por isto...

Ela toca meu rosto.

— Eu sei que estou muito doente e que meu irmãozinho está chegando para me ajudar. Vou tentar ser forte e esperar por ele. Está tudo bem, mamãe.

Luto contra a vontade de chorar. Era sempre assim quando ela usava aquela pequena palavra mágica. Ainda não era sempre que me chamava assim, mas com certeza, com cada vez mais frequência. E vê-la tão consciente de sua doença e de tudo o que teria que passar era de cortar o coração, ela estava sendo tão forte e, com certeza, estava nos ajudando a ser fortes também.

Eu só rezava fervorosamente que seu pequeno corpo fosse forte como seu coração e esperasse aquela esperança dentro de mim chegar para ajudá-la.

Eu a trago pra mim.

— Eu te amo mais que tudo, sabe disto, não é?

— Eu também te amo, mamãe.

Ela me passa o buquê e segura minha mão e juntas nós descemos as escadas saindo para o jardim onde, com apenas uns poucos amigos por testemunha, dentre eles, Josh, nós seguimos em direção a Thomas, que me espera no fim do caminho.

Ele sorri lindamente pra nós e eu olho para Nina e

pisco radiante quando ela solta minha mão e vai ficar com Amber e então, finalmente, Thomas está segurando minha mão.

— Estamos mesmo fazendo isto?

— Finalmente estamos fazendo – ele diz e beija meus dedos enquanto o padre começa a cerimônia que apenas vai oficializar o que já é a verdade mais incontestável do mundo.

Eu sou dele e ele é meu.

Teríamos uma longa e dolorosa batalha pela frente, mas pelo menos, iríamos lutá-la juntos.

E juntos a venceríamos.

A esperança estava dentro de mim.

Epílogo

Amber

Um ano depois

Por que eu tinha vindo de salto em um cemitério? É o que me pergunto enquanto caminho ao redor da lápide retirando o musgo. Fazia algum tempo que ninguém ia ali e eu entendia. Às vezes era difícil aceitar a morte.

— Podemos ir, baby?

Escuto a voz de Erick atrás de mim e solto um suspiro profundo, enquanto enxugo uma lágrima, fortuita.

Me permito olhar mais uma vez para a lápide. Eu sentia falta dela. Muita.

Mas estava na hora de ir embora.

— Sim, vamos.

Erick segura minha mão e me leva para o carro.

Fico olhando para seu perfil enquanto dirige cantando uma música boba que toca no rádio todo desafinado. Ele era um cara legal. E sexy, apesar de sem noção às vezes. Mas eu estava apaixonada. E estava sendo

incrível. Tão incrível que nem o fato de eu ter me tornado a diretora mais jovem que o Chicago Mercy já teve na última semana, havia ofuscado o fato de que em breve estaríamos casados. Olho para o anel no meu dedo, me recordando do pedido feito exatamente no dia em que eu fui promovida e sorrio.

Era bom voltar a sorrir. Tinha sido um ano muito difícil.

Erick estaciona em frente ao estúdio de tatuagem e eu faço uma careta quando saímos do carro.

— Eles vão mesmo fazer isto?

— Eu também vou fazer uma.

— Espera, o quê? – Eu paro na porta e Erick ri.

— Acho que vai ser uma escrito “Amber”.

— Nossa! É tão cafona!

Ele ri ainda mais e me puxa pra dentro.

— Ei, Chloe.

Chloe acena de trás do balcão, onde agita com os pés um carrinho de bebê que choraminga.

— Não falem alto! Ela está quase dormindo!

— Eles já estão aí?

— Sim, acho que Thomas está chorando.

— Isso eu preciso ver – Sigo e entro na sala onde Thomas está sentado de costas para Josh que desenha algo em suas costas.

E sim, ele está suando frio e choramingando feito um bebê.

— Que bebezão! – Exclamo e ele me fuzila com o olhar.

— Vai se foder!

— Ei, Liz.

Liz está sentada ao lado e Thomas segurando sua mão. Vejo que há uma tatuagem nova em seu pulso.

— Já fez a sua.

Ela mostra o pulso e eu admiro o trabalho. Onde um coração todo artístico contém o nome de Nina.

Eu passo os dedos por seu nome, lutando contra a dor ao me lembrar de como sofremos naquele ano.

— Vamos ficar bem, não é? – Indago e Liz esboça um sorriso tão sofrido quanto o meu.

— Sim, nós vamos.

— Prontinho! – Josh dá a tatuagem de Thomas como finalizada e é igual a de Liz.

— Está linda – Liz o beija e eu rolo os olhos.

— Acho que podemos ir, senão vamos nos atrasar! – Reclamo.

— Sim, vamos – Liz concorda.

Passamos pela recepção e Thomas retira Hope do carrinho, acalentando-a.

Ela era uma criança linda. Se parecia muito com

Nina quando bebê.

Josh fecha o estúdio e combinamos de nos encontrar em casa.

— Você parece tensa – Erick pergunta no carro.

— Não acha que devo estar? É a primeira vez que estaremos todos juntos, depois de...

— Vai ficar tudo bem – ele aperta minha mão e eu quero que ele tenha razão.

Chegamos em casa e o jardim está todo decorado. Obra de Chloe, certamente. Thomas já está lá e cumprimenta o padre.

Eu fico um pouco tensa quando vejo meu pai. Papai parece bem. Mais saudável. Ele realmente tinha se aposentado e agora curtia a vida ao lado de Diana.

Não foi fácil para Thomas perdoá-lo e trazê-lo de volta para nossas vidas. Mas assim, como Barbara, que eu via se aproximar pelo jardim ainda com seu ar de soberba e um enorme chapéu branco na cabeça, devíamos este feito à linda criança que segurava a mão da avó, puxando-a pelo jardim.

Eu sorrio ao ver Nina. Seus cabelos ainda estavam curtos, porém ela parecia bem saudável. Aquele ano de tratamento e depois transplante de medula não foi fácil pra ela. Mas Nina era uma pequena fortaleza a sobrevivera a tudo.

— Vem vovó! Venha ver o estúdio da minha mãe,

ela pinta muito bem!

Liz ainda parece um pouco tensa, Thomas ri do seu lado.

— Sua mãe já sabe que está trocando de especialização? — Pergunta. Liz havia decidido ser pediatra. Todo o cuidado com Nina a fizera ver que era o ramo da medicina que mais a atraía. E no fim, ela continuava sendo uma médica. Embora a pintura fosse sua paixão.

— Acho que Nina contou. — Liz ri, com Hope no colo.

Liz também havia passado um longo período longe de sua controladora mãe, e foi Nina que insistiu em conhecer a avó e com seu jeitinho tinha conquistado o coração frio de Barbara Spencer. Obviamente, Barbara ainda tinha suas ideias sobre como a vida deveria ser, mas Liz tinha aprendido a dizer “não, obrigada” e, tirando algumas brigas de vez em quando, o que acontece em toda família, a vida corria.

— Fui visitar o túmulo da mamãe hoje — comento com Thomas. — Vocês deveriam ir mais lá. Estou tentando convencer o papai a ir. Acho que já está na hora.

— Sim, tem razão — Thomas concorda.

— Podemos começar? — O padre pergunta e nós nos posicionamos para o batizado de Hope.

Liz me passa o bebê e eu sorrio me colocando ao

lado do padre para a cerimônia de batismo.

Olho para Liz e Thomas. Suas mãos unidas, seus rostos felizes. Eles mereciam a felicidade. Foram oito anos de espera e depois todo o sofrimento com a doença de Nina.

Entretanto, no fim, Deus escrevia certo por linhas tortas, como dizem. Foi a doença de Nina que os uniu, que permitiu que eles vissem a vida com outros olhos. Que percebessem o que realmente importava.

A vida às vezes nos brinda com uma segunda chance. Às vezes esta segunda chance é tudo o que uma vida precisa para não desaparecer.

E eles haviam salvado a vida de Nina. Aquele pequeno ser iluminado que era um anjo em nossas vidas.

Olho pra Hope em meu colo. Um nome que significava tudo o que ela era.

Esperança.

No fim, é tudo o que precisamos para seguir em frente na linha da vida.

Agradecimentos

Como sempre, o primeiro agradecimento vai para eles, para aqueles cuja presença é essencial para validar meu trabalho como escritora: os leitores.

Principalmente as gurias do grupo do face e do Nyah, que acompanharam esta estória em primeira mão, dando seus pitacos e ajudando a torná-la o que é hoje. E sobretudo as gurias do grupo do WhatsApp que ajudaram na escolha do nome das personagens.

Também preciso agradecer imensamente a ajuda das médicas Luciana Matoso e Luciana Cavalcanti que me ajudaram nas dúvidas médicas. O meu muito, muito obrigada!

A Jéssica Gomes pela linda capa e a todos os blogs parceiros pela ajuda com divulgação.

E claro, sempre ela, Mariza Miranda, que me ajuda a tornar meu texto apresentável!

Sobre a autora

Juliana Dantas – Leitora voraz de romances, trabalhou durante anos como livreira em uma grande rede de livrarias, onde teve a oportunidade de se dedicar integralmente à sua grande paixão: os livros. Envolveu-se com a escrita em 2006, de forma amadora, sempre escrevendo fanfics dos seus seriados e livros preferidos e compartilhando com outros fãs em diversas plataformas online. Atualmente continua a trabalhar com livros, como assessora de marketing em uma pequena editora de livros infantis, enquanto, paralelamente, autopublica seus romances na Amazon.

E-books Publicados na Amazon:

O Leão de Wall Street

Série Vendetta (composta de 4 volumes).

A Verdade Oculta

Segredos que Ferem

Contatos:

E-mail: julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage:

<https://www.facebook.com/JulianaDantasAutora/>

Instagram: [instagram.com/julianadantas_autora](https://www.instagram.com/julianadantas_autora)

WebSite: <https://www.julianadantasromances.com/>